



BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ELIZABETH ADLER

AUTORA DE CASAMENTO EM VENEZA · VERÃO NA RIVIERA · VIAGEM A CAPRI

Encontro na Provença

· ROMANCE ·

*Uma aventura romântica
num château do Sul da França...*



Quinta Essência*



Ficha Técnica

Título original: Invitation to Provence

Título: Encontro na Provença

Autor: Elizabeth Adler

Tradução: Inês Castro

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789895558032

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Elizabeth Adler, 2004

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.leya.com

www.leya.pt

Para Anabelle e Eric

Toda a minha vida passada já não é minha;
As horas céleres desapareceram,
Como sonhos transitórios terminados,
Cujas imagens se guardam
Apenas na memória.

JOHN WILMOT,
conde de Rochester,
«Love and Life» (1680)

Prólogo

NADA MUDA muito na aldeia de Marten-de-Provence. A esplanada do café tem agora cadeiras de plástico em vez de metal e o toldo é verde em vez de azul, mas o Café des Colombes é o mesmo, ainda pertence à família Jarré, que o explora há décadas, e a ementa simples também não se alterou muito em trinta anos. A mercearia de Allier, sob a arcada, ainda lá está, a fruta e legumes frescos nos seus engradados de madeira dispostos à entrada, em perfeita ordem, com os preços escritos à mão, a giz. A fonte com a sua bica de pedra pinga preguiçosa e um par de cães mandria à sombra perto dos velhotes de boina, sentados em bancos de madeira, cajados apertados nas mãos nodosas, vendo o seu pequeno mundo passar. As portas para a pequena igreja com o estuque cor-de-rosa a pelar estão abertas e uma mulher com um vestido estival amarelo sobe os degraus gastos transportando uma braçada de flores viçosas. A aldeia até cheira ao mesmo, a café e a frango assado, a tomilho pilado, melões maduros e cavalos.

Um muro comprido de pedra de um tom suave que confina os terrenos do solar corre ao longo da viela ao lado da praça, a partir da qual pequenas casas serpenteiam pelas ruas empedradas até às quentes encostas rochosas. E, cravada no cimo do monte mais alto, fica Saint-Sylvestre, uma *village perché*, uma antiga fortaleza muito pequena, as suas muralhas enterradas profundamente na rocha. Hoje é um refúgio para artistas e turistas que vêm assistir ao festival anual de música no Verão, no antigo convento, que se ergue no meio de campos de alfazema, e cujo grande sino de bronze ainda dobra a assinalar a passagem do tempo.

Choupos ladeiam a viela que corre ao longo dos terrenos do solar e os seus ramos formam um túnel verde através do qual a luz do Sol se filtra como

moedas de ouro disseminadas. Os grandes pilares encimados por grifos de pedra esculpida que marcam a entrada para o solar ainda ali estão, as feições gastas por séculos de cortantes ventos mistral e, a seguir, passando os grandes portões de ferro forjado, fica o caminho longo, forrado a ciprestes, que conduz, em linha recta, ao Château des Roses Sauvages.

Relvados salpicados de árvores estendem-se para a esquerda, avistando-se de relance o lago prateado a brilhar ao sol, e depois surge o solar, suave como um fresco antigo com as colinas rochosas em pano de fundo e, num plano mais afastado, as cristas salientes de montanhas púrpura.

A casa brilha, num tom de amarelo-ocre, à luz do entardecer, o telhado é inclinado e curvo. A água jorra musicalmente de uma fonte no terraço florido e castanheiros lançam a sua sombra acolhedora. Claro que, no Verão, as grandes portas estão sempre abertas para receberem a brisa e também, outrora, para acolherem os visitantes.

Agora, Rafaella Marten encontra-se sozinha no vestíbulo iluminado do solar. Um pássaro gorjeia lá fora, depois tudo cai em silêncio. Apoiada na bengala, Rafaella contempla a vista mágica do jardim, a *allée* de castanheiros com mais de um século de existência que conduz ao lago e à fantástica ponte japonesa, construída pelo bisavô, que faz a ligação a uma pequena ilha. Nas noites quentes estivais, quando era rapariga, atravessava a ponte e dormia nua no pequeno belveder, protegida de olhares indiscretos, com uma brisa suave a estimular-lhe o corpo jovem e turbulento.

Ah... a juventude, pensa Rafaella, sorrindo com a recordação, *há tanto tempo... quando tudo parecia possível*.

O dia está quente, mas o chão de parquê desbotado parece fresco sob os pés nus, pois ainda hoje gosta de andar descalça. A saia vermelha meio aciganada rodopia-lhe em redor dos tornozelos quando caminha, a mesma saia que usava no dia em que conheceu o homem que se tornou o amor da sua vida e que, com toda a certeza, não era o marido.

Olha melancólica para a sua imagem reflectida nos compridos espelhos dourados estilo rococó pendurados a intervalos regulares no vestíbulo: o cabelo prateado apanhado num carrapito solto e a pele enrugada cor de pergaminho, o nariz forte que, mesmo na sua juventude, lhe conferira um ar

arrogante, e a boca cheia e macia que o desmentia. Apenas os olhos são os mesmos, de pálpebras pesadas e com o azul do Mediterrâneo, que não se encontra assim a tantos quilómetros de distância e onde, outrora, nadara todos os dias gloriosos de Verão.

Rafaella vive agora sozinha no solar, apenas com Haigh, o seu mordomo inglês, amigo e companheiro mais querido, para cuidar dela. Haigh é um homem pequeno, vivo e empertigado, baixo, com membros esguios e o rosto magro e carenciado de um rapaz *cockney* pobre. É mordomo da família Marten há mais de cinquenta anos e é quase tão velho como Rafaella.

Não há nada que Haigh não saiba sobre Rafaella. Trabalhava na casa quando ela era jovem e cheia de vida e comandava o seu pequeno império: o solar e as vinhas. Acompanhou-a nos bons e nos maus momentos. Não tem segredos para ele.

O outrora a casa ressoara com os risos de crianças, os chapes e guinchos felizes vindos da piscina, o bater das bolas de ténis no campo de terra vermelha, o tinir do gelo em copos de *cocktail* quando o Sol se punha, vermelho como fogo, por cima das encostas brancas pedregosas. Mas agora as portas estão trancadas, os quartos têm as portadas corridas, a mobília antiga e bela encontra-se amortalhada em capas protectoras. A família há muito que se foi, espalhada pelos quatro cantos do mundo, retalhada por escândalos relacionados com dinheiro e mulheres e por uma morte misteriosa.

Rafaella apoia-se na sua bengala, escutando os sons do passado. Ouve-se o tiquetaque de um relógio de parede. Uma abelha zumbe, encurralada na janela. A solidão paira no ar junto com o aroma de rosas silvestres que dão o nome ao *château*.

Afigura-se a Rafaella que o solar está a morrer por causa dessa solidão. Precisa de juventude e energia, amor e risos. Precisa de uma família para vencer o passado e recobrar a sua vida.

Tomando por fim uma decisão, dá meia volta, assobiando aos cães. Vêm a correr, as patas a rasparem no parquê fresco, o enorme boieiro de Berna castanho e branco a que chamou *Louis* porque as orelhas pendentes e os olhos emotivos o fazem parecer um dos antigos reis franceses. *Mimi* vem apressada

atrás dele, um caniche fêmea miniatura, preta, uma mera fracção do tamanho de *Louis*, embora pareça não o saber. Nesta altura, em idade de cão, são quase tão velhos como Rafaella.

– Vamos, meus filhos – diz, a sorrir, porque no seu coração são seus filhos e amam-na como a sua verdadeira prole nunca amou. – Chegou a hora de agir.

Dirige-se para o seu quarto, senta-se à secretária. *Louis* afunda-se a seu lado, a ofegar, ao passo que *Mimi*, atraída pelas frívolas unhas escarlates, começa a lambe-lhe os pés. Da gaveta, Rafaella puxa os cartões grandes e quadrados de cor creme com a inscrição *Château des Roses Sauvages*, *Marten-de-Provence* gravada a azul-escuro. A seguir pega na caneta e, na sua caligrafia agora trémula, principia a escrever.

PARTE I

Os Convites



*A paixão é uma moléstia. É sombria.
Tem-se ciúmes de tudo.
Não existe leveza, nem harmonia.*

GEORGES SIMENON

1

QUANDO O CONVITE que mudaria a vida de Franny Marten chegou à sua caixa do correio numa rua cheia de vegetação em Santa Monica naquele último dia de Julho, nem sequer reparou nele. Estava demasiado preocupada com o seu namorado de longa distância, Marcus. Ia encontrar-se com ele à noite. Marcus dissera que «precisavam de falar». «Então fala», respondera ela, a sorrir para o telefone, mas depois ele explicara que não era o momento certo e que, além disso, precisava de a ver. Agora Franny ruminava com nervosismo se existiria alguma coisa agoirenta naquelas palavras.

Saía da clínica veterinária onde trabalhava e virou a cabeça como sempre fazia quando as portas de vidro se fechavam atrás dela, só para verificar se o seu nome lá estava. Ainda se emocionava quando via aquelas letras duramente conquistadas a seguir ao seu nome que diziam que era uma médica veterinária especializada, e sentia sempre um aperto no coração por o pai não estar lá para as ver também. Teria sentido tanto orgulho nela por se ter aguentado depois de ele falecer, deixando-a sozinha no mundo aos dezassete anos. Teria sentido orgulho pela forma como ela batalhara para acabar a faculdade e a especialidade, trabalhando em vários empregos, a tomar conta de crianças, a limpar casas, a servir às mesas, qualquer trabalho que conseguisse arranjar para equilibrar as finanças e mesmo assim a situação fora sempre incerta.

Franny possuía o aspecto da loura típica da Califórnia, mas no íntimo era ainda uma rapariga de vila pequena no Oregon. Tinham decorrido dez anos desde que viera a guiar por ali abaixo numa sucata velha com aquele diploma recém-adquirido de veterinária no bolso, fora isso vazio, à procura de uma vida nova. Essa vida de sonho incluía êxito na sua nova carreira e, claro,

amor e casamento, que conduziriam de forma automática a filhos e a «uma família». A esperança ia em especial para a questão da família, porque era algo que nunca tivera. Suspirou, pensando no seu sonho. Até agora, apenas a parte da carreira dera certo. Mesmo assim, talvez um em quatro não fosse mau.

Abriu a porta do seu *Explorer Sport* branco, retraindo-se quando o calor retido do dia ondulou para cima dela. Com o ar condicionado bem forte, a Kiss FM muito alto, carregou no acelerador e dirigiu-se para a Main. Claro que o trânsito estava infernal, mas não era o que sempre acontecia? Empatada no sinal, baixou o espelho e verificou a sua aparência. Cabelo louro fofoso, natural, puxado para trás numa trança grossa um pouco desalinhada. Manchas púrpura de fadiga eram visíveis por baixo dos olhos estreitos e compridos de um azul-água, uma característica que devia à sua mãe norueguesa. Estava com um aspecto horrível e sabia que Marcus repararia e comentaria o facto, pois Marcus era assim, descobria sempre os seus pontos fracos.

Na verdade, para além do azul-pálido dos olhos, do cabelo louro e do nome (a mãe fora uma grande admiradora de J. D. Salinger), Franny não devia muito mais à mãe nórdica, que os deixara por «melhores oportunidades» quando Franny tinha três anos. Morrera alguns anos depois e a jovem e solitária Franny não sentira absolutamente nada excepto, já mais velha, remorsos por não se ter importado. Mas a mãe fora uma pessoa que nunca conhecera, uma pessoa que nunca a quisera conhecer.

Foi diferente quando o pai faleceu. Nessa altura ficou devastada. Ele fora o seu amigo, o seu esteio, a rocha onde apoiava a sua vida e, de repente, com um acidente rodoviário, tudo isso lhe fora arrancado. De algum modo, encontrara forças para continuar com essa vida tal como a tinham planeado, porque seria o que o pai esperaria que fizesse. E o que as pessoas viam quando conheciam a simpática veterinária louca de cidade pequena não era bem o que ela era na realidade. Existia um núcleo de aço forjado pelos tempos difíceis sob aquele exterior suave. Precisara dele para sobreviver sozinha num mundo vasto e duro.

Suspirando, desviou os pensamentos para o bonito pastor-alemão cuja vida salvara hoje, *faço figas, espero, espero, espero, por favor Deus, rezo por ele.*

A seguir tivera a difícil tarefa de tentar acalmar a dona muito aflita, uma rapariga de Los Angeles, de pernas altas e esguias, com calções justos e cinzentos de ciclista e uma *T-shirt* curta que mostrava o umbigo com um *piercing* dourado.

– Aconteceu tudo num instante – soluçava a rapariga. – Correu só atrás de uma bola, o carro atirou-o ao ar, nem sequer parou... Ele é tudo o que tenho.

E Franny enxugara-lhe as lágrimas com lenços de papel e consolara-a com café quente e um braço passado pelos ombros. Compassiva, compreensiva, amável, estava sempre pronta a escutar e a oferecer ajuda e cedia sempre mais tempo, o que não lhe deixava simplesmente tempo para si. E o que significava, claro, que, apesar das reclamações de Marcus, depois do jantar voltaria à clínica para ver se estava tudo bem com o cão. Se necessário, ficaria lá toda a noite. Franny era assim.

A atormentar-se no trânsito que fluía a passo de caracol, virou por fim à direita na Montana e depois à esquerda para uma rua lateral com árvores, parando em frente da minúscula *cottage* dos anos 1930, estilo Craftsman, que era a sua casa. A sua primeira casa a sério. Bem, dela e do banco e, apesar de ser sem dúvida pequena, depois dos lúgubres quartos mobilados em zonas sombrias e cinzentas da cidade, que tinham sido o que conseguira pagar quando andava a estudar, a ela parecia-lhe um palácio.

A casa ficava afastada da rua, com um caminho lajeado estreito e canteiros de relva de cada lado. Estava pintada de um verde-bosque com um rebordo castanho-claro. Quatro degraus conduziam a um pequeno alpendre encantador, que pedia por uma cadeira de balouço, do género das que têm uma ranhura no braço para o copo e um descanso de ripinhas para os pés, mas Franny ainda não poupava dinheiro suficiente para a comprar.

Descobriu um lugar para estacionar, saiu do carro e abriu a caixa do correio com o seu habitual molho de contas, lixo publicitário e catálogos. Nem sequer reparou no envelope quadrado de cor creme com os selos franceses. Saltitou pelos degraus a dois e dois, depois mais duas passadas largas até à porta, onde, como sempre, tropeçou na tábua solta que andava para arranjar há imenso tempo. Pensou que era bastante perigoso e que devia tratar do assunto naquele fim-de-semana.

Infelizmente, embora adorasse animais, não havia nenhum cão ou gato para a cumprimentar, porque não passava em casa o tempo que um animal precisaria. Sem latidos nem ronrons amigáveis, a pequena casa parecia demasiado sossegada. Atirou com o correio para o balcão da cozinha, já preenchido com caixas meio vazias de comida comprada feita e feixes de flores meio mortas em vasos de cerâmica. Seis dias por semana, a casa estava numa confusão. No sétimo, um domingo (que outra hipótese?), limpava-a. Hoje era apenas quarta-feira e havia coisas a derramarem-se de gavetas e armários, velhas canecas de café pousadas esquecidas em cima de pilhas de livros e revistas não lidos e um rasto de roupas abandonadas levava à casa de banho, para onde se dirigia agora, atirando com mais para o monte enquanto andava. Não nascera desmazelada, era apenas uma questão de distribuição correcta do tempo, que nunca parecia existir em quantidade suficiente.

Mal teve tempo de tomar um duche e vestir qualquer coisa, umas calças de ganga, um *top* branco sem mangas, um xaile de croché azul a contar com o arrefecimento nocturno vindo do oceano, sandálias de dedo turquesa e os brincos pendentes, imitação de turquesa, que comprara no *drugstore* e que achara tão *sexy*, embora esta noite não se sentisse por certo *sexy*. Estava demasiado preocupada com o seu encontro com Marcus.

Parando apenas o tempo suficiente para verificar o seu reflexo no espelho, ajeitou o *top* sem mangas, esperando que Marcus não lhe lançasse aquele olhar frio de alto a baixo que dizia, sem palavras, que pensava que ela estava com aspecto de se ter arranjado à pressa. O que era verdade. Tinha mesmo. Ainda assim, deixou o cabelo pesado de um louro-pálido solto e aspergiu-se com uma quantidade generosa do perfume de flor de gengibre. Tinha as faces coradas da celeridade e parecia ter cerca de dezanove anos em vez de trinta e cinco.

A caminho da porta foi arrumando com rapidez a miscelânea de móveis comprados na feira da ladra, sacudindo almofadas, amontoando jornais velhos numa pilha, porque Marcus voltava sempre com ela e detestava o que chamava a sua «porcaria» e o mobiliário barato, mas eclético e colorido.

Voltou a entrar no *Explorer* e desceu a estrada California Incline para a Pacific Coast Highway. O oceano cintilava à sua esquerda como uma taça de

estanho iridescente, havia pessoas a correr pelos caminhos junto à praia com os cães a trotarem ao lado e criancinhas precipitavam-se alegres para as ondas, sem grande vontade de dar o dia por terminado.

Recordava com clareza a noite em que conhecera Marcus, um tipo clássico, alto, moreno e bem-parecido com um sorriso tímido e olhos decididos que se tinham cruzado com os dela por cima de uma mesa, há um ano. Tinha sido no jantar de aniversário de uma amiga, ele estava com uma rapariga bonita a quem não prestava muita atenção. Pelo contrário, estava sempre a olhar para Franny, de facto, parecia não conseguir tirar os olhos dela. Franny beberricara o seu vinho, tentando mostrar-se à vontade, lançando-lhe uma olhadela ocasional por cima do seu copo, a pensar se estaria a interpretar mal a mensagem dos olhos dele. E não estava, pois mais tarde ele aproximou-se e declarou:

– Sabe, tem uns olhos azuis mágicos. Senti-me como se me tivesse perdido neles. É como se a conhecesse há muito tempo, talvez até numa outra vida.

Ora nenhum homem lhe dissera nada do género antes e claro que ficara impressionada com o discurso, por isso, quando ele lhe pedira o número de telefone, dera-lho. Havia uma mensagem à sua espera no aparelho quando chegara a casa: «Não consigo deixar de pensar em si. Por favor, diga que janta comigo amanhã à noite.»

Franny achou-o irresistível, como erva-dos-gatos, uma inalação e ficou como louca. Infelizmente, Marcus vivia em Atlanta, onde trabalhava no sector imobiliário, construindo apartamentos novos para solteiros. Vinha a Los Angeles duas vezes por mês e depois prometeu vir mais vezes. E aqueles primeiros meses foram inebriantes. Passavam o tempo todo a fazer amor ou, pelo menos, todo o tempo que ele podia passar com ela. Mandava-lhe flores e telefonava muitas vezes apenas para desejar as boas-noites. Ultimamente, no entanto, andara demasiado ocupado para vir a Los Angeles com tanta frequência e mostrara-se alheado, como se a sua cabeça estivesse noutra sítio qualquer.

Franny não queria admitir o facto, mas, no íntimo, sabia que enfrentava a iminência de uma catástrofe e pensava se não seria melhor acabar com tudo agora e preservar o seu orgulho. Percebia que Marcus não estava a agir muito

bem e que ela era estúpida por aceitar as coisas, mas era como um hábito mau de que não se conseguia livrar. Tinha ainda esperança de estar enganada e que ele a amasse.

Ia tão embrenhada a pensar em Marcus que quase bateu no *Honda Civic* à sua frente. Desta vez o suspiro veio-lhe do estômago. A única coisa certa na sua vida era o facto de, como de costume, ter saltado o almoço (não tivera tempo) e de estar cheia de fome. Só esperava que Marcus não a criticasse pelo seu substancial apetite. E, caramba, se isso acontecesse, dir-lhe-ia para não a chatear. Bolas, quase se esquecera de virar. Fez o *Explorer* deslizar com rapidez através de duas faixas, desencadeando uma saraivada de buzinas, acelerou pela Channel Drive e parou com um sacão em frente do Giorgio.

Agarrando na mala castanha muito usada e lembrando-se demasiado tarde que fizera tenção de a trocar por uma coisa mais pequena e com mais estilo, alisou o cabelo despenteado pelo vento, entregou o carro ao arrumador do restaurante e caminhou ao encontro do seu destino.

2

O RESTAURANTE ITALIANO era intimista e estava cheio, com um zumbido de conversas, retinir de copos de vinho e o aroma agradável de massa, molhos e perfume feminino.

– A reserva de Mister Marks – disse Franny à recepcionista sorridente.

A rapariga consultou a lista.

– Mister Marks ainda não chegou. Gostaria de esperar por ele na mesa?

Franny anuiu e espremeu-se por entre as mesas muito juntas até uma no canto. Pediu um copo de *chianti* e sentou-se olhando em redor. Não ia ali muitas vezes e gostava de observar as pessoas elegantes que tratavam este sítio como se fosse o seu restaurante de bairro. Estudou a família jovem na mesa ao lado. Pensou com inveja que eram perfeitos, tão belos e felizes com os dois filhos pequenos e, era óbvio, outro bebé a caminho. Constituíam um exemplo de tudo o que os jovens deviam empenhar-se em conseguir, ao passo que ela... bem, encontrava-se num limbo.

Bebeu um gole de vinho, examinando a ementa e agradecendo a Deus por, pelo menos desta vez, não ser ela que estava atrasada. A empregada caminhava na sua direcção, escoltando uma mulher encantadora, alta e elegante, de vestido preto, o cabelo escuro puxado para trás, lustroso como o pêlo de um gato.

– Miss Marten? – proferiu a mulher.

Franny acenou com a cabeça, erguendo os olhos com um sorriso intrigado.

– Sou Clare Marks – disse a mulher e uma palpitação quente de apreensão disparou pela espinha de Franny acima. – A mulher de Marcus – acrescentou muito calma. – Ele pensou que era altura de nos conhecermos.

Franny sentiu o sangue a fugir-lhe do rosto.

– A ex-mulher – conseguiu retorquir por fim, não querendo acreditar na verdade.

– A *mulher*, Miss Marten.

Os olhos cruzaram-se, os de Clare Marks castanhos e curiosos, os de Franny com o azul a escurecer por causa do choque.

Desnorteada, Franny pensou: «Isto não pode estar a acontecer-me.» No trabalho, há apenas um par de horas, *ela* fora a mulher que dominara a situação, a mulher forte, a que oferecera o braço consolador e as palavras encorajadoras. Agora estava reduzida a zero, sem saber o que dizer. Num instante, o seu caso amoroso com Marcus perdera todo o seu significado. Fitou a mão que apertava o copo de vinho com tanta força que se poderia partir, sem vontade de olhar para Clare Marks.

Clare puxou a cadeira diante dela e sentou-se. Fez sinal ao empregado, pediu um copo de *pinot grigio* e depois virou-se outra vez para Franny.

– Claro que Marcus não lhe disse que era casado. Nunca o faz. Deixa-me a mim a tarefa de resolver as coisas. Nesse aspecto é um ordinário, mas... – Encolheu os ombros. – É como a maioria dos homens, não acha?

Franny ergueu a cabeça e olhou para Clare, a pensar se ela iria gritar, acusá-la aos berros em frente do restaurante inteiro de ser «a outra mulher». Lançou uma olhadela desvairada em volta à procura de uma escapatória rápida, mas as mesas estavam demasiado perto umas das outras para facilitar qualquer plano de fuga. Assim, para arranjar coragem, emborcou o vinho em três grandes tragos.

O empregado reapareceu para anotar os pedidos.

– Suponho que bem podemos jantar – declarou Clare, mirando a ementa com rapidez e pedindo os lagostins com *fettucini*.

O empregado ofereceu-lhe um sorriso aprovador, era a especialidade da casa. Virou-se na expectativa para Franny que inspirou fundo. Não podia ficar ali sentada a jantar com a *mulher* de Marcus. Claro que não podia. Ia levantar-se e sair *naquele preciso minuto*. De súbito, a fúria brotou. Raios, não! Recusava ser vencida por esta descarada.

– Quero o *gnocci* de batata com molho de tomate, por favor – disse numa vozinha tensa que mal reconheceu como sua. – E outro copo de *chianti* –

acrescentou com temeridade.

Clare Marks apoiou os cotovelos sobre a mesa, as mãos dobradas sob o queixo, fitando-a em silêncio. O zumbido feliz das conversas flutuava à volta da cabeça de Franny como confeitos num casamento. O peito doía-lhe. Bem, claro que doía, era aí que se achava o seu coração. Os olhos doíam-lhe também, de mirar esta visão que era a mulher do seu amante. As feições perfeitas, o cabelo escuro lustroso puxado para trás revelando um perfil perfeito, o pequeno vestido preto caro e perfeito, os brincos de pérolas perfeitos. E o anel de platina cravejado de diamantes no terceiro dedo da mão esquerda.

De súbito enregelada, Franny puxou o xaile de croché azul para cima dos ombros. Sentiu-se falha de estilo e deslocada. Bebeu outro gole de vinho e os brincos pendentes que achara tão bonitos bateram com ruído contra o vidro.

– Que brincos amorosos – observou Clare Marks e Franny fulminou-a com o olhar.

Sabia que Clare sabia que os brincos eram baratos e claro que não dissera aquilo como um elogio. Interrogou-se, desanimada, por que razão Marcus se teria sequer interessado por ela quando tinha uma mulher tão bela.

– Está a olhar para mim e a pensar por que razão Marcus faz isto, não está? – perguntou Clare. – Quer dizer, eu sou Miss América personificada, certo? E foi isso que fui. Bem, Miss Georgia, de qualquer maneira. Hum, na realidade, fui mais tipo Miss Parola de uma cidade de província, uma inocente tal como você quando o conheci. Estamos casados, Marcus e eu, há sete anos. E você, Franny, é a sétima mulher a quem tive de dizer adeus. Que tal como recorde?

Franny ficou ali sentada em silêncio, hirta como um cadáver no auge do *rigor mortis*, consciente de que Clare a fitava com compaixão. Depois Clare esvaziou o copo e exclamou:

– Que se lixe! Porque não pedimos uma garrafa? No final de contas, isto é uma espécie de comemoração. Liberdade para si e, uma vez que deixei Marcus, liberdade para mim também. E desta vez é mesmo a sério. Não fico nem mais um segundo com aquele filho da mãe sete vezes adúltero. E não só, Franny Marten, vou também sacar-lhe todos os cêntimos que conseguir e, acredite, querida, será uma *grande quantidade*.

Um sorriso aberto iluminou-lhe o rosto adorável. Os olhos castanhos cintilaram e pareceu de repente uma rapariguinha traquina.

– Marcus mandou-a mesmo dizer-me isto? – perguntou Franny.

– Com certeza que sim. O sacana nunca conseguiu fazer o seu trabalho sujo, mas a partir de agora terá de ser. *Você*, Franny Marten, é a minha última tarefa. Demiti-me.

Franny engoliu um grande trago de vinho.

– Bem, merda para Marcus Marks – exclamou em voz demasiado alta e o casal jovem com os miúdos na mesa ao lado virou-se e fulminou-a com os olhos.

Clare enrolava o seu *fettucini* no garfo como um futebolista esfomeado vindo directamente do campo após um jogo difícil.

– É melhor atacar a comida. O amor, ou a falta dele, podem pôr uma mulher esfaimada.

Franny deu uma dentada no *gnocci*. Um paladar fantástico.

– Talvez tenha razão, Mistress Marks – disse, engasgando-se com o nome.

– Beba um pouco de água – aconselhou Clare – e claro que tenho razão.

Clare não tinha contado a Franny a verdade exacta sobre o seu passado. Com efeito, era um passado que não gostava de recordar. Mas Franny não era uma idiota como ela tinha sido. Franny era uma veterinária, uma mulher instruída, bem sucedida, dedicada, ao passo que ela tivera de aprender em serviço, por assim dizer. Inclinou-se para a frente, fitando Franny com atenção.

– Você e eu mal nos conhecemos, mas, de algum modo, sinto que a conheço há anos.

– Oh, meu Deus. – Franny arquejou, chocada. – Foi isso mesmo que Marcus disse quando falámos pela primeira vez.

– Aposto que disse ainda que se tinham encontrado numa outra vida – replicou Clare e Franny ficou a olhar para ela espantada. – Oh, sim – acrescentou. – Também me disse isso. É a sua tirada de engate habitual. Marcus é muito previsível.

Retirou com delicadeza a carne de um lagostim, devorou-a numa única dentada e depois lambeu os dedos.

– O que vai fazer agora? Quer confrontá-lo? Marcus detesta que saiba. É por isso que me manda *a mim* fazer o trabalho sujo. Vai esconder-se de si o mais possível.

As lágrimas colavam-se às pestanas de Franny.

– Porque ficou com ele se sabia o que se passava?

– Pela mesma razão que milhões de outras mulheres o fazem, querida. Por vezes, chamamos-lhe amor, por vezes paixão. De qualquer maneira, um homem pode ser como uma doença de que nunca recuperamos. – O sorriso de Clare era melancólico quando os seus olhos se cruzaram com os de Franny. – Tudo o que posso dizer é que lamento.

– *Detesto-o*. – Franny bebeu outro gole de vinho. – Detesto-o por me ter enganado, por me ter iludido, por ser um mentiroso e um infiel. – Aquele seu núcleo interior de aço veio à superfície e encarou a verdade com frontalidade. – Eu sabia – admitiu. – No íntimo sabia que acabara tudo.

Clare fitou-a, surpreendida.

– Bem, bravo para si, Franny Marten. Pensei que era do tipo capacho. É óbvio que me enganei.

Franny empurrou as lágrimas com o dedo, sentindo-se de súbito melhor.

– Creio que preciso de um *tiramisu* – anunciou com firmeza.

– Claro, uma coisa doce, mesmo o que é necessário para um coração rachado – concordou Clare. – Acredite que não está partido. Marcus não tem capacidade para partir o coração de uma mulher, só para causar alguns estragos. Para partir o coração de alguém é preciso possuir «uma alma» e Marcus não tem de certeza «uma alma». – Suspirou. – E eu também não, calculo, pois ainda não parti o coração de ninguém.

Franny enterrou com ferocidade a colher no *tiramisu* cremoso, desejando que fossem os olhos de Marcus.

– Bem, *eu* tenho de certeza uma alma e tenciono mantê-la.

– Hum. Faça isso – retorquiu Clare. – Mantenha a sua alma intacta. No final de contas, é tudo o que temos.

Terminaram o *tiramisu* em silêncio enquanto o empregado servia o resto do vinho. Agarrando-se aos farrapos da sua dignidade, Franny disse:

– Quero agradecer-lhe pelo que acabou de fazer. Nunca esperei estar aqui

sentada com a mulher de Marcus. – Fitou, pensativa, as profundezas do seu copo de vinho. – O mais estranho é que... Bem, é honesta e franca e foi bondosa comigo. Para lhe dizer a verdade, Clare, simpatizo consigo. Em circunstâncias diferentes, penso que teríamos gostado uma da outra.

Clare percebia muito bem o que ela queria dizer.

– Querida, é apenas o contraste com os maus bocados que Marcus a fez passar ultimamente, sempre a pô-la à prova, sempre a implicar consigo por estar atrasada ou mal arranjada. – Ergueu uma mão quando Franny soltou uma exclamação abafada de reconhecimento. – É o que faz com todas as suas mulheres. Faz parte da sua mania de controlar tudo, do seu jogo de apanhar a miúda. Vamos dizer-lhe que é fantástica, bela, *sexy*, divertida... e depois metê-la na linha. Rebaixá-la bem até ficar algures muito abaixo dele, ficando Marcus por cima, numa posição muito superior. Que é onde ele gosta de estar. – Encolheu os ombros. – Claro que então o jogo acaba e chega a altura de descobrir uma nova presa.

Os olhos de Clare suavizaram-se quando se cruzaram com o olhar magoado de Franny. Agarrou-lhe a mão por cima da mesa.

– Não se culpe, querida. Também já lá estive. Marcus é apenas um tipo horrível e do que você precisa, prezada Franny Marten, é de um homem normal e boa gente, sal da terra, um homem que cuide de si, que se preocupe com a sua felicidade, um homem que não a vá enganar. Na verdade, também preciso de um homem assim. – Suspirou. – Mas onde será que as mulheres os descobrem?

– Sabe Deus. – Franny lançou uma olhadela ao casal feliz na mesa ao lado, a arranjar os filhos e os pertences, prontos para se irem embora. – Mas é óbvio que andam por aí algures – acrescentou nostálgica.

Clare espiou-a, aliviada.

– Pensei que isto se pudesse transformar num massacre, mas aguentou bastante bem as coisas. Sabe que mais, Franny? No fundo, somos apenas um par de raparigas inocentes de cidade pequena, não é?

Debaixo da mesa, Clare fez figas com os dedos. O que dissera também não era estritamente verdade, embora fosse aí que começara.

Franny sorriu, com uma sensação de alívio. Atirou a cabeça para trás e

esvaziou o copo. Observando-a, Clare disse:

– É melhor dar-lhe boleia para casa. – Sabia a quantidade de vinho que Franny bebera e sabia que ainda estava perturbada. – Tenho uma limusina à espera.

Franny não se conseguia lembrar da última vez que andara numa limusina. Devia ter sido no baile de finalistas. Mesmo assim, tinha o seu orgulho. Não podia permitir que a mulher de Marcus a levasse a casa.

– Não vale a pena. Tenho o meu carro lá fora – respondeu.

– Pois, eu sei, mas bebemos ambas imenso vinho e o *meu* carro tem um motorista. Porque não diz ao empregado para lhe trazer as chaves e que vem buscar o seu carro amanhã?

Franny sentiu-se de repente demasiado cansada para discutir. Enfiou a mão na mala à procura do cartão de crédito para pagar o jantar, mas Clare chegou lá primeiro.

– Este é por conta de Marcus – disse e riram-se ambas à socapa quando Clare assinou o nome dele com um floreado.

A seguir, de braço dado, com *ciaos* e *obrigados*, dirigiram-se para a saída.

3

POUCO TEMPO DEPOIS, encontravam-se sentadas na comprida limusina preta à porta da casa de Franny. Como de costume, esquecera-se de deixar uma luz acesa. Pensou que a casa parecia de súbito muito pequena, escura e algo solitária.

– Bem, é a minha casa – declarou na defensiva. – Os meus amigos dizem-me que tem mais a ver com o Oregon do que com Los Angeles, se calhar porque é mesmo isso que sou, ainda mais Oregon do que Los Angeles.

– Muito gira – afirmou Clare, retocando o batom sem a ajuda de um espelho.

– Onde é que vive? – perguntou Franny.

– Neste momento estou de malas aviadas, querida.

Clare apontou para a colecção de bagagem cara empilhada na limusina. Não permitira que o motorista a guardasse no porta-bagagens porque precisava de saber onde estava, a todo o momento. No final de contas, era quase tudo o que tinha agora.

– Acho que vou arranjar um quarto no hotel Shutters para esta noite. Pensarei no que fazer amanhã.

Franny percebeu de repente que Clare estava temporariamente sem casa, visto ter deixado Marcus. Fora tão simpática e compreensiva e não parecia correcto deixá-la ir embora sozinha na escuridão da noite. Afinal, eram comparsas nesta experiência, enfrentando juntas os respectivos futuros.

– Porque não entra para tomar um chá de camomila? – sugeriu.

– Porque não? A noite é ainda uma criança e estamos muito sozinhas – citou Clare de forma inexacta, deslizando graciosa da limusina, toda ela pernas compridas e sapatos altos. – Embora preferisse café – acrescentou.

Ficou ali parada um minuto, mirando o alpendre vazio e depois observou com um certo tom nostálgico:

– É engraçado, mas sempre desejei ter uma casinha com um alpendre e uma cadeira de balouço.

– E eu sempre desejei ter uma casinha com um marido – retorquiu Franny.

Os seus olhares cruzaram-se e desataram a rir-se ao mesmo tempo que Franny tentava enfiar a chave na fechadura. Abriu por fim a porta, passaram com cautela por cima da tábua solta que rangia e entraram na casa.

Clare pôs-se de imediato à vontade, soltando exclamações a propósito dos tapetes de trapos multicoloridos, da mesa de café dos anos cinquenta, do armário francês antigo. Inspeccionou as fotografias emolduradas, cheirou as velas com aroma de flor de gengibre, pôs um CD e aumentou o volume, ignorando o estado geral de desordem.

Franny pôs o café a fazer, descafeinado, claro. Foi buscar uma embalagem de bolachas *Pepperidge Farm Milano* à despensa e colocou-as, ainda na embalagem, com um par de chávenas de cerâmica azul lavadas à pressa num tabuleiro de plástico florido.

– Aí vem o café – disse.

E pousou o tabuleiro na otomana de veludo vermelho ao lado dos pés nus de Clare. Esta encontrava-se esparramada no sofá como se fosse o seu lugar habitual, os sapatos de saltos muito altos atirados para o lado, de olhos fechados, os dedos dos pés a agitarem-se ao ritmo de Rod Stewart a cantar «You go to my head».

– *Like the bubbles in a glass of champagne* – cantou Clare, a compasso, numa voz baixa e sexy, sorrindo para si própria e fazendo Franny sorrir também.

Clare era diferente das mulheres que conhecia. Não só era invejavelmente atraente e chique, como também era realista, no fundo uma rapariga muito directa de cidade pequena.

Endireitou-se, atenta, quando Franny serviu o café.

– É isto mesmo que uma rapariga precisa. – Sorriu. – Uma boa chávena de café e Rod Stewart para a animar. – Lançou uma olhadela à pequena pilha de correspondência que Franny trouxera com ela, reparando num envelope com

selos franceses. – Então quem é que lhe escreve de França? – Ergueu uma mão, alargando o sorriso. – Se é de outro amante casado não quero saber de nada.

Intrigada, Franny inspeccionou o envelope grande e quadrado de cor creme. Não conhecia ninguém em França. Rasgou-o e leu o endereço em voz alta.

– Château des Roses Sauvages, Marten-de-Provence. O meu avô Marten era de França – disse, surpreendida. – Mas nunca soube de que sítio exacto. Houve uma grande briga familiar ou algo do género quando ele partiu e veio para aqui viver. Creio que nunca mais falou com a família.

– Então leia. Talvez descubra porquê – retorquiu Clare, mas Franny estava já a ler a missiva.

Querida Franny,

Escrevo para a convidar para uma reunião da família Marten, aqui, na minha casa.

Claro que não me conhece, mas todas as pessoas a quem dirijo este convite são minhas parentes. São primos, talvez muito distantes, é verdade, mas as gerações não excluem o facto de serem Família.

Peço-lhe para chegar no dia 20 de Setembro para uma estada de três semanas. Será contactada por uma agência de viagens, que tratará de todos os preparativos necessários para a viagem.

Muito apreciarei conhecê-la e mostrar-lhe o seu solar ancestral e penso que gostarão todos de se conhecer, vindo como vêm dos cantos mais remotos do mundo. Porém, descendem todos da mesma linhagem e sempre acreditei que o parentesco de sangue conta.

Sou uma mulher velha e o meu desejo é reunir o que resta desta família. Por favor, estou a contar consigo.

Estava assinada «Rafaella Marten des Sauvages». A assinatura não era nada trémula.

Franny releu a missiva. E outra vez ainda.

– Oh – exclamou por fim. – *Oh, não!* Não acredito nisto. Isto é ridículo. Claro que não posso ir.

Clare meneou os dedos dos pés e bocejou com preguiça.

– Ir onde?

– A um solar na Provença para uma «reunião familiar» com uma família que eu nem sequer sabia que existia. Ouça só isto, Clare – disse e leu-lhe o convite. – Nem nunca ouvi falar desta Rafaella Marten que diz ser minha tia. Tudo o que sei dos Marten é que o meu avô os detestava e o meu pai dizia que com boas razões. O meu pai nunca foi à Provença conhecer a família, porquê ir eu então?

– Porquê? – Clare endireitou-se. – Ora, pela *aventura*, claro. Bolas, se me dessem essa oportunidade, punha-me lá num instante.

– Sim?

Franny voltou a olhar com ar de dúvida para o convite. Rafaella Marten era uma mulher de idade. Tudo o que queria era juntar outra vez a família no seu solar, o seu «lar ancestral», como lhe chamava.

Deixou-se cair no sofá e viu a sua vida vazia passar-lhe como um flache diante dos olhos. *Não tenho ninguém*, pensou, enfrentando os factos. *Apenas os animais e mesmo esses não me pertencem. Agora Marcus foi-se embora e falhei no capítulo do amor. Nunca tive uma família, foi sempre apenas o meu pai e eu. Nunca houve tempo para pensar em sentir-me sozinha. Sinto-me sozinha? Foi por isso que permiti que Marcus arrancasse uma parte de mim, pegasse na minha vida e a deformasse para satisfazer a sua própria necessidade de controlar a vida dos outros?*

Afundou-se para trás no sofá ao lado de Clare, ainda com o convite na mão, um pouco desnorreada. *Quem sou eu, aliás, para além da veterinária jovem e simpática da clínica de bairro, com que toda a gente pode contar para se ocupar do serviço extra e para ir trabalhar aos domingos... Não se preocupem, Franny trata disso, dizem eles. E não é o que faço sempre?*

Fazer parte de uma família, fora o que sempre quisera, embora nunca esperasse que viesse de tão longe. De repente, tinha uma tia, até tinha primos. Iam encontrar-se todos num solar antigo e romântico na Provença, terra de sol, de oliveiras e de vinho. *Uma casa de família*, pensou nostálgica, *um solar onde os Marten viviam há séculos.*

Olhou para a bela Clare sentada na expectativa na borda do sofá. Tinha a sensação de a conhecer desde sempre, há muito mais tempo do que Marcus,

aquele filho da mãe, sete vezes infiel.

– Está bem, então talvez vá – proferiu com cautela, fazendo Clare rir-se.

– O que tem a perder? – perguntou. – Afinal de contas, o seu emprego ainda vai aqui estar quando regressar.

– E Marcus não – retorquiu Franny sem rodeios.

– Pode crer que não, querida, e pode agradecer à sua boa estrela! – Clare fitou-a, a cabeça inclinada para um dos lados, a considerar a questão. – Vá mesmo, Franny Marten. É a oportunidade de uma vida!

E Franny sorriu radiante, aliviada por não ter de tomar a decisão. Clare já a tomara por ela.

– Está bem, então vou – disse e, por alguma razão, sentiu-se de imediato muito sozinha. – Ei! – exclamou impulsivamente para Clare. – Porque não fica aqui esta noite, o sofá é bastante confortável e posso fazer mais café? – Olhou esperançada para Clare, que enrugou o nariz.

– Descafeinado?

Franny riu-se.

– Amanhã vou ao Starbucks logo que acordar – prometeu.

– Estamos combinadas – retorquiu Clare –, com uma condição. Não se fala mais sobre Marcus.

Franny riu-se outra vez.

– Combinado.

Foi pôr mais café a fazer e buscar um cobertor e uma almofada.

JAKE BRONSON STRODE entrou a passos largos no bar do hotel Four Seasons em Manhattan e estacou um momento a observar o ambiente. Uma série de cabeças femininas viraram-se para olhar para ele, especulando sobre quem seria. Alto e de corpo vigoroso, envergando calças de ganga, um velho casaco de caxemira e uma camisa azul, ostentava experiência de vida no seu rosto atraente. Usava também botas de cobói, uma concessão ao seu sonho de infância de possuir um rancho, e o cabelo escuro e espesso estava demasiado comprido porque considerava uma perda de tempo cortá-lo e tinha o hábito de alisar o cabelo para trás com uma mão grande, que tanto sabia esmurrar um homem como acalmar um cavalo nervoso.

Os olhos claros estreitaram-se num sorriso, ao reconhecer uma cara conhecida do outro lado da sala quando se sentou ao balcão do bar e pediu uma *Bud*. Não era homem para bebidas elaboradas em copos de martini.

– E o copo que venha bem frio, está bem? – acrescentou. Era um capricho seu, gostava da cerveja a uma temperatura de gelo.

Tirou o convite do bolso e releu-o. Tinha quarenta e quatro anos e a última vez que vira Rafaella Marten tinha dezasseis e estivera mais do que um pouco apaixonado por ela. Para ele, fora a mulher mais velha perfeita, bela, charmosa, inteligente, sensual, cheia de alegria e amor pela vida. E também a amante do pai.

Até esse momento, Jake vivera enterrado na *hacienda* do pai na Argentina, onde fizera mais ou menos o que lhe apetecera sem ninguém para o controlar. O pai, Lucas Bronson, era um *playboy* e jogador de pólo internacionalmente famoso, cuja profissão o levava a todos os cantos do mundo. A mãe de Jake, uma beldade americana de uma boa família nova-iorquina, morrera quando

ele era pequeno e o pai levava-o para viver na *hacienda*. Criara-o uma mulher de idade, a quem chamava *abuelita* ou «avozinha» (embora de facto não tivesse qualquer parentesco com ele e só falasse espanhol), e os seus únicos companheiros eram os cobóis, os gaúchos com quem cavalgava os cavalos seleccionados das pampas. Ao conduzirem e tomarem conta do gado, os pequenos cavalos aprendiam a ser velozes e a virar de repente, o que os convertia nos melhores póneis para o jogo de pólo. De facto, Jake aprendera a montar quase antes de saber andar e a sua ambição fora sempre possuir o seu próprio rancho pequeno. Mas a vida levava-o por um caminho diferente.

Aos dezasseis anos, o pai convocara-o de súbito para a Provença e toda a sua vida mudara. Quando chegara ao solar era um jovem ignorante com uma única mala pequena que não continha mais do que algumas camisas coçadas e o seu outro par de botas. Mas Rafaella compreendera o rapaz solitário prestes a entrar na idade adulta. Ensinara-lhe as artes civilizadas da sociedade elegante, acolhera-o como parte da sua família, fora como uma mãe para ele. Durante um ano a sua vida parecera-lhe perfeita, embora o pai nunca o tivesse querido ali. Por fim, claro, fora obrigado a confrontar o seu poderoso pai e partira para enfrentar a vida sozinho. No entanto, mantivera-se em contacto com Rafaella e, ao longo dos anos, fora-lhe escrevendo a contar que se formara na academia de Annapolis, que fora seleccionado para o serviço de informações da marinha, a falar do seu casamento juvenil com uma «rapariga adorável, demasiado bonita para se poder descrever e, se calhar, demasiado jovem para assentar com um oficial da marinha que está sempre noutra sítio qualquer que não com ela». E, como prenda de casamento, Rafaella enviara os sólidos candelabros de prata que Jake sempre admirara e que estavam na sua família há quase dois séculos.

Um par de anos mais tarde, quando a desgraça atingira o jovem casal, escrevera a Jake a oferecer-lhe refúgio no solar, mas ele recusara. Não estava capaz de enfrentar companhia humana, dissera, e recuperaria sozinho. «Como sempre fizeste», observara Rafaella.

A vida continuou, havia cartões pelo Natal a recordarem que o outro ainda lá estava, mas nunca mais regressara ao solar a que, durante um período curto e feliz da sua vida, chamara casa.

Quando a desgraça se abateu sobre ele, Jake deixou a marinha e o serviço de informações e, por fim, após um ano encostado a balcões de bares a tentar afogar as suas mágoas, abriu o seu negócio próprio de gestão de risco, que era como se chamava agora o antiquado negócio de investigação privada, após ter sido modernizado com computadores, bases de dados e jovens com doutoramentos em economia ou outras ciências, em vez de ex-polícias com armas. De algum modo, para sua surpresa, o negócio tivera êxito e contava agora com setecentos empregados em todo o mundo. Era bom naquilo que fazia. Não era o que teria escolhido, mas preenchia o vazio na sua vida e por isso estava-lhe grato.

Habitava agora um *loft* no SoHo, em Manhattan, um espaço cinzento e frugal, que não dizia quase nada sobre ele. Na verdade, era raro lá estar. Andava sempre a percorrer o mundo em trabalho, tal como o pai fizera. De vez em quando, sempre que a atracção dos grandes espaços se tornava demasiado forte, fugia para as montanhas, onde construía uma tosca cabana de troncos, apenas duas divisões e um alpendre com um corrimão para apoiar os pés calçados com as botas ao mesmo tempo que admirava o Sol a pôr-se através dos ramos majestosos num brilho vermelho moribundo.

O único som seria o dos pássaros a chamarem-se uns aos outros a caminho dos seus ninhos e o sussurro do vento nas árvores altas, e a única coisa de grande valor que possuía era os candelabros de prata do século XVIII oferecidos por Rafaella como presente de casamento e que se aprumavam de forma incongruente na simples mesa de cozinha de tábuas de madeira. Para Jake, o paraíso na terra era ali mesmo nos seus poucos hectares solitários, a quinze quilómetros da vila mais próxima e do bar mais próximo e a anos-luz das tensões do seu mundo empresarial.

Possuía um veículo de tracção às quatro rodas de 1997, salpicado de lama, que fora verde, mas que agora mostrava mais ferrugem, e um cão vadio que apanhara na estrada e a quem chamara *Criminal* por causa dos seus modos desagradáveis; e também um cavalo castrado de um cinzento-fuligem chamado *Dirty Harry* que mais ninguém quisera. Tanto o cão como o cavalo viviam nos estábulos à entrada da vila quando ele andava em viagem. Claro que preferiam estar com ele, mas aceitavam as coisas como elas eram e

cumprimentavam-no com tanta alegria como se fosse o Pai Natal quando ele voltava de novo para casa.

Jake pensava que o sentimento que o ligava a *Criminal*, o seu cão mais que peludo semelhante a um *retriever*, era com toda a probabilidade o mais parecido com verdadeiro amor que conseguia sentir agora. O que não abonava muito em relação às suas amizades com mulheres, que eram do género de ir e vir, sobretudo porque não conseguia dispensar tempo suficiente para investir numa relação. Um cão espera sempre. Uma mulher não.

Lançou uma olhadela ao relógio. Fora há quatro horas que telefonara a Rafaella a aceitar o convite. Reorganizara a sua agenda para essas semanas e delegara trabalho importante, para poder lá estar em Setembro, fizesse chuva ou fizesse sol. Estava disposto a apostar que a sua vida nunca mais seria a mesma. Rafaella tinha sempre esse efeito nele.

Entretanto ia a caminho de Los Angeles. O carro vinha buscá-lo dentro de dez minutos. Levá-lo-ia ao aeroporto Teterboro em New Jersey, onde o aguardava o seu jacto privado. Não estava com grande vontade de fazer a viagem, mas trabalho era trabalho.

Bebeu a sua *Bud*. Estava muito gelada e sorriu de prazer para o empregado do bar. Estudou a lista de convidados que Rafaella lhe enviara. A única desconhecida era uma mulher chamada Franny Marten. Apostava que Rafaella também não sabia muito sobre ela, para além do facto de ser filha de Paul Marten, que era o único irmão do pai de Rafaella. O que significava que esta Franny Marten podia ver-se de repente herdeira de um solar e de uma fortuna.

A empresa de Jake fizera o levantamento dos pormenores da sua vida numa questão de horas. Estudava agora os fragmentos áridos de informação que lhe diziam como seria a possível herdeira do Château des Roses Sauvages. Franny Marten estava sozinha no mundo, era uma veterinária solteira de Santa Monica que trabalhava também com cães abandonados.

Conseguia imaginá-la, uma rapariga do Oregon demasiado simpática, um pouco desajeitada, um pouco rural, viciada em calças de ganga, *tops* campestres e xales rendados, uma espécie de Ali MacGraw em *Love Story*, toda ela grandes sorrisos brancos e olhos escuros emotivos. Apostava que era

o tipo de mulher pouco segura que abotoava mal a camisa, bebia chá de camomila e que cheiraria vagamente a cavalos e a desinfetante com uma baforada de perfume citrino.

O investigador de Jake descobrira também que existia um namorado. Marcus Marks vivia em Atlanta e era casado. Jake refletiu por breves instantes em como é que mulheres em princípio inteligentes se metiam nestas situações. Então, uma vez que ia a caminho de Los Angeles, decidiu que era melhor ser ele próprio a inspeccionar Franny Marten antes de a deixar aproximar-se de Rafaella. Simpática rapariga do campo ou não, a promessa de um solar e de uma fortuna transformaria qualquer mulher numa predadora.

5

NO DIA SEGUINTE, Jake estacionou o *Mustang* prateado alugado em frente do banal edifício quadrado num centro comercial perto de Main Street, em Venice Beach, Califórnia. CLÍNICA VETERINÁRIA E HOSPITAL DE ANIMAIS estava escrito a grandes letras douradas nas portas de vidro. Por baixo, em letras douradas mais pequenas, viam-se três nomes. O de Franny Marten era o último porque, calculou Jake, seria a veterinária mais recente da clínica. Acenou com a cabeça, a pensar que ela devia sentir muito orgulho. Era um grande feito, considerando as probabilidades que se acumulavam contra ela, tendo ficado sozinha e sem apoio financeiro aos dezassete anos. Talvez, no final de contas, não fosse assim tão má. No entanto, não apostaria nisso. A ideia de herdar dinheiro podia fazer coisas estranhas até às melhores criaturas.

Lá dentro, havia uma fila de cadeiras cheia de pessoas agarradas a gatos de ar perturbado dentro de gaiolas e a cães com ar ansioso, que se cheiravam uns aos outros e o chão, rosnando inseguros, pois tratava-se de território desconhecido. A jovem atrás do balcão chamava-se Lindsey, era o que dizia no crachá pregado na blusa pólo de cor verde. Sorriu-lhe de forma amável e perguntou-lhe o que desejava.

Jake contou-lhe que era novo na vizinhança e que ouvira dizer que a Dra. Marten era uma boa veterinária. Afirmou que gostava muito do seu cão e que gostaria de se apresentar e ver se se davam bem. «Ter a certeza que se compreendiam um ao outro» foi a fórmula que empregou e Lindsey sorriu e disse que entendia e que a Dra. Marten estava quase a terminar uma emergência e teria muito prazer em falar do cão com ele.

Jake sentou-se ao lado de um buldogue com uma respiração ruidosa e olhos

injectados de sangue. Folheando as páginas de um exemplar da revista *Cat Fancy*, perguntou-se qual seria a diferença entre a gata persa mimada da fotografia e as panteras negras selvagens que rondavam a sua cabana à procura de comida. Algures no processo evolutivo eram aparentadas, mas olhando para esta gatinha premiada, não tinha bem a certeza em que ponto, ou como.

– Por aqui, por favor, Mister Bronson – disse Lindsey, conduzindo-o a uma sala pequena com a habitual mesa e equipamento de alumínio. – A doutora Marten vem já atendê-lo.

Jake encostou-se à mesa, de braços cruzados, à espera. A porta para a sala ao lado estava aberta e conseguiu ver um enorme gato cor de laranja e o seu dono também enorme e muito gordo.

– Escute – dizia a Dra. Marten com alguma rispidez –, a picada de uma abelha na língua é muito perigosa para qualquer animal, em especial para um gato. A língua de *Marmalade* inchou e ele quase deixou de respirar. Felizmente, os anti-histamínicos deram conta do recado, mais um pouco de oxigénio. O inchaço baixou e ele já consegue respirar sozinho. Neste momento, está abatido e muito triste consigo próprio, mas já tentou beber água o que, acredite, é a melhor coisa que lhe aconteceu hoje.

Tinha uma voz baixa e doce e Jake percebeu que se inclinava a tentar seguir o que ela dizia. Vislumbrou-a de costas e sorriu. A ideia que fizera dela revelou-se muito aproximada. Era alta, de pernas compridas, e um pouco desajeitada numa bata branca de médica e calças de ganga, mas o cabelo era de um louro-pálido e não escuro como o de Ali MacGraw. Usava-o puxado para trás numa trança grossa, como a crina de um pônei num espectáculo de *dressage* e tinha um fio fino de prata e pedras turquesa pendurado ao pescoço. Apostava o que fosse que bebia chá de camomila.

Ainda sorria quando ela se virou e cruzaram olhares. Surpreendida, ela respondeu ao seu sorriso.

– É só um minuto – pediu e voltou ao seu doente e respectivo dono. – A questão é – continuou num tom mais ríspido – que não há problema nenhum se você e o gato não comerem durante algum tempo. Ambos têm suficiente gordura corporal para se aguentarem, mas a água é essencial e *Marmalade*

terá de ficar aqui até eu ter a certeza que se encontra bem.

– Tem razão – retorquiu com humildade o dono do gato. – Faça só o que for melhor para ele.

– Assim farei – prometeu ela. – Mas quero que me prometa que vai fazer também o que é melhor para si. Não pode continuar assim, Ronnie. Vai ter de tratar de si, ir aos Weight-Watchers, fazer dieta, inscrever-se num ginásio, ou receio que *Marmalade* vá precisar de um novo dono muito em breve. – Deu-lhe uma palmadinha no braço e virou-se. – Muito bem, telefone-me daqui a umas duas horas e dir-lhe-ei como ele está.

Jake ergueu as sobrancelhas, espantado. A Dra. Marten não tinha receio de dizer o que pensava.

Entrou na sala apressada.

– Então – disse, exibindo um sorriso radioso de rapariga simpática. – Em que posso ser-lhe útil, senhor... – consultou o cartão que Lindsey lhe dera. – Mister Bronson?

Fitou-o com olhos semicerrados que apresentavam o azul deslumbrante da água límpida de um fiorde norueguês do princípio do Verão. O seu olhar era tão directo, tão inesperadamente cândido que, durante um segundo, Jake foi apanhado de surpresa.

– Sou novo aqui na vizinhança. Queria apenas conhecê-la, certificar-me que o meu cão terá uma boa veterinária. Sabe como é.

Ela assentiu, franzindo o sobrolho, circumspecta.

– Com certeza que sim e só desejava que mais pessoas tratassem de ficar a conhecer o veterinário *antes* de surgir alguma emergência. Ajuda sempre conhecer o homem e o animal, como percebeu, se calhar, pelo pequeno apontamento na sala ao lado. – Riu-se, abanando a trança loura do pescoço. – Por vezes, alguma honestidade tem muita influência. Não acha que lhe feri os sentimentos, pois não?

Os olhos lípidos ensombraram-se e Jake percebeu que ela detestaria ferir os sentimentos de alguém.

– Fez o que era correcto – apressou-se a tranquilizá-la –, é provável que tenha salvado a vida do dono, tal como a do gato.

Franny Marten demorou o seu tempo a olhar para ele como deve ser, como

uma mulher e não apenas como «a simpática veterinária do bairro». O homem era atraente, pouco convencional, diferente dos habituais tipos da Califórnia e estava a fitá-la com um olhar muito intenso que fez com que os seus dedos dos pés se arqueassem de repente.

– Não é esse o meu trabalho – retorquiu depressa –, mas Ronnie é um tipo simpático e detesto vê-lo a ir-se abaixo. Além disso, sei que gosta muito de *Marmalade*. Bem, fale-me do seu cão, Mister Bronson.

– Jake – respondeu ele com rapidez.

– Chama-se Jake? Bonito nome. – Encostou-se à mesa de alumínio, braços cruzados no peito, interessada.

– Hum, na realidade, o nome do cão é *Criminal*. Eu é que me chamo Jake. Ficou a olhar para ele, chocada.

– Chamou ao seu cão *Criminal*? Mas isso é terrível.

– Não pensaria assim se conhecesse a forma como se comporta – afirmou Jake. – Mas é o melhor cão que um homem pode ter. Não sei o que faria sem ele.

Franny pousou-lhe uma mão no braço e apertou-o com delicadeza. Os olhos cintilavam de sinceridade.

– Quem me dera que toda a gente sentisse o mesmo pelos seus animais de estimação.

– *Criminal* não é nenhum animal de estimação, é o meu melhor amigo – replicou Jake a pensar se teria ficado maluco de repente. Nunca se abrira sobre os seus sentimentos com ninguém, muito menos com uma mulher.

– Compreendo – disse ela com suavidade. – E aqui estarei para o atender e a *Criminal* caso surja essa necessidade, embora não esteja ainda convencida que lhe devesse ter infligido esse nome.

A seguir, ofereceu-lhe aquele sorriso brilhante de boa rapariga e estendeu-lhe a mão.

– Não se esqueça de trazer *Criminal* para as vacinas, Mister Bronson. É preciso manter as coisas em dia, sabe. E não se preocupe. Tomarei bem conta dele. – Depois, com um pequeno aceno da mão, desapareceu.

Jake sentiu uma breve lufada de algo doce que poderia ser flores de gengibre e foi tudo. Ele era apenas um tipo à procura de um veterinário para o

cão. E ela era apenas uma veterinária a fazer o seu trabalho. Pelo menos, foi o que Jake disse consigo próprio mais tarde, sentado no carro a relembrar o toque da mão ligeiramente áspera na sua, o aroma doce a flor de gengibre e o timbre firme da voz dela a dizer ao tipo gordo para se organizar. Riu-se ao pensar naquilo.

A Dra. Marten era fixe. Não era nenhuma caçadora de fortunas, nem uma rapariga interesseira. Era o que era, uma mulher simpática com uns olhos espantosos que, apostava, podiam trespassar qualquer pessoa quando estivesse furiosa.

6

JAKE ESTAVA NO HOTEL Peninsula. Gostava do hotel por causa dos jardins com os seus caminhos sinuosos que conduziam, passando por vegetação espessa e fontes gotejantes, às *cottages*. Se fechasse os olhos e ignorasse o rugido surdo do tráfego de Los Angeles, quase podia imaginar que se encontrava algures no campo em vez de no meio de Beverly Hills.

Evitando a zona da piscina no topo do edifício, que era poiso habitual de jovens agentes e aspirantes a actrizes de Hollywood, dirigiu-se para o bar forrado a madeira e pediu uma *Bud*. A sala era sossegada e ele precisava de pensar. Além disso, o empregado do bar conhecia-o e o copo veio directo do congelador, como sempre.

– Como vão os negócios? – perguntou o empregado.

– Bastante bem, obrigado.

Jake afundou-se numa confortável poltrona de pele, a embalar a sua cerveja e a pensar que Rafaella ia ficar entusiasmada quando conhecesse a sobrinha. E ainda por cima uma sobrinha «boa rapariga». Talvez compensasse um pouco aqueles dois filhos decepcionantes que poderiam ou não (se calhar era mais provável) aparecer para a reunião de família. Teria de fazer alguma coisa a respeito do assunto, ir falar com Felix, tentar persuadi-lo a voltar para casa e fazer as pazes com a mãe. E depois tentar encontrar Alain, embora Alain, como sempre, fosse um homem mistério, nunca ninguém sabia do seu paradeiro. Não que Felix se importasse com isso. Detestava o irmão com uma paixão esmagadora e Jake não podia censurá-lo.

Bebeu um pouco da cerveja. Fora do hotel, o trânsito zumbia, os pássaros cantavam, os telefones tocavam. O aroma do grande ramo de flores no vestíbulo recordou-lhe o perfume de Franny Marten. Começou a pensar como

ficaria com o cabelo solto da trança e a ondular livre, como seria liberta da sua imagem de veterinária e à vontade na sua vida. Pensou como seria essa vida, qual o tipo de casa onde viveria, quem seriam os seus amigos, se teria também um cão que fosse o seu companheiro mais chegado. E se saberia que se envolvera com um homem casado.

Recordou o toque leve no seu braço, a preocupação genuína nos olhos belos. Sabia que não era uma rapariga interesseira, nenhuma brasa de Hollywood à caça de sucesso, nenhuma beldade à procura de um casamento vantajoso, nenhuma herdeira gananciosa preparada para apanhar tudo o que conseguisse. Era quem era, totalmente dissemelhante de qualquer outra mulher que conhecesse.

Lançou uma olhadela ao relógio de aço. Tal como não gostava de *cocktails* extravagantes em copos extravagantes, também não gostava de relógios extravagantes. Cinco horas. Um pouco tarde para convidar uma mulher para jantar, mas, que diabo, quem não arrisca não petisca. Sorria ao marcar o número de telefone da clínica veterinária e ao pedir para falar com a Dra. Marten.

– Fala a doutora Marten – respondeu ela, naquela voz radiosa que sentia que conhecia bem, apesar de ter estado com ela apenas uma vez e por escassos minutos.

– Jake Bronson. Fui falar consigo hoje por causa do meu cão.

– *Criminal*. Recordo-me. Oh, espero que não tenha acontecido nada?

Lá estava outra vez aquele tom comovente de preocupação na sua voz.

– Não há nenhum problema – retorquiu. – Só que, bem, apesar de ter pensado que não haveria hipótese de uma mulher como a doutora estar livre para jantar esta noite, achei que podia telefonar só para confirmar. Ou seja, se quiser jantar, claro – acrescentou, espantado por parecer tão esperançado.

– Oh... bem... hmmm... jantar...

Quase conseguia ouvir as engrenagens a rodarem no cérebro dela enquanto pensava com rapidez no assunto: *um completo desconhecido, entrou por aqui adentro, nem sequer trazia o cão com ele.*

– Não se preocupe, não sou nenhum malandro. Escute, que tal o restaurante Joe's na zona de Venice? Fica perto de si. Podíamos jantar no pátio interior

com uma quantidade de outras pessoas em volta, para não ter de se preocupar.

– Como é que me adivinhou os pensamentos?

– É o que qualquer mulher no seu juízo perfeito deveria pensar quando um completo desconhecido a convida para jantar.

– Bem, obrigada, gostaria de jantar consigo esta noite – concordou ela de repente, como se pudesse mudar de opinião se deixasse passar mais algum tempo. – Seria muito agradável. Por volta das oito? Está bem?

– Oito horas então – anuiu ele, sorrindo ao desligar o telefone.

JAKE ENCONTRAVA-SE debaixo do chuveiro frio quando teve consciência que existia uma falha no plano para a noite. Conhecera Franny Marten sob um pretexto falso; não podia dizer-lhe que estava ali para a investigar, nem podia dizer-lhe que estaria na reunião de família de Rafaella. Esse era o segredo de Rafaella. Saiu do chuveiro e, ainda a pingar, agarrou no telefone. Ia voltar a ligar e cancelaria o encontro.

Mas que desculpa lhe daria? Que alguma coisa surgira naqueles poucos minutos desde que a convidara? Que se sentira de súbito doente? Qualquer das desculpas parecia mais esfarrapada do que a outra. Não, era melhor avançar com o jantar e esperar que ela lhe perdoasse quando a verdade viesse ao de cima mais tarde. Entretanto, manteria as distâncias, abreviaria o encontro.

Pensou também se a deveria avisar em relação a Marcus, mas recordou-se que não podia mostrar que sabia alguma coisa sobre a sua vida privada. Calculou que ela teria de descobrir da forma mais difícil. Aliás, quem pensava ele que era, o santo padroeiro dos inocentes que não tinham o bom senso de saber que se estavam a envolver com homens casados? A Dra. Marten fizera a sua cama e, como diz o ditado, teria de se deitar nela, até perceber o que se passava. Era apenas outra mulher apanhada numa aventura amorosa nefasta.

O JOE'S CAFÉ na Abbot Kinney em Venice era um pequeno restaurante que dava para a rua, com um pátio forrado a árvores nas traseiras e uma clientela jovem e urbana que apreciava a boa comida, as conversas de decibéis altos e a sensação de estar num sítio especial.

– Mister Bronson já chegou – informou a recepcionista conduzindo Franny para uma mesa de canto no pátio interior.

Franny lançou uma olhadela ansiosa ao relógio. Estava vinte minutos atrasada.

Jake levantou-se quando a viu aproximar-se, uma cigana loura numa saia fluida, brincos a balouçar e o braço cheio de pulseiras. Sorriu, pensando que lhe poderia ler a sina a qualquer minuto. O cabelo dela estava solto, uma cortina de seda sobre olhos que chispavam azuis quando lhe sorriu em resposta.

– Desculpe estar tão atrasada – disse, oferecendo-lhe a mão.

Ele apertou-a, voltando a sorrir, mais satisfeito por a ver do que tinha sem dúvida direito.

– Como mulher trabalhadora, está desculpada.

Ela empurrou a cortina deslizante de cabelo para o lado e fitou-o solene, sem dúvida a compará-lo com o idiota do namorado, pensou Jake. Era perito em entender pessoas e discerniu uma mulher inesperadamente forte por baixo daquele exterior louro doce, como um pêssigo macio com aquele caroço duro lá dentro. Conhecendo-lhe o passado, percebeu que aquela força interior fora o que a ajudara a vencer as dificuldades.

Franny sentiu que ele conseguia enxergar-lhe a vida, a alma. Ficou de súbito contente por estar a jantar com Jake Bronson naquela noite em vez de ter

ficado enrolada na sua velha manta de *patchwork*, aninhada nas almofadas, a esconder-se da verdade sobre a sua relação com Marcus.

Ele perguntou-lhe o que gostaria de beber.

– Qualquer coisa cor-de-rosa e feminina – respondeu, surpreendendo-o. – E alcoólica. – Sorriu. – Foi um dia longo.

Ele chamou o empregado e Franny estudou a ementa, esperando que ele não conseguisse ouvir os ruídos surdos de fome que o estômago fazia; não almoçara outra vez.

– Vou comer as vieiras com gengibre para começar e depois as costeletas de borrego – disse e lançou-lhe um olhar de culpa. – Estou cheia de fome e de qualquer modo cada um paga o seu.

– É bom ver uma mulher com apetite e eu é que pago o jantar. – Ergueu uma mão quando ela protestou. – Eu é que a convidei e, além disso, preciso de provar-lhe que sou um cavalheiro.

Ela bebeu um gole da sua bebida.

– E é?

– Já me chamaram outras coisas no meu tempo, mas ainda tenho esperança.

– Curioso, nunca me vi como «uma senhora». – Franny riu-se. – Suponho que nunca tive tempo suficiente para praticar. Fui sempre apenas a «mulher de carreira» – declarou, troçando de si mesma. – Sabe como é, encontrar o nosso próprio caminho no mundo, esse tipo de coisa.

– Parece ter resultado – retorquiu ele, quando a comida chegou e o empregado serviu o vinho.

– Então o que faz na vida? – perguntou Franny, percebendo que não sabia nada sobre ele excepto que tinha um cão.

– Estou no negócio de gestão de risco. Segurança – acrescentou para a ajudar quando ela mostrou um ar intrigado.

– Quer dizer, tipo... um *guarda-costas*!

– A minha empresa treina guarda-costas para celebridades internacionais e bilionários. Garantimos a sua segurança. E in-vestigo o passado dos funcionários de grandes empresas, descubro-lhes os problemas.

– É um investigador particular?

– Mais ou menos...

Franny recostou-se para trás, estupefacta.

– Pensei que isso era tudo conversa de Hollywood. Nunca julguei que pessoas como você existissem mesmo.

– Bem, aqui estou.

– Em carne e osso – confirmou, intimidada. – Aposto que viaja muito.

– É verdade.

– Gostaria de viajar – disse melancólica e Jake sorriu, pensando no convite.

– Mesmo assim, todos esses voos, todos os atrasos, as filas para os controlos de segurança, deve ser muito cansativo.

– Tenho o meu próprio avião.

Franny endireitou-se. Empurrou o cabelo para trás e semicerrou os olhos compridos.

– Tem *um avião seu*?

– Não é grande, compreende. É para a minha empresa e agora já tem alguns anos.

– Oh, meu Deus. Nunca conheci ninguém que possuísse um avião. Deve ser muito rico.

Ele riu-se.

– É necessário para o meu trabalho. Nem sempre posso contar com as companhias aéreas comerciais.

– Então porque não foi já apanhado por alguma mulher de sorte? – perguntou ela, franca e directa como sempre. – A não ser que já seja casado, claro? – Não pensara nisso até àquele momento, não se recordara que os homens casados também convidavam mulheres para sair.

– Não houve ninguém com quem tivesse desejado casar recentemente – respondeu ele, com alguma frieza.

Franny mordeu o lábio, sabendo que fora demasiado longe.

– Desculpe.

Jake mudou de assunto.

– Que tal é ser veterinária? Tem muitos clientes como Ron e *Marmalade* ou em geral só trata o animal?

E assim Franny entreteve-o durante a refeição com histórias dos seus doentes. Depois falou-lhe do pobre pastor-alemão.

– Oh, por falar nisso – acrescentou, olhando para o relógio –, tenho de voltar à clínica depois do jantar para ver como ele está.

– É uma médica dedicada, então – observou e ela acenou, concordando.

– Nem poderia ser de outra forma – declarou com simplicidade e percebeu pelos olhos dele que ele compreendia.

– Agora fale-me de si, não dos seus animais – pediu Jake, servindo mais vinho. Ergueu a cabeça e os olhos de ambos cruzaram-se. – Quero saber mais sobre quem é na realidade.

– Bem, sou uma rapariga do Oregon. O meu pai possuía uma pequena vinha onde cultivava a casta *pinot noir*. Perdeu todo o dinheiro que tinha quando a filoxera atacou a vinha. A minha mãe foi-se embora quando eu era pequena. Nunca a conheci, por isso não lhe senti a falta quando morreu, embora me sinta esmagada por algum sentimento de culpa por não ter sentido nada. – Olhou ansiosa para ele. Estaria a revelar demasiado? Não achava que estivesse. De algum modo, sabia que ele entendia. – Acha que é horrível?

Jake encolheu os ombros.

– Também nunca conheci a minha mãe. Tal como a sua, foi-se embora quando eu era pequeno.

– Conte-me – disse ela interessada, pousando um cotovelo na mesa e apoiando o queixo na mão.

Assim Jake falou-lhe dos primeiros anos da sua vida na Argentina e da sua relação com o pai. Descreveu os hectares ondulantes das pastagens nas pampas e os gaúchos que eram os seus únicos amigos. Contou-lhe como gostava dos pequeninos cavalos velozes, que mais tarde se tornariam pôneis do jogo do pólo e que seriam vendidos e entendidos em todo o mundo.

– Sentia-se tão sozinho como eu quando era miúdo? – perguntou ela de repente.

Ele não ficou surpreendido com a pergunta. Sentia que tinham experimentado o mesmo tipo de isolamento. Assentiu, sério.

– É o tipo de solidão que apenas os que já a conheceram conseguem entender – respondeu em voz baixa.

De forma instintiva, Franny estendeu os braços por cima da mesa para lhe agarrar a mão, apertando-a com naturalidade entre as suas.

– Mas acabou bem para si. Lidou bem com a situação, tornou-se quem é.
Jake sorriu.

– E quem sou, na verdade, Franny Marten? Quem é que vê aqui sentado consigo, a beber vinho num restaurante encantador?

– Vejo um homem bom – retorquiu com simplicidade. – Quer saber como sei? É o mesmo sentimento instintivo que uso com os animais. De alguma maneira, sabemos quando são simpáticos, ou sabemos que são maus e vão morder. Não creio que me vá morder, Jake Bronson.

Ele sorriu.

– Então, porque saiu da Argentina?

– Duas mulheres. – Jake brincou com o pé do copo de vinho. – E apaixonei-me por ambas. A primeira era muito bonita, uma francesa cheia de *joie de vivre*. Eu tinha apenas dezasseis anos e ela estava na casa dos quarenta. Foi o meu primeiro amor e adoro-a até hoje.

– Que romântico, amar ainda o seu primeiro amor. Mas quem foi a segunda?

– Chamava-se Amanda. Éramos jovens. Casámos. Ela morreu. – Jake evitou-lhe os olhos, de súbito cauteloso. Nunca falava do seu passado com mulheres e raramente até sobre o presente.

Mas Franny fechou os olhos, como se sentisse a sua dor.

– Lamento – disse por fim.

Ele encolheu os ombros.

– Foi há muito tempo.

– E agora?

– Agora? Oh, construí uma pequena cabana nas montanhas. Tenho lá o meu cavalo, um velho cavalo castrado que mais ninguém queria. Depois há *Criminal* e um par de gatos selvagens que nos vêm visitar sempre que lhes cheira a comida. Ali há verdadeira solidão, silêncio, paz. – Encolheu de novo os ombros. – É o que me faz feliz.

Ela assentiu com a cabeça. Existia um homem diferente sob aquele exterior cortês, tenso.

– E você? – perguntou ele.

– Durante muito tempo não percebi que me sentia sozinha. Nunca havia

tempo até o meu pai morrer. Aí compreendi que estava Sozinha com um S maiúsculo. Não havia família, ninguém que cuidasse de mim, ninguém que se importasse se eu tivesse êxito na vida ou apenas – ergueu um ombro resignado – acabasse a servir às mesas. Por isso, controlei-me e prossegui com a minha vida. Trabalhei em quatro empregos para conseguir fazer a faculdade. Acabei veterinária. – Encolheu outra vez os ombros. – E sabe que mais? *Ainda* me sinto sozinha.

Ele estava a olhar para ela como se soubesse o que ela queria dizer. No final de contas, talvez tivesse falado de mais.

– Bem, tenho de ir ver os meus doentes – disse, pegando na mala e dominando-se enquanto ele pagava a conta.

Estavam à porta do restaurante, à espera que o porteiro lhes trouxesse os carros, quando Jake perguntou se podia ir com ela e Franny respondeu:

– Porque não?

Na clínica, examinaram o pastor-alemão, deitado muito quieto com um grande colar à volta do pescoço para o impedir de lamber os ferimentos. Jake viu Franny ajoelhar-se a seu lado. Acariciou-lhe o pêlo e ele revirou uns suplicantes olhos castanhos para ela.

– Não te preocupes, rapaz – ouviu-a segredar. – Está a correr tudo bem, vais ficar bom. Eu trato de ti.

O cão ferido bateu com a cauda uma vez, como se entendesse. Cá fora, Franny telefonou do seu telemóvel à dona do cão e disse-lhe que estava tudo a correr bem e que achava que o cão ia curar-se.

– E agora? – perguntou Jake.

– Vou para casa. Vou descalçar os sapatos e fazer um chá de camomila e pensar que me diverti muito esta noite. – Passou a mão ao de leve pelo braço dele, não de forma sensual, apenas amigável, estilo boa rapariga.

– Eu podia ir também beber uma chávena de chá de camomila – retorquiu ele com um tom de nostalgia na voz que tocou num ponto vulnerável.

– Está bem, faço-lhe um chá e depois mando-o para casa dormir, porque estou mesmo cansada.

Nada de confusões, notou Jake com um sorriso. Ela estabelecera as regras fundamentais, dera-lhe a entender com o que podia contar.

8

ESTACIONARAM DIANTE da pequena casa verde, saíram dos carros e ficaram a olhar um para o outro. Ela mostrava-se de súbito hesitante e ele percebeu o que estava a pensar. Afinal de contas, era um desconhecido e estava prestes a convidá-lo a entrar na sua casa.

– Se acha que é melhor não, não há problema. Vou até àquele Starbucks por onde passámos e compro um café.

Ela abanou a cabeça e o cabelo comprido fez ruge-ruge como se fosse seda.

– Demasiada cafeína, nunca conseguirá adormecer. Não, prometi-lhe chá de camomila e é isso que vai beber. Entre.

Como de costume, esquecera-se de deixar uma luz acesa, mas saltitou com segurança pelos degraus acima. Jake seguiu-a até ao alpendre não iluminado, acertou na tábua solta e sentiu o tornozelo torcer de forma atroz.

– Caramba!

Franny virou-se. Ele equilibrava-se numa só perna, como uma cegonha. Apeteceu-lhe rir-se, mas percebeu que ele estava com dores.

– Oh, meu Deus, peço imensa desculpa. É aquela tábua solta. Devia tê-lo avisado.

– Quem me dera que tivesse – retorquiu Jake, através de dentes cerrados.

Franny abriu a porta e ajudou-o a andar até ao sofá, fê-lo sentar-se, ajoelhou-se diante dele, descalçou-lhe o sapato e passou a mão pelo tornozelo que inchava com rapidez.

Jake olhou para a cabeça de um louro-pálido dobrada sobre o seu pé. Os dedos dela eram frios e firmes, muito médicos. Pensou que quase valia a pena a dor.

Ela levantou-se.

– Não está partido, mas é um entorse grave. Se quiser, posso levá-lo às urgências, ou posso pôr-lhe uma ligadura. Sou bastante boa neste tipo de coisa.

– Preferia isso. Sinto-me como o pastor-alemão – acrescentou, sorrindo, mas ela exsudava enérgica eficiência médica.

– É melhor pôr o pé para cima, no sofá. Ponho-lhe aqui uma almofada por baixo e vou buscar-lhe gelo e uma ligadura.

Enquanto ela saiu da sala, Jake lançou uma olhadela à casa, aos sofás confortáveis de *chenille* e às mantas aos quadrados verdes, que se pareciam bastante com cobertores de cavalos, à otomana de veludo vermelho, guarnecida de tufo, à mesinha de café dos anos mil novecentos e cinquenta do género que se compra numa feira da ladra. Apenas o armário no canto era de boa qualidade, uma bonita antiguidade francesa, se não se enganava, e pensou se por acaso Paul Marten o teria trazido com ele para a América havia tantos anos. Vasos de barro derramavam flores a emurcheecer e havia velas perfumadas por todo o lado. Mesmo assim, apesar da desordem geral, pensou que a casa exibia um conforto do tipo que indicava que era vivida e usada e que não se encontrava muito distante do da sua cabana. Gostava sem dúvida do ambiente e achou que combinava com ela.

Franny regressou passados minutos com uma bacia cheia de gelo e água. Enfiou-lhe o pé lá dentro, sorrindo quando ele se retraiu.

– Pensei que era um duro treinador de guarda-costas – disse a gozar e depois desapareceu na cozinha, onde ele a ouviu encher a chaleira e mexer em loiça.

Quando voltou trazia o cabelo apanhado ao alto com uma fita preta e um tabuleiro com duas chávenas fumegantes de chá, alguns comprimidos e a ligadura.

– Beba o chá – ordenou. – É muito calmante, vai ficar com os músculos bem relaxados. E tome esses comprimidos, vão ajudar a controlar a dor.

Ajoelhou-se em frente dele outra vez, tirou-lhe o pé inchado da água gelada, secou-o com cuidado e começou a ligar o tornozelo bem apertado, o que o obrigou a crispar-se.

– Já está – disse por fim, com o tom de voz da veterinária eficiente que era.
– Agora vou buscar-lhe uma compressa de gelo apropriada e vai ficar óptimo.

– Obrigado – retorquiu ele, falando a sério, mas também a pensar como é que iria guiar de volta ao hotel. E, além disso, tinha de estar em Nova Iorque no dia seguinte.

Franny regressou com um pacote de ervilhas congeladas que moldou sobre o seu pé. Depois fechou as persianas, acendeu as velas e lançou um fósforo às acendalhas na lareira. Quando as chamas começaram a bruxulear em torno dos toros de madeira de macieira, o aroma a lenha fê-la viajar até à sua infância no Oregon. Descalçou as sandálias com um suspiro satisfeito.

– Bem – observou, sorrindo radiante para ele, com aquele sorriso fácil. – *Agora podemos relaxar.*

– Desculpe – retorquiu Jake, tentando não se distrair com o facto de a saia dela ter subido para cima dos joelhos, joelhos bastante bonitos por sinal, mostrando as pernas compridas e esbeltas. – Estou a mantê-la acordada. Sei que tem de trabalhar amanhã.

Ela foi sentar-se ao lado dele, ergueu-lhe o tornozelo ligado, pousando-o no seu colo e comprimiu as ervilhas congeladas com firmeza sobre ele. Era, se calhar, a situação menos romântica em que Jake já se encontrara, mas, de algum modo, só lhe aumentava o encanto.

Os olhos dela cruzaram-se com os dele.

– Olá – segredou ela.

– Olá – segredou ele em resposta.

E depois, de alguma maneira, inclinaram-se um para o outro. *Não devia estar a fazer isto*, pensou Jake ao chegar-se mais a ela. *Ela vai odiar-me quando descobrir.*

Eu não devia estar a fazer isto, disse Franny para si mesma. *Acabei de o conhecer... Na verdade, não sei quem é.*

Jake tentou cingi-la com o braço, mas a posição era incómoda. Franny deslizou no sofá e abraçou-o ela. Ele sentiu-lhe o coração a bater contra o seu quando se beijaram, mas, era estranho, a cabeça andava-lhe à roda. De súbito, sentiu-se como um homem num mundo de sonhos.

– São os analgésicos – afirmou Franny muito prática. – Puseram-no tonto. Levo-o a casa se quiser.

Não, não quero. Quero ficar aqui consigo, pensou Jake. Além disso, não

podia deixá-la levá-lo ao hotel. Ela pensava que ele vivia em Los Angeles e não era sem dúvida o momento certo para lhe dizer que estivera a mentir. E, além disso, por esta altura, mal se conseguia mexer.

Franny fitou-o com ar de dúvida. Os olhos dele estavam fechados e era evidente que não ia a lado nenhum. Fê-lo levantar-se, pôs-lhe o braço por baixo do ombro e ajudou-o a mancar até ao quarto, onde o baixou sobre a cama. Ele afundou-se nas almofadas, gemendo quando se deixou adormecer de novo. Não havia outra coisa a fazer senão despi-lo. Desabotoou-lhe a camisa e conseguiu puxar-lhe as mangas dos braços. Não fazia ideia que um homem meio adormecido podia ser tão pesado. A seguir desapertou-lhe a fivela e tirou-lhe o cinto. Hesitou antes de puxar o fecho das calças. Nunca despira um homem antes, eles tinham-no feito sempre sozinhos. Mesmo assim, foi mais fácil do que pensara e ele tinha um aspecto giro de *boxers* azuis, mais do que pensara que tivesse, um corpo duro, uma pele macia... Cobriu-o, apressada, com a sua manta velha de *patchwork*.

– Paraíso – murmurava Jake. – Creio que encontrei o paraíso, Franny Marten.

Franny riu-se e pousou-lhe um beijo rápido na testa. De volta à sua minúscula sala, pôs um CD de Diana Krall a cantar amores perdidos e voltou a afundar-se no sofá. Beberricando o chá de camomila, perguntou-se o que raio pensaria que estava a fazer. Tinha um homem desconhecido na sua cama, um homem que encontrara essa manhã, um homem que mal conhecia. Estaria louca?

Além disso beijara-o. Quer dizer, inclinara-se para ele, enroscara-se nele, e *beijara-o*, mostrando tanta subtilidade como uma libidinosa rapariga de liceu na noite do baile de finalistas. Sorriu, recordando o sabor da boca dele e o tremor leve que lhe sacudira o corpo. Quase desejava não lhe ter dado o analgésico, teria sem dúvida gostado de o beijar mais um pouco.

A lareira emitia agora apenas um clarão atenuado e ela estava cansada. Despiu a saia e o *top*, desligou o candeeiro, cobriu-se com o cobertor dos cavalos aos quadrados verdes, enovelou-se e fechou os olhos. No final de contas, talvez existisse vida depois de Marcus.

FRANNY ACORDOU ÀS SEIS, como sempre sucedia. Soergueu-se e empurrou o cabelo para trás, atenta a qualquer som que pudesse vir do quarto. Nada. Atravessou a sala em bicos dos pés e espreitou à porta para se certificar se não teria sido tudo um sonho.

Jake ainda lá estava, deitado serenamente de costas e sem sequer rressonar, como acontecia com Marcus. Tinha um aspecto tão bom que quase subiu para a cama para o lado dele. À luz límpida do dia, pensou que, se calhar, era bom que ele tivesse torcido o tornozelo. Caso contrário, era provável que tivesse feito figura de parva.

Descobriu umas calças de ganga e uma camisola, vestiu-se à pressa, meteu-se no carro e foi até à clínica. O pastor-alemão já se mexia e estava bem-disposto. Despenteou-lhe o espesso pêlo do pescoço e disse-lhe que era um bom cão, lembrando-se ao mesmo tempo de agradecer a Deus por ter respondido às suas preces. Inspeccionou-lhe os ferimentos, deu-lhe uma injeção de antibióticos, água fresca e um pouco de comida. Ele abanou a cauda, agradecido.

– Volto em breve – sussurrou-lhe com uma última festa, voltou a enfiar-se no carro e guiou até ao Starbucks.

Pediu um *latte* descafeinado grande para ela e um *venti* normal com um café duplo para Jake, porque calculou que gostasse do café forte. A caminho de casa, comprou uma caixa de dónutes *Krispy Kreme*, do tipo simples com cobertura de açúcar e chegou a casa antes de ele ter sequer acordado.

OS OLHOS DE JAKE ainda estavam fechados, mas cheirava-lhe a velas com aroma de flor de gengibre e a café. Pensou onde diabo estaria e depois

recordou-se que estava na cama de Franny Marten e, infelizmente, sozinho. Experimentou o tornozelo. Não sentia qualquer dor. O que seria aquela mulher, algum tipo de génio veterinário?

Abriu os olhos e lá estava ela com o café do Starbucks na mão, com ar de um anjo louro do Oregon. Durante um segundo, sentiu-se perturbado, sabendo que ela o estivera a espiar a dormir. Estivera desprotegido e vulnerável, algo que não gostava em geral de estar. Mas havia um sorriso nos adoráveis olhos pálidos, o cabelo louro encontrava-se de novo preso na trança, não tinha maquilhagem e estava descalça. Era uma forma óptima de começar um dia, pensou com uma onda de emoção que, parecia recordar, se chamava felicidade.

– Olá – disse ela, sorrindo com aquele sorriso doce de feiticeira, sem ter consciência do efeito que produzia nele. – Café? – Ergueu as canecas de papel com ar convidativo.

Jake endireitou-se, observando-a quando se sentou na beira da cama e lhe passou o café.

– Como é que dormiu?

– Muito bem, obrigado. E você? – Bateu com uma mão cheia de remorsos na cabeça. – Oh, caramba, roubei-lhe a cama.

– Fiquei bem no sofá. Não é a primeira vez. – Bebeu um pouco do café. – O seu tem um café duplo. Pensei que gostaria assim.

O café era tão forte que Jake quase se engasgou com ele, mas sorriu e disse que estava óptimo.

– Então como está o seu tornozelo?

Ele quase esquecera que era essa a razão, a única razão, para estar na cama dela. Mexeu o pé debaixo do cobertor.

– Bastante bem – retorquiu, desejando poder dizer que estava incapacitado, para poder ficar outra noite, mas tinha de regressar a Nova Iorque.

– Acha que consegue andar?

– Vou tentar.

Lançou uma olhadela às calças bem dobradas nas costas de uma cadeira, com a camisa pendurada por cima. Confirmou. Ainda tinha as *boxers* vestidas.

– Tratou bem de mim.

– É o que faço – respondeu em tom leve. – Cuido dos feridos e dos lesionados.

– Não creio que esteja propriamente ferido.

– Bem, lesionado então. Isso sem dúvida. Oh, quase esquecia.

Levantou-se depressa e tropeçou nos sapatos dele, que deixara no meio do quarto, recuperando antes de entornar demasiado café. Agarrou na caixa de donuts que pousara em cima da cómoda.

– Cobertura simples de açúcar. – Pareceu hesitar de novo. – Ou é um homem de chocolate?

– Chocolate nunca.

Pegou num donut e devorou-o. Franny empoleirou-se na beira da cama a debicar o seu donut.

– Em geral, não tenho tempo para o pequeno-almoço – comentou ela. – Levanto-me sempre demasiado cedo. No entanto, isto é bom.

Estendeu a caixa e ele tirou outro. Não queria sair daquela cama, não queria mexer-se daquele sítio, queria ficar ali a comer donuts com Franny Marten durante muito tempo.

– Suponho que é melhor levantar-me – proferiu com relutância.

Franny debruçou-se ansiosa sobre ele.

– Deixe-me ajudá-lo.

Jake esteve bastante tentado a fingir dores atrozes quando colocou o pé no chão, mas resistiu.

– Não há problema – anunciou. – Cá me arranjo.

Ela passou-lhe o braço em volta, pronta a ajudar, e ele virou-se para a fitar. Os olhares cruzaram-se e o quarto pareceu de súbito parar no tempo. Franny inclinou-se para ele e Jake pegou-lhe no queixo com a mão, bebendo-lhe os olhos com os seus, puxando-lhe o rosto mais para perto até que lhe sentiu o hálito doce com aroma de donut na boca. E depois estava a beijá-la e os lábios dela eram macios como almofadas sob os dele. Puxou-a para ele, querendo mais dela. Agora ela retribuía-lhe o beijo e caíram para cima das almofadas, abraçados um ao outro e a beijarem-se e beijarem-se, não conseguindo descolar as bocas.

– Doce – murmurou ele entre beijos –, és tão doce, Franny Marten.

E, de repente, trazido de volta à realidade pelo nome Marten e recordando porque estava ali, Jake afastou-a. Segurou-a à distância do braço e ela fitou-o com olhos azuis espantados que perguntavam, sem palavras, o que se passava.

– Nada – murmurou ele, incapaz de lhe resistir –, não se passa nada, Franny.

Puxou-a outra vez com delicadeza, acariciando-lhe o cabelo macio que se desfizera da sua trança e se derramava no peito dele como uma cascata de seda à medida que ela deslizava pelo corpo dele, mimando-o com as mãos até a pele dele parecer incendiar-se.

– Vem cá – sussurrou Jake –, vem cá, minha adorável Franny.

E agarrou-lhe as mãos nas suas, beijando-lhe todos os dedos, correndo a língua entre eles, beijando o espaço macio e quente debaixo dos braços dela, acariciando-lhe os seios, sugando-lhe os mamilos cor-de-rosa protuberantes, e depois percorrendo-lhe o corpo até encontrar o montículo macio e os seus lugares secretos e ela sussurrou-lhe que não parasse, «oh, por favor, não pares». Cobriu-a com o seu corpo, delirante com o odor sexy, o seu hálito doce, quando os lábios dela pousaram nos seus. Afastou-se, parou por uns momentos, e os olhos dela seguiram-no quando ele procurou o casaco, tirou um preservativo da carteira. Observou-o a pô-lo, sorrindo quando disse:

– Oh, és um rapazinho tão grande.

E ambos se riram quando ele voltou a cair na cama e a tomou de novo nos braços. E depois fizeram amor, lento e demorado. Mais tarde, Jake apertou-a com força nos braços, não querendo apartar os seus corpos. Franny enroscou-se afectuosamente nele, depondo-lhe pequenos beijos quentes no rosto, no pescoço, qualquer sítio que conseguisse alcançar.

– Bela – murmurou, reconhecendo aquele pequeno arrepio raro de felicidade. – És bela, doutora Franny Marten.

– Oh! Oh, meu Deus! – Afastou-o, soergueu-se, fitou-o com os olhos muito abertos de choque. – Estou atrasada para o trabalho!

– É assim tão importante? – retorquiu ele com descontracção, porque só conseguia pensar em fazer mais amor com ela.

– *Importante?* – Olhou-o espantada como se ele fosse louco. – *É o que sou!*

– Saltou da cama e correu para a casa de banho. Parou e voltou atrás. – Desculpa, mas tenho mesmo de me ir embora – acrescentou, beijando-o de novo.

– Sei quem és, Franny – retorquiu ele baixinho. – Compreendo.

E ela sorriu-lhe, confiante.

– Vá, vai tu tomar duche primeiro – disse, puxando-o para ele se levantar. Apontou-lhe a casa de banho, observando-o, ainda preocupada, a afastar-se a coxear.

Franny sorria quando voltou à cozinha e começou a arrumar, se se podia chamar arrumar a empilhar pratos no lava-loiça e a raspar a cera das velas das mesas. Eram sete e trinta e ela nem sequer tomara duche. Chegaria atrasada ao trabalho pela primeira vez na vida.

Passados alguns minutos, Jake saiu da casa de banho já vestido. O cabelo ainda estava húmido do duche e penteou-o com a mão, passando-a a seguir pelo azulado da barba por fazer no maxilar, olhando para ela. Franny ficou ali indecisa, sem saber o que dizer. Dizia-se: Bem, obrigada por passares a noite, tive muito gosto em ajudar? Dizia-se: Adorei fazer amor contigo? Ou: Vemo-nos em breve?

Jake poupou-lhe o trabalho. Colocou-lhe as duas mãos nos ombros, ergueu-lhe o rosto para o dele e disse:

– Obrigado, Franny Marten. Por tudo. Foi maravilhoso.

Os lábios dele encontraram-se com os dela durante um segundo no mais doce dos beijos, depois largou-a e saiu a coxear.

Franny ouviu a tábua solta estilhaçar-se quando ele a pisou outra vez, ouviu-o praguejar e, mesmo sem querer, soltou uma gargalhada. Vê-lo-ia de novo em breve, sabia que sim. Reparara que ele não dissera que lhe telefonaria.

Correu para o chuveiro, vestiu qualquer coisa à pressa e conduziu com demasiada velocidade para a clínica, onde esqueceu Jake temporariamente ao mergulhar no trabalho que adorava.

Nessa tarde recebeu um enorme ramo de lírios de Casablanca, que cheiravam a uma ilha tropical no Verão. No cartão que os acompanhava lia-se: «Não consegui encontrar flores de gengibre, por isso espero que estes sirvam. Obrigado de novo, Jake.»

Marcus estava esquecido. Andava nas nuvens, sorrindo ao recordar a noite com Jake. Não fora o tipo habitual de encontro entre um homem e uma mulher, mas, por outro lado, se não fosse o tornozelo, poderia nunca ter ficado a conhecê-lo. Tinha a certeza que lhe telefonaria.

Mas Jake ainda não telefonara quando se foi deitar. Não mudou os lençóis, porque, como uma adolescente apaixonada, queria pousar a cabeça na almofada onde a cabeça dele descansara. Enterrou o rosto nela, procurando-lhe o aroma, sonhando com ele. Sabia que telefonaria no dia seguinte. Mas não telefonou. Nem no dia depois desse, ou no seguinte. Uma Franny muito séria pensou em telefonar-lhe, apesar de saber que não deveria. Mas, quando pediu o número de telefone à secretária, Lindsey disse-lhe que Jake não deixara qualquer endereço nem número de telefone porque só entrara na clínica para verificar a hipótese de Franny poder ser a veterinária do seu cão.

– *Criminal* – disse Franny, mordendo o lábio.

– Bolas, que nome para dar a um cão – acrescentou Lindsey.

Mas Franny nem sequer a ouvia. Virara-se, sentindo-se desgraçada. Atingira um novo ponto baixo. Era apenas uma mulher tola que não sabia lidar com os homens. Dava sempre de mais e vejam o que lhe acontecera. Outra vez. Desejou que Clare ali estivesse, mas Clare voltara a Atlanta, para ir buscar mais algumas coisas. Decidiu que não falaria de Jake a Clare, pois não conseguia admitir que fizera figura de parva de novo, logo a seguir ao caso de Marcus.

TODO O CAMINHO DE REGRESSO a Nova Iorque Jake pensou em Franny. Sabia como seria doloroso quando ele não telefonasse, depois de ela ter sido tão maravilhosa com ele e depois do que acontecera entre ambos. Mas não havia nada que pudesse fazer, excepto enviar-lhe flores. E raios, já sentia a falta dela. Seria bom que lhe pudesse contar a verdade, mas teria de esperar e confiar que conseguiria esclarecer tudo quando se encontrassem outra vez no solar.

RAFANELLA CAMINHAVA pela alameda sob os castanheiros, com os cães a brincar à frente, e imaginava a vida como costumava ser em dias quentes de Verão como este. Nos velhos tempos havia sempre festas, reunia os amigos à sua volta e andavam a cavalo pelas vinhas, faziam piqueniques ou almoços longos no Café des Colombes. Ocupavam todas as mesas na esplanada, faziam uma barulheira, tentavam exceder as piadas e gabarolices uns dos outros, riam-se e bebiam *Pernod*.

Na altura, parecia haver sempre risos, comida, vinho e roupas deslumbrantes, porque Rafaela fora vaidosa desde os três anos, quando a sua mal-afamada tia, Marguerite (a irmã da mãe que diziam sempre «não prestar»), lhe trouxera um traje de Inverno de Paris. Era um casaco de veludo vermelho com um pequeno chapéu a condizer debruado de arminho branco cor da neve e, pela primeira vez, vira-se reflectida naqueles mesmos espelhos do vestíbulo: encantadora, deslumbrante e feminina, tudo ao mesmo tempo. Claro que a mãe dissera que parecia um pequeno Pai Natal ordinário, mas a mãe era assim. Maritée Marten nunca poderia ter sido apelidada de espírito livre como a irmã o fora e, além disso, nunca gostara da filha.

Quando Rafaela entrou por fim na sua gloriosa juventude, alta e demasiado magra, com um pescoço como o de um cisne que tinha um ar tão frágil que parecia poder dobrar-se sob o peso de todo aquele cabelo escuro puxado para cima, embarcou num romance para toda a vida com as roupas, comprando *Dior*, *Yves Saint Laurent*, *Givenchy* e *Valentino*. Tinha ainda a maioria arrumada no sótão forrado a cedro, reservado para esse propósito, pois não suportaria dar as suas adoradas roupas.

Os jovens do seu grupo estavam todos apaixonados por ela. Procuravam-lhe

o olhar com uma pergunta sexy, da qual, claro, ela se ria, entusiasmada com a atenção que lhe dispensavam e um pouco receosa ao mesmo tempo. Diziam-lhe que era uma beldade, o que ela sabia não ser verdade, mas gostava de o ouvir e tornou-se um ás do namorico, divertindo-se, apreciando o facto de ser jovem, apreciando a vida.

Depois casara com Henri de Roquebrune, que ficara com o apelido dela, devido à cláusula da herança da família Marten. A linhagem dos Marten prosseguia sem alterações desde a época em que o primeiro Marten conhecido, no século XVII, um burguês rico de Bordéus, adquirira o bispado e muita da terra na região, algo que ocorria com frequência na altura, quando homens ricos podiam comprar a sua entrada no clero e possuir aldeias inteiras e até vilas. Fora ele que construía os primórdios do solar e fundara a casa vinícola Domaine Marten.

Rafaella nunca percebera se estaria apaixonada por Henri ou se fora apenas ofuscada pelo seu encanto de homem mais velho. Parecera muito mais maduro do que os jovens que conhecia.

Henri conquistara-a com vinhos, jantares e romantismo. Também a levara, com amigas como pau-de-cabeleira, sem grande resultado como se veio a verificar, num cruzeiro estival, de iate, às ilhas do Egeu, onde lhe roubara a virgindade numa praia branca com o som do mar a bater na areia nos ouvidos, seixos afiados a espetarem-se no seu traseiro nu e o som estridente dos grilos nocturnos, que a partir desse momento associaria sempre com fazer amor.

O filho Felix fora o resultado dessa noite, embora sabendo o que sabia hoje achasse que Henri devia sem dúvida ter sido mais cuidadoso. No final de contas, ela tinha apenas dezanove anos e era uma inocente apesar de toda a sua gabarolice. Assim, teve de descer a nave da igreja da aldeia de Saint-Marten envolta em cetim branco brilhante com uma cauda comprida e pesada que deslizava *plop, plop, plop* pelos degraus quando ela descia, com um ramo muito grande de lírios para cobrir a barriga.

Sorriu agora, ao pensar como tinha sido idiota. Henri revelara-se um homem frio e aborrecido, coisa que nunca percebera, enfeitiçada como estava pelas suas atenções experientes de homem mais velho, pelos criados nos

restaurantes elegantes que lhe faziam vénias, os porteiros que o cumprimentavam, os homens e mulheres elegantes que conhecia e a sociedade parisiense que frequentava, ao passo que ela mal saía das salas de aula e era como uma potra ansiosa por correr.

Claro que Henri não lhe devolvera o nome Marten quando ela o deixara, mas agora ele já falecera, enterrado tal como os pais e os outros Marten no pequeno cemitério florido mesmo à saída da aldeia.

Quando percebera que não amava Henri e que ele com certeza nunca a amara e casara com ela apenas por causa do dinheiro, tratara de viver a sua vida, mantendo o solar cheio de amigos. Tornara-se uma espécie de peça fixa da sociedade em Paris e na Côte d’Azur, onde os Marten possuíam uma casa *pieds dans l’eau*, que significava que ficava mesmo sobre o mar. No Verão, podia-se sair do quarto para as lajes quentes do terraço, correr pelos degraus abaixo, através dos jardins e entrar directamente no mar azul fresco, que deslizava pelo corpo como uma fina camisa de noite de seda.

Namoriscara e houvera algumas *liaisons*, claro, mas nada sério, até conhecer Lucas Bronson. Então, nada conseguiu evitar aquela queda tumultuosa na rede mais misteriosa do amor.

Rafaella pensou que a vida tinha sido muito divertida, que aqueles anos tinham sido gloriosos. Arrependia-se de alguma coisa? Nem um pouco. Nem sequer de Lucas. Só que agora talvez se arrependesse da forma descuidada como lidara com o tempo, todas aquelas horas perdidas e dias desperdiçados, as compridas semanas ociosas que levavam a anos irrecuperáveis. Fora uma mulher insensata com o tempo e agora ele apanha-ra-a.

E, no centro de tudo, estivera sempre o solar.

O SOLAR ERA O LAR, o sítio onde morava o coração de Rafaella, mas as vinhas eram a sua verdadeira paixão. Quando fizera vinte e cinco anos, os conhecimentos que Rafaella possuía sobre a arte de fazer vinho igualavam os dos mais prestigiados vinhateiros masculinos e isto numa época em que poucas mulheres se dedicavam ao «negócio» de produzir e vender vinho.

Ensinada pelo pai, trabalhara na produção vestida como os trabalhadores, com grandes fatos-macacos de homem de um azul-vivo, embora tivesse de os enrolar nos pulsos e nos tornozelos e prendê-los à volta da cintura fina com um pedaço de corda. O cabelo escuro estava atado num lenço vermelho, as mãos bonitas manchadas de púrpura do mosto e a cabeça andava-lhe à volta meio embriagada com os vapores que se libertavam das uvas que fermentavam nas grandes tinas.

Em manhãs frias e escuras do início da Primavera, percorrera com o pai as filas de vinhas, engolindo grandes golfadas de ar tão frio e limpo que era como o próprio vinho. O luar iluminava os fios de uma geada fora do vulgar que o pai lhe dizia poder arruinar a preciosa vindima em meras horas e ela ajudara a borrifar as uvas jovens para as impedir de congelar.

Fora Rafaella que replantara as rosas brancas silvestres que davam o nome ao solar, na extremidade de cada fila de vinhas. As rosas eram importantes porque seriam as primeiras a ser atacadas pelas pragas, avisando assim os Marten para protegerem as uvas. E passara muitas noites a estudar as encomendas e as contas com o pai, que a ensinara também a fazer bons negócios com os fabricantes de garrafas e a levá-la com ele a Portugal à procura de um novo tipo de rolha.

Agora, dizia-se, não havia nada que Rafaella Marten não soubesse sobre

vinho. Pessoalmente, achava que era bom que ainda apreciasse bebê-lo, porque a sua aprendizagem fora longa e difícil. Era a única herdeira Marten e, quando o pai morreu, toda a responsabilidade pelo negócio e pelos seus trabalhadores, que eram as pessoas da aldeia que sempre conhecera, recaía sobre os seus ombros.

Embora à superfície parecesse frívola e despreocupada, Rafaella geria a sua produção de vinho de forma muito profissional e criativa. Encontrara novos mercados na Ásia e nos Estados Unidos, recebendo louvores pelo seu «vinho tinto sensual e macio com uma nota de flores no *bouquet* e um peso aveludado, que excita o palato como a fragrância de pinheiros num dia invernos de montanha». Fora dessa maneira que o crítico de *New York Times* o elogiara quando do seu lançamento. Nada mal, pensara Rafaella com um sorriso satisfeito, para o que era no essencial um *Côtes-du-Rhône* armado a importante. Era de primeira qualidade, mas não ainda um *bordeaux* elegante.

Rafaella cuidava igualmente bem dos seus trabalhadores e da sua aldeia, sempre presente em alturas de crise e de comemoração. Quando era rapariga, frequentara a escola com os miúdos da aldeia e estes conheciam-na como Rafaella. Conhecía todas as famílias pelos nomes, sabia sempre quem estava doente, ou quem ia deixar a aldeia para trabalhar na cidade e quem regressara, rabinho entre as pernas, porque, no final de contas, a atracção da terra natal era demasiado forte.

De facto, fora o solar e o seu amor por ele que se intrometera entre ela e o homem conhecido de todos como «o Amante». Lucas Bronson era um nómada bem-parecido e arrogante, um campeão de pólo, um viajante do mundo, sempre irrequieto, sempre em movimento, à procura do próximo «acontecimento importante» da vida. Seguindo os jogos de pólo, Lucas trocava de países e de continentes com tanta despreocupação como Rafaella organizava um piquenique. Claro que ela não ia com ele porque tinha de cuidar do seu trabalho e da casa. Nem o amor conseguira prender Lucas Bronson. E, mesmo depois de o deixar, Rafaella acreditava, tinha de acreditar, caso contrário não suportaria, que Lucas na verdade a amara.

Há dez anos, Rafaella «reformara-se» oficialmente e Scott Harris viera gerir

o negócio, embora ainda não conseguisse resistir a imiscuir-se, a agitar as águas de vez em quando, só para ver o que poderia suceder.

Scott era australiano. Fora criado em Barossa Valley e, tal como ela, estava no negócio do vinho desde pequeno. Hoje em dia, Rafaella ansiava muito pelos seus «almoços de negócios» semanais no Café des Colombes. De facto, constituía o ponto alto da sua semana, ou seja, até que fora substituído pela ideia da reunião de família. Agora, tudo em que conseguia pensar, tudo o que desejava, era que pudesse haver de novo uma família no Château des Roses Sauvages. E que os filhos voltassem para ela.

JULIETTE LABOURDE acabara de passar um dia muito satisfatório a fazer compras e a almoçar quando regressou a casa e encontrou o convite no correio.

Juliette vivia sozinha no Upper East Side de Manhattan, num grande apartamento cheio de cor atulhado de velhos bibelôs de família e alguns lulus da Pomerânia louros. Era o tipo de mulher grande construída para durar e, apesar de ser da idade de Rafaella, o tempo não fora tão simpático com ela, embora, tinha de se admitir, não tivesse começado deslumbrante. Mas, oh, fora popular. Todos os homens a tinham adorado. Como Rafaella, possuía aquela centelha que trazia com ela vida e efervescência e que, sem dúvida, não perdera. O cabelo era ainda de um ruivo flamejante, a sombra dos olhos azul e a boca de um rosa acetinado. Com um *caftan* florido a esconder o corpanzil, parecia uma avó saída do inferno a caminho de umas férias no Havaí, mas o sorriso e o entusiasmo faziam com que se esquecesse tudo isso no espaço de um minuto e que só se quisesse estar com ela.

Quando Juliette viu o envelope grande e quadrado de cor creme, com os selos franceses e a caligrafia familiar de Rafaella, soltou um gritinho de reconhecimento, deixou cair os sacos e abriu-o de imediato. Passou os olhos pelo convite, a cabeça de lado, uma mão a apertar excitada o pescoço. *Ma chère amie*, começava.

Demasiados anos se passaram desde que nos vimos pela última vez, demasiadas vidas desapareceram no passado, demasiada água correu debaixo de demasiadas pontes. Nós, que fomos outrora tão íntimas, perdemos o contacto uma com a outra, eu retirada aqui no solar na

minha solidão e tu a passarinhar pelo mundo com o teu querido marido oficial do exército, Deus o tenha em descanso, nunca houve homem mais fantástico. (Claro que me refiro a Rufus, não ao teu marido número um que, como o meu, é melhor nem nomear!)

Viveste em tantos sítios ao passo que eu fiquei aqui, a gerir com eficiência a minha casa vinícola porque, como te lembras, foi sempre a minha paixão (ou uma delas, sendo a outra o Amante, claro) e a afogar as minhas mágoas num copo de champanhe à noite com Haigh. Vais ficar contente por saber, sem dúvida, que ele ainda cá está, ainda a interferir na minha vida, ainda meu amigo, talvez agora o meu único amigo, a não ser que ainda te possa contar entre esse número? Ah, mas esqueço, há mais dois. Recordas-te de Jake, o filho do Amante? Passou aqui um ano no solar em tempos mais felizes. Ainda o amo, com certeza mais do que aos meus próprios dois filhos que partiram há anos. Recordas-te dessa história, claro, como podias esquecer? Felix sob uma nuvem de suspeita de assassinato e Alain depois de ter sido apanhado a roubar a casa vinícola até quase nos levar à falência. Para que saibas, nunca mais tive notícias de nenhum deles desde que Felix se foi embora e Alain foi posto na rua. Penso muitas vezes, Juliette, o que terei feito de errado quando os criei? Fui demasiado indulgente? Amei-os demasiado? Errei quando não acreditei em nenhum deles, embora me esforçasse muito, quando se confessaram inocentes? Talvez nunca saiba a resposta. Ou talvez sim, uma vez que lhes estou a pedir para pôr o passado para trás das costas e os estou a convidar para uma reunião de família na esperança de que possamos perdoar-nos uns aos outros e começar tudo de novo.

Quem mais convidei para esta nobre reunião, deves estar a perguntar. Infelizmente, não falta muito mais gente. Há uma jovem americana, descendente do irmão do meu pai, Paul, que fugiu para a América após um grande desentendimento. A zanga foi por causa de quem casaria com Maritée, o meu pai ficou com ela por isso tornou-se minha mãe, mas na verdade tinha mais a ver com quem assumiria o controlo da casa vinícola. De novo o meu pai venceu. Paul nunca mais voltou. Casou com

outra pessoa qualquer, teve um filho e esse filho teve uma filha chamada Franny Marten. Depois há Jake, claro, porque no meu coração foi sempre como um filho para mim. E por fim, tu, minha querida Juliette, porque passados estes anos todos continuas também no meu coração.

Chama-me uma velha sentimental (e por mais que deteste admitir, estamos a ficar velhas), mas quero fazer as pazes com o que resta da minha família e quero ver os meus amigos de novo.

«Estou a contar contigo, Juliette», terminava no seu velho estilo autoritário, fazendo Juliette rir-se. E assinava com mão firme: «Beijos, Rafaella.»

Juliette deixou-se cair num sofá de damasco amarelo, arranjando o *caftan* florido à volta do seu corpo amplo, as pulseiras de ouro a tilintarem, os lulus da Pomerânia a saltarem-lhe para cima, patas minúsculas a tocarem-lhe, exigindo atenção.

– Oh, sentem-se, seus tolos – exclamou, dando-lhes um empurrão afectuoso e eles instalaram-se ao seu lado com expressões ressentidas. – Bem, nunca pensei voltar a ter notícias tuas, Rafaella – continuou em voz alta – e agora aqui estás, a reingressar de repente no mundo dos vivos!

Encostou-se para trás nas almofadas, de olhos fechados, sorrindo ao recordar os bons tempos que tinham passado juntas. Eram amigas desde raparigas e, de facto, se não fosse Rafaella insistir em levá-la a almoçar ao La Coupole em Paris, Juliette nunca teria conhecido o homem com quem por fim casara.

Fora há muito tempo, quando eram ambas jovens e deslumbrantes, cheias de vida e de risos. Rafaella viera a Paris passar alguns dias com Juliette no seu apartamento num velho edifício num pátio de Saint-Germain.

A casa de Juliette era um bulício constante de amigos que apareciam, mensageiros a entregar ramos de flores, admiradores que a vinham visitar. Convites para *cocktails*, bailes de máscaras e outros eventos importantes estavam enfiados de forma despreocupada nas extremidades do enorme espelho do século XVII por cima da lareira de mármore preto e o primeiro marido de Juliette estava enfiado num minúsculo *boudoir*, numa rua ali perto, onde vivia a sua amante. Os dois filhos pequenos de Juliette andavam sempre

a entrar e a sair, perseguidos por amas, surripiando bombons de chocolate de caixas com laços e deixando-os cair em cima dos sofás de seda às riscas, onde largavam pequenas nódoas castanhas sinistras de que Juliette apenas se ria, e uma fornada anterior de lulus da Pomerânia corria por todo o lado, abocanhando calcanhares e latindo constantemente.

Rafaella nunca entendera a capacidade milagrosa de Juliette se rir de qualquer coisa: uma nódoa no sofá, um mau corte de cabelo, um vestido feio. Juliette também não tinha gosto nenhum e, era inevitável, escolhia a cor errada ou um tecido que se colava demasiado à sua figura forte. No entanto, por pouco elegante que pudesse parecer, abrira um rasto de destruição por Paris, deixando para trás uma legião destrozada de corações despedaçados. Até conhecer o major Rufus Thomas e, como Rafaella com o Amante, lhe entregar o seu coração.

Rafaella estava com ela naquele almoço no La Coupole. Corria o mês de Março, há demasiados anos para se poder contar, com o sol a esforçar-se por sair de entre as nuvens e um vento tempestuoso a açoitá-lhes as saias. Entraram a tremer pelas grandes portas de vidro giratórias, rindo-se e alisando os cabelos emaranhados, cingindo pequenos casacos de raposa à volta dos pescoços, instalando-se no bar e pedindo taças de champanhe. Rufus encontrava-se dois assentos afastado, elegante no seu uniforme caqui britânico de major, o cinto de cabedal castanho a cintilar como os olhos.

– Como *marrons* encerados – sussurrou Juliette alto, como eram sempre os seus sussurros.

E os olhos dele eram de facto da cor de castanhas. Achavam-se também brilhantes de esperança e desejo. Rafaella estava com um aspecto belo, os caracóis escuros todos agitados pelo vento, os olhos azuis a cintilarem de divertimento e, ao princípio, Juliette pensou que o oficial do exército estivesse interessado nela. Estava sempre a lançar-lhes olhares às duas enquanto elas espetavam as suas ostras, atirando as cabeças para trás e deixando-as deslizar pelas gargantas abaixo com pequenos gemidos de prazer.

Era britânico, no entanto, e tímido, por isso não disse nada.

– Tenho de ser eu a tomar a iniciativa neste caso – sussurrou Juliette.

E depois, oferecendo-lhe aquele grande sorriso dela, exclamou:

– Bem-vindo a Paris.

Rufus avançou dois lugares, apresentou-se e retorquiu:

– Agora sinto-me em casa.

Por esta altura, Juliette só tinha olhos para o major Rufus Thomas, por isso Rafaella engoliu a sua décima segunda ostra, esvaziou o copo e foi fazer compras sozinha. De facto, Juliette recordava-se que fora nesse dia que Rafaella comprara o espectacular vestido de *chiffon* vermelho da segunda colecção de St. Laurent para a *Dior*.

Mais tarde, Juliette chegara a casa com um olhar meigo nos olhos que significava problemas. Rafaella calculou que «os problemas» já tinham ocorrido e Juliette confirmou-o em sussurros altos no seu quarto quando trocavam de roupa para a festa a que assistiriam nessa noite.

– Não acreditarias no corpo que ele tem – sussurrou, fechando a porta do quarto com firmeza a todos os intrusos. – É como uma estátua grega, duro como mármore, apenas mais viril. – Soltou um risinho, com uma expressão remanescente que fez Rafaella rir-se também. – Quem diria que os ingleses eram sexy? – acrescentou. – Quer dizer, estamos sempre a ouvir dizer que são frios e que foram emocionalmente lesados numa idade muito jovem por amas sádicas e escolas internas homossexuais. Mas Rufus não. É ardente como um *brioche* acabado de sair do forno e amoroso como um cachorrinho novo, sempre em cima de mim com lambidelas e beijos.

Levou Rufus com ela na visita seguinte ao solar e os dois tinham ocupado o quarto grande na torre este, mal se aventurando a sair, excepto quando a fome apertava ou Rafaella enviava Haigh lá acima para se queixar que precisava de companhia.

Juliette sorriu, recordando como Rufus e ela tinham resplandecido, rosados, dos seus embates amorosos. Os olhos tinham enviado mensagens sexuais secretas e não conseguiam tirar as mãos de cima um do outro. Amor e sexo tinham permeado o próprio ar à sua volta.

Depois, um dia, o marido apareceu e houve uma briga tremenda e prolongada, de caixão à cova, com o marido a confrontá-la com as indiscrições dela e ela a confrontá-lo com a amante de longa data.

Felizmente, Rafaella conseguira afastar Juliette do caminho antes de ela esmagar o crânio do marido com uma garrafa de vinho.

– É um bom ano, *chérie* – protestara Rafaella. – Se vais bater-lhe, ao menos fá-lo com um vinho de mesa.

A seguir pusera Rufus fora da sala e fizera Juliette sentar-se em frente do marido para conversarem. Porque eram católicos e o divórcio estava fora de questão, conseguira mediar uma separação quase amigável com um acordo financeiro adequado.

Entretanto, Juliette e os filhos tinham-se mudado para junto de Rafaella e dos filhos desta. Rufus era um profissional do exército, tal como o pai e o avô tinham sido, mas aparecia no solar sempre que conseguia licença do seu regimento. Assim, com o marido há muito abandonado de Rafaella a viver em Paris, tinham-se convertido numa grande família alargada e feliz no solar, com festas para os pequeninos e para os crescidos, e longos dias preguiçosos de Verão passados na casa de praia em Cap d’Antibes com uma miríade de amigos para ajudarem à diversão.

Mais tarde, depois de o marido morrer, Juliette casara por fim com Rufus, envergando com ousadia um traje branco, com Rafaella como dama de honor, esplêndida como sempre no *chiffon* vermelho *Dior*. Juliette acompanhara Rufus por todo o mundo nas suas transferências militares e nunca se separaram até ao dia em que ele morrera, há dez anos, despedaçando-lhe o coração para sempre.

Desde essa altura que o quarto na torre este se tornara conhecido como o quarto de Juliette. «Será que Rafaella se esqueceu disso?», pensou Juliette. «Se esqueceu, garanto que vou recordar-lho!» E riu-se, uma grande gargalhada ribombante e alegre. «Oh, que belos tempos tivemos», pensou deliciada. «E agora, vejam só, vai acontecer tudo de novo. De facto, vai ser um pequeno mistério tipo Agatha Christie, com toda a gente congregada na grande casa de campo para uma grandiosa reunião, só que desta vez saberão com toda a certeza que não foi o mordomo.» Riu-se de novo, imaginando Haigh, com o seu lábio superior empertigado, no papel do assassino. Mesmo assim, cismara muito com o assassinio no passado e se o assassino fora na verdade Felix? Ou teria sido Alain?

Pegou no telefone e, não querendo saber da diferença horária de seis horas, marcou o número do solar, de que se recordava na perfeição mesmo depois daqueles anos todos.

Haigh atendeu e quando ela disse quem era, ele respondeu que claro que sabia que era ela, mais ninguém telefonava a meio da noite e mais ninguém também falava tão alto. Depois passou o telefone a Rafaella.

– Então vens? – perguntou Rafaella, como se tivessem estado juntas na semana anterior.

– Claro que vou. Não podes ter uma reunião de família sem mim – retorquiu Juliette a sorrir.

Ouviu o suspiro de alívio de Juliette e acrescentou:

– Mas quero o meu antigo quarto, o da torre este com vista para o lago, e é melhor avisares Haigh para pôr o champanhe bom a esfriar e não me tentares impingir a colheita má.

Rafaella riu-se e depois as vozes baixaram para os tons suaves e íntimos de mulheres amigas que têm muito que conversar. O que fizeram durante um par de horas, apesar do custo.

FELIX MARTEN OCUPAVA o quadragésimo quarto andar da grande torre de escritórios de vidro e aço que se erguia acima do topo dos outros edifícios de Hong Kong. Se atravessássemos a baía agitada no pequeno *Star Ferry* que fazia a ligação entre Kowloon e Central, o sol poente a reflectir-se em todo aquele vidro bronze quase nos cegava. Mas lá dentro, claro, tudo era fresco e não havia brilho ofuscante, apenas um silêncio surdo de bronze.

Felix pensou naquilo. Como podia o silêncio ser de bronze? Mesmo assim, parecia tangível, uma combinação de luz e ausência de som. Já era noite, toda a gente se fora e estava sozinho, apenas com o zumbido fraco do ar condicionado e o sussurro suave da fila de computadores que marcavam o ritmo da corrida mundial para obter mais dinheiro nas bolsas de valores globais. Os computadores tremeluziam com um brilho verde ténue, os sofás de pele tinham assentos duros e pouco convidativos, os candeeiros de aço eram angulares e severos e a luz que projectavam era demasiado fraca para se ler.

A quem raio teria pago para decorar este sítio?, pensou Felix, fitando os barcos e os homens de negócios apressados, pequenos como formigas lá em baixo, a caminho do bar Tycoon no Mandarin Oriental para uma bebida que os aliviasse dos stresses do dia. Em breve se dirigiriam para casa para enfrentarem um novo conjunto de stresses: as mulheres, que se queixavam que eles nunca estavam em casa, filhos pequenos, que destruíam a paz e a calma do lar, adolescentes intratáveis, que exigiam mais e mais «coisas» de que absolutamente «precisavam».

Felix não tinha uma mulher, embora tivesse havido duas possibilidades quando era mais jovem e ambas tinham seguido o mesmo «caminho de

esposa» que descrevera. À excepção de uma, as mulheres que conhecera tinham sempre querido mais. Casas mais magníficas, mais roupas de estilistas, jóias mais caras. O que tinham na verdade querido era mais *dele*. Tinham-lhe esmagado a alma até a sentir tão apertada que lhe apetecera matá-las. E isso pusera fim a quaisquer ideias de casamento.

Felix, o solteirão rico, era conhecido por ser um bom partido na sociedade de Hong Kong. O cabelo preto estava raiado de prata, usava fatos de risquinhas de corte imaculado e os sapatos eram manufacturados em Londres. Sabia conversar numa festa, sabia como tratar uma senhora e não só era generoso com todas as organizações de caridade apropriadas, como também comprava mesas para os seus jantares e bailes de gala. E até aparecia nesses eventos, em geral com alguém importante e bela pelo braço. Havia rumores a seu respeito, mas Felix não era homossexual. Estava era farto de mulheres. Exceptuando a parte do sexo, que, claro, podia comprar. Só pensava, só sonhava, quando tinha aquele raro par de horas de sono que o destino e o tempo agora lhe permitiam, em fazer dinheiro. E em fazer *mais* dinheiro.

Infelizmente, o sono parecia já não entrar em linha de conta na equação da vida. Quanto mais dinheiro fazia, menos conseguia dormir, até chegar ao ponto de sentir carência de sono e as mãos lhe tremerem de forma incontrolável, a cabeça rodar e perder o equilíbrio, ou não ouvir o que alguém acabara de dizer.

O convite repousava, sem ser aberto, no centro exacto da secretária de tamanho desproporcionado. Felix fitava a janela, esperando pelo toque da portaria lá em baixo que lhe diria que Jake Bronson chegara, entrando célere como Mercúrio, com uma mensagem do seu passado. Um passado em que não estava interessado em pensar, embora nesses momentos difíceis de insónia, nessa zona morta às três da manhã em que a sua vida parecia suspensa enquanto a de todas as outras pessoas continuava, veloz, a mãe, Rafaella, lhe surgisse no pensamento tal como a vira pela última vez, de rosto branco e trémula. Não era uma coisa em que estivesse interessado em pensar agora e desejava não ter concordado em receber Jake, embora durante algum tempo tivessem sido quase como irmãos.

Felix tinha vinte e poucos anos quando Jake chegara ao solar. Alain também

lá estava, mas levava uma vida algo secreta e não parava muito em casa. Na maior parte das vezes era apenas Jake e ele.

O telefone interno soou e Felix pressionou o botão do *ON*.

– Está aqui Mister Bronson para falar consigo, senhor – disse o porteiro.

– Mande-o subir.

Foi sentar-se na sua grande cadeira de pele, em segurança atrás da impressionante secretária antiga, e esperou pelo que estava para vir, brincando absorto com a carta do Banco de Xangai que aguardava a sua atenção.

A porta exterior soou e ele pressionou o *ENTER*, ouvindo os passos enérgicos no vestíbulo de mármore e depois o toque educado na sua porta.

– *Entrez* – disse em francês, porque essa era a língua com que sempre falara com Jake.

Não se levantou quando Jake se encaminhou para ele e Jake parou a alguns passos, olhando para Felix. A avaliá-lo, pensou Felix pouco à vontade, e sem dúvida a compará-lo com a última vez que o vira. Entretanto, Jake parecia em forma, ainda magro, ainda com aquele cabelo escuro e farto, com a passada grande e confiante do pai e aqueles olhos cinzentos frios que pareciam olhar-nos a direito para a alma.

– Como estás, Jake?

– Estou bem, obrigado, Felix. E tu?

Felix assentiu com a cabeça mostrando que estava bem e Jake sorriu.

– Ainda um homem de poucas palavras, hum?

– Como tu, prefiro a acção. – Felix pegou num corta-papel de prata e fez deslizar a lâmina sedosa pelos dedos fortes.

– Disse à tua mãe que tinha de vir a Hong Kong. Ela pediu-me para te visitar. – Jake mirou a faca com olhos semicerrados.

Felix não respondeu, olhando circunspecto para o envelope de cor creme com os selos franceses.

– És famoso aqui, Felix. Quer dizer, nos círculos profissionais, embora claro também tenhas feito os cabeçalhos dos jornais locais quando eras mais jovem.

Felix não disse nada e Jake insistiu:

– Uma rapariga grávida encontrada morta no sopé de um penhasco? E tu suspeito de seres o pai da criança? E, se calhar, de lhe teres dado aquele empurrão fatal?

Felix ergueu os olhos do corta-papel.

– Se vieste apenas para me provocares, Jake, esta conversa terminou.

Os ombros de Jake ergueram-se num encolher de ombros exagerado.

– Claro que nesses tempos não havia ADN. Nada se podia provar, mas tu, Felix, não foste capaz de justificar o teu paradeiro e Alain foi. Em que querias que a tua mãe acreditasse?

– A mãe nunca me deu uma hipótese – retorquiu Felix com voz zangada. – Nem sequer me ouviu. E porque ouviria, quando Alain foi tão convincente, colocando a culpa sobre os meus ombros. A mãe nunca entendeu a verdade em relação a Alain, estava cega com o encanto dele, nunca viu o lodo que se escondia por baixo. Até ser demasiado tarde.

Jake falou com suavidade.

– Oh, vamos lá, Felix, um pouco de rivalidade fraternal, um pouco de ciúmes, uma rapariga que ambos desejavam... amavam até. Então diz-me, qual é a verdade?

Felix suspirou. Ergueu-se, saiu de trás da secretária, passou por Jake e avançou até às grandes janelas de cor bronze, que subiam do chão ao tecto, fitando taciturno o espectáculo que decorria em baixo.

– Disse-o à mãe na altura e digo-o a ti agora: acredita no que quiseres. Não me tornará mais culpado, nem tornará o meu irmão menos culpado.

Rodou e ficou ali imóvel de mãos atrás das costas, uma figura escura e indefinida com a luz cor de bronze em pano de fundo.

– Diz-me, porque estás na realidade aqui, Jake?

– Vim como mensageiro da tua mãe. É uma mulher de idade agora, Felix. Já não falta muito tempo e quer ver outra vez os seus dois rapazes.

Felix soltou uma gargalhada curta.

– E devo ir a trotar de volta como o filho pródigo?

– Tu é que decides – respondeu Jake baixinho. – Claro que fazes o que quiseres.

Felix virou-se e os olhos de Jake inspeccionaram a secretária com rapidez,

interiorizando a carta do Banco de Xangai. Era uma confirmação de que a renda mensal paga a Bao Chu Ching num endereço em Xangai seria aumentada de trinta para cinquenta dólares. Jake memorizou instantaneamente o número da conta e o endereço. Para ele, era a pequenez do valor que parecia significativa. Trinta dólares era o salário médio dos trabalhadores mais pobres, contudo, Felix pagava-o a esta mulher todos os meses.

– Vou pensar um pouco no assunto – disse Felix ainda a fitar a janela, ainda de costas para Jake.

– É só isso que a tua mãe pede.

Jake hesitou e acrescentou:

– Tenho também a mesma mensagem para Alain. Preciso de o encontrar, Felix.

– Ah! – Felix rodou nos calcanhares com um grande resmungo de fúria. – Claro que tens. *O menino da mamã*, o *verdadeiro* filho pródigo. Sem dúvida que ele quererá regressar para reclamar a sua herança. Bem, lamento desapontar-te, Jake, mas não faço ideia de onde Alain possa estar. Se calhar já morreu, por ser demasiado esperto para seu próprio bem.

Jake assentiu. Avançou para Felix e estendeu a mão.

– Fomos amigos, Felix – disse, olhando-o nos olhos. – Foste simpático para um miúdo solitário e desajustado que não sabia nada da vida. Nunca o esqueci, nem me esqueci de ti.

Felix olhou para a mão estendida em nome de uma velha amizade. Acenou, melancólico, com a cabeça.

– E eu nunca me esqueci de ti, Jake.

Os dois homens apertaram as mãos, Jake virou-se e dirigiu-se energicamente para a porta.

– Pensa nisso, Felix – exclamou por cima do ombro. – Significa imenso para a tua mãe. E talvez para ti também. Espero ver-te em França.

Quando a porta se fechou atrás dele, Felix ficou a olhar para o envelope. A letra da mãe parecia trémula, como a letra de uma mulher de idade. Claro que era isso que ela era agora, uma mulher idosa.

Rasgou o envelope, retirou o convite e leu-o. Depois começou a rir-se.

– Oh, mãe, sua velha impostora – disse, ainda a rir-se. – Queres apenas reunir a família, porque os laços de sangue são mais fortes do que todos os outros, não é? Bem, tanto pior, mãe, porque eu não vou. Podes fazer a tua reunião de família sozinha, foi esse o rumo que escolheste há tantos anos. Este filho não vai voltar para *casa*.

FOI MUITO MAIS TARDE nessa mesma noite que o corpo de Felix Marten foi descoberto na viela de serviço atrás do gigantesco edifício de vidro cor de bronze. Ao que parecia, caíra do elevador aberto utilizado para içar mercadorias pesadas. Morrera de imediato, envergando ainda o seu habitual fato de risquinhas e os sapatos feitos à mão, embora estes se tivessem soltado na queda. Aterrara de cabeça e o rosto ficara esmagado. Claro que era suicídio, toda a gente concordou ao princípio. Mas afinal talvez não. Como muitos homens ricos e poderosos, Felix tinha inimigos. Os boatos circularam rápidos como fogo em Hong Kong. Seria um acidente? Felix mostrara alguma insegurança a andar, de forma perceptível. Teria sido empurrado? Seria homicídio?

Fosse o que fosse, Felix Marten encontrara o silêncio de bronze final. Dormia por fim. E de certeza que não participaria na reunião familiar.

JAKE ENCONTRAVA-SE JÁ em Xangai quando soube da morte de Felix pela televisão. Estava num quarto espaçoso, com ar condicionado, num andar alto do hotel Grand Hyatt, o edifício mais alto da cidade e o segundo mais alto de toda a Ásia. Bebia chá verde trazido logo após a sua chegada pelo diminuto empregado do andar com um casaco branco à Mao.

Jake estivera a contar com uma boa noite de sono. Parecia que há muito tempo que os seus pés não tocavam no chão durante mais do que algumas horas e sentia uma necessidade extrema de uma massagem que lhe aliviasse os efeitos negativos das viagens aéreas na coluna, seguida de um duche e de uma noite de sono numa cama a sério para variar. Claro que a morte chocante de Felix alterou tudo isso.

Ligou de imediato para os seus contactos em Hong Kong e descobriu tudo o que conseguiu, franzindo o sobrolho quando lhe disseram que tinha sido suicídio. A autópsia revelaria mais. Entretanto, não contara ainda a Rafaella que falara com Felix. Agora tinha de telefonar e dizer-lhe que ele morrera.

Deixou-se cair numa poltrona funda de pele, o queixo afundado no peito. Felix parecera um homem zangado, um homem cansado, um homem vingativo, mas não parecera de certeza suicida. Claro que isso não significava que não se tivesse matado. Jake conhecera muitos homens que, à superfície, pareciam normais e que, no fundo, sofriam de uma esmagadora depressão. Pensou em Felix. Pensou onde estaria Alain. Pensou na mulher chamada Bao Chu Ching, que vivia aqui em Xangai no número 27 da rua Hu Tong, no apartamento 127, e que recebia, há dez anos, trinta dólares por mês de Felix Marten, um valor que acabara de ser aumentado para cinquenta.

Lançou uma olhadela ao relógio. Eram dez da manhã em França. Suspirou

ao ligar o número do solar, detestando o seu papel de portador de notícias tão horríveis.

Haigh atendeu, parecendo irritado por ter sido interrompido.

– Ia levar Rafaella à cidade para fazer umas compras – disse a Jake. – Diz que precisa de sapatos novos, embora Deus saiba que tem já sapatos em número suficiente para montar uma loja.

– É uma coisa de mulheres – retorquiu Jake, sorrindo sem querer.

E transmitiu as más notícias a Haigh. Ouviu-o ofegar e depois um longo silêncio. Sabia que Haigh ajudara a criar Felix, por isso aquilo constituía um choque terrível para ele também.

– Lamento muito, Haigh. Está bem?

Um suspiro soprou através do aparelho.

– Sim, estou bem. No entanto, ainda bem que aqui estou para contar a Rafaella. Não vai ser fácil para ela. Tinha tanta esperança que Felix regressasse a casa. E agora vai voltar, mas será num caixão.

– Quer que seja eu a contar-lho? – perguntou Jake.

– Não, cabe-me a mim essa tarefa – retorquiu Haigh, num tom solene e digno ao mesmo tempo. – É melhor que não seja pelo telefone, sabe, é melhor se eu estiver aqui para a ajudar.

Jake prometeu ligar mais tarde, pousou o telefone e esparramou-se na poltrona, fitando absorto a parede. Pensou de novo na mulher Bao Chu Ching, que recebia o dinheiro de Felix todos os meses, a perguntar-se se representaria uma pista para alguma coisa do seu passado, alguma coisa que tivesse levado Felix a matar-se. Ou talvez tivesse levado outra pessoa a matá-lo.

Renunciando à tentação da massagem relaxante, do chá verde quente calmante e da cama macia, tomou um longo duche frio, vestiu roupas lavadas e apanhou um táxi para a rua Hu Tong.

JAKE PAGOU O TÁXI e olhou em volta. Encontrava-se numa das zonas mais pobres da cidade, sem dúvida não um sítio frequentado por turistas ou viajantes. Os trabalhadores mais humildes viviam nestes apartamentos de tijolos de cimento prestes a desmoronarem-se, escorados por andaimes de bambu e ligados por correntes pendentes. A luz azulada dos monitores de televisão tremeluzia na escuridão e o cheiro a esgotos e a decomposição subia das sarjetas. Aqui e ali, pequenas lojas abertas para a rua preenchiam nichos vazios e as luzes altas de uma auto-estrada circundavam a zona de halogéneo amarelo ofuscante, desenhando em silhueta os edifícios denteados e lançando nas sombras os seus habitantes. Por todo o lado se filtravam os sons da pobreza: o rosnar de um cão, o choro de uma criança, o grito zangado de uma mulher e o queixume alto e impenetrável de música chinesa.

Verificou o endereço de novo. O apartamento 127 ficava no rés-do-chão, à esquerda da entrada para o edifício de quatro andares. Quando o observava, a porta do apartamento abriu-se de rompante e uma menina saiu. Tinha cerca de dez anos, era pequena e magra e usava o que parecia ser um uniforme escolar, uma saia cinzenta e uma camisa branca de mangas curtas. O cabelo preto estava cortado à tigela com uma franja curta que realçava a magreza do pescoço. Nem sequer reparou nele, passou simplesmente a correr com os pés enfiados nuns ténis, dinheiro dobrado apertado na mão.

Jake seguiu-a até uma das vendas, uma loja de medicina chinesa, e viu-a a falar com o dono. O homem ficou-lhe com o dinheiro, destrancou um cofre, tirou um pequeno pacote e entregou-lho. A menina regressou a correr e, desta vez, ergueu os olhos para Jake quando passou. Ele detectou-lhe o olhar de surpresa no rosto ao ver um homem não chinês naquela zona da cidade.

Depois desapareceu, de volta à rua cheia de sombras, de volta à entrada malcheirosa do edifício, de volta à casa pobre que Felix Marten pagara.

No entanto, Jake vira-lhe o rosto com clareza sob o candeeiro por cima da porta da loja de medicina chinesa. Doce, sobressaltado e de olhos arregalados. Olhos azuis bem abertos, o azul do Mediterrâneo num dia quente de Verão. Eram os olhos de Rafaella Marten. Sorriu. Afinal, haveria boas notícias para Rafaella. Tinha uma neta.

A questão era: seria filha de Felix? Ou de Alain?

RAFANELLA ENCONTRAVA-SE à porta do antigo quarto de Felix por cima do pórtico dianteiro, a fitar a maçaneta de latão polida, sem coragem para rodá-la e abrir a porta. As lágrimas pareciam estar presas atrás dos olhos. Não conseguia chorar e, tal como as mães sempre fazem, estava a pensar onde é que errara.

Este quarto continha a vida inteira de Felix até ao momento em que deixara o solar com vinte e três anos. As roupas ainda estavam penduradas no armário com os sapatos organizados em filas por baixo. Sempre fora um rapaz arru-mado e transformara-se num homem fanaticamente arrumado. O quarto possuía uma sobriedade militar que, quando ele tinha dezassete anos, levava Rafaella a sugerir o exército como possível carreira.

– Não seja ridícula, mãe – retorquira, com aquela pequena dobra desdenhosa nos lábios que sempre a preocupara. – Claro que não vou para o exército. Vou gerir a casa vinícola.

E Felix tê-la-ia gerido bem, pensou Rafaella agora, encostando-se cansada à porta. Claro que teria alienado toda a gente, era assim que Felix era, mas teria produzido bom vinho *Marten* de forma eficiente.

Por fim, arranjou ânimo e abriu a porta. Haigh já lá estivera. Tirara as capas dos móveis, assegurara-se que o quarto estava bem limpo, estendera um conjunto de roupas sobre a cama prontas para vestir Felix pela última vez. Fitou o fraque, o casaco cinzento e as calças de fantasia às risquinhas, a camisa branca imaculada e o plastrão cinzento de seda. Até as meias e sapatos apropriados aguardavam o compromisso final de Felix e o coração de Rafaella encheu-se de dor pelo filho que perdera há tantos anos.

– Mas porque se mataria? – perguntou a Haigh. – Felix sempre foi tão forte.

– Demasiado forte para seu próprio bem – respondeu Haigh com ar sinistro.

Mirando os remanescentes da vida de Felix, Rafaella perguntou-se como é que o seu rapazinho rechonchudo, com um fato à marinheiro, chegara a este triste fim. Este filho que a desertara, que a acusara de acreditar que ele matara a rapariga, quando tudo o que ela lhe pedira fora a verdade.

– Sou tua mãe. Ajudo-te. Diz-me só que foi um acidente. Sei que só poderia ter sido isso.

Mas no fundo não acreditara na história dele e, de algum modo, Felix percebera-o.

Afundou-se no grande cadeirão de pele verde junto à janela. O sol iluminava todas as rugas do seu rosto abatido e, por fim, as lágrimas surgiram, escorrendo-lhe pelas faces empoadas, deixando pequenos sulcos, como rugas novas, mas de dor desta vez. Do lado de fora da porta, os cães ganiam, infelizes.

Rafaella estava a recordar-se de quando dera este quarto a Felix. Ele tinha apenas sete anos.

– Vamos ver o teu quarto novo – dissera e ele olhara para ela surpreendido.

Pegando-lhe na mão, ela seguira, descalça como sempre, pelo largo corredor de soalho de castanho, passando os pares de portas duplas requintadamente pintadas que conduziam a várias salas, passando a grande escadaria com o seu corrimão envernizado e varetas de latão brilhantes, dobrando a esquina até este grande quarto mesmo por cima do pórtico dianteiro.

– Aqui? – perguntou Felix espantado, porque era o melhor quarto de hóspedes da casa.

– És o meu filho mais velho – explicou a sorrir. – É justo que fiques com o melhor quarto.

– A minha secretária vai ficar debaixo da janela – decidiu ele, marchando pelo quarto, erguendo o bonito tecido das cortinas, experimentando a cama com a mão, batendo os pés no tapete de Beauvais, detestando a macieza. – E o meu cadeirão de pele verde.

– E que cadeirão de pele verde é esse?

– O que está no escritório do papá – retorquiu com brusquidão. – Afinal, ele nunca o usa. Nunca cá está.

– Pois – concordou Rafaella com resignação, porque era verdade.

E, tal como viria a ser durante o resto da sua vida, Felix assumiu o controlo das coisas, alterando o quarto, que era um bonito *boudoir*, e transformando-o no espaço masculino espartano onde não autorizava ninguém a entrar excepto a governanta e só porque queria que o seu sítio se mantivesse impecável.

Claro que Felix nunca permitia que o irmão entrasse no seu quarto. A porta estava trancada e a chave pendia-lhe numa corrente do cinto. Mas qualquer coisa «proibida» era uma atracção para Alain. Descobrira a chave da governanta e uma tarde, quando Felix estava ocupado no campo de ténis, esgueirara-se lá para dentro.

O inevitável aconteceu e Felix apanhara-o «a remexer nas minhas coisas», gritara, indignado, e Alain, o pequeno anjo louro, olhara-o fixamente, desafiando-o a fazer alguma coisa a esse respeito. Por isso, Felix batera-lhe, fazendo o sangue esguichar-lhe do nariz e escorrer pela parte da frente da camisa. Mas as lágrimas não tinham brotado dos olhos de Alain. Pelo contrário, ripostou com um soco. Num instante, encontravam-se os dois a rolar pelo chão, berrando um com o outro, e depois os adultos vieram a correr, gritando à vista de todo aquele sangue.

Haigh separara-os, com o expediente de um bom pontapé no traseiro de cada um. Afastaram-se um do outro, fitando encolerizados o novo inimigo.

– *Je vous emmerde*, Haigh – praguejara Alain e Haigh dera-lhe um safanão e pusera-o de pé, atirando-lhe uma toalha para a cara.

– Vá para o seu quarto – ordenou, enquanto Rafaella corria para junto de Felix, não sabendo se estava ou não ferido.

– Não tenho de lhe obedecer – berrou Alain.

Mas Haigh não se moveu.

– Ah sim, e então o que vai fazer? – inquiriu, com as mãos na cintura.

Com um olhar furioso de soslaio para a mãe, Alain saíra de forma furtiva, seguira pelo corredor e subira as escadas para o quarto das crianças.

Haigh examinara Felix, ainda deitado de costas e coberto de sangue. Depois de se certificar que o sangue era de Alain, disse:

– Levante-se, Felix, e lave-se.

Virando-se para Rafaella, acrescentou:

– É provável que o nariz de Alain esteja partido. Vou levá-lo ao hospital, *madame*, enquanto fica a cuidar de Felix.

SENTADA AGORA no cadeirão verde de Felix, junto à janela no quarto que fora dele, Rafaella pensou que os seus dois filhos eram muitos parecidos, apesar de Alain ser louro e Felix tão escuro. Ambos tinham olhos azuis e o nariz ligeiramente adunco que ela jurava vinha da família do pai e não da dela. Contudo, eram muito diferentes em termos de temperamento, como se provara mais tarde, no dia depois do assassinato.

APÓS TERMINAR os estudos na Sorbonne, Felix viera para casa pronto para aprender a gerir a casa vinícola. Rafaella pensou que ele mudara e que era sem dúvida uma mudança para melhor. Estava mais dócil, mais compreensivo, era mais fácil falar com ele. Era tudo demasiado bom para durar, acreditou nervosa, e claro que tinha razão.

Uma tarde, algumas semanas depois, uma rara tempestade de Verão arremessava granizo contra as janelas da pequena sala de jantar, com o seu revestimento decorativo de um verde-pá-lido, onde jantavam juntos em segurança. O ramo de lírios amarelos que Rafaella apanhara essa manhã largava pólen cor de âmbar sobre a mesa encerada e um par de velas de cor creme tremeluzia na obscuridade.

Estavam a comer a sopa especial de tomate fresco e manjerição que Haigh fazia, um dos pratos favoritos de Rafaella, e o seu calor era reconfortante na noite fresca. Com ela bebiam um *Château Marten vintage* que ela achava demasiado pesado e seco, mas que Felix declarou, convencido, era redondo na boca e a secura era perfeita com a sopa.

Embora discordassem em relação à garrafa de vinho, concordavam por completo em relação à casa vinícola. A paixão que Rafaella sentia por ela era igualada pela de Felix. Nesse aspecto era como o pai dela.

– Tenho uma surpresa – disse Felix. – Fiz planos para expandir a nossa casa vinícola.

A seguir contou-lhe que queria comprar uma pequena vinha que surgira inesperadamente no mercado na região de Saint-Emilion, perto de Bordéus.

– Não é uma colheita de primeira, mas é possível melhorar. Tem sido negligenciada e o nome está desprestigiado, mas com a minha perícia e

energia vamos pô-la de pé num instante.

Rafaella sabia muito bem que investir numa vinha custava muito dinheiro e que levaria anos a dar bons resultados.

– E o que quer dizer «num instante» em termos de tempo? – perguntou.

Felix considerou a questão.

– Vai ser preciso fazer muitos enxertos, novas cepas... quatro, cinco anos talvez.

– Mais uns dez.

Nessa altura, Haigh chegou com uma travessa fumegante de *risotto*. Rafaella passou-lhe o copo de vinho para ele provar. Haigh cheirou-o, depois bebeu um gole, deixando o vinho rolar pela boca, saboreando-o com lentidão.

– Demasiado seco para o meu gosto – declarou –, um pouco áspero e de certeza muito errado para esta refeição. – Encolheu os ombros. – Claro que há quem prefira os vinhos assim duros e secos. Pessoalmente, prefiro-os um pouco mais frutados.

– Mesmo no alvo, Haigh – retorquiu Rafaella, sorrindo compreensiva para Felix porque sabia que ele tinha ainda muito a aprender.

Felix carregou o sobrolho porque detestava que provassem que estava enganado em relação a qualquer coisa.

– Porque tem de transformar tudo numa provocação? – disse, de novo com a sua voz fria.

– Uma provocação, Felix? Estamos a falar de negócios. O *teu* negócio.

– O negócio *da família* – replicou e o franzir de testa familiar enrugou-lhe o rosto.

Rafaella suspirou.

– Isto tem na realidade a ver com Alain, não é? – perguntou, estendendo o braço por cima da mesa para lhe agarrar na mão. – Não, não fujas de mim, Felix. É normal uma mãe pegar na mão do filho quando este está perturbado. Alain e tu são tão diferentes, não surpreende que não se dêem bem. Mas aconteça o que acontecer, serás tu a tomar conta da casa vinícola Marten. Serás tu a geri-la, Felix.

Ele ergueu olhos amargurados para ela.

– Mas não sozinho, *maman*. Nunca sozinho. Alain vai lá estar sempre.

Metade será dele depois de a mãe partir e far-me-á a vida num inferno. Destrói tudo o que a mãe, o bisavô e o avô construíram com esforço e fá-lo-á só para se divertir e para se vingar de mim.

Rafaella suspirou. Detestava a discórdia entre os irmãos, mas não podia oferecer a casa vinícola a Felix e deixar Alain de fora, assim o ditava a lei do país.

– São ambos meus filhos. Somos uma *família* e receberão partes iguais. Além disso, agora são homens, não rapazinhos. Terão de resolver as coisas.

Felix empurrou o prato para trás e levantou-se. Pegou no copo de vinho e esvaziou-o, só para lhe mostrar que o vinho era bom, pensou Rafaella com um pequeno suspiro vendo como ele era competitivo, mesmo com ela.

– Claro que fica sempre do lado de Alain – observou Felix, saindo a passos largos e furiosos da sala. – Sempre o fez.

A porta da frente bateu com força suficiente para fazer chocalhar as janelas.

Ouviu o carro pegar, depois o silvo da gravilha molhada e Felix foi-se embora.

Desta vez, Rafaella soltou um suspiro maior. Lá se desvanecera a nova relação entre os dois, pensou, erguendo-se da mesa sem tocar na comida. Foi postar-se à janela, olhando para as árvores que se agitavam e para as pétalas de rosa que vogavam ao vento pelo terraço. Uma cadeira de jardim apanhada numa rajada rolou pela relva e nuvens cinzentas deslizaram, arrastadas, num céu baixo. Perguntou-se para onde teria Felix ido. Para a casa vinícola, calculava. Era aí que trabalhava a maior parte das noites. E Alain quase nunca estava em casa. Ou se encontrava em Paris, onde deveria estar a estudar, ou na casa de praia em Cap d’Antibes com alguma rapariga. Ou várias. Nunca se sabia com Alain, mas só de pensar nele sorriu. Alain trazia com ele um tipo de *joie de vivre* que sempre a fazia rir-se. «Pobre Felix», pensou com tristeza, «nunca mais aprenderás que é contigo que lutas, não com o teu irmão?»

Não ouviu Felix regressar a casa nessa noite, embora tivesse esperado por ele até tarde, a ler na cama. E ele não apareceu ao pequeno-almoço na manhã seguinte. Calculou que estivesse no quarto e não quis perturbá-lo, por isso foi um choque quando ele chegou a casa uma hora depois, molhado,

desgrenhado e a coxear bastante.

– O que é? O que aconteceu?

Correu para ele, receando um acidente de automóvel, mas ele gesticulou a afastá-la.

– Não é nada – resmungou, mancando pelas escadas acima até ao seu quarto.

Preocupada, Rafaella correu atrás dele, mas ele fechou-lhe a porta na cara e ela ouviu a chave a rodar na fechadura.

Haigh subiu as escadas e acercou-se dela.

– É melhor deixá-lo sozinho, *madame*. Seja o que for, há-de recuperar.

Mas Felix não recuperou, nem Rafaella, pois mais tarde, nesse mesmo dia, os *gendarmes* chegaram para o interrogar a respeito de uma jovem que afirmaram ser amiga dele. Fora encontrada morta no fundo do desfiladeiro de Saint-Sylvestre, um lugar apreciado pelos turistas, onde o caminho pedestre circundava o ponto mais alto e onde sempre tiravam as suas fotografias. A mulher morta estava grávida, mas Felix negou que tivesse estado com ela. Não havia testemunhas nem provas contra ele. Alain também conhecia a rapariga, mas estava em Antibes, por isso não houve necessidade de o interrogar.

No entanto, Rafaella sabia que havia qualquer coisa errada e, quando a polícia se foi por fim embora, interrogou Felix a respeito do que sucedera. Ele acusou-a de acreditar que engravidara a rapariga e depois a matara. Disse-lhe que devia olhar com mais atenção para o seu encantador irmão, fazer-lhe algumas perguntas. Quando ela tentou abraçá-lo, ele afastou-a.

– Acredite no que quiser, *maman* – vociferou. – É o que fará sempre.

Depois fez as malas, partiu e nunca mais regressou.

RAFAELLA ENXUGOU AS LÁGRIMAS na bainha da saia, pensando que era como uma criança, nunca tinha um lenço quando precisava dele. *Ah, Felix, pensou, foste um rapazinho difícil e susceptível que se tornou um jovem problemático. Tinhas uma carapaça em que era difícil o amor penetrar. Só espero que tenhas por fim encontrado alguma felicidade na tua vida.*

Acercou-se da cama e passou a mão pelo fato que Haigh dispusera para o

enterro de Felix.

– Meu pobre, pobre e pequeno Felix – disse baixinho e depois saiu do quarto fechando a porta com suavidade atrás dela.

JAKE VEIO A «CASA» para o funeral de Felix, mas veio também transmitir a Rafaella a notícia maravilhosa de que tinha uma neta.

Estacionou o carro alugado à sombra dos plátanos na praça da aldeia e desceu para dar uma volta. Nada mudara, nem sequer, apostava, os velhotes e os cães. Até o ar tinha o mesmo aroma a vinho. A vida continuava com toda a serenidade em Marten-de-Provence, a anos-luz de distância da sua própria existência atarefada e por vezes brutal.

Continuou a guiar, seguindo o muro coberto de líquenes até chegar aos grandes portões de ferro e aí a sua vida passada projectou-se diante dos seus olhos numa súbita investida de recordações. Jake pensava que era um homem duro, que não dava o seu amor a ninguém nem a nenhum lugar, mas *aquele* lugar era o seu ponto fraco. O ano que ali passara tinha sido tão perfeito que nunca mais regressara com receio de abalar essas recordações.

Prosseguiu e, quando o solar surgiu no seu campo de visão, parou para o contemplar. Como é que podia ter esquecido que a casa era do amarelo-ocre da luz do Sol ao entardecer? Que as muitas janelas altas davam para o terraço? Que o telhado se inclinava íngreme por cima do sótão em mansarda e que, no Verão, as grandes portas estavam sempre abertas para deixar entrar a brisa e acolher as visitas? Voltava-lhe tudo numa avalanche e ficou sentado um instante, a interiorizar tudo. Era, pensou Jake com um sorriso, uma imagem perfeita da vida que conhecera quando era jovem e estava um pouco apaixonado. E uma vida a que, apesar da tragédia da morte de Felix, tinha a certeza que estava agora prestes a acrescentar num novo capítulo.

Subiu a passos largos os degraus baixos de pedra em direcção a essas portas abertas e entrou, como se tivesse chegado a casa. E lá estava ela. Rafaella.

Os cães foram os primeiros a ouvi-lo. Precipitaram-se para ele, a ladrar como loucos, saltando para as suas mãos estendidas. Rafaella rodou para verificar a razão de todo aquele alvoroço. Levou uma mão à garganta, em choque, porque olhar para Jake era como olhar para o rosto do Amante. E, como ele, Jake Bronson enchia o solar com a sua forte presença masculina, emprestando vida e vigor às salas há muito silenciosas.

Observando Rafaella, Jake notou as mudanças no rosto belo que recordava como uma fotografia guardada no bolso interior do seu casaco, junto ao coração. Viu o cabelo prateado que era antigamente uma juba escura voluptuosa, a boca ardente agora recortada de rugas finas, os dedos esguios agora curvos da artrite. Apenas os olhos não tinham mudado, ainda aquele mesmo azul brilhante do Mediterrâneo. E logo se lançaram nos braços um do outro, cingindo-se com força e, durante um momento, o tempo desapareceu. A ternura dominava Jake quando se dobrou para beijar a face macia de Rafaella e lhe aspirou o perfume familiar... mimosa, não era?

– Vieste – disse ela radiante.

– Prometi que estaria sempre disponível para si. – Sorriu. – Ainda está tão bela como o meu pai se teria recordado, Rafaella.

E ela sorriu em resposta, agradecendo a mentira galante.

Haigh vinha todo agitado em direcção a eles, um avental branco atado à cintura, a limpar as mãos num pano.

– Perdão, *madame* – disse nervoso. – Estava na copa a limpar as pratas. Não ouvi a campainha.

– Isso é porque não a toquei – retorquiu Jake, muito alegre, estendendo a mão. – Recorda-se de mim, Haigh?

O rosto magro e queimado do sol de Haigh iluminou-se num grande sorriso.

– Na verdade sim, Mister Jake, embora fosse apenas um franganote atrevido quando o vi pela última vez. Perdoe-me a observação tão pessoal, senhor, mas é a cara chapada do seu pai. Não é, *madame*? – Atirou a Rafaella um olhar penetrante, avaliando a reacção dela ao filho do Amante.

– Mal notei a semelhança – replicou ela, mordendo o lábio inferior para se impedir de sorrir.

Rafaella e Haigh jogavam há muito o jogo de ver quem ficava por cima, que

começara quando eram ambos jovens. Ele ainda alardeava aquela atitude de sabe-tudo e isso ainda a irritava, mas adorava-o. De facto, não saberia o que fazer sem ele.

– O teu quarto antigo está pronto – disse Rafaella. – Mas primeiro vem comigo até ao terraço. Beberemos uma taça de champanhe para comemorar o nosso reencontro após todos estes anos, vinte e oito, não é? – Riu-se. – Claro que sei há quanto tempo foi. Tenho contado.

Deu-lhe o braço e, com os cães a correr à frente, levou-o lá para fora, passando a fonte até à *loggia* cheia de sombras sob a glicínia.

Haigh viu-os afastarem-se de braço dado pelo terraço salpicado de sol e depois foi buscar uma garrafa de *Krug 91* à adega. Reparou que só restava meia dúzia, mas pensou que pelo andar das coisas agora era provável que fossem acabar em breve. Pôs a garrafa no gelo, limpou um par de frágeis copos de champanhe de cristal e pousou-os com cuidado numa bandeja de prata. Torrou fatias de brioche, encaixou-as no suporte de torradas de prata, juntou um prato de *crème fraîche* e uma tigela gelada de cristal com caviar de beluga que andara a guardar para a ocasião especial que chegara por fim. A seguir, encheu um cesto de prata com biscoitos de champanhe rosados, esses dedos de dama cor-de-rosa, doces, estaladiços e açucarados que eram uma delícia com o champanhe.

Satisfeito por estar de volta ao seu papel de mordomo, mesmo que apenas temporariamente, desapertou o avental, vestiu o casaco branco, endireitou a gravata de um cinzento prateado e ajustou o seu sotaque *cockney* puro para um inglês de classe alta. Haigh também falava um francês perfeito, língua que costumava utilizar com convidados estrangeiros só para se divertir com a sua expressão desorientada ao tentarem compreender. Haigh era um pouco perverso. O poder, pensou todo cheio de si, era uma coisa maravilhosa.

Empurrou o carrinho de chá para o terraço.

– *Madame*, o champanhe – anunciou, no seu tom mais formal.

P ELO TOM SUPERIOR da voz de Haigh, Rafaella sabia que ele se estava a divertir. Observou-o a puxar a rolha do champanhe mal emitindo um som e a servir dois copos. Pousou também uma bandeja com um bule de prata na mesa à frente dela.

– Só para o caso de lhe apetecer e a Mister Jake um pouco de *earl grey, madame*.

Colocando o carrinho de chá com as suas iguarias deliciosas ao lado deles, fez uma pequena vénia educada e deixou-os a conversar. Apesar de estar a morrer de curiosidade, Haigh não se escondeu atrás da glicínia para escutar porque tinha a certeza que Rafaella lhe contaria tudo mais tarde. Assim, voltou para a sua pequena cozinha e serviu-se de um copo do uísque escocês que tinha o seu nome, embora com uma grafia ligeiramente diferente, e a cujo clã por vezes, em momentos mais pomposos, afirmava pertencer. Depois instalou-se com o jornal diário, à espera.

– Ao nosso reencontro, após todos estes anos – disse Rafaella, erguendo o seu copo.

– Champanhe como este é um pequeno milagre – retorquiu Jake, provando-o.

– Não consigo pensar em mais ninguém com quem preferisse partilhá-lo. – Ajustou o chapéu de palha de aba larga para lhe proteger os olhos do sol e também suavizar as rugas do rosto, porque, no final de contas, ainda era vaidosa. – Jake, fala-me primeiro sobre ti. Há alguém novo na tua vida? Já casaste outra vez? Filhos?

Franny surgiu de imediato no pensamento de Jake, loura, inocente, sorrindo-lhe com aqueles olhos azuis como jóias. Foi a única vez em que não pensou

primeiro em Amanda e sentiu-se chocado ao perceber o poder dos seus sentimentos por Franny. Mesmo assim, encolheu os ombros.

– Ninguém em especial e nenhuns filhos. De qualquer modo, sabe, ainda estou apaixonado por si, Rafaella.

E ela riu-se com ele, apreciando a brincadeira.

– Irás encontrá-la um dia – prometeu.

Olhando à sua volta, Jake soltou um suspiro de puro prazer.

– Para um rapaz que nunca teve uma verdadeira vida familiar, vocês, os Marten, foram a minha família ideal. Tinham tudo e, durante algum tempo, deixaram-me fazer parte da família. Foi o ano mais feliz da minha vida e nunca o esqueci.

– Ah, sim, nós, os Marten, com o nosso solar na Provença e as nossas vinhas famosas, o nosso apartamento em Paris e a casa de praia na Côte d’Azur. Mas éramos também uma família com um passado de demasiado orgulho e conheces o velho ditado, Jake? Quanto mais alto sobe, maior é a queda? – Suspirou fundo. – Às vezes, desejava nunca ter ouvido falar na palavra orgulho. De facto, foi por isso que enterrei por fim o meu e decidi pedir aos meus filhos para virem a esta reunião de família. Não que reste muita «família», em especial agora que Felix se foi. Pobre, pobre Felix, creio que ficou com o coração despedaçado, tal como eu. – A voz tremeu-lhe, mas estava determinada a não chorar em frente de Jake.

– Também há boas notícias, Rafaella – afirmou Jake então.

Ela lançou-lhe um olhar, com as sobrancelhas erguidas.

– Tem uma neta – declarou a sorrir.

Rafaella fitou-o, atordoada.

– Não pode ser verdade!

Mas, olhando para o rosto sorridente de Jake, percebeu que era. O desespero que sentia em relação a Felix, e que era como uma pedra no seu peito, aliviou-se um pouco e sorriu.

Era o mesmo sorriso jubiloso que Jake recordava dos velhos tempos. Iluminou-lhe o rosto e, de súbito, deixou de ter idade, era bela de novo.

– Uma neta! – exclamou. – Mas onde está? É filha de quem? Conta-me tudo sobre ela. – Estava já a fazer planos. – Claro que tem de vir para cá viver,

para a poder mimar e ensiná-la a gerir a casa vinícola. – Ainda a sorrir, olhou para Jake na expectativa.

– É chinesa e chama-se Shao Lan – retorquiu Jake. – Significa Pequena Azul e o nome foi-lhe dado porque tem os seus olhos azuis. Não há dúvida que é uma Marten. Tem dez anos e vive com a avó doente, em situação de grande pobreza, em Xangai. A única coisa que não sabemos sobre ela é qual dos seus filhos é o pai. Felix estava a ajudá-las minimamente, mas não a mantinha no luxo e, de certeza, não como se esperaria que um homem cuidasse da própria filha. E Alain, claro, não fazia nada.

Rafaella acenou com a cabeça. Compreendia os filhos.

– Felix foi sempre um snobe. Preferiria perder as alegrias de educar a própria filha porque teria demasiada vergonha de admitir que tinha uma relação com alguma chinesa pobre. Ah, Felix, olha só o que perdeste. – Sorriu outra vez para Jake. – Mas agora tiro eu proveito da situação. Tenho uma neta que posso acolher no solar.

Haigh estava de volta, junto ao caramanchão da glicínia. Ouvira Jake contar a Rafaella a notícia sobre a nova neta e soltou um grande suspiro de alívio, agradecendo a Deus por dar uma oportunidade à sua amiga, pois, com a morte de Felix e desconhecendo-se o paradeiro de Alain, parecera que a reunião de família de Rafaella iria ser um desastre. Pigarreou ao aproximar-se, para avisá-los.

– Mais champanhe, *madame*, senhor? – Tirou o *Krug* do seu balde de gelo e envolveu-o na toalha de linho branco antes de voltar a encher os copos altos e apresentá-los à sua empregadora e ao seu convidado.

– Sirva-se também de um copo – disse Rafaella a sorrir. – Estamos a comemorar, Haigh. Temos uma neta nova!

E Rafaella afirmou que lhe ia enviar já um convite. A seguir, fitou Jake nos olhos e pediu:

– Então agora, Jake, conta-me as más notícias.

Intrigado, ele retorquiu:

– Mas como é que sabia que haveria também más notícias?

Ela sorriu.

– Conheço-te demasiado bem, Jake Bronson. Nalgumas coisas, és tal e qual

o teu pai. Por isso diz-me, o que é?

– Não acredito que Felix se tenha suicidado. Penso que foi morto.

– Estás a dizer-me que Felix foi *assassinado*? – ofegou Rafaella.

– Neste momento é o que parece. Apenas o tempo e um bom trabalho de investigação dirão se tenho ou não razão.

– Mas e então Alain? – perguntou Rafaella, ligando no seu subconsciente a ideia do assassinato ao seu outro filho, algo que Jake detectou de imediato, embora não dissesse nada.

– Felix mentiu-me sobre Alain. Claro que soube por onde ele andou durante todos estes anos. Os meus contactos seguiram a pista de autodestruição de Alain através do Vietname e do Camboja, até que desapareceu da face da Terra. Podemos nunca o conseguir descobrir, nunca saber o que na realidade sucedeu.

– Mas... – começou Rafaella.

Sabia que lhe ia perguntar como é que ele sabia que Felix fora assassinado e ergueu uma mão de aviso.

– É melhor não perguntar. Não procure sarna para se coçar!

No entanto, embora citasse o ditado popular, sabia que não descansaria enquanto não encontrasse Alain e descobrisse a verdade sobre a morte de Felix.

QUANDO O CONVITE PARA SHAO LAN chegou por correio especial, ao princípio ela recusou abrir a porta, receosa que fosse o senhorio prestes a pô-las na rua outra vez. O «apartamento» era constituído apenas por uma única divisão pequena que Shao Lan dividira com um biombo feito de canas de bambu amarradas com pano vermelho. Dava à casa um falso ar de alegria, que lhe agradava, mas naquele momento ignorou a batida na porta e apressou-se a entrar na parte da divisão destinada ao descanso com o jantar da avó doente: uma tigela de caldo de galinha, um bolo de arroz e chá quente numa pequena chávena em forma de ovo com motivos azuis.

Pousou o tabuleiro na mesa frágil ao lado da cama e disse no dialecto de Xangai:

– Olha, avó, cá está o teu jantar e os comprimidos.

Shao Lan falava o dialecto de Xangai pois era essa a língua da avó. Mas também falava mandarim e cantonês, bem como algum inglês que aprendera na escola. E sabia praguejar em todos esses idiomas, como qualquer criança na vizinhança pobre onde vivia.

Bao Chu afastou a sopa com uma mão fraca. Esforçando-se por se endireitar, pegou no pacote dos comprimidos, engoliu dois e regou-os com o chá. A seguir, recostou-se de novo, de olhos fechados, a respiração ruidosa e difícil.

A pobreza pairava no lar das Ching como uma mortalha fria de desespero. A divisão árida estava tão limpa quanto Shao Lan a conseguia manter frequentando ao mesmo tempo a escola, onde tentava subir as suas notas, e cuidando da avó doente.

Esse mesmo desespero gravara um cunho de seriedade no rosto em forma de

coração da menina de dez anos. Os olhos azuis, grandes e redondos, apenas com uma ligeiríssima inclinação nos cantos que demonstrava que era chinesa, eram solenes e ela nunca sorria. Não existia nada que merecesse um sorriso, cuidava apenas das coisas.

Só conhecia o malabarismo diário que era preciso fazer com o dinheiro. Shao Lan nunca tinha roupas novas, apenas uniformes da escola em segunda ou terceira mão oferecidos por associações de caridade, que também contribuía com um presente no Ano Novo Chinês. No entanto, como o presente nunca era o que sonhara, desistira de sonhar e prosseguia apenas com a tarefa dura de viver, aliviada quando todos os meses chegava a carta do Banco de Xangai contendo os poucos dólares que pagavam a renda e as magras despesas das duas. Devido à doença da avó, as despesas estavam a aumentar em flecha, aterrorizando Shao Lan, que se questionava onde iriam arranjar o dinheiro para manter a avó viva.

Pensava muitas vezes no homem desconhecido que era seu pai, perguntando-se se saberia que ela existia e se sabia, por que razão nunca viera vê-la? A mãe morrera quando ela nascera e a única família que conhecia era a avó, que lhe chamara Shao Lan, ou Pequena Azul, por causa dos surpreendentes olhos azuis, raros num mundo de pessoas de olhos castanhos. O nome de Bao Chu significava Pérola Preciosa. O que estava tão afastado da verdade, uma vez que não possuía nada de valor neste mundo e por isso até a própria Bao Chu se ria da contradição.

As batidas na porta tinham parado. Shao Lan demorava-se junto à cama, querendo fazer perguntas sobre o pai a Bao Chu, mas receando a arenga que se seguia sempre que tentava abordar o assunto: não tinha pai; nunca houvera e nunca haveria nenhum pai e era melhor habituar-se a isso. Por vezes, Shao Lan pensava se seria mesmo verdade e se, como a Madona, a mãe seria virgem quando ela nascera e ela seria algum tipo de aberração.

Suspirou quando a avó começou a tossir. Tossiu durante o que pareceu a Shao Lan muito tempo, enquanto se debruçava sobre ela com o chá. *Oh, meu Deus, por favor, não deixes que ela morra*, rezou. *Não consintas que ela me deixe sozinha.*

Visões de um orfanato com grades nas janelas, um lugar sempre frio e onde

haveria ainda menos comida, perpassaram-lhe pela mente. Tremeu, encarando a verdade. Era mais provável que acabasse nas ruas, dormindo numa caixa de cartão e mendigando para viver, junta com outros sem-abrigo. Ou isso ou fazer coisas más com homens.

Quando as batidas recomeçaram, foi espreitar através da greta da porta e viu um homem com um envelope na mão. Espalmou-se contra a parede, mas ele bateu ainda com mais força.

– Ei! – gritou, porque sabia que ela estava ali e conhecia os receios dos pobres. – Isto não é nenhuma carta do tribunal. O senhorio não anda atrás de vocês por causa da renda. É apenas uma carta de França.

Shao Lan mal ousava respirar com medo que ele a ouvisse. Não conheciam ninguém em França e tinha esperança que ele se fosse embora. Demasiado curiosa, no entanto, abriu por fim uma greta cautelosa da porta. O mensageiro enfiou o envelope através da abertura.

– Assina aqui – pediu.

Aterrorizada, praguejou, atirou-lhe o envelope e tentou fechar-lhe a porta de novo na cara.

O homem praguejou em resposta num rápido dialecto de Xangai, dizendo-lhe que ela era uma criança tola e que tudo o que lhe pedia era que assinasse aquele papel que dizia que ele entregara a carta e que ela a recebera. Ainda relutante, Shao Lan abriu a porta outra vez e assinou o papel. Esperava ter agido bem.

A carta era dirigida a Bao Chu e levou-lha.

– Olha, avó, está aqui uma carta para ti.

Mas Bao Chu fez um gesto com uma mão frouxa a afas-tá-la.

– É de França – disse Shao Lan e Bao Chu ergueu a cabeça, de súbito atenta.

Endireitou-se com esforço contra a almofada suada, empurrando o cabelo preto do rosto afogueado.

– Abre-a. – Shao Lan obedeceu. – Lê-ma – ordenou Bao Chu. Shao Lan obedeceu.

– Oh, avó – gritou, o rosto animado por um grande sorriso. – Imagina que somos convidadas para ir a França, para uma reunião de família. Nunca me

disseste que tínhamos uma *família*.

– E nunca diria, se não fosse essa carta – retorquiu Bao Chu, voltando a recostar-se nas almofadas, porque sabia que este convite era a única esperança para a neta e que significava que a perderia. – Irás a França, Shao Lan. E irás sozinha – acrescentou com firmeza.

Bem podia estar a mandá-la para a Lua. Shao Lan ficou de queixo caído.

– Sozinha – sussurrou, com medo, porque a sua pequena secção de Xangai era o único mundo que conhecia. – Mas porquê?

– Está na altura de conheceres o teu pai.

Bao Chu começou a tossir outra vez. Shao Lan sabia que a avó estava demasiado doente para sair sequer de casa e chorou porque tinha medo de ir sozinha para esse país desconhecido. Sabia também que, se fosse, poderia nunca mais voltar a ver a avó.

PARTE II

Os Preparativos



*A vida é um labirinto no qual tomamos
a bifurcação errada antes de termos
aprendido a andar.*

CYRIL CONNOLLY

CLARE REGRESSARA de Atlanta, onde fora buscar mais algumas das suas coisas, residia no hotel Shutters, na praia de Santa Monica. Ela e Franny haviam passado todo o tempo juntas desde que se tinham conhecido e Franny pensava que não existia nada que não soubesse sobre a sua nova amiga. De facto, nunca tivera uma amiga de quem se sentisse tão próxima.

Estavam a tentar estabelecer alguma ordem no actual caos do quarto de Clare. Olhando para as roupas que se derramavam do roupeiro para a cama, para as cadeiras e até para o chão, Franny disse:

– Vais precisar de um apartamento enorme para todas estas coisas.

Clare parou de organizar umas duas dúzias de pares de sapatos à volta do perímetro do quarto e, mãos na cintura, inspeccionou a cena.

– Devia abrir uma loja – disse com um sorriso –, só que não sou nada sem as minhas roupas... apenas outra mulher no lado mau de um divórcio.

Franny fitou-a.

– Oh, deixemo-nos disto. – Clare encolheu os ombros, rejeitando todos os seus bens terrenos com um sorriso.

– Vamos, querida, pago-te um almoço.

No restaurante da praia do Shutters encontravam-se rodeadas pelas mulheres mais sofisticadas de Los Angeles, vestidas com o último grito da moda.

– Olha só para elas – observou Clare, mirando Franny através de pálpebras meio fechadas, remodelando-a mentalmente. – Também podias ter aquele aspecto.

Franny riu-se e beberricou a sua limonada gelada por uma palhinha flexível.

– Não sou como elas e nunca conseguiria parecer como elas.

– É esse o teu problema. – Clare atacou a salada César de galinha com o seu habitual apetite saudável. – Não pareces a mulher que és *agora*. Ainda pareces a rapariga que foste há dez anos.

– A rapariga do Oregon sou eu – concordou Franny à vontade. – Vamos lá, Clare, desiste, está bem? Nunca farás desta veterinária uma mulher de Los Angeles. – Apontou um dedo para o peito. – Esta é a realidade.

– Querida, és *adulta* agora, és uma *mulher*. Só que ainda não o sabes.

– Podes apostar que sei! Tive de ser adulta desde os dezassete anos. De facto, um psiquiatra dir-me-ia, se calhar, que o meu desejo é apenas ser a rapariguinha que era antes de o meu pai morrer.

– Bem, não podes ir para um solar em França com esse aspecto – retorquiu Clare. – Pelo menos a trança à Heidi tem de desaparecer.

Franny pousou uma mão protectora na sua trança lou-ra.

– Tenho este cabelo há anos e não vou a sítio nenhum sem ele.

Inclinando-se por cima da mesa, Clare empurrou-lhe a trança para o alto da cabeça.

– *Agora* pareces a mulher que na realidade és – afirmou, mas Franny abanou a cabeça e o cabelo caiu-lhe solto sobre os ombros.

– Mesmo que me mudasses, continuaria a ser a mesma sob o novo visual. Continuaria a ser a maria-razaz com as botas largas, os calções feitos de calças de ganga cortadas e a *T-shirt*, continuaria a ser a veterinária de bata branca e a mulher de sandálias de dedo e brincos pendentes comprados no *drugstore*. – Suspirou. – Nenhum vestido, nenhum corte de cabelo poderão alterar o que sou no fundo.

Clare suspirou também, cancelando na sua mente a projectada excursão de compras à loja Fred Segal, onde sabia, de certeza, que com um toque da sua varinha mágica e uma quantidade substancial de dinheiro podia ter transformado Franny numa nova mulher.

– Além disso – continuou Franny –, não quero causar uma impressão errada na família. Eu sou assim, é isto que vão ver. – Prendeu a trança usando uma fita elástica com uma flor de plástico. – Estás a ver, nunca vou ser uma gatinha *sexy* – acrescentou a rir-se.

Clare bebeu um gole do seu chá de manga.

– Hum, gatinha sexy. Era isso que eras para Marcus?

– Clare! – Franny mostrou-se chocada. Marcus era um assunto tabu.

– Claro que sabes que ele podia tornar-se bastante libertino – retorquiu Clare com malícia. – Marcus gostava de experimentar o que lhe desse na veneta.

– E tu alinhavas? – Franny tinha os olhos arregalados de curiosidade. As suas experiências sexuais com Marcus tinham sido óptimas, mas nada fora do normal.

– Tentámos de tudo – admitiu Clare –, incluindo experiências a três. – Riu-se com a expressão chocada de Franny, erguendo um elegante ombro nu com um pequeno encolher de ombros. – Marcus gostava. Eu tentava pensar naquilo como um filme pornográfico. Sabes, do tipo em que eles parecem estar sempre a divertir-se muito mais do que tu quando fazes sexo. – Encolheu os ombros outra vez, sorvendo o que restava do chá gelado. – Ufa! Afinal, foi apenas «poeira cinematográfica», só brilho e nenhum conteúdo. Para mim pelo menos.

Franny ainda parecia um pouco desconfiada. Clare sorriu e disse:

– O facto, Franny, é que gosto de um homem na minha cama, não de uma mulher.

– Oh, graças a Deus – exclamou Franny, soltando um suspiro de alívio e desmancharam-se as duas às gargalhadas.

Clare fez sinal à empregada a pedir a conta.

– O problema com os homens é que, após algumas semanas a aturá-los e às suas manias, tenho tendência para dizer o que sinto na realidade... e pum! Lá se vai outra relação.

– Sei bem o que queres dizer. – Franny mirou a sua nova amiga. – Oh, Clare, voltei a fazê-lo!

Clare não teve de perguntar o que Franny voltara a fazer. Era fácil adivinhar pela expressão de culpa no seu rosto. Suspirou, pensando quando é que Franny aprenderia. Mas claro que ela própria demorara tempo suficiente.

– É casado – disse.

– Foi. Contou-me que ela morrera.

– Ora, essa é nova!

– Oh, não, acreditei nele.

– Porquê? – Clare mostrava-se muito firme.

– Bem – Franny hesitou, recordando Jake no momento em que o dissera. Na realidade como é que sabia? – É como com os cães – afirmou por fim. – De algum modo, conseguimos perceber quando são basicamente bons.

– Então se é bom, porque não me falaste ainda dele? E onde é que o conheceste? E afinal o que lhe aconteceu?

– Ele apareceu na clínica. Mais tarde telefonou, convidou-me para jantar. Eu fui. Acompanhou-me até casa e convidei-o para um chá. Ele tropeçou na tábua solta e torceu o tornozelo.

Clare gemeu.

– Tens de mandar arranjar aquilo ou alguém ainda te põe um processo em cima por alguma coisa.

Alarmada, prosseguiu:

– É isso? Vai processar-te?

– Nada disso. Bem, não vamos tão longe. A questão, Clare, é que, bem... – Franny interrompeu-se, corando.

– Dormiste com ele, num primeiro encontro?

Franny acenou com a cabeça.

– E foi isso que aconteceu com Marcus?

Assentiu de novo e Clare suspirou.

– Mau hábito, rapariga. Tens de parar. – Ergueu a mão quando Franny começou a falar. – Não, não me digas... Ele não telefonou, nunca mais o viste. Ora, querida, de que estavas à espera? Uma ligação amorosa para toda a vida, depois de um jantar e de uma pequena queca? Vamos lá, Franny, estás mesmo a pedir um desgosto.

– Ele mandou flores – disse Franny na defensiva.

– Oh, grande coisa. «Olha, obrigado por me manteres quente na cama... até qualquer dia.» – Vendo o rosto desconsolado de Franny, Clare parou com o sermão. – Está bem, promete-me só uma coisa. Da próxima vez, paras para pensar antes de te meteres na cama com um desconhecido. Acredita, serás uma mulher mais feliz. E falo por experiência própria, se isso te faz sentir melhor. Além disso – acrescentou pensativa –, ninguém quer ser considerada

uma galdéria, não é?

– Não sou nenhuma galdéria – protestou Franny indignada.

– Então, querida, tenta não dar a impressão errada comportando-te como se o fosses. Falo como amiga.

– Sei que tens razão – disse Franny com humildade. – E agora já recuperei o meu orgulho. Mais nenhum homem a não ser que seja eu a escolhê-lo e mais nenhum sexo até eu dizer que sim.

Olharam uma para a outra em silêncio. Os pensamentos de Franny desviaram-se para a viagem a França e para a noção de que sentiria muito a falta de Clare.

– Vou ter saudades tuas, sabes – afirmou Clare, inclinando-se para dar uma palmadinha na mão de Franny. – Sinto que somos companheiras de armas, em luta contra o inimigo, o homem!

– O homem! – concordou Franny e aquela sensação de solidão percorreu-a outra vez, uma sensação que não suportava. – Clare – continuou, hesitante –, será que tu... quero dizer, porque não? Bem, porque não vens comigo?

– A França, queres dizer? Bem, para começar não fui convidada.

– Aposto que a tia Rafaella ia adorar conhecer-te. Posso mandar-lhe um faxe, perguntar se há algum problema.

– Fazias isso? Por mim? – Clare estava tão comovida que sentia um nó na garganta.

– Diz só que sim – suplicou Franny.

– Nunca viste uma pessoa mais rápida a fazer malas – retorquiu Clare e riram-se tão alto que houve quem se virasse para olhar.

De súbito, o solar na Provença cintilava como um amuleto da sorte para ambas e fartaram-se de conversar sobre o novo plano até Franny comentar que tinha de se ir embora.

Clare seguiu-a com os olhos até à saída, apressada como sempre para voltar para os seus animais. A passada larga e rápida dava-lhe um menear sexy às ancas de que não tinha consciência. Clare pensou que Franny era como um segredo bem guardado: existia uma mulher encantadora debaixo daquele rabo-de-cavalo.

No entanto, tinha de admirar a integridade de Franny. Não queria nenhuma

mudança de visual tipo Cinderela. Franny acreditava no que era, apesar de não ter ainda bem a certeza do que isso representava, à excepção do que dizia respeito à sua vocação com os animais. Não tinha sem dúvida a certeza quando se tratava de homens. Esta incerteza não a levava muito longe com Marcus, mas, por outro lado, Clare também não fora longe e investira anos de esforço.

A empregada serviu-lhe mais chá de manga e Clare ficou a olhar taciturna para o vazio, a pensar no seu passado e no futuro indefinido. Não dissera a verdade a Franny e isso aborrecia-a, mas era demasiado tarde, ou talvez demasiado cedo, para fazer alguma coisa em relação a isso.

D-I-V-Ó-R-C-I-O. A palavra surgiu-lhe soletrada nos pensamentos. Dolly Parton escrevera essa canção. Ora aí estava uma mulher que conhecia os homens, Dolly sabia bem do que estava a falar. Clare pensou que se devia admirar a sua atitude. Apenas uma mulher que sabia muito bem quem era conseguia ter aquela postura.

Clare fizera trinta e cinco anos há alguns meses. A percepção de que a vida passava a correr por ela e que havia muita coisa que perdia porque estava ainda ligada àquele Marcus estúpido e infiel tinha-a instigado por fim a deixá-lo.

Havia outras vidas para viver, decidira, em vez daquela armadilha de Marcus. Na altura, casar com Marcus parecera seguro e salvara-a de uma vida cada vez mais difícil.

Clare suspirou. Era apenas uma miúda parva de uma pequena vila da Georgia e tudo o que sempre quisera fora o que aconselhara Franny a procurar: um tipo normal e honesto, sal da terra, que a amasse sempre, um tipo que fosse fiel, um tipo que cuidasse dela.

E o que, pensou Clare, lhe daria ela em troca? O que tinha para oferecer a um homem daquele género? Um guarda-roupa fantástico? Uma bela pose de descontração quando a verdade era que, no fundo, era apenas outra mulher divorciada a lamber as suas feridas.

Bebeu o resto do chá gelado de manga, pagou à empregada, deixando uma grande gorjeta porque sabia que a maioria das empregadas de mesa trabalhava para ganhar a vida em compasso de espera, aguardando que a

verdadeira vida começasse e, além disso, acreditava no carma, pequenos gestos de bondade. E se lhes dissesse que não há «verdadeira vida»? pensou ao encaminhar-se vagarosamente para a saída, acenando um obrigada. E se dissesse: «Olhem, raparigas, isto é tudo o que existe, é melhor aproveitar ao máximo.» Será que acreditariam nela ou continuariam a agarrar-se aos seus sonhos?

Premiu o botão do elevador e entrou, sozinha. Sozinha no quarto, decidiu arrumar as malas para a viagem à Provença. Não gostava do «sozinha». A palavra enviava-lhe calafrios pelas costas abaixo.

Pensou no solar e na mulher de idade que queria reunir a família. Pensou que poderia conhecer alguém em França. Animou-se, sempre adorara aventuras e isto era uma coisa especial, novas caras, novos lugares, tudo novo e tão longe do seu passado quanto possível.

– «It's the simple life for me» – cantarolou, arremessando roupas para uma mala cara.

A seguir atirou-se para cima da cama, pontapeando o ar.

– Uau! – gritou. – Oh, uau! Por esta altura, na próxima semana, estarei em *França!*

A CAMINHO DE CASA, Franny pensou no que Clare dissera e parou numa pequena boutique, onde comprou uma saia de seda bonita, amarela com um motivo de minúsculas flores azuis e algumas *T-shirts*. Comprou também dois pares de calções e umas sandálias de dedo com contas turquesa. Atravessou a rua, entrou numa loja chamada Only Hearts e escolheu alguma roupa interior amorosa, só para o caso de ser atropelada, disse consigo mesma com um sorriso. As compras iam abalar as suas pequenas poupanças, mas Clare tinha razão. Não podia ir conhecer a tia com ar de parente pobre. E, que diabo, ia fazer as primeiras férias verdadeiras da sua vida. Na próxima semana, apanhava o avião para Paris!

RAFANELLA ESTAVA NO Café des Colombes à espera que Scott Harris aparecesse para o almoço semanal de negócios, um prazer que aguardava sempre com alguma ansiedade. Sabia tanto sobre vinho quanto Rafaela, se não mais, uma vez que fora criado numa famosa região de produção de vinhos da Austrália. Há dez anos, quando por fim se «reformara», ele viera gerir por ela o Domaine Marten. E fizera-o com muito êxito.

Para além do seu conhecimento sobre vinhos, Scott era um homem atraente e divertido, algo que sempre apreciara e, além disso, conseguia fazê-la sentir-se jovem de novo.

Sentou-se na sua mesa habitual junto às portas francesas que davam para o terraço sombreado de trepadeiras com vista para a igreja e para o campo de areia da *pétanque* sob os plátanos, onde, pela frescura do final da tarde, os homens da aldeia disputavam jogos altamente competitivos. Os cães estavam deitados no chão a ofegar junto dela e o sol projectava sombras profundas sob a arcada onde a mercearia de Allier já fechara para o almoço. O sino de bronze no mosteiro de Saint-Sylvestre batia as horas. A vida na aldeia de Marten-de-Provence era como sempre tinha sido, lenta e ponderosamente doce.

Laurent Jarré lançou uma toalha cor-de-rosa sobre a mesa e trouxe uma garrafa do seu próprio *rosé*, que pousou com um ruído seco, junto com uma *baguette* acabada de fazer e um pires de azeite novo para a molhar.

Laurent era o filho do proprietário original do café. Era um homem grande e vistoso com pele cor de azeitona, cabelo preto muito espesso, um bigode hirsuto e olhos como azeitonas pretas brilhantes. Envergava sempre uma camisa branca sem colarinho e calças pretas, com um avental branco

imaculado pendurado à volta das ancas.

Rafaella chamava-lhe «o cigano» e ele concordava que devia existir com certeza ascendência de cigano algures na sua genealogia. Com a sua expressão feroz, parecia um homem com que se deveria ter cuidado, mas Rafaella sabia que no fundo era um homem dócil. A mulher de Laurent morrera há alguns anos e não tinha neste momento nenhuma outra mulher na sua vida.

Tal como fazia todas as semanas, Rafaella perguntou-lhe se andava a sair com alguém da aldeia ou da vila vizinha que pudesse vir a transformar-se numa esposa apropriada.

– No final de contas, ainda é um homem novo – disse-lhe com convicção. – Precisa de uma mulher na sua vida.

Jarré respondeu que não andava com ninguém, não havia ninguém que lhe interessasse.

– Se calhar, vou ter de ir a Paris para descobrir uma mulher – declarou melancólico.

– Mas nunca foi a Paris – retorquiu ela espantada, sabendo que Jarré nunca fora mais longe do que Marselha na sua vida e mesmo isso há muitos anos. – Como é que vai encontrar alguém? O que vai fazer o dia inteiro?

Ele devolveu-lhe o olhar com olhos pretos confundidos. Tal problema não lhe ocorrera.

– Então talvez não vá – disse pouco à vontade e Rafaella comentou que, se calhar, era melhor ficar onde estava e continuar a tentar a sorte na região.

Jarré foi buscar carne para os cães. Ouvindo o toque-toque dos cascos nas pedras da calçada, Rafaella virou-se para ver Scott, na sua égua preta, a entrar na praça. Observou-o com admiração a desmontar com o à-vontade experiente de um verdadeiro cavaleiro. Scott Harris era magro e encontrava-se em boa forma física, com cabelo de um ruivo-claro e olhos cor de avelã, enrugados nos cantos de demasiados anos passados ao sol. De calças de ganga e com uma camisa de cambraia de um azul suave era, pensou apreciadora, muito agradável de se ver.

Scott atou a égua no local habitual sob os plátanos, ao alcance da fonte e do tanque de água. Puxou uma cenoura do bolso e deu-a à égua, que a mastigou

com ruído, resfolegando de prazer. *Louis* e *Mimi* precipitaram-se para o cumprimentar e ele procurou no outro bolso os ossos de roer de que sabia que gostavam.

– Bom dia, como está, Monsieur Jarré – saudou Scott, apertando a mão do *patron*. Scott só se encontrava na aldeia há dez anos e ainda não estava em posição de tratar Monsieur Jarré pelo nome próprio.

Inclinou-se para beijar Rafaella e disse:

– Mmm, cheira tão bem, como flores estivais.

– Mimosa. Uso-o há que anos. Além disso, diz isso sempre que nos vemos.

– Deu uma palmadinha na cadeira ao seu lado. – Vamos, *mon cher ami*, sente-se aqui e beba um pouco de vinho.

Jarré serviu a Scott um copo de *rosé*, observando-o com atenção quando ele aspirou o aroma frutado e depois provou. O vinho provinha da minúscula vinha de Jarré, na pequena encosta ao fundo da estrada no lado oeste da aldeia, e estava ansioso por ouvir a opinião profissional de Scott.

– Monsieur Jarré, o senhor faz o melhor *rosé* destas bandas – declarou Scott.

E Jarré distendeu as bochechas de orgulho num sorriso satisfeito.

Rafaella vestira-se para o almoço com uma saia de linho branco e um casaquinho justo com lapelas largas que datava dos anos 1970. Com ele usava sandálias azuis que mostravam as unhas pintadas de vermelho e um colar de vidro azul, que comprara em Veneza há mais anos do que estava interessada em recordar. O cabelo prateado fora penteado para trás e, apesar dos anos, tinha um ar muito belo.

– Está muito bonita hoje, patroa – cumprimentou Scott com um sorriso.

– Você também não está nada mal – replicou Rafaella, sorrindo.

A verdade era que não havia na realidade necessidade daqueles encontros semanais, confiava implicitamente em Scott, mas ambos prosseguiram com aquele ritual de simulação de a manter informada sobre o negócio. Scott pediu-lhe a opinião sobre a plantação de novas cepas, sobre se deveria experimentar *Chardonnay* na encosta oriental no próximo ano, sobre a razão de as uvas tardarem tanto a amadurecer (seria por causa de demasiada chuva primaveril?) e ela ofereceu-lhe a sua opinião de perita.

O caramanchão por cima do terraço do café filtrava o brilho intenso do sol para um clarão suave e agradável quando Jarré trouxe uma travessa de minúsculos espargos para eles provarem. A seguir Rafaella pediu a sua habitual omeleta de cogumelos e Scott o seu usual *steak-frites*. Depois Rafaella, para além dos assuntos profissionais, questionou Scott sobre a sua vida amorosa.

– Quer dizer a falta dela – retorquiu Scott com um sorriso.

– Ora, um homem como você – disse Rafaella pensativa, agarrando numa haste fina de espargo e mordiscando-a –, bem-parecido, inteligente, culto, um homem conhecido no mundo dos vinhos, ora, diria que um homem como você, Scott, é um bom partido.

– Oh, pois, só que não me apanham. Estou demasiado ocupado para qualquer mulher se querer comprometer.

– Mas não se sente tentado com a ideia de uma mulher bonita à sua espera à noite? Uma companheira? Uma amante? E então uma casa como deve ser com um bando de crianças a saltarem-lhe para os joelhos, a chamarem-lhe papá quando entra a porta à noite? Cães a cumprimentá-lo com latidos, música vinda da sala, vinho a ser servido, o aroma de algo bom a ser preparado na cozinha? Ora, com certeza que isso é apelativo? – Fitou-o meditativa. – A não ser que seja homossexual, claro, e mesmo que o seja, então há por aqui alguns homens muito charmosos. Com certeza que já conheceu alguns?

Scott pousou o copo. Inclinou-se por cima da mesa, próximo da cara dela.

– Rafaella, não sou homossexual – declarou com aspereza. – Nem estou à procura de uma mulher, muito menos de filhos. Sou um homem livre e é disso que gosto e é assim que tenciono ficar. De qualquer modo – acrescentou, espetando o garfo num pedaço de bife –, já tenho os cães e os cavalos. Chega-me.

Rafaella lançou uma olhadela à égua preta sob os plátanos da praça. A égua sorveu com ruído a água do tanque e abanou a cabeça com violência, espalhando gotas por cima dos cães da aldeia adormecidos, que ergueram cabeças queixosas antes de se afundarem de novo no chão. Rafaella sabia que Scott nunca guiava o *Jeep* quando podia montar um cavalo.

– Você e aquela égua são inseparáveis.

– É, estamos muito unidos – concordou Scott com bonomia. – Então, está tudo pronto para a grande reunião de família? A aldeia inteira está muito animada com a questão e com a notícia de que Jake Bronson vai regressar.

Ela suspirou.

– Calculo que não exista nada que esta aldeia não saiba sobre mim. E muitos conheciam o pai de Jake.

– O Amante. – Scott serviu-se de mais *pommes frites* e encheu o copo de Rafaella.

Rafaella roubou-lhe uma *frite* do prato.

– Suponho que nunca vou conseguir que esqueçam esse escândalo.

– E porque quereria que esquecessem? Parece ter sido a aventura amorosa perfeita.

– Ainda bem que ouço essas palavras de um perito como você. Porque não segue o meu exemplo e tem também uma? – Sorriu-lhe, fitando-o nos olhos.

– Não sou celibatário, sabe – retorquiu Scott com suavidade. – Sou apenas do género de não assentar. É como os grandes espaços abertos de onde venho, ainda sou esse género de indivíduo de grandes espaços.

– Como são todos os bons – retorquiu Rafaella, a rir-se. – Mas prometeu que vinha à reunião – continuou ansiosa. – Você é «família», Scott. Tem estado sempre disponível para mim, sempre pronto a ajudar, mantendo-nos vivos, a mim e à casa vinícola.

Um sorriso iluminou-lhe os olhos cor de avelã.

– Talvez devesse chamar-lhe *maman* em vez de Rafaella.

– Chame-me o que quiser, desde que não me chame tola.

– Isso nunca – proferiu Scott, de súbito sério. – E sabe que não faltaria à reunião.

Quando o almoço terminou, Haigh apareceu ao volante do pequeno *Peugeot*. Era raro guiar o *Bentley* de Rafaella que datava de 1962 e estava reservado para ocasiões muito especiais. Era ele que se ocupava pessoalmente do carro, polindo-o até obter um brilho lacado e a última vez que o tinham utilizado fora para uma recepção na casa vinícola há dois anos.

– Como está, Haigh? – perguntou Scott, erguendo-se e apertando a mão ao

mordomo, que tinha um aspecto muito diferente com uma camisa cor-de-rosa e calças de linho branco, o seu uniforme estival quando estava fora de serviço. – Vou andando, Rafaella. – E depositou-lhe um beijo na face macia, deixando-lhe um maço de notas de produção para analisar e um sorriso no rosto.

Rafaella viu-o afastar-se com aquele gingar descontraído de homem dos grandes espaços livres, admirando a forma fácil como rodou para cima da água, a pensar como tinha um aspecto atraente com o sol a refulgir-lhe no cabelo ruivo. Por vezes, desejava que fosse mesmo seu filho, em vez do par que lhe calhara.

Quando eles saíram, Laurent Jarré veio cá fora vê-los partir. Pensou com tristeza se Rafaella se sentiria tão só quanto ele.

E, à porta da sua pequena loja, Mademoiselle Doritée, com o cabelo frisado a brotar-lhe em espiral da cabeça, os olhos verdes ternos atrás de óculos de lentes muito grossas, ainda por casar aos quarenta e cinco anos, viu-os também partir. Saltou da sua *moto* e apoiou-a contra a parede, fitando Haigh com admiração. Que belo marido daria para alguma mulher com sorte, pensou com inocência.

JULIETTE NÃO TINHA QUALQUER PROBLEMA em fazer malas, levava tudo. Fatos de banho, páreos, roupa de praia iam para uma mala, vestidos de linho para outra, vestidos de noite de seda para outra. Um saia-casaco ou dois, só para o caso de precisar de ir a Paris por algumas noites, um par de vestidos de baile caso Rafaella fosse ao extremo e organizasse mesmo uma comemoração grandiosa. Chapéus, precisava sempre de um chapéu na Provença para manter o sol afastado do seu rosto e esconder as rugas, bem como para evitar que aquele vento aborrecido lhe revolvesse o cabelo. Depois havia a mala especial para sapatos e os pequenos sacos de veludo forrados a cetim para a *lingerie*, o *necessaire* para os cremes e loções que lhe voltavam a compor o rosto de manhã. E, claro, os três contentores especiais de viagem da *Vuitton* onde os lulus da Pomerânia voariam com todo o luxo, apesar de se queixarem, até Marselha no jacto *Gulfstream IV* de Jake Bronson, porque, graças a Deus, ele telefonara e oferecera-lhe uma boleia.

A seguir, Juliette foi às compras, adquirir presentes para levar, porque gostava muito mais de dar do que receber. Foi directa ao Barneys, onde escolheu um par de camisolas de caxemira para Rafaella, num tom de azul que condizia com os olhos dela. Já que lá estava, comprou também uma camisola para Jake, em vermelho desta vez, porque achou que, passados todos estes anos, era provável que Jake Bronson precisasse de se sentir mais confiante. Precisava de sair da sua rotina solitária e voltar à vida real e o vermelho era sem dúvida a cor ideal para isso.

A seguir, entrou na Tiffany, onde descobriu uma pulseira de prata com berloques em forma de coração para a pequena Shao Lan e um bonito par de brincos de prata, compridos e provocantes, para Franny. Jake contara-lhe que

ela era um pouco *hippy* e pensou que lhe ficariam bem. Mais uma caneta de prata para a amiga dela, Clare, que ninguém parecia conhecer.

A paragem seguinte foi na Dunhill, onde seleccionou um colete de seda, num padrão *paisley* vivo, para Haigh, que calculou continuasse magro como um fuso como sempre fora, e também uma bela gravata de seda às riscas para o enólogo australiano.

Grupo estranho para uma reunião «de família», pensou no táxi a caminho de casa, rodeada pelos seus sacos. Uma sobrinha americana distante, a amiga dela, uma neta asiática desconhecida, que podia ou não ser filha de Felix, o filho do «Amante», o jovem vinicultor de Rafaella e ela própria, a velha amiga. Mais Haigh, claro, que sabia que os podia pôr a todos nos seus lugares e mantê-los lá. Suspirou, esperando, por causa de Rafaella, que tudo corresse bem.

SHAO LAN ESTAVA SENTADA à cabeceira da cama de hospital onde Bao Chu Ching jazia coberta até ao pescoço com lençóis brancos frescos, parecendo mais pequena do que Shao Lan se recordava.

Os olhos da avó conservavam-se fechados, mas o rosto, estranhamente, já não apresentava as rugas duras de sofrimento. Shao Lan pensou, confundida, que ela parecia quase uma menina pequena.

Shao Lan tinha um aspecto bem arranjado com a sua saia cinzenta e camisa branca de manga curta. O casaco velho estava dobrado por cima da pequena mala de plástico no chão a seu lado. Na mala encontrava-se um par de mudas de roupa interior, uma camisa lavada e dois pares de meias brancas. O cabelo preto brilhante fora recém-cortado por uma vizinha bondosa e agora espetava-se de forma peculiar à volta das orelhas. Trazia na mão um ramo de flores vermelhas que comprara para a avó e, assustada, apertava-as com força.

Aproximaram-se passos e ela virou a cabeça relutante, sabendo o que estava para vir.

– Cá estás tu, Shao Lan – disse o homem da agência de viagens, sorrindo. – Pronta para partir?

Shao Lan apertou apenas as flores com mais força, até que uma enfermeira de uniforme branco lhas retirou dos dedos comprimidos.

– Vou pô-las numa jarra para a tua avó as ver quando acordar. E agora tens de te despedir. Está na hora de ires apanhar esse voo para Paris, rapariga com sorte.

Com sorte, pensou Shao Lan, e dobrou-se para dar um beijo de despedida à avó. Quem me dera que fosse a enfermeira que tivesse sorte. Não quero ir

para França. Não quero ir para ao pé desses desconhecidos que dizem ser a minha família. Não quero abandonar a minha avó.

Mas sussurrou obediente «Adeus, avó» e deixou que o homem da agência de viagens lhe desse a mão.

Seguiu a seu lado, em silêncio, durante o percurso até ao aeroporto, fitando, aterrorizada, os grandes aviões que se precipitavam lá em cima. Nunca vira um avião, excepto como um pontinho no céu. O homem estacionou o carro, pegou-lhe na mão e na mala e conduziu-a para a zona das partidas. No *check-in*, pendurou-lhe ao pescoço um cartão plastificado preso num cordão preto, que exibia, escritos em grandes letras pretas, o seu nome e destino.

– Pronto – proferiu com jovialidade, tentando animá-la –, agora toda a gente vai saber que te chamas Shao Lan e que vais a caminho de Paris.

Seguiram para a sala das partidas e o homem observou duvidoso o rosto paralisado de Shao Lan. A menina não dissera uma palavra, não olhara para ele durante todo aquele tempo.

– Espera aqui – disse, apressando-se a entrar numa loja de presentes.

Voltou alguns minutos mais tarde com um saco.

– Isto é para ti, Shao Lan, diverte-te nas tuas férias.

A seguir entregou-a a uma mulher de farda azul e, terminada a sua responsabilidade, com um suspiro de alívio virou-se e foi-se embora apressado.

A assistente uniformizada que estava agora encarregue de Shao Lan deixou-a sentada perto da porta de embarque e disse-lhe para não se mexer até ela regressar. Embora quisesse muito ir à casa de banho, Shao Lan susteve a respiração e a bexiga e olhou em volta. As pessoas passavam a correr e ninguém olhava para ela. Sentindo-se muito sozinha, abriu o saco que o homem da agência de viagens lhe dera. Um sorriso raro repuxou-lhe os cantos da boca quando sacou de lá de dentro um carneirinho branco e lanoso, muito macio. Era o tipo de brinquedo que se comprava para bebés, mas Shao Lan nunca fora «um bebé» e nunca tivera brinquedos.

Levou o carneirinho ao rosto, sentindo-lhe a macieza, aspirando-lhe o cheiro a novo, tocando na fita azul que tinha à volta do pescoço, sorrindo-lhe para os olhos azuis inexpressivos.

– Vou chamar-te *Bebé* e nunca te abandonarei.

Plantou um beijo no nariz cor-de-rosa do carneirinho lanoso e desejou que a mulher se despachasse a chegar porque agora estava mesmo aflita.

JAKE ENCONTRAVA-SE na sua cabana nas montanhas. Estava há algum tempo a tentar que *Dirty Harry* entrasse no atrelado dos cavalos, mas o cavalo não parecia para aí virado. Empinava-se e escoicinhava para *Criminal*, que actuava como cão pastor, esgueirando-se por trás do cavalo, aferrando a parte traseira dos cascos, tentando empurrá-lo para o atrelado.

Jack sentou-se na vedação, descontraído, um pedaço de relva entre os dentes, observando-os. Era um jogo antigo que os dois jogavam. *Dirty Harry* fazendo de garanhão emproado e *Criminal* de pastor de confiança. Divertiam-se com aquilo e, por fim, o cavalo deixava que o cão o dominasse e, com os cascos a fazer barulho, avançava docilmente para o atrelado. Então, sabendo que o jogo terminara, *Criminal* saltava para a cabina da velha *pickup* verde, a que Jake já prendera o atrelado dos cavalos. Esperava que Jake trancasse o atrelado e entrasse para o lugar do condutor, depois latia com ar importante como se dissesse «Está bem, já podemos ir» e lá partiam eles.

Claro que ambos os animais sabiam para onde iam, de volta aos estábulos perto da vila. E claro que não queriam ir e não queriam deixar Jake, mas tinham aprendido a aceitar os bons e os maus momentos.

Com a missão de *Criminal* cumprida, Jake deslizou da vedação abaixo, deu uma olhadela ao cavalo, trancou-lhe o atrelado e saltou para o assento do condutor. O cão pôs a cabeça de fora da janela, as orelhas a oscilarem na brisa, perscrutando os bosques à procura de animais selvagens enquanto desciam a estrada sinuosa a caminho da vila.

– Isto é que vai ser uma festa, *Criminal*.

Jake falou em voz alta, partilhando os seus pensamentos com o cão, como sempre fazia. Era um dos perigos de viver sozinho, falava-se com os animais,

mas a vantagem era que não nos respondiam mal.

– Sim, senhor – disse, lançando uma olhadela pelo canto do olho para o cão que lhe retribuía o olhar. – Grande reunião, hum? Rafaella vai estar outra vez em forma, bela e encantadora e conquistando os corações todos, incluindo o meu outra vez. Franny Marten será a rapariga desirmanada, a minha *hippy* perdida entre os esplendores da sua casa ancestral. – Suspirou. – O problema, rapaz, é que gosto mesmo dela. Estúpido, eu sei, após apenas uma noite e todos esses anos sozinho, mas, caramba, é nessa situação que me encontro. E voltará a falar comigo? Vai ser muito difícil explicar-me, mas sabes que não lhe podia dizer que andava a investigá-la antes de a deixar ir ao encontro de Rafaella.

Jake continuou:

– Depois há a amiga dela, Clare Marks... bem, neste momento é a carta mistério do baralho. E Juliette, bem, Juliette será Juliette, espalhafatosa, generosa e divertida. A seguir, claro, Haigh, que nos porá a todos nos nossos lugares com algumas palavras curtas e cortantes. Mais o enólogo australiano bem-parecido... será que Rafaella está com esperança de o juntar com a sobrinha, manter o negócio do vinho na família? Se assim for, terei de pôr cobro a isso! E depois há a pequena Shao Lan, a neta desconhecida que transformará Rafaella de novo numa mulher feliz. E, claro, pairando sobre todos nós – acrescentou pensativo – estará a sombra do meu querido pai, «o Amante».

Pressentindo que Jake terminara, o cão virou-se e voltou a pendurar a cabeça fora da janela, perscrutando os bosques à procura de lebres, embora se visse alguma, tudo o que poderia fazer seria ladrar. *Criminal* era um cão bem-comportado, o que era muito diferente de ser um cão bem treinado no aspecto em que *Criminal* fazia apenas o que gostava, que era quase sempre o que agradava a Jake. O acordo funcionava muito bem para ambos.

Jake ia a pensar se Rafaella lhe daria o seu antigo quarto, o do terceiro piso que fora do pai dela, muito afastado do que era usado pela sua glacial mãe, de que ninguém gostara. E bem afastado, também, do quarto que dava para o lago que Rafaella partilhara mais tarde com o seu pai, um quarto que se obscurecia na Primavera por causa de uma magnólia gigante que projectava

as suas flores vistosas e cerosas para a Lua e que, segundo Rafaella, cheiravam como o Jardim do Éden. Mas claro que isso era porque estava apaixonada na altura.

Jake achava que o seu antigo quarto era o mais bonito do solar inteiro. Tinha uma cama gigante com cabeceira e pés de madeira, coberta de veludo de um dourado escuro, candeeiros *Tiffany* com quebra-luzes cor de âmbar e peças desirmanadas de mobiliário *Biedermeier* e *Luís XVI*, todas descobertas pelo pai de Rafaella que era um *antiquaire* empenhado. As duas janelas davam para o terraço onde pendia a glicínia, pesada das suas flores roxas, que mudavam de cor com a luz do entardecer para um rosa vistoso. Jake conseguia recordar perfeitamente os sons e cheiros das noites em que tinha dezasseis anos e ficava acordado a pensar no sentido da vida.

As noites no solar eram quase palpáveis, carregadas com os aromas das flores de nicotina e dos outros arbustos. Atingida pelos aspersores, a relva largava o seu odor para o ar, os caniços restolhavam no lago, as fontes cheiravam a musgo, os grilos zumbiam e muitas vezes os rouxinóis cantavam.

A felicidade assaltou Jake como um safanão no estômago. Estava a começar a habituar-se a este novo sentimento.

– Raios, *Criminal*, vou voltar para casa – disse a sorrir. – E vou rever Franny.

Recordando aquele caroço duro que adivinhara no centro do seu pêssgo, acrescentou:

– É melhor cruzares as tuas patas por mim, rapaz. Vou precisar de toda a sorte que conseguir arranjar. – Relembrando os três lulus de Juliette que os iam acompanhar no avião, olhou para *Criminal*. – Porque não te levo comigo, rapaz? Podes fazer amizade com *Louis* e *Mimi*. Além disso – acrescentou, acariciando a grande cabeça do cão –, sei que Franny te vai adorar.

E o cão devolveu-lhe o olhar com aqueles olhos castanhos inteligentes e penetrantes e latiu.

– Sabia que ias dizer que sim – retorquiu Jake.

ALAIN SERIA O ÚNICO que não regressaria a casa para a reunião e Rafaella encontrava-se à porta do antigo quarto do filho. *Mimi* e *Louis* sentavam-se a seu lado, à espera. Lá em baixo, o relógio antigo de caixa alta do vestíbulo afiava as suas engrenagens numa chiadeira antes de bater seis vezes. A luz do final da tarde lançava os seus feixes através das janelas altas viradas a sudoeste, mostrando as fendas nas portas duplas pretas, que tinham sido pintadas com uma caveira sobre ossos cruzados pelo próprio Alain num acto de rebeldia aos quinze anos.

O facto de as portas datarem do século XVIII não o dissuadira. Dissera que estava fartíssimo de coisas «velhas». Alain sempre quisera o imediato, carros velozes, mulheres superficiais e a vida citadina. Não queria ficar preso no campo, no solar. Precisava de estar em Paris ou na praia na Côte d’Azur, a farejar raparigas vestidas com biquínis que pudessem pensar que ele tinha pelo menos dezoito anos e que era rico, inteligente e bem-parecido.

Rafaella sempre pensara em Alain como o seu «pássaro ferido». Era mais sossegado do que Felix, sempre absorvido, sempre a maquinar vinganças contra o irmão, exigindo a atenção de Rafaella e chorando sem mais nem menos.

Alain chorara quando lhe trouxera os passarinhos bebés que afirmara ter encontrado caídos do ninho. Quando descobrira o *pug* favorito de Rafaella afogado no lago, trouxera sozinho o pobre corpinho do cão. Vinha ensopado e a tremer por ter mergulhado para tentar salvá-lo, dissera, porque sabia como a mãe adorava o seu animal de estimação.

Felix estava sempre trancado no seu quarto, mas Alain andava sempre pela casa. Por vezes, enterrava-se num canto do grande sofá de brocado dourado

no quarto de Rafaella, escondido por baixo das almofadas. A espiá-la, dissera Haigh.

– Mas eu não queria esconder-me, *maman* – explicara Alain quando ela o interrogara. – Só queria estar perto de ti.

Mais tarde, escrevera-lhe um poema, pedindo desculpa por ter sido mau. Ora Felix nunca lhe escreveria um poema, mas também Felix nunca se teria escondido no quarto dela. Contudo, Alain cativara-a como Felix nunca conseguira e, muito depois, quando ambos a tinham abandonado e se tinham separado um ao outro, fora a perda de Alain que lhe doera mais.

O problema era, pensou Rafaella, passando um dedo por cima da caveira e dos ossos cruzados, que Alain se safava com tudo porque possuía o tipo de encanto que lhe conseguia arranjar problemas em qualquer parte do mundo e também livrar-se deles incólume.

Alain era o filho belo, alto e demasiado magricelas nos seus primeiros tempos, mas de uma magreza flexível e musculada quando cresceu, com cabelo louro raiado de sol a cair-lhe desganhado por cima dos olhos azuis e pele queimada que se retesava nas maçãs do rosto altas. Com a boca carnuda e o olhar sensual fora motivo de falatório entre as amigas de Rafaella. Cuidado, disseram, vai causar problemas e mantiveram as filhas afastadas, porque sabiam que Alain era o tipo de «mau rapaz» pelo qual uma rapariga se apaixonaria perdidamente. E sabiam também que com Alain não existia nenhum limite. «Que Deus ajude Rafaella», disseram umas para as outras, vai dar cabo dela, um dia destes.

Rafaella hesitava ainda, a mão na maçaneta de latão. Sabia que, ao contrário do quarto de Felix, o de Alain não estava tal e qual como ele o deixara. Depois de o filho se ter ido embora, Haigh pusera ordem no caos. Limpou-o, colocara tudo no seu lugar, o que não acontecia de certeza quando Alain estava em casa. Não encontraria ali qualquer vestígio da personalidade do seu filho mais novo, excepto talvez um resto de energia no ar.

Alain vivera numa aura de luz e movimento. Hedonista, atraía as pessoas para si e depois esmagava-as, voltando costas quando terminava com elas. Que era o que as pessoas diziam que devia ter acontecido com a jovem de Marselha, só que parecia ainda mais provável que Felix fosse o culpado,

porque Alain tinha testemunhas que diziam que se encontrava em Antibes. Mesmo assim, Rafaella acreditava que fora um acidente, porque, fosse o que fosse que Felix pudesse ter sido, não era um assassino.

Contudo, Jake ainda não conseguira encontrar Alain. Era tão certo que desaparecera da sua vida como Felix. Resolutamente, Rafaella afastou-se da porta de Alain. Nunca mais veria o seu filho mais novo, mas ainda se perguntava se seria mesmo o pai da sua nova neta.

MAIS TARDE, DEITADA BEM DESPERTA na grande cama de dossel com as cortinas abertas para deixar entrar o ar fresco, os ruídos suaves e o restolhar de uma noite no campo, Rafaella pensava ainda no seu filho mais novo, tentando determinar com exactidão quando é que a sua vida mudara.

Jake fora-se embora, perdera o seu amante, depois Felix e a seguir também a sua melhor amiga, quando Juliette e Rufus se tinham mudado de repente para a Austrália, onde Rufus fora colocado como assessor do governador-geral. Rafaella sentia muito a falta de Juliette. Sentia a falta dos latidos dos pequenos lulus da Pomerânia, sentia a falta da gargalhada alegre da amiga, sentia a falta dos seus sussurros sonoros e confidenciais e dos segredos trocados entre mulheres, mas a Austrália ficava muito distante da Provença e a vida tinha de continuar.

O solar deixou de estar povoado de rostos felizes e os risos já não soavam nos corredores. Rafaella passava os dias sozinha com os cães. Na esperança que Felix pudesse voltar para casa, até lhe comprou a pequena vinha em Saint-Emilion.

Seria a sua prenda para ele, uma coisa só dele, sem nada a ver com o irmão. Então, para sua surpresa, Alain regressara de súbito para viver no solar, quer dizer, por entre pequenas viagens a Paris e, pela primeira vez, mostrara interesse pela casa vinícola. Falava também de Felix, de forma constante, apoucando-o com subtileza na sua frente. Insinuava que Felix fora sempre muito taciturno, pouco gratificante como pessoa, muito reservado e perigoso.

– Perigoso? – repetira Rafaella, alarmada.

E Alain virara-se e olhara para ela, o cabelo louro a tombar com ar arrapazado por cima daqueles olhos azuis dos Marten.

– Bem, revelou-se um assassino, não foi?

E Rafaella pensou que era estranho que se risse ao dizer aquilo, como se fosse tudo uma grande piada maravilhosa. Recordava-se de o ter agarrado pela camisa, os olhos a arder de fúria.

– Não te atrevas a dizer isso – gritara. – Felix não matou aquela rapariga. Disse-mo e Felix não mente.

Alain ergueu apenas uma sobrancelha escura elegante.

– Ele disse-lhe isso, *maman*? Creio que não. Pelo que me contou, ele disse-lhe para «acreditar no que quisesse».

E rira-se de novo, porque era verdade e a apanhara e sabia-o. A seguir, parecendo de súbito arrependido, abraçou-a.

– Não há nada que possa fazer em relação a Felix, *maman*. Tem de encarar os factos.

Afinal, não foram apenas os factos em relação a Felix que teve de encarar, foram os factos em relação a Alain. Alguns meses depois, quando Alphonse Giradon, o gestor da casa vinícola, juntamente com o contabilista e o enólogo chefe, pediram uma reunião no solar, Rafaella ficou surpreendida. Alain assumira as responsabilidades há dois anos e ela deixara-lhe a direcção da casa vinícola.

Conhecia Alphonse há quarenta anos, mas ele encontrava-se agora de pé, muito hirto em frente da mesa comprida da sala de jantar, recusando sentar-se. Haigh apareceu com bebidas, biscoitos açucarados e café forte.

– *Madame* – dissera Alphonse hesitante –, temos notícias tristes para lhe relatar. Não é fácil contar-lhe esta história, *madame*, em especial depois de...

Não dissera o nome, mas Rafaella sabia que queria dizer «depois de Felix» e também «depois do Amante», porque não havia nada que os habitantes da aldeia e os seus trabalhadores não soubessem sobre a sua vida. Fazia parte do preço que tinha de pagar por ser a sua *patronne* e um preço que, até ao momento, não lamentara.

– Sim? Por favor continue, Alphonse.

Os outros dois homens permaneceram silenciosos a seu lado, emprestando apoio moral, enquanto o seu velho amigo Alphonse lhe contava que Alain tinha andado sistematicamente a desviar dinheiro das contas da casa vinícola.

Alain afirmava ter mandado vir milhares de novas cepas caras, mas em vez disso embolsara o dinheiro. Descobrira uma dúzia de maneiras diferentes de encher os bolsos. E deixara a casa vinícola Marten arrasada.

– Estou desolado por ser o portador desta má notícia – dissera por fim Alphonse, deixando pender a cabeça grisalha hirsuta. – O seu filho foi muito esperto. Nunca percebemos até à auditoria que ele roubava a empresa. Todos os tostões que fizemos durante os últimos anos foram para os seus bolsos. Tudo o que a sua família e a aldeia se esforçaram por construir durante séculos está em perigo. Madame Rafaella, enfrentamos o fim da casa vinícola Marten. – Erguera a cabeça para olhar para ela e Rafaella viu-lhe as lágrimas nos olhos. – O que posso dizer, *madame*, para a tranquilizar, para tranquilizar todos os seus trabalhadores que se vêem agora face ao desemprego. Está tudo numa confusão, *madame*, e só desejava ter sabido e ter vindo ter consigo antes.

Foi um golpe forte para o seu coração, mas Rafaella sabia que tinha de assumir as rédeas, era o seu dever, a sua responsabilidade para com o nome da família e para com os seus trabalhadores. Inspirou fundo, recobrou as suas forças.

– Meus amigos, por favor sentem-se – retorquiu com suavidade. – Compreendo como isto foi difícil para vocês e aprecio a vossa dignidade por terem vindo ter comigo. – Virou-se para Haigh, de braços cruzados à porta, os olhos pretos de cólera. – Traga-nos uma garrafa de champanhe, Haigh – disse, conseguindo exibir um sorriso. – Estamos prestes a beber ao renascimento da casa vinícola Marten. Ninguém aqui vai ficar desempregado e ninguém passará necessidades por causa do meu filho. Isso garanto eu. E assegurar-me-ei que a casa vinícola se recompõe, mesmo que isso signifique ter de vender todos os meus bens e trabalhar vinte horas por dia.

E foi isso que fez. Custou-lhe outro filho, bem como a maior parte do seu dinheiro, mas honrou o compromisso da família Marten para com os seus empregados e o negócio.

Claro que Alain negara. Gritara e berrara com ela, os olhos cheios de fúria. Acusara Felix, acusara Alphonse, acusara os contabilistas, até a acusara a ela por não cuidar da casa vinícola como sempre fizera.

– És um mentiroso e um ladrão, Alain – dissera ela por fim. – E não mostras nenhuns remorsos pelo que fizeste. Humilhaste-me e à família Marten e a tudo o que representávamos e agora podes ir-te embora. – O desgosto era enorme, mas sabia que tinha de dizer aquilo.

– Vingar-me-ei por isto – retorquira ele, atirando-lhe um olhar venenoso. – Vingar-me-ei de si, *maman*, um dia destes, e talvez da maneira que menos espera.

Rafaella não chorara quando Alain partira. Era como se todas as suas lágrimas tivessem secado. Ficou sozinha no solar apenas com Haigh para a ajudar e ouvir quando se encontrava exausta e não sabia como conseguiria continuar. Mas, gradualmente, reconstruíra a casa vinícola até que o nome Marten voltara outra vez a significar alguma coisa.

O solar tornou-se ainda mais silencioso e vazio. Haigh cobriu com lençóis a mobília nos quartos que não eram usados e fechou as portas. Devido à sua artrite, Rafaella mudou-se do quarto que encerrava tantas recordações para a biblioteca no andar de baixo, onde lia e escrevia no seu diário sobre os dias gloriosos do passado.

Trabalhara durante muitos anos até que Scott Harris apareceu para assumir a liderança e, por fim, libertou-se do stresse do dia-a-dia. E percebeu que era uma mulher solitária.

A solidão transformou-se num hábito até àquele dia em que, de pé no vestíbulo com o pó a flutuar nos raios dourados do sol, com o silêncio a rodeá-la, compreendeu que, por causa dela, o solar estava a morrer. E fora nessa altura que planeara os seus convites.

Infundiria de novo vida ao Château des Roses Sauvages.

NA PRAÇA DA ALDEIA DE MARTEN-DE-PROVENCE, os homens encontravam-se no cimo de escadotes a pendurar tiras de bandeiras tricolores entre os plátanos e Laurent Jarré supervisionava a montagem de uma faixa pintada à mão que dizia BIENVENUE A LA FAMILLE MARTEN. Bem-vinda, família Marten.

Os jovens da aldeia reunidos junto à fonte, aos risinhos e a empurrarem-se uns aos outros, discutiam quem devia accionar a bomba de hélio que enchia os balões, rindo às gargalhadas ao engolirem goles de gás, fazendo as suas vozes elevarem-se para um som estridente. O padre Jérôme, com as suas vestes pretas empoeiradas, pôs cobro com firmeza à patetice, continuando a caminho da igreja para verificar se estava tudo em ordem para a missa solene que se realizaria nessa semana.

No estabelecimento local, que funcionava ao mesmo tempo como correios, Mademoiselle Doritée, com o cabelo grisalho em espirais desordenadas e com os óculos de lentes grossas a reluzirem ao sol, pendurava o seu bordado a ponto cruz de uma cena de aldeia, gravado com o *slogan* BIENVENUE AUX MARTENS na porta envidraçada, enquanto, do outro lado da praça, Philippe Allier pendurava bandeiras laranja, verdes e amarelas que condiziam com as cores da sua fruta e legumes. Os velhotes nos seus bancos à sombra inclinavam-se sobre as suas bengalas, observando tudo com olhos remelosos, perguntando-se vagamente quem estaria para chegar que causava tanta agitação, e os cães, galvanizados da sua indolência habitual por toda aquela excitação, corriam e perseguiam-se uns aos outros antes de se atirarem para a fonte para arrefecerem.

O sol escaldava e gotas de suor escorriam pela testa larga de Jarré quando se apressou a entrar no seu café. Após todo aquele trabalho, os homens

apareceriam aos magotes a pedir cervejas *Stella* geladas e os jovens iriam à loja de Mademoiselle Doritée remexer nas arcas frigoríficas à procura de gelados, tirando refrigerantes frios da máquina dispensadora e, no geral, criando grande algazarra. A pobre Mademoiselle Doritée não conseguia lidar com eles. Desorientada, empurraria para tr s o cabelo grisalho frisado, ajustaria os óculos e exigiria saber quem tirara o quê, quem pagara e quem não pagara, mas os miúdos rir-se-iam e arreli -la-iam até ela ficar roxa de frustração. Então Allier teria de sair da sua loja e apressar-se a atravessar a praça para resolver a situação.

 s quatro horas o D p t de Pain abriria as suas portas e o aroma de pães e *baguettes* acabados de fazer para serem comidos ao jantar flutuaria pela praça e as donas de casa despachar-se-iam a ir busc -las. A carrinha do peixe já tinha aparecido com ruído na praça, abrindo-se de lado para revelar a sua exposição gelada de peixes-galo prateados brilhantes e rascassos de um vermelho coral, montículos de mexil  es de barbas verdes, enguias miniatura e pequenos camarões cor-de-rosa, que tinham um cheiro tão doce e salgado como o próprio mar. Jarr  escolhera o seu peixe para o importante «prato do dia» e fizera a sua encomenda especial para o almoço ainda mais importante que seria servido na semana seguinte   nova família de Madame Rafaella.

Tinha já minúsculos queijos de leite de cabra de Banon a marinar com ervas no belo azeite verde-escuro, feito com as azeitonas das suas próprias oliveiras. Cultivava as ervas na sua pequena horta traseira, ao lado das suas várias qualidades de  lface: escarola,  lface-de-cordeiro, eruca, romana miniatura. Jarr  era exigente com os produtos que usava. Gostava dos legumes pequenos e frescos e as suas cenouras e abóboras eram miniaturas de perfeição, tal como os tomates verdes e amarelos e até estriados, bem como os habituais vermelhos, muito rijos. Estes eram cortados  s fatias finas e servidos numa grande travessa branca, regados com um fiozinho do seu melhor azeite e um toque de limão, mais um pouco de pimenta preta acabada de moer. Salpicava-os de manjeri  o fresco, cortado com os dedos, claro, e não com uma faca ou uma tesoura porque isso feria as folhas delicadas e enegrecia-as. A sua *petite symphonie*, chamava-lhe com orgulho sempre que os servia, o que sucedia nos meses de Verão, ou talvez ainda em Outubro se o

sol continuasse o seu bom trabalho.

Mas os tomates eram apenas a entrada do almoço especial que planeava para a família Marten. Tencionava que Madame Rafaella se orgulhasse, queria que os convidados chiques da cidade não se sentissem insultados pelos seus cozinhados simples de aldeia. Jarré aprendera a cozinhar com a avó, mas na sua juventude trabalhara também num restaurante famoso de Marselha onde aprendera, entre outras coisas, a apresentar bem um prato, que agradasse aos olhos e ao paladar. Agora, com a reunião de família, teria oportunidade de mostrar o seu valor como *chef* pela primeira vez desde há muitos anos.

Lá em cima, na casa vinícola Domaine Marten, Scott Harris inspeccionava a nova rotulagem que criara para a *Cuvée Famille Marten* especial que seria a sua surpresa para Rafaella.

A casa vinícola tinha o aspecto de um mosteiro antigo e esta era a imagem do rótulo original do *Domaine Marten*. Fora desenhada a tinta preta por um Marten dos primeiros tempos e quase não mudara desde o início, excepto para ocasiões especiais, como jubileus e comemorações que assinalavam o final dos conflitos nas duas guerras mundiais e, claro, para a *cuvée* do casamento quando Rafaella se casara. Mas este novo rótulo era especial.

Scott alterara o antigo desenho a tinta preta para um vermelho flamante, a cor preferida de Rafaella, e a inscrição, agora entrelaçada com folhas de vinha com a forma de uma grinalda, proclamava que era a Cuvée Réunion de la Famille Marten. Scott não só desenhara o rótulo, como também misturara pessoalmente o vinho, usando as uvas das encostas mais pedregosas para lhe dar uma nota de *garrigue*, uma sugestão de dureza revestida do mais suave acetinado e frutado. Scott considerava que a sua descrição do vinho combinava com Rafaella, notas de dureza com um exterior macio e acetinado e um coração suave.

Satisfeito com o seu trabalho, enviou os rótulos para a fábrica de garrafas perto da vila com indicação de que o trabalho deveria ser executado de imediato. Entretanto, lá em cima no solar, uma equipa de mulheres da aldeia de grandes aventais floridos puxava os lençóis que cobriam as mobílias e brandia esfregonas e espanadores de penas numa grande limpeza de

Primavera. Haigh dissera-lhes que todas as janelas e persianas tinham de ser lavadas, todas as maçanetas de latão polidas até cintilar, todas as molduras douradas limpas com um pano de camurça. Equilibrando-se em escadotes, as mulheres tagarelavam ao mesmo tempo que trabalhavam para que os quartos reabertos atingissem o nível dos altos padrões de Haigh.

– A família não vem até cá para encontrar uma casa velha e deteriorada, *madame* – dissera Haigh.

Rafaella sorria e retorquira:

– E então o que planeia fazer em relação à sua proprietária velha e deteriorada?

– Quanto a isso não há muito a fazer – replicara Haigh –, mas que tal se fôssemos até ao sótão e vasculhássemos o seu guarda-roupa, escolhêssemos qualquer coisa para o primeiro encontro? No final de contas, tem de causar uma boa impressão. Há o jantar de gala a que assistirá toda a aldeia e, claro, o almoço de Jarré no Colombes. E depois o *grand finale*.

– O *grand finale* – repetiu Rafaella surpreendida.

Só imaginara a chegada de todos, não pensara no facto de que, ao cabo das três semanas, regressariam às suas vidas próprias.

Nos armários do sótão, Rafaella fitou as filas de roupas penduradas em cabides de cetim, todas muito bem acondicionadas em sacos transparentes.

– Olhe só para isto, Haigh. – Puxou um fofo casaco de raposa cinzenta do armário e ergueu-o até ao rosto. – Tinha isto vestido no dia em que Juliette conheceu Rufus no La Coupole, no mesmo dia em que comprei o *Dior* vermelho. Oh, Haigh, tenho de usar o *Dior*. É o meu favorito de sempre. Acha que ainda me serve?

Pegou nele e pô-lo à sua frente, franzindo o sobrolho para o espelho. Depois, no fundo do guarda-fatos, avistou uma cascata de cetim creme.

– Oh, cá está o meu vestido de casamento. Recorda-se, Haigh, a *maman* queria que eu o tingisse de preto para o poder usar como vestido de noite, mas o cetim era demasiado pesado... derreava-me. E o meu marido também – acrescentou com um sorriso sarcástico, recordando o rosto do marido quando descia a nave na sua direcção, com um ramo muito grande de lírios para esconder o bojo da gravidez e a cauda pesada de cetim a bater *plop, plop*,

plop, atrás dela pelas escadas abaixo. Orgulhoso, sério, o marido, Henri, era um homem que ia receber o que se propusera obter: uma garantia financeira para a vida inteira.

O facto de a sua noiva ser jovem e encantadora e sentir amor por ele, ou pelo menos paixão, não significava nada para ele. Rafaella interpretara-lhe a expressão do rosto e percebera que cometera um erro terrível. Na igreja, segurando os lírios por cima da barriga, rezara para que o bebé não fosse como ele, mas claro que Felix se revelara tal e qual o pai. Fora por isso que amara mais Alain, supunha, porque ele possuía a sua alegria, o seu gosto pela vida.

Esquadrinhou os fatos de homem que estavam pendurados noutra guarda-fatos em cabides fortes de madeira e retirou um casaco, um *smoking* de veludo azul-escuro com lapelas de cetim, estreitas, ao estilo «eduardiano».

– Olhe, Haigh. Isto era de *grandpère*. Tenho a certeza que lhe serve. Oh, Haigh, vai ficar maravilhoso com ele. Experimente-o por favor.

– *Madame*, não preciso do *smoking* de *grandpère* – opôs-se Haigh. – Não vou ter oportunidade de o usar.

– Agora vai ter. Vamos lá, Haigh, pode usá-lo na gala comemorativa. – E pôs-lhe o casaco à frente, com ar aprovador. – Muito *comme il faut*.

APÓS ALGUMAS horas a seleccionar roupas com Rafaella, Haigh regressou à sua cozinha para inspeccionar o casaco novo. Gostava bastante do corte em bico das lapelas. Ia dar-lhe uma boa escovadela, pendurá-lo lá fora para o livrar do cheiro a naftalina. Achava que ia estar muito elegante na festa de gala.

Entretanto, tinha de fiscalizar as mulheres que limpavam a casa e vigiar os jovens ajudantes de cozinha. A despensa estava bem abastecida, os fornecedores contratados, as ementas preparadas, as festas organizadas. Haigh e Rafaella tinham escolhido os vinhos, a mesa da casa de jantar tinha já as abas abertas, pronta para ser posta com a melhor loiça e os melhores talheres. Mais tarde, os jardineiros escolheriam nos jardins as flores mais perfeitas, que Rafaella arranjaria em jarras altas e o solar encher-se-ia outra vez com o seu perfume doce e fresco.

Haigh examinou a sua cozinha uma vez mais. O chão preto e branco reluzia, tal como o grande fogão de aço e os pratos e cristais nos armários com frentes de vidro, à moda antiga. Ainda nervoso, correu lá acima para verificar de novo os quartos dos hóspedes, apesar de já o ter feito antes nesse mesmo dia.

E Rafaella, satisfeita por fim, sentou-se sob a pérgula de glicínias com *Mimi* nos joelhos e *Louis* a arfar esparramado a seu lado. O seu amado solar respirava de novo e amanhã a vida fluiria mais uma vez nas suas veias.

PARTE III

A Reunião de Família



*Apaixonar-se é a maior
experiência imaginativa de que a maioria
dos seres humanos é capaz.*

A. N. WILSON

FRANNY E CLARE EMERGIRAM do casulo neutro do avião para os vastos mistérios do aeroporto Charles de Gaulle, onde se juntaram à fila para mostrar os passaportes e depois esperaram imenso tempo pelas suas bagagens. Claro que as cinco malas de Clare foram as últimas a sair, mesmo quando já estavam a pensar que se teriam perdido. Arrastaram-se penosamente até à fila para os táxis, respirando o verdadeiro ar francês, mais exactamente, vapores de gasolina e fumo de cigarro, a seguir precipitaram-se para a Périphérique, a auto-estrada que rodeia Paris, saindo rapidamente num bairro encantador com cafés com esplanadas e dúzias de pequenos restaurantes, butikues, perfumarias e pastelarias. Era, informou-as o taxista, Montparnasse.

– Montparnasse – repetiu Franny, entusiasmada. – Clare, estamos na verdadeira Paris, a cidade onde Picasso viveu, onde as raparigas dançavam nuas nas Folies Bergères, e artistas e escritores bebiam absinto no Le Sélect e demasiado vinho no Closerie des Lilas.

Extasiadas, olhavam as duas pelas janelas, absorvendo a atmosfera parisiense juntamente, uma vez mais, com os vapores da gasolina e o fumo de cigarro.

A Gare Montparnasse fervilhava de pessoas que pareciam saber todas para onde iam, que era mais do que Franny e Clare podiam afiançar. Desorientada, Clare empurrava um carrinho carregado com a sua bagagem, enquanto Franny agarrava, com firmeza, na sua única mala. Tinham-lhe dito para ter cuidado com os carteiristas e ladrões de malas, bem como com os vigaristas franceses que usavam o seu charme gaulês para se conseguirem apoderar dos seus cheques de viagem.

Apressaram-se em direcção à plataforma de onde partiria o TGV super-rápido para Avignon. Mesmo quando o comboio deslizava silencioso e tranquilo ao longo da plataforma, uma mulher alta e chique toda vestida de preto veio a correr em direcção a elas, arrastando uma pequena menina chinesa relutante pela mão.

– Qual das senhoras é Franny Marten? – inquiriu num inglês com enorme sotaque. – *Oui? C’est vous?* – Olhou com insistência para Franny. – *Eh bien*, sou a agente de viagens dos Marten aqui em Paris. Deveria levar esta criança a Avignon, mas estou doente com gripe. Não posso mesmo ir. – Fez uma pausa para tossir, abanando-se com a mão livre. – Está encarregue desta criança agora. Pertence-lhe. – Empurrou a menina para Franny, depois rodou nos calcanhares e afastou-se com rapidez.

Aconteceu tudo tão depressa que nem Franny nem Clare tiveram tempo sequer de lhe fazer perguntas. Atordoadas, seguiram-na com o olhar enquanto ela avançava célere através da multidão que diminuía. Viram-na apressar-se para o café da estação, acomodar-se confortavelmente numa mesa da esplanada, pedir um café e acender um cigarro. Ali ficou sentada a ler um jornal, terminadas as suas obrigações e a sua gripe.

– *Sacana!* – exclamou Claire, espantada. – Oh!, desculpa. – Inclinou-se para dar uma palmadinha na cabeça da menina. – Não era isso que eu queria dizer.

Shao Lan fitava os sapatos novos, de um preto brilhante e muito rígidos. Magoavam-lhe os pés. A viagem de avião parecera interminável, ninguém falara com ela, ninguém parecera sequer reparar nela. Sentara-se muito direita durante todo o voo, não ousando comer nem beber, a perguntar-se como é que tudo terminaria e se veria outra vez Bao Chu. Estava assustada com o barulho, assustada por estar sozinha num sítio estranho, assustada com o que lhe poderia acontecer, era uma pobre criança em que ninguém sequer reparava.

A mulher que estava à espera dela agarrara-a pela mão com tanta firmeza que lhe doera.

– Vem comigo – dissera com brusquidão, levando-a com rapidez por entre polícias e funcionários.

Tinham olhado durante muito tempo para os documentos que ela trazia no

envelope de plástico pendurado ao pescoço e ela escondera o rosto, apertando mais o cordeirinho lanoso. Agora a mulher deixara-a com outras desconhecidas. Não sabia onde estava ou quem eram ou o que iria suceder, mas estava decidida a não chorar. Não queria perder a face.

Franny olhou para a menina que fitava os sapatos. Envergava um casaco acanhado, que parecia ter deixado de lhe servir há cerca de um ano, e o cabelo preto brilhante havia sido cortado numa franja denteada. Tinha o ar exacto de um dos seus animais feridos e desorientados na clínica. De súbito, a menina atirou-lhe um olhar rápido e Franny viu que os olhos eram de um azul-vivo. O nome estava escrito em letras carregadas no pacote de plástico que lhe pendia do pescoço. SHAO LAN CHING, dizia e, entre parênteses, (MARTEN).

– Pobre querida, parece uma pequena refugiada – disse Franny.

– Não é nenhuma refugiada. Não percebes que é outra Marten que vai também à reunião de família?

– Oh, meu Deus, então claro que deve ser minha *prima*! – Franny agachou-se e pegou no queixo da criança, erguendo-lhe o rosto para a poder ver bem.

– Olá, Shao Lan. – Falou com meiguice. – Sou a tua prima Franny e esta é a tua nova amiga, Clare. Vamos tomar conta de ti. Não te preocupes com nada. Está bem?

Mas Shao Lan continuou a fitar os sapatos em silêncio.

– Achas que fala inglês? – perguntou Franny e Clare respondeu que apostava que não entendia uma única palavra.

Levando Shao Lan pela mão, Franny agarrou na pequena mala de plástico, chocada pela sua pequenez, mal parecendo ter espaço suficiente para as roupas de uma boneca. Entraram no comboio e afundaram-se nos seus assentos confortáveis, contentes por irem por fim a caminho. Shao Lan ignorou-as. Fechou os olhos quando o comboio acelerou pelos campos. Só queria voltar para casa, para a avó, no quarto da rua Hu Tong. Pensou em fugir.

FRANNY IA A PENSAR em como seria o Château des Roses Sauvages, se a sua tia Rafaella gostaria dela e como seria viver numa aldeia francesa. «É apenas

um sonho», recordou-se. «Dentro de algumas semanas termina tudo e voltas a ser a agradável Dra. Marten, a simpática veterinária de Venice Beach na Califórnia, a pagar a tempo e horas a tua hipoteca e a adorar os animais das outras pessoas porque não tens tempo para teres um teu. E evitando os homens para não cometeres outro erro.»

QUANDO O COMBOIO ENTROU por fim na estação de Avignon, os céus estavam cinzentos, ameaçando chuva, e um vento frio e tempestuoso açoitava-lhes as pernas. Franny abotoou o sobretudo acanhado de Shao Lan, depois vestiu a sua camisola, arqueando os ombros contra o vento. Observou Clare, que andava de um lado para o outro como uma pantera irritada, o cabelo preto a fugir-lhe com a aragem, à procura do carro que deveria estar à espera delas para as levar ao solar.

– Não vale a pena – disse Franny, que já tremia. – Devem ter-se esquecido de nós ou trocado a data ou algo do género. Vamos ter de alugar um carro para irmos até lá.

No balcão de aluguer de carros, uma mulher severa de camisa branca engomada e um lenço de seda com o logótipo da empresa informou-as com brusquidão que já não havia automóveis disponíveis.

– Mas tem de haver algum carro – retorquiu Franny nervosa, porque por esta altura estava gelada e preocupada. – Verifique, por favor, outra vez no seu computador. – A mulher verificou.

– Bem – replicou com relutância –, talvez haja alguma coisa. Acabaram de devolver um carro, mas não foi ainda examinado nem limpo.

– Ficamos com ele – declarou Clare –, diga-me só onde é que assino. – E piscou o olho para Franny ao estender o cartão de crédito de Marcus.

Meia hora depois encontravam-se num *Fiat* vermelho demasiado pequeno que cheirava a cigarros franceses e a perfume pesado. Era tão pequeno que tiveram de empilhar a maior parte das malas de Clare ao lado de Shao Lan, espremida no banco traseiro. Franny guiava e Clare interpretava o mapa. Levaram uma hora a descobrir como sair do labirinto de ruas de um só

sentido. Todas as placas pareciam dizer *TOUTES DIRECTIONS* e qualquer que fosse a estrada que tomassem parecia que se embrenhavam cada vez mais nos subúrbios. Por algum acidente, ou milagre, dependendo da forma como considerassem a coisa, disse Franny, já não acreditando nas capacidades de interpretação de mapas de Clare, acharam-se na estrada certa, mas por esta altura a chuva caía com força e o limpa-pára-brisas lutava para se manter a funcionar.

– Merda – exclamou Clare e tapou a boca com a mão, chocada, lançando uma olhadela lá para trás para a criança. – Achas que ela ouviu? – sussurrou.

– Nunca saberemos. Aquela miúda não vai falar – retorquiu Franny, espreitando desalentada através do negrume. Não fazia ideia como é que era possível ter ficado ainda mais escuro, mas ficara. Travou num sinal de *stop* e sentiu o carro dar um sacão para a esquerda. – Oh, oh – murmurou ao mesmo tempo que um relâmpago iluminou a paisagem encharcada e o trovão ribombou.

Então Shao Lan gritou e elas voltaram-se, surpreendidas, para olhar para ela.

– Ao menos agora sabemos que tem cordas vocais – disse Clare, virando-se de novo e fazendo incidir uma lanterna sobre o mapa, rezando para que estivessem na estrada certa porque não passavam por uma bomba de gasolina há uma eternidade e nem sequer existia nenhuma casa junto àquela estrada desolada.

O carro dançou de novo para a esquerda e Franny endireitou-o outra vez. Depois, de repente, o motor deixou de trabalhar e o automóvel entrou em *aquaplaning*, oscilando à beira de uma valeta, antes de parar por fim, com um ruído de suspiro aliviado na direcção certa, mas do lado errado da estrada.

Fez-se um longo silêncio. Franny agarrava o volante com força mortal. Fitava aterrorizada o pára-brisas.

– Credo – exclamou Clare, abalada. – Não estava a contar com isto. Tens a certeza que estamos na Provença?

Franny pensou em tudo o que imaginara, o céu azul e o sol, o aroma daquela famosa região campestre, o maravilhoso solar antigo, a comida e o vinho. Fulminou com os olhos a triste realidade lá fora. Estava com *jet-lag*, exausta,

no meio de nenhures, apanhada por uma tempestade.

– Os nossos telemóveis não vão funcionar aqui – disse. – Teremos de esperar que passe um carro e pedir uma boleia.

Tirou duas barras de chocolate *Snickers* da mala e ofereceu uma a Shao Lan que virou a cabeça para o lado.

– Não há problema, querida – afirmou Franny persuasiva –, trata-se apenas de bom chocolate americano.

Clare mordeu zangada a outra barra de *Snickers*.

– Caramba, Franny, pareces um filme dos anos quarenta. As tropas americanas vitoriosas a conquistarem os miúdos estrangeiros com tablets de chocolate e as mulheres com meias de náilon!

– É a primeira criança que conheço que recusa chocolate. Achas que não se está a sentir bem?

– Espero que não vá vomitar. – Clare lambeu o chocolate dos dedos, sentindo-se melhor.

Luzes cintilaram através da chuva e elas quase caíram para fora do carro na sua pressa, aos saltos no meio da estrada abanando as mãos por cima da cabeça.

– Pare! Por favor, pare! – berraram.

Os relâmpagos faiscaram de novo, o trovão desabou com estrondo logo a seguir e elas agarraram-se uma à outra aos gritos. A carrinha de caixa aberta abrandou para um cauteloso passo de caracol e um homem com espesso cabelo grisalho e um rosto redondo e vincado meteu a cabeça fora da janela. Um aroma doce chegou-lhes da parte de trás da carrinha.

– *Qu'est-ce qui se passe?* – bradou por cima do ruído do vento.

– *La voiture... arrêtee* – respondeu Franny, lembrando algumas palavras do seu francês de escola.

– *Merde.* – O condutor saiu e ficou ali sob a chuva torrencial, de braços cruzados, a observar o carro com o sobrolho franzido. – *Vous avez de la chance. Vous auriez pu finir dans un fossé.* Por sorte não acabaram na valeta. *Où allez-vous?* Onde vão? – acrescentou em inglês.

Franny empurrou o cabelo encharcado dos olhos.

– Vamos para Marten-de-Provence.

De repente, o homem sorriu abertamente para elas.

– *Ah, eh bien, vous êtes les Marten, n'est-ce pas?*

Estendeu a mão e Franny apertou-a, rezando para que ele dissesse apenas para entrarem para a carrinha. Mas, em vez disso, enquanto se encontravam ali com a chuva e escorrer-lhes pelos rostos, apresentou-se:

– *Je suis Philippe Allier, marchand de fruits et légumes dans le village de Marten. C'est un plaisir, mesdames, de vous rencontrer. Et pour Madame Rafaella, j'ai l'honneur de diriger la famille au château. Eh bien, mesdemoiselles, venez vite.*

Atravessou a estrada como uma seta, arrancou Shao Lan do carro, carregou-a de volta e instalou-a no assento do passageiro na carrinha. Apertou o cinto de segurança, limpou-lhe ternamente a chuva do rosto e fechou a porta. Depois correu de novo para o carro e começou a tirar a bagagem para fora.

Clare estremeceu quando viu as suas malas caras pousadas sobre as poças de água no meio da estrada, mas não disse nada. Ajudaram Monsieur Allier a carregar tudo na parte de trás da carrinha ao lado dos melões de Cavaillon.

– Muito bem, *mesdames*. – Allier sacudiu as mãos e ergueu a lona. – *Montez avec vos valises, puis nous irons vite au château.*

Franny e Clare não precisavam de entender francês para perceber que tinham de ir debaixo da lona com os melões na caixa aberta da carrinha. Subiram, agachando-se atrás da cabina para se protegerem do vento, depois Monsieur Allier cobriu-as com a lona e lá seguiram.

CLARE AFASTOU A LONA, com falta de ar, quase asfixiada pelo cheiro doce dos melões que rolavam e lhes batiam nas pernas.

– Que forma elegante de chegar à casa ancestral – gritou tentando sobrepor-se ao som do trovão, enquanto Monsieur Allier conduzia o veículo pela colina acima entrando numa pequena aldeia escura.

O coração de Franny caiu-lhe aos pés. As cadeiras e mesas de plástico estavam empilhadas por baixo do beirado do café, as bandeirolas festivas pingavam tristes e o letreiro de boas-vindas balouçava com ar abandonado.

Deixaram a aldeia para trás e seguiram por uma alameda de árvores. As folhas molhadas, abanadas pelo vento, desprendiam-se e colavam-se-lhes aos rostos e ao cabelo.

– Como as crianças mortas nos bosques – murmurou Clare através de dentes que chocalhavam.

A seguir Monsieur Allier virou à esquerda para um caminho cravejado de árvores pontiagudas tão altas que as pontas desapareciam na bruma. Um clarão azul brilhante de relâmpago ziguezagueou até à terra perto de um lago cinzento-metálico e, à frente delas, surgiu uma grande casa escura.

Monsieur Allier abriu a janela que dava para a parte de trás da carrinha.

– *Alors, le Château des Roses Sauvages* – disse, dando a volta aos canteiros do jardim e detendo-se em frente dos degraus de pedra que conduziam à sólida porta de entrada.

Franny encarou a casa. Encontrava-se imersa em completa escuridão. Cruzou o olhar com o de Clare e sabia que estavam a pensar na mesma coisa. Seria este o sítio certo? Lançou uma olhadela a Allier, muito atarefado a descarregar a bagagem. Talvez fosse algum louco. Podia tê-las trazido aqui

para as matar.

– *Les lumières ne fonctionnent pas à cause de l’orage* – explicou Allier. Fitaram-no boquiabertas. – *L’électricité... Puf...* – Atirou as mãos ao ar. – *Demain tout va marcher.*

Empilhou as malas nos degraus e abriu a porta do lugar do passageiro, inclinando cortesmente a cabeça e oferecendo a mão a Shao Lan. Para surpresa de Franny, esta aceitou-a e desceu com delicadeza para o caminho de saibro arenoso.

– *Bien, ma petite* – disse Allier, dando-lhe uma palmadinha afectuosa na cabeça. – *Je ne veux pas déranger Madame Rafaella et ses invitées.* – Apertou-lhes as mãos. – *Bonnes vacances, mesdemoiselles et bonne chance. Je vous verrai à la soirée.*

Depois, com a chuva a pingar-lhe do nariz comprido, subiu para a carrinha e, com um rápido aceno, girou à volta do círculo e desceu aos solavancos o caminho, com os melões a chocalhar.

Franny pegou na mão de Shao Lan. Estava fria.

– E se não estiver aqui ninguém? – sussurrou para Clare. – E se estivermos no lugar errado?

– Porque estás a falar baixo? – murmurou Clare em resposta e depois soltou uma risadinha.

– Bem, suponho que só existe uma maneira de descobrirmos.

Franny apoiou o dedo na campainha e carregou com força.

O TROVÃO ESTALOU QUANDO FRANNY premiu a campainha de novo. Não apareceu ninguém, por isso bateu com o punho na porta a pensar no que fariam se não estivesse ninguém na casa. Até a aldeia parecia deserta. Era tudo demasiado fantasmagórico.

Atrás dela, as outras comprimiam-se sob o pórtico. Até o silêncio parecia escuro, só o bater da chuva e os ciprestes a ranger ao vento. A porta abriu-se tão de repente que ela deu um passo rápido para trás, fitando o homem de aspecto cadavérico que segurava um enorme candelabro.

– Oh, meu Deus – sussurrou Clare –, é a casa de Frankenstein.

– *Ah, maintenant.* – Haigh falou deliberadamente em francês para as pôr à prova. – *La Petite Bleu, Mademoiselle Franny et Madame Clare, je présume? Mais vous êtes très en retard* – acrescentou com desaprovação.

Depois, espreitando por trás delas para a noite escura, disse num inglês perfeitamente normal:

– O que aconteceu ao carro?

Com nervosismo, Franny explicou que não havia carro, que o veículo alugado se avariara e que Monsieur Allier da mercearia lhes dera uma boleia na sua carrinha.

– Bem me parecia ter sentido o cheiro de melões – retorquiu Haigh, fungando ao mesmo tempo que lhes fazia sinal para entrarem. – Bem-vindas ao Château des Roses Sauvages. Sou o mordomo e chamo-me Haigh.

Fechou a porta atrás dele e a corrente de ar apagou todas as velas. Um arquejar lento chiou nas trevas, seguido por um ranger terrível. Clare guinchou e agarrou-se a Franny, mesmo no momento em que um relógio batia as horas num tom monocórdico e abafado.

– É apenas um relógio – explicou Haigh. – Para ser mais exacto, um relógio do século XVIII.

– Sabia que nunca deveríamos ter vindo – murmurou Franny, a pingar água da chuva.

Entretanto, o mordomo acendeu de novo as velas e virou-se para olhar para elas, emitindo um ruído de desaprovação quando viu as poças no parquê acabado de encerar. Erguendo bem alto o candelabro de prata, convidou:

– Acompanho-vos aos vossos quartos.

Encaminhou-se para as escadas. Parou e olhou para trás. Shao Lan não se mexera.

– Siga-me, filha – disse com rispidez, mas ela não se mo-veu.

Não ia a sítio nenhum. Com a cabeça baixa, os ombros encolhidos, lançou-lhe apenas um olhar fulminante, com aqueles olhos azuis dos Marten.

– *Fuck off* – proferiu com clareza.

Clare abafou uma risada.

– As primeiras palavras do bebé – sussurrou.

O mordomo fitou Shao Lan, uma mão na cintura, a cabeça com o nariz comprido inclinada para um dos lados.

– Ora então, não é que somos uma menina mandona – observou, virando-se e começando a subir as escadas. – Sigam-me, por favor, e tragam essa criança convosco – acrescentou, escondendo um sorriso.

Seguiram-no pela bela escadaria curva, espreitando para os grandes quadros de molduras douradas e para as estatuetas de mármore nos nichos obscurecidos, sentindo a sumptuosa macieza da carpete sob os pés descalços, ainda conscientes, com nervosismo, de que a grande casa estava em completo silêncio.

Haigh avançou para um par de altas portas duplas. Com um floreado abriu-as de par em par.

– Shao Lan – disse, dando um passo atrás para as deixar ver o bonito quarto iluminado a velas com a sua cama de dossel forrada a damasco vermelho e pesadas cortinas de seda vermelha –, a sua avó quis que ficasse com o quarto vermelho porque sabe que o vermelho é a cor especial na China para felicidade e sorte.

Shao Lan compreendeu o que ele disse, mas não entendeu porque falara da avó. Ficou a pensar se Bao Chu estaria aqui, nesta casa. Vê-la-ia em breve? Sentiu um lampejo de esperança.

Franny pegou-lhe na mão e conduziu-a ao quarto. Mostrou-lhe como a cama era confortável, depois ajoelhou para ela poder apalpar o tapete branco muito fofo, mas o rosto de Shao Lan não exibiu qualquer reacção. A seguir, Haigh e o seu candelabro avançaram para o quarto ao lado.

– Este era o quarto de Madame Rafaella – declarou com orgulho, enquanto elas miravam, maravilhadas, o delicioso *boudoir* verde e branco. – *Madame* quis que Miss Franny ficasse com ele. Disse-me para lhe dizer que espera que seja tão feliz aqui como ela foi, outrora.

Entrando no quarto, Franny pensou detectar um ligeiro aroma doce de mimosa no ar. As cortinas de seda tafetá às riscas sussurraram numa súbita corrente de ar. Uma estranha vibração subiu-lhe pela espinha, como um pulsar suave. Podia jurar que conhecia este quarto.

Seguiram outra vez o candelabro de Haigh e entraram num quarto fantástico *art déco*, branco sobre branco, que parecia ter sido conservado intacto desde os anos vinte.

– Este será o quarto de Miss Clare – disse Haigh. – Era o quarto da mãe de *madame* e ela tinha esperança que Miss Clare ajudasse a afastar os seus fantasmas.

Elas fitaram-no assustadas à palavra *fantasmas* e ele sorriu, matreiro, com ar cúmplice.

– É só uma maneira de falar, compreendem. Conheci bem a mãe de *madame* e duvido que quisesse assombrar este lugar. Era mais provável descobri-la no casino do Hotel de Paris em Monte Carlo.

– Cetim – exclamou Clare, dirigindo-se para a cama e passando uma mão terna pela colcha bordada – e todos estes espelhos. Olhem só para a prata e o cromado. Oh, meu Deus, poderia ter sido feito para mim!

– O jantar é servido às nove – informou-as Haigh da soleira da porta. – Madame Rafaella veste-se sempre para jantar. Por favor, não se atrasem.

Depois, com os seus deveres pelos vistos cumpridos, pegou no candelabro e deixou-as desenhencilharem-se sozinhas.

SHAO LAN RECUSOU-SE a ir para o quarto vermelho. Sentou-se na borda da cama de Franny, com os pés a balouçar. Clare já fora para o seu quarto fantástico preparar-se para o jantar. Lá fora, o vento ainda rugia através das árvores e os trovões ribombavam perto.

Franny falou de forma encorajadora com a criança silenciosa ao mesmo tempo que a ajudava a despir-se e depois enfiou-a debaixo do chuveiro e assegurou-se que ela se lavava. Quando terminou, envolveu-a numa toalha e a menina foi enrodilhar-se outra vez na cama.

Franny suspirou. Sabia o que fazer com animais, mas não com crianças pequenas. Vestiu-se com rapidez, deixou o cabelo solto e borrifou-se um pouco mais com o perfume de flor de gengibre. Viu-se ao espelho e pensou, com um suspiro, que, no final de contas, talvez devesse ter deixado Clare levá-la a fazer umas compras.

A seguir abriu a minúscula mala de Shao Lan e ficou a olhar para o seu conteúdo, chocada: um par coçado de roupa interior, algumas meias, uma camisa lavada. Suspirando de novo, ajudou Shao Lan a vestir-se e depois envolveu-a no seu próprio xaile de croché azul, esperando que adicionasse alguma alegria ao traje pavoroso da criança. Não ajudou muito.

Clare entrou ruidosamente, a transbordar de excitação, chique como sempre com um perfeito vestido curto preto de renda. Fitou a criança com a sua camisa e a saia cinzenta de uniforme da escola amachucada e depois olhou para Franny. Ergueu as sobrancelhas com algum desespero.

– É tudo o que temos – explicou Franny, agradecendo a Deus não haver tempo para Clare argumentar.

De facto, o relógio antigo bateu as nove quando desceram a escadaria até ao

vestíbulo onde Haigh as esperava. Franny agarrou na mão da Pequena Azul, sentindo-se de súbito nervosa, no final de contas ia conhecer o outro único membro da sua família, da sua verdadeira família.

EMBORA TIVESSE ouvido o relógio bater, Rafaella continuou sentada diante do espelho do toucador. A luz das velas era um mito, pensou desdenhosa. Era como qualquer outra luz. Demasiada criava sombras sob os olhos e a boca, muito pouca dava-nos um rosto de lua sem feições. Uma mulher precisava de ser iluminada com uma coloração rosa suave ou âmbar no ângulo certo para ficar mesmo bem. Em especial quando se tinha a idade que ela tinha.

Mas as mulheres que estava prestes a conhecer eram suficientemente jovens para parecerem bonitas com qualquer luz. Haigh contara-lhe que pareciam um par de ratos afogados, mas que «prometiam». Vindo da parte de Haigh, calculou que o comentário significasse que eram raparigas formosas.

Rira-se quando lhe contara as únicas palavras que Shao Lan proferira.

– É óbvio que a pobre criança está assustada – retorquiu, mas Haigh disse que percebera logo que era uma Marten por causa do seu temperamento efervescente.

– Nunca ouvi essas palavras nos seus lábios quando era jovem, *madame*.

Mas, olhando para o seu reflexo no espelho, Rafaella pensou: «Ah, Haigh, se soubesse o que disse a Lucas na cama nessas longas noites sem Lua, enlaçada nos seus braços, na escuridão abafada do Verão.»

Abanou a cabeça. Não era altura para estar a pensar no Amante. Os seus convidados aguardavam. Enfiando uma flor de hibisco vermelha no *chignon* prateado, prendeu-a com um gancho de rubi, aspergiu um pouco do perfume de mimosa no pescoço e foi verificar a sua aparência no espelho alto.

O vestido de *chiffon* vermelho da *Dior* envolvia-lhe os ombros e o peito, caindo numa coluna estriada suave até aos tornozelos. Passou-lhe as mãos por cima, gostando do toque, satisfeita por lhe servir tão bem como no dia em que o comprara. Calçara um par de sapatos de seda pontiagudos de *Roger Vivier*, dos anos sessenta. Apesar da dor, estava decidida a usá-los esta noite, porque a faziam sentir-se jovem de novo.

– A vaidade é vergonhosa numa mulher de idade – disse para o espelho –,

mas é um vício de que nunca conseguirei abdicar.

Prendeu uma longa fiada de rubis ao pescoço, arranjou o xaile de seda magenta nos ombros, pegou na bengala e encaminhou-se com lentidão para a porta. O grande momento chegara. Conheceria por fim a sua nova família. Esperava que gostassem dela.

ENVERGANDO O *SMOKING* DE VELUDO AZUL de *grandpère*, Haigh parecia um personagem de um filme de Austin Powers ao observar as convidadas a descer a escadaria.

– *Bonsoir, mesdames, mesdemoiselles* – cumprimentou, revertendo para o fingimento de que falava apenas um pouco de inglês, na esperança de que dissessem algo indiscreto para poder descobrir o que pensavam na realidade. A seguir acompanhou-as ao salão principal.

O lume ardia nas duas enormes lareiras de pedra calcária em cada extremidade da sala comprida e bela, com o seu revestimento verde-pálido e os cortinados de tafetá cor de âmbar. Dúzias de velas, reflectidas nos enormes espelhos venezianos, cintilavam como arco-íris minúsculos nos lustres de cristal. As portas francesas que conduziam ao terraço estavam fechadas com firmeza por causa da tempestade, mas o vento ainda as chocalhava ferozmente, criando pequenas correntes de ar que faziam estremecer os cortinados pesados.

Em segurança no ambiente quente iluminado a velas, com a tempestade e o vento bloqueados, Franny sentiu-se de súbito contente. Este era o primeiro lugar que parecia um «lar».

– Posso oferecer-vos champanhe? – perguntou Haigh, apresentando a garrafa, envolta num guardanapo de linho branco, certificando-se que viam com clareza o nome *Krug* e o ano, querendo impressioná-las.

Claro que Franny não sabia distinguir um ano bom de um mau, nunca tivera muitas oportunidades para beber champanhe, mas Clare sabia e sorriu mostrando a Haigh o seu reconhecimento.

Ficaram juntas em silêncio perto da lareira a bebericar o champanhe.

Franny achou que era a coisa mais deliciosa que já provara. Como a sua casa e as suas preciosas descobertas na feira da ladra pareciam pequenas e insignificantes quando comparadas com esta grandiosidade. No entanto, o seu avô nascera aqui e, se as coisas tivessem corrido de maneira diferente, esta teria sido a casa do seu pai, talvez até a sua. Curiosa, examinou as fotografias antigas em molduras de prata de grupos sorridentes de pé nos degraus à porta do solar e perguntou-se qual dos homens seria o seu bisavô.

Tudo nesta casa devia ter recordações, pensou, tocando na pequena e requintada mesa de pau-rosa marchetada com grinaldas de uma madeira pálida, todas as cadeiras, todas as mesas, até os sofás de brocado verde desbotado. Se ao menos as paredes pudessem falar, teriam sem dúvida uma bela história para contar, de reuniões familiares, de aniversários, baptizados, casamentos, brigas e aventuras amorosas. Pensou no que teria sucedido para dividir uma família como esta.

Haigh deixara-as sozinhas, o vento amainara e, no silêncio, ouviram o bater de cascos de cavalo. De repente, as portas francesas abriram-se e o vento assobiou por ali adentro de novo, enfunando os cortinados e apagando todas as velas. Na bruma cinzenta em torvelinho, um cavalo preto passou a galopar com um cavaleiro envergando uma capa e capuz.

– Aposto que é um fantasma – disse Clare, apressando-se a fechar as portas.

– Este lugar é como «A lenda do cavaleiro sem cabeça».

Passados uns momentos, as portas que davam para o vestíbulo abriram-se e o «fantasma» surgiu, a pingar água da sua capa comprida *Drizabone*, do tipo que os rancheiros australianos usam para se protegerem da chuva. Puxou o chapéu de aba larga, deixando cair uma pequena cascata no tapete *Aubusson* e ofereceu-lhes um sorriso largo.

– Olá – disse com um sotaque australiano muito pouco fantasmagórico. – Sou Scott Harris, o enólogo de Rafaella. Espero que estejam bem. É uma tempestade e peras.

Franny e Clare miraram-no uma segunda vez. Era alto e magro, com um rosto tisonado e cabelo cor de areia, que se erguia em tufo molhados no sítio em que puxara o chapéu. Clare sorriu e deu uma cotovelada a Franny.

– Olha, rapariga – segredou –, um tipo normal, sal da terra, recordas-te?

– Lamento, minhas senhoras – continuou Scott com aquele sorriso luminoso –, mas a energia não vai ser ligada senão amanhã de manhã. É velas para todos esta noite.

Uma vez que Franny parecia ter perdido o pio, Clare apresentou-se:

– Chamo-me Clare Marks – disse, apertando-lhe a mão molhada – e esta é Franny Marten e a menina é Shao Lan Ching Marten.

– A família reunida – retorquiu Scott, quando Haigh apareceu para lhe levar o casaco molhado. – Tenho muito prazer em as conhecer a todas – acrescentou, avançando para apertar a mão de Franny.

Shao Lan escondeu o rosto no cordeirinho de peluche. Ele ajoelhou-se e pegou-lhe nas mãos com suavidade.

– Ora, menina bonita, não tenhas medo. É apenas uma tempestade.

Por cima da cabeça dele, os olhos de Franny cruzaram-se com os de Clare e sorriram ambas.

Sem se fazer notada, Rafaella, na soleira, observava-os. Os cães estavam agachados a seu lado, atordoados e em silêncio devido à presença não habitual de pessoas na sala. A criança foi a primeira a reparar nela. Fitou-a com aqueles olhos de um azul carregado dos Marten e Rafaella sentiu um calafrio. A sua neta era tão pequena e magricela, estava tão assustada, mas já a amava. Sorriu-lhe, mas Shao Lan escondeu-se outra vez atrás do cordeirinho lanoso.

Rafaella olhou para a mulher alta com o cabelo louro comprido e percebeu que devia ser Franny. Mas era uma beldade com aquela cabeleira farta de um dourado-pálido e uma pele cor de pêssego adorável. Havia nela qualquer coisa de imaterial também, uma vulnerabilidade e uma inesperada docilidade. Era alta e magra, como os Marten, mas a sua falta de estilo não era com certeza herdada.

E a mulher morena era a sua amiga Clare. Um rosto interessante, pensou Rafaella, estudando-a, uma beldade moderna, elegante e autoconfiante, ou pelo menos era a impressão que dava. Mas sob aquele revestimento agradável, Rafaella detectou um toque de qualquer outra coisa. Tristeza, talvez? Eram jovens, no entanto, adoráveis e com toda a vida à sua frente; e Rafaella suspirou, recordando como os anos passavam tão depressa.

Recusando apoiar-se na bengala, avançou alta e orgulhosa, deslumbrante no seu vestido de *chiffon* vermelho e os seus rubis, com as flores no cabelo.

– *Bonsoir, mes chères amies* – disse, na sua voz baixa e doce. – Bem-vindas ao Château des Roses Sauvages.

Elas rodaram para olhar para ela e Rafaella sorriu.

– Devo pedir desculpa pela tempestade horrível e pela falta de electricidade. Entretanto, confio que Haigh tenha estado a cuidar de vós.

Scott apressou-se a ajudá-la com um braço por baixo do seu cotovelo. Beijou-lhe a face e segredou:

– Está deslumbrante, de cair para o lado – fazendo-a rir-se quando entrou na sala.

Os seus olhos cruzaram-se com os de Franny e foi como se um vínculo se criasse entre elas, através de décadas, séculos, continentes, um reconhecimento de duas almas, unidas por um passado que Franny não conhecera. Rafaella soltou um pequeno suspiro de alívio, afinal ia correr tudo bem.

– Estou tão contente por a conhecer, Franny.

– E eu estou contente por a conhecer, tia Rafaella – replicou ela.

– Beije-me então, minha filha – disse, abraçando-a com força.

Deu um passo atrás e pegou no queixo de Franny, perscrutando-lhe o rosto.

– Tem o sorriso do seu avô. Era um belo homem, sabe, e a menina, *ma chérie*, é uma mulher adorável.

Corando, Franny apresentou Clare.

– Outra beldade – observou Rafaella, sorrindo. – Bem-vinda a minha casa, Clare. Espero que aprecie a sua estadia. Quando a tempestade terminar verá como tenho sorte por viver num lugar tão bonito.

Por fim virou-se para a neta. Shao Lan deixara cair o cordeirinho e fitava-a, parecendo muito intrigada.

– Shao Lan – disse com meiguice –, sou a tua avó francesa e dou-te as boas-vindas.

Mas os olhos da criança dardejaram ansiosos para trás dela e Rafaella percebeu que a menina procurava a sua «verdadeira» avó. Pegou-lhe na mão e foi sentar-se na grande poltrona de orelhas de pele junto à lareira. Sabia que

Shao Lan falava um pouco de inglês e virou-a para si. Falando com lentidão e de forma muito clara, disse:

– Olha para mim, Shao Lan. Sei que a tua avó Bao Chu está em Xangai e que gostas muito dela. Mas todas as meninas têm duas avós. Bao Chu é a tua avó *chinesa* e eu sou a tua avó *francesa*. O teu pai era meu filho. Compreendes, *ma pe-tite*?

A criança permaneceu em silêncio, não parecendo compreender. Rafaella continuou:

– Vou chamar-te Pequena Azul e vais sentar-te ao meu lado ao jantar. Podes comer tudo o que quiseses e deixar ficar o que não gostares. Concordas?

A Pequena Azul fitou outra vez os sapatos, em silêncio, e Haigh suspirou. Pensou que a situação era complicada e serviu champanhe a Rafaella, a Scott e para si próprio. Foi postar-se ao lado de Rafaella, observando os convidados com o seu olhar majestoso.

– Bem-vinda, minha nova família – disse Rafaella, erguendo o copo. – Quero agradecer-lhes por terem efectuado essa grande viagem para trazer felicidade a uma mulher idosa. Farei o possível para que a vossa estadia no Château des Roses Sauvages seja memorável.

HOUVE UM SÚBITO alvoroço lá fora no vestíbulo. Cães ladraram, a porta de entrada bateu com força e o vento soprou pela casa, apagando outra vez as velas todas.

– *Mimi, Louis* – chamou Rafaella em tom de aviso, mas eles já se precipitavam para a porta.

Uns segundos depois ouviram rosnar e também ganidos e rosnadelas estridentes.

– São aqueles malditos lulus da Pomerânia – exclamou Haigh com resignação, avançando para o vestíbulo.

Louis e *Mimi* encontravam-se deitados de costas, derrubados por uma confusão enraivecida de minúsculos lulus louros, que lhes davam mordidelas triunfantes. Um quarto cão, à porta, observava-os com a expressão enfasiada de um rafeiro de rua que sabia com exactidão o que era uma verdadeira luta.

– Oh, saiam de cima deles, queridos. – A voz de Juliette acudiu com clareza do pórtico escurecido. – Não se preocupe, Haigh – acrescentou –, é apenas espectáculo, não os vão ma-tar.

– Tornar-se-iam muito impopulares por aqui, se isso acontecesse – retorquiu Haigh. – Bem-vinda, *madame*. Chegou com o seu estilo habitual, estou a ver.

E o riso bem-disposto de Juliette ressoou pelo vestíbulo quando entrou, parando para beijar Haigh nas duas faces, adicionando um terceiro beijo, sinal genuíno de afecto.

– E eu estou satisfeita por ver que também não mudou, Haigh. Continua o mesmo velho déspota caprichoso – disse quando ele foi tratar do que sabia ser uma montanha de bagagem. – Ora, onde está a minha Rafaella? Ohhhhh... cá estás tu, *chérie*.

Parou um instante à porta, avaliando a amiga à luz da lareira.

– Não mudaste nem um pouquinho – afirmou com lealdade.

– E tu também não, minha velha amiga – retorquiu Rafaella, enlaçando Juliette até onde conseguiu.

– Excepto na circunferência – acrescentou e Juliette sorriu. – Demasiado boa vida e pouca actividade amorosa – segredou e riram-se ambas, recordando os segredos que tinham partilhado.

– Será que aquele cão feio é teu, Juliette? – perguntou Rafaella, reparando no rafeiro ainda calmamente sentado no canto.

– Meu? Oh, não, é o cão de Jake, *Criminal*.

Mais afastada, Franny ergueu a cabeça, sobressaltada. A seguir decidiu que devia ter ouvido mal o nome. Sorriu, olhando para Juliette, que animava a casa silenciosa com o seu cabelo ruivo flamejante, o seu *caftan* verde-esmeralda e os seus lulus que latiam.

– E agora, minha querida – disse Juliette num sussurro que os outros ouviram com clareza porque até os sussurros de Juliette eram altos –, onde é que está a neta e a sobrinha?

Franny deu um passo em frente, saindo das sombras.

– Eu sou Franny, a sobrinha.

– E eu sou Juliette, a velha amiga. – Juliette avaliou-a com um longo olhar. – Tem alguma ideia do que um pouco de sombra azul poderia fazer por esses seus olhos maravilhosos? Tenho esse tom exacto. Lembre-me para lho emprestar amanhã. – Tocou com vagar no cabelo de Franny. – E um cabelo tão bonito, completamente natural, claro, ao passo que o meu se encontra agora na categoria de precisar de grande manutenção. Suponho que devia ser como Rafaella e deixá-lo ficar todo grisalho, mas tenho um espírito demasiado jovem para o permitir. Além disso, não me ficaria tão bem como fica a ela. Rafaella foi sempre elegante, sabe. Cabelo escuro ou grisalho, não interessa, continua uma beldade. Como pode ser também, *chérie* – acrescentou amável e Franny corou e apresentou Clare.

Juliette analisou a elegância escura de Clare. Ora aqui estava uma mulher que vira a vida, pensou, uma mulher que sabia quem era, mas talvez não o que procurava. Uma mulher interessante, de facto.

E depois foi a vez de Shao Lan.

– E aqui está a minha neta, a Pequena Azul – disse Rafaella, pegando-lhe na mão com um sorriso radiante.

Juliette dobrou-se para a inspeccionar.

– É uma coisinha pequena, mas é uma Marten, não há que enganar. E *outra* beldade. – Suspirou. – Sabes a sorte que tens, Rafaella? Os meus netos herdaram os traços do avô em vez dos meus. São Labourde até ao pormenor dos pequenos dentes salientes que me vão custar uma fortuna em facturas de ortodontia. Têm todos cabeças grandes e pernas muito magras, juro que parecem um molho de pequenas lulas a afundarem-se no mar no Havai. Ao passo que a menina, Pequena Azul – beijou a face fria da criança – promete ser um dia uma rapariga deslumbrante, apesar desses sapatos horríveis que devem estar a dar cabo dos seus pobres pezinhos. Venha cá, amor, deixe a *tante* Juliette tirá-los. – E ajoelhou-se e desapertou-os.

– Obrigada – disse Shao Lan educadamente.

Franny e Clare deram um salto.

– *Ela falou!* – exclamou Clare, mesmo na altura em que Haigh entrava, dobrado em dois com o peso de duas enormes malas de viagem *Vuitton*.

– Então é normal não falar? – perguntou Juliette surpreendida.

– Creio que a única outra coisa que a criança proferiu até agora foi quando me disse para ir à... ou umas palavras nesse sentido. – Haigh deixou cair as malas com um som surdo.

– Fosse quem fosse que lhe disse isso, se calhar tinha razão – comentou Jake, entrando no vestíbulo a passos largos atrás de Haigh e largando mais duas malas no chão.

Franny arregalou os olhos. O mundo imobilizou-se. Fitou Jake espantada, sentindo um ardor a subir-lhe com lentidão pelas costas, a aguilhoar-lhe o rosto. O que estava *ele* a fazer aqui? Paralisada, viu Jake envolver Rafaella num abraço.

– Sei que estou no meu quarto do costume – rugiu Juliette, encaminhando-se para as escadas como se ali tivesse estado apenas o fim-de-semana passado e não há vinte anos.

– Claro – retorquiu Rafaella – e repara que estamos a servir o champanhe

bom.

– Fico contente por ver que nada mudou – berrou Juliette, já a saltitar pelas escadas acima nos seus pequenos pés calçados com sapatos de saltos altos, seguida de perto pelos lulus da Pomerânia e por Haigh, com *Mimi* e *Louis*, obviamente apaixonados, a fecharem a retaguarda.

Mas Franny não olhava para eles. Jake aproximou-se. Estendeu a mão. Ela ignorou-a.

– Bem, olá de novo – cumprimentou ele.

Franny fitou-o de olhos semicerrados. Havia um brilho acerado nesses olhos.

– O que estás a fazer aqui? – perguntou com frieza.

– Rafaella convidou-me. Quando me disse que vinhas e que não te conhecia, decidi que era melhor ir procurar-te primeiro.

– Claro. Precisavas de tirar informações sobre mim, confirmar se era suficientemente boa para conhecer os Marten, que não era uma gananciosa atrás do dinheiro da família. Bem, pelo menos não mentiste em relação ao cão – acrescentou e depois virou-se e afastou-se com pernas que tremiam.

Não sabia se fugir, se gritar ou se esmurrá-lo e acabar com aquilo. De facto, tinha o punho todo fechado e preparado e sabia muito bem dar um murro, pois fora uma maria-rapaz.

Como é que ele podia, como é que ele se atrevera a fazer amor com ela, quando estava apenas a investigá-la, como fazia com os empregados de grandes empresas? *Canalha*, pensou, esforçando-se por conter lágrimas de fúria, mas raios não ia chorar por ele. *Raios, não ia chorar*. Perfeitamente humilhada, voltou a entrar na sala e postou-se junto à lareira, tentando aquecer as mãos de súbito geladas.

Ainda de pé no vestíbulo, Clare observava-a. Atónita, virou-se para Jake.

– O que foi aquilo?

Ele estendeu a mão.

– Deve ser a Clare. Chamo-me Jake Bronson. Espero que você pelo menos me aperte a mão.

– Clare Marks.

Demorou-se a apertar-lhe a mão. Olhando-o nos olhos, pensou que era um

tipo bem-parecido, um pouco desgastado talvez, mas gostava deles assim.

– Ah! – disse Jake, recordando-se de Marcus –, então é... deve ser...

– A outra mulher. – Terminou a frase por ele e ambos se riram.

Clare espetou o queixo, sorrindo, namoriscando com ele. *Hum, hum, este vai dar problemas*, pensou. *O que aconteceu ao tipo sal da terra que prometeste descobrir? Cá vais tu outra vez, Clare*. Mas sorria radiante quando disse:

– Prazer em conhecê-lo, Jake.

– Vamos ter com os outros? – perguntou ele, oferecendo-lhe o braço.

Ela enfiou a mão, sentindo-se como uma noiva ao entrarem na sala. Haigh servia outra vez champanhe, enquanto mulheres da aldeia sorridentes, de preto e com os seus melhores aventais de organdi branco aos folhos, ofereciam travessas dos fantásticos *hors-d'oeuvres* de Haigh. Mas o jantar seria ainda mais fantástico.

A COMPRIDA MESA DE JANTAR de mogno estava posta com a melhor loiça ancestral, um motivo de *Limoges* com bordadura coral e verde, e com cintilantes copos de pé de cristal *Baccarat*. Os guardanapos de linho engomados tinham em monograma um M requintado e os talheres eram tão antigos que o motivo quase se gastara. No meio da mesa, rosas silvestres brancas, as *roses sauvages*, que Rafaella colhera no jardim, estavam arranjadas em taças de prata baixas entrelaçadas com grinaldas compridas de folhagem. Um centro de mesa fruteira de prata de cinco cestas transbordava de suculentos cachos de uvas brancas e pretas das vinhas Marten.

A sala estava repleta do aroma das rosas e do cheiro da cera das velas que tremeluziam com as correntes de ar que ainda faziam chocalhar as janelas. Encontravam-se agora trancadas, os pesados cortinados de seda bem corridos e dentro da sala tudo estava aquecido com as lareiras.

Haigh dava a volta à mesa, servindo a *Cuvée Famille Marten* especial, mostrando a todas as pessoas o rótulo muito bonito que quase fizera Rafaella chorar, porque não houvera nenhuma *cuvée* comemorativa desde o seu próprio casamento. Disse, deliciada, que o vinho sabia ao que as flores silvestres cheiravam, era como seda na língua com um final leve e seco e elogiou Scott pela sua mistura.

Rafaella estava sentada à cabeceira da mesa, sorrindo de uma forma que Haigh não via há muitos anos, como se desta vez estivesse a pensar no presente e não no passado. A Pequena Azul sentava-se à sua esquerda, fitando inexpressiva os pratos de comida, o rosto inescrutável não oferecendo qualquer pista em relação ao turbilhão que lhe ia na cabeça.

Rafaella detectou-lhe a expressão perdida, adivinhou o que estava a pensar e

mandou de imediato Haigh à cozinha buscar os pauzinhos que ele usava sempre que trazia comida chinesa da vila. Os olhos da criança animaram-se quando os viu e até sorriu quando Haigh lhe cortou a carne.

Jake sentava-se à direita de Rafaella, com Clare a seu lado, ao passo que Franny se sentava em frente ao lado de Scott e Juliette dominava a outra extremidade da mesa. Os lulus andavam em círculos à sua volta e *Mimi* e *Louis* tinham-se instalado atrás da cadeira de Rafaella. *Criminal*, no entanto, deixara-se ficar nervoso à porta, parecendo um cão pronto para fugir com rapidez.

À mesa, a tensão estrelejava como relâmpagos entre Franny e Jake. Ele tentava captar-lhe o olhar, mas ela evitava-o e ele sabia que estava metido num grande problema. De repente, desejou nunca a ter conhecido, que a noite que tinham passado juntos nunca tivesse acontecido, pelo menos assim podia ter começado do zero. Raios, tinha andado a evitar relações há que anos e mal sucumbia, vejam o que sucedia.

De súbito, Scott disse para Clare:

– Tenho a certeza que já a vi algures antes – e Clare anteriormente radiante e descontraída gelou.

– Nunca estive na Austrália – retorquiu numa voz fria.

Scott olhou para ela, surpreendido.

– Talvez nos tivéssemos encontrado em São Francisco – insistiu. – Trabalhei em Napa um par de anos.

– Lamento, sou da Georgia – cortou Clare, interrompendo-o com tanta frieza que ele se virou, embaraçado, e concentrou-se na sua comida.

Observando-os a todos, Haigh pensou com satisfação que esta reunião se estava a assemelhar aos velhos tempos. Havia intriga no ar.

Juliette falava com Franny sobre cães e sobre o trabalho de Franny.

– Claro que não conseguiria viver sem os meus queridinhos – declarou, deixando um dos lulus saltar-lhe para o colo e farejar-lhe o prato enquanto os outros dois clamavam atrás dela, arranhando a cadeira de brocado.

– Juliette, temos de ter os cães a jantar também? – suspirou Rafaella, mas Juliette apenas se riu, aquele seu riso caloroso e trovejante.

– Não sejas tão quadrada, *chérie*. Estão apenas interessados no que a sua

mamã está a comer. É bastante normal. Além disso, já foram a todos os grandes restaurantes. Porque não podem fazer o mesmo aqui?

– Porque me estão a destruir a cadeira de brocado.

– As cadeiras vão e vêm. Os amigos duram – respondeu Juliette. – O que conta é a sorte que tens por estes jovens adoráveis se encontrarem à tua mesa.

E Rafaella pousou o queixo na mão, a sorrir, porque Juliette ia sempre direita à questão e, como de costume, tinha razão.

Jake tentou outra vez:

– Então como vão as coisas, Franny?

Ela lançou-lhe aquele olhar acerado e ele desejou não se ter dado ao trabalho de perguntar.

– Vão bem, obrigada – retorquiu Franny com tanta frieza que lhe poderia ter arrancado o gelo com uma picareta.

– Espero que tenhas gostado dos lírios de Casablanca.

– Eram muitos bonitos. Contudo, não tive oportunidade de te agradecer.

– Nem eu a ti – replicou ele de forma contundente.

– Não sabia que se conheciam – observou Clare, atónita porque Franny nunca mencionara Jake e, além disso, precisava de saber se ele representava território livre ou se Franny já o reclamara para si.

– Muito pouco – respondeu Franny.

– Compreendo – disse Clare, não entendendo nada e a pensar no que raio se estaria a passar.

Alheada das farpas que voavam pelo ar, Rafaella, à cabeceira da mesa, sorria com aquele velho sorriso que Haigh adorava ver.

– E agora tenho de propor outro brinde – anunciou. – A Haigh, o meu velho amigo, sem o qual não teria sobrevivido todos estes anos.

– A Haigh – exclamou toda a gente, sorrindo, mesmo no momento em que as grandes portas se abriram de rompante.

O vento entrou com força de novo, apagando todas as velas e fazendo sair grandes lufadas de fumo negro pela chaminé.

Ouviram passos a atravessar o vestíbulo, depois as portas para a sala de jantar abriram-se. Estava ali um homem, a olhar para eles. Usava um fato de risquinhas feito à medida e sapatos feitos à mão. O cabelo estava raiado de

prateado e alisado para trás e o nariz aquilino dava-lhe um aspecto arrogante. Não existia nenhum sorriso nos seus olhos, embora um leve, de sarcasmo, lhe repuxasse os lábios.

Com um gritinho, Rafaella afundou-se na sua cadeira. Por um momento, pensou estar a olhar para o filho que enterrara há apenas algumas semanas.

– *Mon dieu* – disse Juliette baixinho –, o filho pródigo regressa a casa.

– Então, mãe – disse Alain Marten –, não vai cumprimentar o seu filho há muito perdido? Ouvi dizer que enviara Jake à minha procura, por isso voltei para casa.

Jake ergueu-se num instante, postou-se junto a Rafaella. Haigh flanqueou-o, fitando Alain, desafiando-o com o olhar a fazer algum movimento.

– Estranho, não é, como Felix e eu ficámos mais parecidos quando envelhecemos? – continuou Alain, com aquele pequeno sorriso reduzido e trocista. – Como pode ver, tínhamos os mesmos gostos caros, os mesmos fatos feitos à medida, os mesmos sapatos ingleses. Não há nada que Felix tivesse que eu não tenha, *maman*. Não sente orgulho?

Rafaella permaneceu em silêncio quando ele a abraçou.

– Bem-vindo a casa, Alain – disse por fim.

E, por cima do ombro dela, Alain sorriu trocista para Haigh e Jake. Vencera.

F RANNY DETECTOU O OLHAR triunfante de Alain. Algo estranho se passava e percebeu, intuitivamente, que não era uma coisa boa. Jake percebeu-o também. Fora por isso que saltara para junto de Rafaella, o cavaleiro na sua armadura reluzente pronto para a defender. Devia ser bom ter Jake Bronson do nosso lado, pensou com uma pontada de inveja. Então compreendeu de repente que Rafaella era o primeiro amor de Jake. Claro que era por isso que estava ali no solar, era por isso que a protegia. Tudo fazia sentido agora.

Alain estendeu a mão a Jake e este devolveu-lhe com frieza o olhar. Alain sorriu.

– Com certeza que não vais recusar apertar-me a mão. Não percebes que está tudo perdoado e esquecido?

– Nunca esquecerei – respondeu Jake. – Nem Felix esqueceria.

– Mas Felix já não se encontra entre nós para se queixar. Só tu, Jake. E Haigh, claro. – Alain virou-se para o mordomo que se encontrava, com uma expressão impenetrável, junto a Jake. – Como vai, Haigh? Ainda a comandar as tropas, sem dúvida. Bem, claro que agora que estou em casa tudo isso terá de mudar.

Não lhe ofereceu a mão e, de qualquer modo, Haigh já se afastara antes sequer de ele ter terminado o seu pequeno discurso.

– *Maman*, tem mesmo de ensinar boas maneiras ao seu pessoal – observou Alain com aquele sorriso irritante que pusera Jake tão tenso. – E agora, quem mais temos aqui? Ora, Juliette, claro. – Avançou a passos largos para a outra extremidade da mesa e postou-se atrás da cadeira dela. Pousou-lhe as mãos nos ombros, apertando-os. – Aposto que ainda sente a falta de Rufus.

Ela encolheu os ombros, afastando-o.

– Não mudaste muito, Alain. Sempre com os teus grandes esquemas, estou a ver.

– O quê? Nenhum «bem-vindo a casa, Alain»? Ora então, Juliette, sempre foi minha amiga.

– Era amiga da tua mãe. Vi o que ela teve de aturar vindo de ti.

– E cá está o novo enólogo – disse, estendendo a mão a Scott. Não sabendo o que se passava, Scott apertou-a. – Agora que regressei, teremos de fazer algumas mudanças. Tornei-me um grande perito, sabe. Creio que vai descobrir que sei o que estou a fazer, Scott, quando voltar a tomar conta da casa vinícola.

O seu olhar fixou-se, apreciador, em Franny.

– Ah, deve ser o membro da família há muito perdido – observou, com a voz sedosa. – Franny, não é? – Fitou-lhe, penetrante, os olhos fascinados, depois pegou-lhe na mão, levou-a aos lábios e beijou-a demoradamente.

Franny estava a pensar: porquê toda aquela tensão? Porque estava Jake a observar Alain através de olhos de lince semicerrados? Por que razão o olhar de Haigh era afiado como um *laser*?

– Franny, é muito bonita. – Alain ainda lhe segurava a mão. – Como foram todas as mulheres Marten. Porquê preocupar-se em trabalhar como uma mera veterinária quando pode caçar com facilidade um homem rico, alguém que a cubra de jóias e peles, apartamentos grandiosos e aviões privados?

– Prefiro o meu trabalho – respondeu ela com frieza enquanto ele dava a volta à mesa até Clare.

Clare observou-o com cautela. Ele pôs-lhe uma mão por baixo do queixo, ergueu-lhe o rosto.

– Clare – disse com suavidade –, conheço-a. Temos de falar mais tarde. – Ela fitou-o, surpreendida.

A seguir, Alain virou-se para a criança que parecia paralisada no seu lugar e o espiava com os seus olhos azuis arregalados e assustados, os pauzinhos ainda presos nos dedos.

Alain virou-lhe a cadeira para ele e, com o rosto a apenas alguns centímetros, estudou-a com cuidado. Havia qualquer coisa desagradável na forma como passou o dedo pelo nariz pequeno, pela curva do lábio superior

curto, a todo o comprimento do pescoço esguio, na forma como traçou o contorno dos olhos fechados, lhe tocou no cabelo semelhante a uma asa de melro. Depois riu-se.

– *Maman* – clamou –, quero que conheça a minha filha. Oh, sim, é minha de certeza. Vê como sinto orgulho dela? E farei também com que se orgulhe outra vez dos Marten. Prometo-lhe isso, *maman*, por minha honra.

Jake não era o único ali que sabia que a honra nunca fora um trunfo que Alain possuísse. Mas Alain era seu filho e Rafaella ainda o amava. Ainda queria acreditar nele e assim abraçou-o e deu-lhe de novo as boas-vindas a casa.

DEPOIS DAQUILO, a festa teve um final abrupto. Toda a gente se retirou rapidamente para os respectivos quartos, excepto Rafaella, que ficou no sofá da velha biblioteca a conversar com o filho. À luz das velas, Alain parecia jovem e muito atraente e muito parecido com Felix, mas havia agora rugas no seu rosto e uma amargura nos olhos que lá não estivera da última vez que o vira.

– Estou contente por teres voltado para casa, Alain – disse, recordando que Felix regressara a casa no seu caixão. – Precisava de te ver...

– Antes de morrer. – Alain terminou a frase por ela. – Está a planear fazê-lo em breve? – Riu-se, transformando aquilo numa brincadeira, mas não estava a brincar e ela não sorriu.

– Espero que não, agora que descobri que tenho outra vez uma família.

– A minha filha.

– E uma sobrinha.

– Ah, sim, a sobrinha. Sempre gostei de uma mulher bonita.

– Recordo-me – retorquiu Rafaella com secura.

Alain recostou-se para trás nas almofadas de *chintz*, tão à vontade como se nunca tivesse saído de casa.

– Na verdade, não era que quisesse ver-te antes de morrer. – A voz de Rafaella era tão inesperadamente firme que ele se virou, de sobranceiras erguidas, para olhar para ela. – Precisava de te ver mais uma vez para me certificar que não errei quando te expulsei. Onde estiveste todos estes anos, Alain? E o que fizeste? Onde conseguiste todo o dinheiro que afirmas ter?

Fitou-o com dureza, mas Alain já fora interrogado antes e era perito em evitar as questões.

– Onde estive? Oh, não muito longe de Felix, percorrendo a Ásia, tal como ele. Víamo-nos um ao outro de tempos a tempos, sabe?

Jake entrara na sala sem se fazer notado. Estava encostado à porta, com os braços cruzados, a observar, a escutar.

– E quando foi a última vez que viste Felix? – perguntou.

Alain ergueu a cabeça e suspirou.

– Devia ter percebido que ainda andarias por aqui.

– Julgaste que te deixaria sozinho com a tua mãe? Tu é que és louco, Alain, não eu.

– Mas, afinal, por que razão te interessa este assunto?

– Porque eu pedi a Jake para se interessar – disse Rafaella com rispidez. – Pedi-lhe para descobrir o que pudesse sobre ti.

Alain lançou uma olhadela a Jake.

– E descobriste?

– O suficiente para saber que és suspeito de tráfico de drogas, que estavas associado a alguns dos mais duros cartéis da Ásia, que deixaste um rasto de dívidas e violência atrás de ti... que estavas em Hong Kong na noite em que Felix morreu.

– Felix matou-se. Sempre foi um cobarde – declarou Alain com frieza.

– Mas foste tu que mataste aquela pobre rapariga. – Rafaella percebeu de repente a verdade. – Nunca tive a certeza, até agora, embora Jake soubesse. Ao contrário de mim, sempre conseguiu perceber como eras. E o pobre Felix sofreu com isso. Não aguentou que eu acreditasse em ti e não nele. Nunca me perdoarei por isso.

– Felix foi-se embora porque não aguentava estar na mesma casa que Alain, não por sua causa, Rafaella – disse Jake. – E, no final, Alain matou-o porque não suportou a ideia de que a filha de Felix herdasse tudo o que considerava como seu de direito.

– Claro que não matei Felix, nem essa rapariga – replicou Alain com calma.
– Sabes que não existe a mínima prova. Além disso, Shao Lan é minha filha. Desafio-te a provares que não é.

– Já o fiz. – Jake virou-se para Rafaella. – Ia contar-lho hoje à noite, mas não tive oportunidade. O ADN retirado do corpo de Felix corresponde ao de

Shao Lan e, no seu testamento, Felix deixou tudo o que tem, que é considerável, à filha.

Confundida, Rafaella perguntou:

– Mas porque não reconheceu a filha antes? Porque deixou que vivessem daquela maneira?

Jake encolheu os ombros.

– Calculo que Alain saiba a resposta para essa pergunta.

Rafaella fitou o filho, esparramado no sofá, a sorrir como se não houvesse nada de errado. Sabia que era um homem sem regras nem limites morais, um homem que mentia quando lhe convinha, um homem que conseguia matar uma rapariga grávida em vez de enfrentar as suas responsabilidades, um homem que conseguia matar o irmão porque queria o seu dinheiro e queria apropriar-se da sua vida. Como é que pudera dar à luz um filho assim?

– Claro que não podes provar nada – disse Alain muito seguro. – E, além disso, as autoridades já encerraram o caso.

Era verdade, não existia qualquer prova contra Alain, nem sequer quaisquer testemunhas que afirmassem que estivera com Felix nessa noite. Se existissem, então Jake não poderia legalmente fazer o que estava prestes a fazer, porque nesse caso a polícia teria de se envolver. Lançou uma olhadela ao relógio. Eram três da manhã. Tinha de proteger Rafaella. Tinha de tirar Alain daquela casa. Tinha de fazer *bluff*.

– Enganas-te. Eu possuo algumas provas, mas, por causa da tua mãe, não as usarei. Quer dizer, se te levatares e te fores embora neste preciso momento. Facilito-te as coisas. O meu avião encontra-se no aeroporto Marignane de Marselha. Podes ir de carro até Marselha e sair do país dentro de algumas horas, de regresso ao Vietname. Se não o fizeres – encolheu os ombros –, chamo já os *gendarmes*. A escolha é tua.

Alain mirou-o, pouco à vontade. Sabia que Jake era esperto, era bom no seu trabalho, um perito diziam. Acreditava que não deixara quaisquer vestígios ou provas, mas agora duvidava... Raios partam, nunca se sabia e, se o apanhassem, poderia arrostar com a pena de morte, ou pelo menos o resto da vida numa prisão. Porra para Felix, porra para a mãe e porra para Jake. Não se atreveu a dizer a Jake para abrir o jogo. Levantou-se.

– Então está a expulsar-me de casa mais uma vez, *maman*. Mas deixe que lhe diga uma coisa: desta vez vai arrepender-se. Vão arrepender-se *ambos*.

Rafaella fitou-o com tristeza.

– O meu único desgosto foi nunca me teres contado a verdade.

Alain aproximou-se, o rosto junto ao dela.

– Mas eu *sempre* lhe disse a verdade. Só que escolheu acreditar nos outros. Agora não me deixa outra opção.

Jake pegou em Rafaella pelo ombro e afastou-a. Alain avançou a passos largos para a porta, abriu-a, depois virou-se e fitou-os com fúria e desdém.

– Não vou dizer adeus, *maman* – declarou com aquele tom trocista outra vez. – Nunca se sabe se irão voltar a ver-me.

Ouviram-lhe os passos a ressoar no parquê quando atravessou o vestíbulo, o som da porta a abrir-se, o estremeção quando bateu. O motor de um carro a pegar. Depois o arranque dos pneus na gravilha... e Alain desapareceu tão repentinamente como quando surgira.

Os ombros de Rafaella descaíram quando se virou para Jake. Ele abraçou-a com ternura.

– Lamento tanto – murmurou. – Desejava que tivesse sido de outra forma. Lamento tanto.

Afagou o cabelo de Rafaella e abraçou-a durante muito tempo enquanto ela chorava no seu ombro, por Felix e por Alain.

NA CAMA, NA MANHÃ SEGUINTE, Franny sentiu a pressão quente de um pequeno corpo a seu lado. Rolou sobre si e viu a Pequena Azul, os olhos ainda bem fechados. Devia ter sentido medo durante a noite e viera para o seu quarto. Estudou o rosto inocente adormecido, admirando a sua delicada formosura, vendo a verdadeira inocência da infância que ainda persistia por baixo da dureza que a pobreza lhe conferira. Sentiu por ela o que sentia por um animal ferido: desejou apenas cuidar dela, pô-la boa de novo e curar-lhe as feridas. Jurou fazê-lo. Acontecesse o que acontecesse, cuidaria sempre da sua nova priminha.

Deslizando para fora da cama, foi até à janela, abriu as portadas e olhou lá para fora, espantada, para o que pensou dever ser a primeiríssima manhã que Deus criara. Um ar matinal fresco e suave acariciou-lhe a face, trazendo com ele o aroma de muitas flores e, mesmo junto à janela, uma magnólia excepcional projectava para o céu alguns botões perfeitos de um creme ceroso. Por baixo, um terraço de pedra conduzia a um jardim plano onde sebes minúsculas e formais de um buxo verde-escuro, com menos de meio metro de altura, rodeavam jardins miniatura de ervas e arbustos, as folhas ainda a cintilar com a chuva da noite anterior. Do lado direito, uma fila de castanheiros elevava-se por cima de um caminho relvado, salpicado aqui e ali de pequenas mesas e cadeiras de ferro. Mais além, um lago refulgia prateado à luz do Sol. Viu uma estreita ponte de madeira, vermelha como verniz das unhas, arqueada como qualquer coisa retirada de *Madama Butterfly*. Espreitando através da magnólia, conseguiu entrever apenas que a ponte conduzia a uma pequena ilha com um belveder de madeira branca rendilhada.

À esquerda avistavam-se relvados e taludes de rosas brancas silvestres, com

colinas atrás cobertas por filas bem alinhadas de videiras em toda a sua glória folhosa, num milhão de tonalidades de amarelo e verde, vermelho e púrpura. Os edifícios de pedra do Domaine Marten curvavam-se para um monte distante e, mais afastado e mais alto, espetando-se para o céu como algo retirado de um livro de contos de fadas, empoleirava-se o que pensou, impressionada, parecia ser um castelo antigo.

A chegada a meio da tempestade ao solar escuro e sinistro estava esquecida. *Isto* era o paraíso na terra. *Isto* era a Provença. *Isto* era o que sonhara.

Virando-se outra vez para o quarto, viu um bilhete enfiado debaixo da porta. Pensou desconfiada se seria de Jake, mas descobriu que era de Haigh, informando-a que as festividades da noite se iniciariam às seis com *cocktails* para a família no salão. A festa de gala propriamente dita começaria às sete. O jantar seria servido no terraço às oito. O traje apropriado seria de cerimónia. E esperava-se pontualidade.

Traje de cerimónia! O mais parecido que possuía era a nova saia florida amarela e azul e um *top* sem mangas. Oh, bem, teria de servir. Ergueu a cabeça e viu a Pequena Azul, joelhos puxados para baixo do queixo, o carneirinho lanoso agarrado com firmeza ao peito a fitá-la, de olhos arregalados e inseguros.

– Olá.

Franny sorriu e a Pequena Azul retribuiu-lhe um sorriso cauteloso.

– Tens fome? – perguntou e a criança assentiu.

– Muito bem, então porque não tomamos um duche, vestimo-nos e depois vamos ver se conseguimos arranjar algum pequeno-almoço?

O relógio do vestíbulo começou com os seus gemidos e rangidos e depois bateu com lentidão as horas. Franny contou ao mesmo tempo. Apenas seis horas. Será que estava sequer alguém acordado? Não tinha importância. A Pequena Azul e ela explorariam a cozinha sozinhas.

Dez minutos depois, de calças de ganga e *T-shirt* e com a Pequena Azul vestida com a sua blusa e saia do uniforme da escola e com os horríveis sapatos duros, desceram para explorar a espaçosa cozinha de chão aos quadrados pretos e brancos.

No pequeno pátio lá fora, Haigh bebia a sua chávena matinal de chá e lia o

jornal quando as ouviu a abrir portas e a tagarelar baixinho. Levantou-se num instante. *Não entendiam que em casas como esta, se levava chá e torradas aos quartos às sete, pontualmente? E que o pequeno-almoço seria servido no terraço a partir das oito?* Por pensar nisso, com toda a confusão da noite passada, esquecera-se de o mencionar. Raios, agora estavam a invadir a sua cozinha e não gostava nada daquilo.

– *Bonjour, mesdemoiselles* – cumprimentou glacial, atando o avental.

Usava o seu traje «matinal» de mordomo, que consistia numa camisa branca e calças pretas e uma expressão altiva que se derreteu apenas um pouco sob o sorriso radiante de Franny.

– *Bonjour*, Haigh – retorquiu Franny. – Pensei que éramos as únicas acordadas por aqui.

– De maneira nenhuma, menina – disse ele, refreando um pouco a severidade e falando em inglês. – Levanto-me sempre cedo, sobretudo hoje que temos a festa de gala.

– Ah, a festa de gala.

Os olhos de Franny cintilaram, mas Haigh resistiu-lhe ao sorriso, porque era a sua maneira de ser. Raios, pensou, ela fazia-lhe lembrar Rafaella quando era jovem.

– A aldeia inteira vai cá estar, menina Franny. *Madame* conhece-os desde sempre. Quando era pequena, frequentou a escola local com eles e trabalhou com eles nos campos a apanhar uvas. Muitos ainda trabalham agora para ela na casa vinícola.

Franny tentou imaginar a visão chique estilo *Vogue* da noite passada nas colinas pedregosas a apanhar uvas sob um sol abrasador, mas não conseguiu.

– Deve ser divertido apanhar uvas.

– É provável que possa experimentar. Mister Scott disse-me a noite passada que as vindimas serão cedo este ano. Qualquer dia destes, de facto.

– Quer dizer que podemos todos ajudar? Fá-lo-emos juntas, querida – prometeu à Pequena Azul, que não entendeu, mas que acenou com a cabeça.

– E agora se me der licença, menina – disse Haigh –, vou preparar o pequeno-almoço. Será servido no terraço na grande mesa sob o caramanchão das glicínias. Logo vê onde é. – Mirou a Pequena Azul com ar desaprovador.

– E esta tarde, menina, creio que será boa ideia irmos os dois até à vila arranjar algumas roupas apropriadas para essa criança.

– Parece-me bem.

Franny lançou-lhe outro sorriso radiante e Haigh sentiu o velho coração endurecido derreter-se um pouco mais.

Ao encaminharem-se pelo terraço soalheiro até ao caramanchão das glicínias, Franny não conseguiu deixar de pensar, só por um segundo, onde estaria Jake. Reparou que *Criminal* não andava por ali e pensou que talvez Jake o tivesse levado a dar uma volta. Ou talvez tivesse ido a algum sítio com o «filho pródigo». Tinha sido uma briga familiar enorme na noite passada, embora ainda não percebesse bem do que se tratava, apenas que Clare dissera que Alain era mau.

– Ainda é pior do que Marcus – segredou a Franny quando se arrastaram, exaustas, confundidas e com *jet-lag*, pelas escadas escuras até aos quartos. – Este tipo não é apenas mau, Franny, é o *diabo*. – E Franny acreditara que, de alguma maneira, Clare sabia do que estava a falar.

Perguntou-se por que razão estaria sequer a pensar em Jake. Não queria envolver-se com outro tipo mau que pensava que ela estava pronta para ir para a cama com ele. Humilhara-a uma vez, mas agora já tinha o seu orgulho e valores em ordem. Nunca mais. Aprendera por fim a lição.

CLARE ROLOU PARA O LADO na sua grande cama de cetim, verificando as horas no pequeno e bonito relógio de madrepérola. Os ponteiros de ouro em filigrana apontavam para as dez. Deixara-se dormir, mas, caramba, tinha boas desculpas: *jet-lag*, a rixa familiar que sobreviera ao jantar, aquele filho sinistro, Alain... e Scott Harris, aparecendo como um vislumbre não desejado do seu passado duro e difícil que ela preferia esquecer.

Empurrou a roupa da cama para trás, rodou as pernas compridas por cima da beira da cama alta e foi até à janela. Tal como Franny, abriu-a de par em par, empurrou as portadas e inspirou grandes golfadas de ar. Era como se bebesse vinho, o ar era puro, límpido, delicioso. Quem diria que o oxigénio podia ser tão inebriante? Sorriu ao interiorizar os jardins, as uvas nos montes calcários e a paisagem rochosa que conduzia ao penhasco compacto onde se empoleirava uma aldeia de conto de fadas. Pensou que afinal de contas a Provença iria ser aceitável.

Dez minutos depois, com o duche tomado, envergando calções brancos e uma *T-shirt* azul amorosa que dizia «Mentimos, o tamanho é importante» a letras reluzentes no peito, seguiu o aroma do café até à cozinha.

– Oh, olá, Haigh – cumprimentou quando ele se virou para ela. – Como vão as coisas?

– As coisas vão andando, menina Clare, obrigado.

Pensou com irritação no que se passaria com estas mulheres americanas que invadiam a sua cozinha como se lhes pertencesse. Não saberiam que se tratava do seu território?

Clare ofereceu-lhe um grande sorriso, serviu-se de café e depois voltou ao vestíbulo saindo pelas portas abertas para o terraço. Empoleirou-se num leão

de pedra, a balançar as pernas compridas e a bebericar café, que era tudo o que precisava de manhã para a pôr a mexer. E este café era bom. Perguntou-se se Franny já estaria levantada. Claro que estava. Franny levantava-se cedo, sempre tivera de o fazer, para trabalhar nesses milhares de empregos que arranjava quando era estudante e agora, claro, porque efectuava cirurgias em animais às sete da manhã.

Clare era uma pessoa da noite, sempre o fora, labutando nos milhões de empregos que tivera, embora a maioria fosse um pouco diferente dos de Franny.

A comprida faixa de caminho com os seus ciprestes guardiães tentou-a. Saltou do leão, deixou a chávena nos degraus e desceu lentamente a alameda para ver o que existiria ao fundo. Chegara aos portões quando viu Jake, que se encaminhava para ela com o seu cão cinzento de pêlo hirsuto, bem como todos os lulus da Pomerânia, *Mimi* e *Louis*.

– Olá. – Acenou. – Parece o flautista de Hamelin, só que com cães em vez de ratos.

Jake riu-se.

– Espero que essa mensagem na sua *T-shirt* não seja verdade – retorquiu, parando para a beijar em ambas as faces, ao estilo francês.

– Que isso não o preocupe – respondeu ela e sorriram um para o outro. – Ora, não sabia que era amigo de Franny – acrescentou, indiscreta como sempre.

– Quem me dera conhecê-la melhor, mas é um pouco problemático.

– Então o que se passa?

Clare encostou-se ao pilar de pedra junto ao portão, de braços cruzados sobre o peito, enquanto Jake lhe explicava o que sucedera, embora não falasse da parte do sexo. Mas recordando a confissão de Franny ao almoço no hotel Shutters, Clare adivinhou o que tinha na realidade acontecido.

– Não posso dizer que não a compreenda por estar zangada e por não confiar em si – afirmou quando ele terminou. – Não foi propriamente um senhor Honrado, embora entenda o facto de a ter convidado para sair e tudo isso. Quero dizer, há qualquer coisa em Franny que os homens acham irresistível, apesar de ela não o perceber.

– É disso que gosto nela – disse Jake e Clare assentiu com a cabeça.
– Pois é assim a nossa Franny. Então. Qual é agora a sua posição?
Ele lançou-lhe um olhar intrigado. Não pensara na questão.
– Não faço ideia. – Encolheu os ombros.
– Não faz ideia, hum? – Clare descruzou os braços e endireitou-se a toda a altura do seu metro e setenta e cinco. – Então deixe-me avisá-lo, Mister Bronson, se não tem intenções sérias em relação a Franny, afaste-se dela. É demasiado boa para que andem a brincar com ela outra vez e não o permitirei. – Enfiou um dedo duro no peito dele. – Entende?
Jake entendeu.
– Até logo. Passe bem – disse Clare.
E desceu a passos largos a rua folhosa, orlada de umbelíferas, ervas altas e rochas brancas calcárias, que levava à aldeia de Marten-de-Provence.

* * *

Laurent Jarré estava a pôr as mesas da esplanada quando viu a mulher de pernas compridas e calções brancos a encaminhar-se na sua direcção. Dispôs o último lugar nas toalhas rosadas, arrumou o saleiro e pimenteiro de vidro, endireitou-se e ajustou o avental descaído quando ela se aproximou.

– Olá – cumprimentou Clare, saltitando pelos degraus de pedra acima e ele foi obrigado a reparar no facto de os seios ressaltarem de forma bela debaixo da *T-shirt*.

– *Bonjour, madame* – retorquiu com cortesia.

– *Bonjour* para si – disse ela, tirando os óculos de sol e sorrindo enquanto olhava nos olhos. – Tem *croissants*? Não me deram de comer no solar e estou cheia de fome.

O cérebro de Jarré demorou alguns segundos a filtrar aquilo para francês.

– *Pardon, madame, mais nous n'avons pas de croissants.*

Clare afundou-se numa cadeira, queixo na mão, fazendo um bonito beicinho.

– *Quel dommage* – exclamou, com um sotaque tão horrível que Jarré se riu.
– Pois, ria-se de mim, pelo menos tentei. – Encolheu os ombros.

Jarré entendeu e riu-se com ela.

– Só lhe consigo oferecer uma *baguette* fresca – retorquiu em tom de desculpa.

Ela bateu com um punho entusiástico na mesa cor-de-rosa.

– Aceito. E a maior chávena de café que tiver.

– *Bien, un grand café* – replicou Jarré e, com o seu sotaque provençal, o *bien* soou como *bieng*.

– Chamo-me Clare Marks, sou amiga da família Marten. – Não teve a certeza se ele a compreendeu, mas gostou dele, gostou dos olhos pretos e do cabelo preto, da sua solidez. Deu uma palmadinha na cadeira a seu lado. – Porque não me faz companhia? Dava-me jeito aprender alguma coisa de francês.

Jarré fitou-a espantado. Já enfeitiçado, sentou-se.

– *Eh, bien* – disse, com um grande sorriso –, começaremos a nossa lição. Chamo-me Jarré.

– Prazer em conhecê-lo – retorquiu Clare, sorrindo. Estava a começar a gostar da Provença.

JAKE NÃO DORMIRA, mas estava habituado a isso. Havia uma altura em que se ultrapassava a fronteira da fadiga e se entrava num segundo e terceiro fôlego, quando o corpo continuava a movimentar-se e a mente trabalhava ainda mais depressa. Graças a Deus que o *bluff* com Alain resultara. Claro que ele podia ter tentado fugir, mas a França era um país pequeno e não era fácil desaparecer, em especial quando se estava na lista dos procurados. Apostara no facto de Alain querer agarrar a oportunidade de sair do país e não querer enfrentar uma acusação legal e tivera razão.

O avião estava atestado de combustível e a tripulação pronta para partir à espera, tal como Oscar, o guarda-costas maior e mais duro de Marselha, preparado para quaisquer problemas que Alain lhe pudesse arranjar.

Oscar telefonara do avião para confirmar que iam a caminho de Ho Chi Minh e que o «prisoneiro» estava furioso porque não lhe davam nem álcool nem comida e ameaçava criar todo o tipo de problemas, mas que não se preocupasse pois tinha tudo sob controlo. Jake duvidava que Alain arriscasse sequer regressar a França.

De manhã cedo dera um grande passeio, tentando architectar o que poderia dizer a Franny para se tentar redimir e pensava agora, esperançoso, se Clare poderia interceder por ele. Pensava também se Franny já estaria acordada, no que estaria a fazer, no que pensaria dele? Calculava saber a resposta. Franny tornara bem claro a noite passada que o colocara na mesma categoria de mentiroso e intrujão de Marcus Marks.

Veio-lhe à cabeça a imagem dela na noite anterior, sentada com ar reservado à mesa de jantar com a camisa branca formal e a saia florida. Recordou o balancear da cortina loura e lustrosa de cabelo quando lhe virara

a cabeça, bem como o olhar desconfiado. Sabia que ela tinha razão, não sabia quem ele era ou o que era, sabia apenas que inventara uma história sobre *Criminal* e que tinham acabado juntos na cama.

Suspirou, a pensar no que fazer. Decidiu que a primeira coisa era conseguir que ela o ouvisse. A segunda seria contar-lhe a verdade. A terceira seria explicar-lhe que não podia ter traído a confiança de Rafaella e a quarta seria colocar-se à sua mercê. Recordando aquele cerne de aço sob o suave exterior louro, não acreditava que tivesse muita sorte. A não ser, claro, que ela ainda sentisse a mesma atracção electrizante entre os dois que ele sentia.

Passou a fonte e sentou-se nos degraus da entrada. Recostando-se contra o leão de pedra, esperou que *Criminal* viesse ter com ele. Pelo menos o cão estava a divertir-se, mantendo-se à distância dos lulus sempre aos latidos e dos altivos *Mimi* e *Louis*.

– Os rafeiros são os maiores. Muito bem, *Criminal* – disse, sorrindo, quando o cão apareceu disparado.

Veio a trotar ter com Jake, parou ofegante, deixou-lhe cair um coelho ensanguentado aos pés e depois sentou-se nas patas traseiras fitando-o triunfante. Jake ficou sem saber se havia de dizer «cão feio» ou «bonito cão». Decidiu-se por fim por «cão esperto», pegou no jornal da manhã que trouxera da aldeia, embrulhou nele o pobre coelho e levou-o para a cozinha.

Haigh franziu o sobrolho quando viu o pacote avermelhado.

– Raio de cães – murmurou. – *Mimi* e *Louis* nunca fariam isso – acrescentou. – Aquele par nem conseguia apanhar uma mosca. – Permitiu-se um pequeno sorriso. Parou o que estava a fazer e olhou para Jake. – Obrigado pela noite passada. Só o senhor se podia ter livrado daquele sacana.

Jake encolheu os ombros.

– Por esta altura já está onde devia estar.

– Para nunca mais ensombrar as portas do solar outra vez – retorquiu Haigh com um sorriso. – Sempre soube que tinha sido ele a empurrar a rapariga do penhasco abaixo, apesar do álibi. Alain tinha sempre um álibi para tudo. Era um miúdo reles e tornou-se um homem mau. Graças a Deus que Rafaella finalmente o reconheceu.

Jake assentiu. Estava a pensar em Felix. Acreditava saber o que tinha

acontecido, mas não podia afirmá-lo com toda a certeza porque ainda não tinha provas, embora estivesse a trabalhar nesse sentido.

– Alguém já se levantou? – Serviu-se de uma chávena de café e encostou-se à bancada, falando num tom tão desprendido quanto possível.

Haigh lançou-lhe um olhar de soslaio. Sabia a quem se referia.

– *Madame* tomou o pequeno-almoço no quarto. E *Madame Juliette* ainda não apareceu, embora Deus saiba que aqueles pequenos e malditos lulus devem estar a rebentar com vontade de urinar, só espero que não em cima do meu *Aubusson*. E *Mademoiselle Clare* partiu em direcção à aldeia, creio eu.

– Os malditos lulus vieram comigo dar uma volta, por isso não precisa de se preocupar.

Jack esperou que ele lhe dissesse onde estava Franny, mas Haigh atarefava-se com as travessas dos canapés para o *cocktail* dessa noite e cantarolava, desafinado, uma pequena melodia que Jake reconheceu como o velho clássico «As time goes by». Soltou um suspiro.

– Muito bem, Haigh, diga-me então onde é que ela está – pediu por fim.

Haigh ergueu a cabeça por momentos.

– Ela quem, Mister Jake?

O rosto mostrava-se tão estudadamente inocente que Jake teve de se rir.

– Muito bem, confesso. Estou à procura de Franny.

– Hummm. – Haigh voltou a organizar triângulos de massa numa tábua de cortar de madeira. – Está interessado nela, então?

– Digamos que temos alguns assuntos pendentes.

Haigh bufou outra vez.

– Chame-lhe o que quiser, o resultado é o mesmo. Bem, ela foi dar uma volta pelo jardim. Talvez a encontre junto ao lago.

Jake deu uma palmada calorosa nas costas de Haigh, palmada que fez voar pedaços de massa e jorrar imprecações irritadas, mas sorria quando correu pelo caminho coberto de erva até ao lago. Naquele momento, o Sol já ia alto no céu e os ramos oscilantes dos castanheiros projectavam sombras agitadas a seus pés. No final do túnel de sombra, o lago cintilava verde e recordou-se de quando era rapaz correr para ali para ver se via Rafaella, na esperança de passar algum tempo na sua companhia, escutar as histórias da família Marten,

ouvir-lhe o riso argentino, deliciar-se com o seu entusiasmo e energia e derreter-se por dentro quando os olhos dela de um azul mediterrâneo se cruzavam com os seus.

No entanto, a mulher com quem casara fora diferente de Rafaella. Amanda era uma rapariga tímida, sossegada, e de uma beleza delicada, uma académica que se queria tornar professora universitária de Inglês, de preferência num sítio do género de Princeton.

Jake parou. Apoiou as mãos numa árvore grossa, esticando os tendões tensos dos joelhos. Era um bom corredor, ainda conseguia fazer com facilidade uma maratona, embora já não terminasse entre os doze primeiros. Mesmo assim, nada mau para quarenta e quatro anos.

Endireitou-se e viu Franny na ponte vermelha, inclinada sobre o parapeito, a fitar a água esverdeada. Caminhou os últimos metros e estacou ao lado dela. Ela lançou-lhe uma olhadela por cima do ombro e depois voltou a estudar as carpas que se movimentavam como setas debaixo da ponte. Durante um longo minuto, nenhum dos dois falou. Por fim, ele disse:

– Lamento, Franny. Sei o que pensas, mas estava num dilema. Não podia contar-te a verdadeira razão de te querer conhecer porque trairia a confiança de Rafaella. O convite era uma surpresa. – Franny afastou o ombro. – Peço perdão – acrescentou com humildade. – Sei o que deves estar a pensar, que te usei, que me aproveitei de ti, mas não foi nada disso. Gostei de ti, Franny Marten, mal te vi a ralhar com o dono de *Marmalade*. Gostei da tua atitude, gostei da tua independência. Sabia como a tua vida tinha sido dura, como eras dedicada. E quando soube como te preocupavas tanto com os teus animais, gostei ainda mais de ti.

Suspirou, não percebendo se ela o estava sequer a ouvir.

– Quando trataste tão bem do meu tornozelo, senti-me tal e qual o pastor-alemão cuja vida salvaste. E gostei, gostei da forma como te preocupaste comigo, como te interessaste.

Pousou-lhe a mão no ombro, mas Franny esquivou-se, fazendo-a deslizar. Deu dois passos na ponte. Ele seguiu-a. Ela franziu o sobrolho e caminhou com rapidez pela ponte até ao belveder, onde se afundou no velho sofá azul, virando a cabeça para poder contemplar a água.

Jake puxou uma cadeira. Sentou-se diante dela, inclinado para a frente, cotovelos nos joelhos. Estendeu uma rosa branca que apanhara nos arbustos que cresciam tão prodigamente à volta do belveder.

– Franny – disse, passados alguns minutos de silêncio tenso –, vais falar comigo?

– Não – respondeu ela.

Desorientado, Jake fixou a parte de trás da cabeça loura. Não podia censurá-la. No final de contas, mal o conhecia e sem dúvida que não sabia nada sobre ele, excepto o que ele lhe contara sobre a cabana e sobre *Criminal*. Para ela, era um homem que a intrujara para entrar na sua vida e na sua cama. Pensou que era melhor fazer qualquer coisa, apesar de detestar falar de si. Nunca revelara as suas feridas e os seus receios a ninguém, mas, se queria ficar com Franny, era isso mesmo que tinha de fazer.

FICOU SENTADO MUITO QUIETO a olhar para ela, desejando acariciar-lhe o cabelo comprido e puxá-lo para trás para lhe poder ver o rosto, mas sabia que ela não o permitiria. Tudo o que podia fazer era tentar explicar-lhe quem era.

– Quando tinha dezasseis anos, vim viver para aqui para o solar e conheci Rafaella. Era a amante do meu pai e a mulher mais linda que já vira. Eu era o miúdo mais amargo e solitário que já se viu, vivendo de sonhos e esperança de escapar da *hacienda*, reavivados sempre que Lucas, o meu pai, voltava para casa. Mas ele não voltava para estar comigo, só voltava para levar alguns póneis novos para os seus clientes ricos. Então, quando fiz dezasseis anos, Lucas percebeu por fim que eu era um ignorante. Creio que pensou que era melhor fazer qualquer coisa comigo e, de forma típica, largou-me junto de Rafaella e deixou-nos a tratar do assunto enquanto viajava pelo mundo a jogar pólo. E jogava bem, era um dos melhores do mundo. Claro que não o posso censurar por querer prosseguir a sua carreira, mas censuro-o por se esquecer que tinha um filho e também pelo que fez a Rafaella.

Jake observou as costas indiferentes de Franny. Não tinha sequer a certeza se ela o estava a ouvir, mas precisava de lhe contar. E estava a contar-lhe coisas que nunca contara a mais ninguém, nem sequer a Rafaella, que o conhecia no íntimo. Nem a Amanda, cuja filosofia pessoal fora a de que o passado era o passado, que nunca mais se repetiria, e que deviam viver para o momento.

– Rafaella viu um rapaz solitário que não sabia quem era ou para onde ia a sua vida – disse baixinho. – Quando me viu pela primeira vez, abriu os braços e beijou-me. Digo-te, Franny, pensei morrer com aquele beijo, apesar de não ser mais do que um abraço suave e afectuoso. Apaixonei-me por ela a

partir desse momento. Teria feito tudo por ela, até morrer por ela. E ainda o faria. E foi por isso que guardei segredo em relação ao convite e também por isso que tive de a deixar descobrir a verdade sobre Alain e arrancá-lo por fim da vida dela.

Encolheu os ombros. Continuava a não perceber se ela o escutava, mas se já chegara até aqui, calculou que já agora lhe contaria o resto.

– Bem, Rafaella ensinou-me a ser um ser humano civilizado, ensinou-me a comportar-me em sociedade. No final de contas, eu não sabia nada, excepto comer com cobóis e andar a cavalo. Arranjou-me professores particulares, descobriu o que eu queria da vida. Sabia que estava apaixonado por ela e eu sabia que ela era louca pelo meu pai. Havia uma espécie de terreno neutro entre nós, uma aceitação de que era assim que as coisas eram e sempre seriam, mas isso não nos impediu de gostarmos muito um do outro. Era como uma mãe para mim e eu era o jovem imberbe na agonia do seu primeiro amor. As coisas entre o meu pai e ela chegaram a um ponto limite passado outro ano. Ele descarregou em mim, disse-me para me pôr a andar e fazer a minha vida em vez de viver às custas dele. Assim, emalei as minhas poucas coisas e fui-me embora. Nunca mais o vi.

Olhou para Franny. Ela enterrara o rosto nos braços.

– Rafaella manteve-se em contacto comigo. Os anos passaram, mas também nunca mais a vi e então, há uns meses, convidou-me para a reunião. Ao princípio tive as minhas dúvidas. Recreei que a realidade actual não estivesse à altura das minhas memórias perfeitas, mas depois percebi que tinha de vir, tinha de proteger Rafaella. Admito que quis investigar-te. Precisava de saber se não eras alguma mulher gananciosa, que iria querer sacar tudo o que pudesse de Rafaella, pois Rafaella foi a primeira a entrar na minha vida. Mas então conheci-te e tudo mudou.

Fitou, ansioso, as costas indiferentes de Franny. Ela não disse nada, ele suspirou e prosseguiu.

– Fui a Hong Kong pedir a Felix para voltar para casa. Ele recusou. Descobri mais tarde, nessa mesma noite, que Alain viera visitar Felix, provavelmente para lhe pedir dinheiro. Felix recusou e acredito que Alain o matou. Por isso compreendes – explicou, sereno – porque era necessário que

eu pesquisasse todos os convidados, mesmo os filhos de Rafaella. E agora entendes o motivo da cena triste da noite passada.

Pensou detectar um ligeiro abrandamento das costas de Franny, um relaxar dos ombros, um descair do pescoço, mas ela continuou a não dizer nada.

– Através de Felix, encontrei o rasto da Pequena Azul. Percebi, mal vi aqueles olhos, que era neta de Rafaella. Investiguei o passado, descobri que Felix era o pai. Organizei as coisas para ela vir conhecer a avó francesa e tenho esperança que consiga devolver pelo menos alguma alegria ao coração de Rafaella. – Suspirou. – Quanto a regressar ao sítio que, nas minhas recordações, sempre imaginara como o meu lar? – Encolheu os ombros. – Os meus receios eram infundados. Rafaella estava na mesma, ainda bela, ainda vibrante, mas era uma mulher solitária. O meu pai abandonara-a há anos. Nunca soube a história toda, embora soubesse que morrera. Nunca tive, na verdade, um pai, por isso não constituiu grande perda para mim, mas nunca perguntei a Rafaella o que sentiu. É o segredo dela e, sem dúvida, um segredo que levará para a cova.

Franny olhou para ele por cima do ombro.

– Que horrível – sussurrou. – O que fizeste quando saíste do solar?

Ele inclinou-se para a frente, cotovelos nos joelhos, fitando a rosa que rodava nas mãos grandes.

– Entrei para a marinha, fui aceite na academia de Annapolis. Depois da formatura e de alguns anos em submarinos nucleares, fui recrutado para o serviço de informações da marinha. Adorei aquela vida, adorei a camaradagem e o «perigo claro e existente». Corria riscos e, em última análise, foi essa a minha ruína. Quero falar-te da minha mulher, Franny. Chamava-se Amanda e conheci-a, surpreendentemente, em Harvard, na biblioteca Widener. Eu estava a fazer uns cursos e ela estudava para o mestrado em Inglês. Era muito inteligente, uma espécie de prodígio intelectual, ainda apenas com dezanove anos e já com um bacharelato no bolso. E, caramba, como era bonita!

Apoiou a cabeça nas mãos, fitando o solo.

– Ainda estou a vê-la sentada naquela secretária com o candeeiro de leitura a projectar um brilho verde sobre o rosto pálido. Era pequena, muito esguia,

com cabelo comprido escuro e olhos castanhos e eu costumava dizer a brincar que pareciam os de um cachorrinho *cocker spaniel*, ternos, calorosos e inteligentes, tudo ao mesmo tempo. Usava camisolas de gola alta pretas, saias curtas e meias pretas com botas pretas pesadas. Dizia-lhe que era um regresso à velha Geração *Beat*, as Juliette Greco e Simone de Beauvoir deste mundo, e ela concordava que provavelmente era.

Suspirou.

– Casámos antes de o semestre terminar. Escrevi a Rafaella a contar-lhe porque sabia que seria a única a importar-se. Enviou-nos um presente de casamento, uns magníficos candelabros de prata antigos que eu sempre admirara. Ainda os tenho, na minha cabana. Sempre que olho para eles penso nela.

– E em Amanda – comentou Franny, em tom compreensivo.

Ele assentiu.

– Amanda sabia que eu pertencia ao serviço de informações, mas ignorava os riscos. Nunca falávamos neles. Dois anos depois de termos casado, contou-me que estava grávida. Não soube como reagir. O que sabia eu sobre bebés? «Aprendes», disse-me, rindo-se, e eu percebi que queria ter uma filha igual a ela. Estávamos na Tunísia, de férias e, nessa noite, saímos para celebrar. Não tomei as devidas precauções porque pensava que não havia motivo para preocupações. Nem sequer estava em missão. Dobrámos uma esquina, no carro, e vi o bloqueio de estrada, uma barreira com gasolina derramada em volta. Derrapámos no combustível, batemos na barreira... e o carro explodiu. Foi planeado pela contra-informação para me matar. Em vez disso, mataram a minha mulher e o meu filho por nascer. Eu mal estava vivo quando devia estar era morto. E acredita-me, Franny, bem desejei estar.

Olhou com tristeza para ela, um homem a reviver um pesadelo. Sentiu a mão dela na sua, a acariciá-lo com suavidade, tal como acariciara o cão ferido.

– Ainda hoje me culpo. Repisei todos os possíveis cenários, como deveria ter estado mais vigilante. Amanda confiava em mim, por completo, e falhei. Não consigo encontrar perdão. – Encolheu os ombros. – Eu era forte. Recuperei e, após um ano de fisioterapia difícil, considerei-me apto para

regressar ao jogo. Mas não, os meus superiores sabiam que eu ansiava por vingança e que, por esse motivo, era perigoso. Assim, ofereceram-me o habitual lugar à secretária, atribuído ao pessoal «incapacitado». Mas não quis, escolhi a reforma.

Levantou-se e caminhou até à beira do belveder. Enfiou as mãos nos bolsos e fitou o lago, absorto.

– Vagueei pelos bares durante um ano, a beber de mais e a não querer saber do rumo da minha vida. Depois recompus-me e comprei o meu retiro de dez hectares na montanha. Construí aí a minha cabana, toda com as minhas próprias mãos. Não deixei que mais ninguém lhe tocasse, não deixei que mais ninguém lá fosse. O trabalho duro, a solidão e a simples bondade dos animais, *Criminal* e *Dirty Harry*, salvaram-me a sanidade mental. Por fim, no entanto, precisei de mais e, por isso, estabeleci-me como investigador particular em Manhattan. Como as pessoas conheciam o nome do meu pai, sabiam quem eu era, tratei dos grandes escândalos da sociedade, os divórcios, as questiúnculas sucessórias e desaparecimentos, mulheres a fugirem com outro homem, esse tipo de coisa. A seguir, porque era bom no que fazia, vieram os clientes empresariais, as firmas farmacêuticas e os gigantes fabris, preocupados com a espionagem industrial. Depois, pedidos de guardas e segurança especial da parte de estadistas estrangeiros, com receio de assassinos, e da realza de Hollywood receosa de perseguidores. Recrutava pessoal de segurança treinado pelo Mossad para bilionários, que viviam na Riviera e ainda trabalhava em estreita colaboração com os serviços de informações, investigando possíveis desordeiros e terroristas. E, ao mesmo tempo, procurava os assassinos de Amanda.

Virou-se para olhar para Franny, que estava sentada com as pernas enroladas por baixo do corpo, observando-o, de olhos arregalados.

– Conheço muita gente bem colocada e influente e muito mais ainda em sítios menos importantes. Sei muito sobre quase toda a gente cujos nomes se ouvem por aí e, portanto, toda a gente é minha amiga. Mas os meus *verdadeiros* amigos são os tipos que estiveram na marinha comigo. São esses homens que trabalham comigo agora. Nesses sei que posso confiar.

Encolheu outra vez os ombros, encontrando-lhe por fim o olhar.

– E é por isso que sou quem sou, Franny Marten.

Pegou na rosa que deixara cair ao chão e levou-a ao nariz, aspirando-lhe o aroma silvestre e musgoso. Depois estendeu-lha.

– Não é um ramo de lírios de Casablanca – disse com ternura –, mas vem de novo com as minhas desculpas.

– Obrigada – retorquiu ela com suavidade.

Ajoelhou-lhe diante dela.

– Somos semelhantes, tu e eu, Franny – disse, pegando-lhe nas mãos. – Dois guerreiros contra a guerra da solidão.

Então ela deslizou para o chão, para o lado dele, e ele abraçou-a e beijou-a. Como deve ser, desta vez, com toda a paixão dos seus lábios quentes, junto ao seu corpo magro e duro, nos seus braços envolventes, que qualquer mulher poderia desejar.

JULIETTE ENCONTRAVA-SE empoleirada na beira da cama de Rafaella, tal como fizera tantas vezes na sua juventude, mas nessa altura falavam de homens, roupas e filhos. Agora não havia homens sobre quem falar e, para Rafaella, nem sequer havia já filhos.

Louis e *Mimi*, esparrinhados aos pés da cama, exaustos do longo passeio com *Jake*, ressonavam e estremeciam, cheirando aos bosques por onde tinham andado a escavar, mas Rafaella não se importava. Estava recostada nas almofadas, o tabuleiro de verga branca do pequeno-almoço no colo, não tendo sequer tocado no café. Juliette observou-a, preocupada.

– É melhor saberes a verdade, *chérie*. Ter filhos é uma das grandes alegrias da vida, mas pode também ser de partir o coração. Acredita em mim, não falhaste em relação a *Alain*, a não ser no facto de lhe teres dado demasiado amor. E, porque o amaste tanto, fechaste os olhos aos seus defeitos. Agora, minha querida, tens de te libertar desse grande sentimento de culpa, porque as escolhas de *Alain* foram dele, não tuas.

Impulsivamente, pousou a sua chávena de café e subiu para a cama, aconchegando-se ao lado de Rafaella, como costumavam fazer nos velhos tempos.

– Recorda-te que tens agora a Pequena Azul e *Franny*, além de *Jake*, *Clare* e *Scott*. A vida é para eles, Rafaella. Tens de prosseguir, *chérie*, e estou aqui para te ajudar.

Rafaella fitou-a com gratidão.

– Diz-me, como é que consegui aguentar todos estes anos sem ti, Juliette?

– Conquistaste porque nunca precisaste de ir às compras. Se tivesses precisado, ter-me-ias chamado – declarou Juliette, provocando uma

gargalhada de Rafaella.

Era o melhor som que já ouvira nessa manhã.

– Bem – disse –, o que estás a planear vestir para a *soirée* de hoje?

Era o que tinham feito sempre, discutir o que cada uma delas usaria para poderem estar perfeitas, as duas juntas. Rafaella forçou-se a pensar.

– O vestido de renda azul-escuro, creio. Lembras-te do *Saint Laurent*? Estavas comigo quando o comprei.

À superfície, a vida voltara ao normal e Juliette pensou que era o máximo que se poderia esperar de momento.

A PEQUENA AZUL ESTAVA sentada à mesa rectangular de pinho da cozinha. O cordeirinho lanoso encontrava-se empoleirado numa cadeira, cuidadosamente embrulhado num toalhete que fazia as vezes de cobertor. Havia um copo de leite à sua frente e ela contava os ladrilhos pretos e brancos do chão, a pensar que devia haver suficientes para cobrir dezenas de quartos como o que partilhava com Bao Chu. Sentia muitas saudades de Bao Chu.

Haigh regressou da despensa com uma única bolacha de chocolate num prato. Pousou-o à frente dela com um guardanapo.

– Um velho costume americano. Leite e bolachas, só que aqui mantemos as coisas em dígitos únicos. Uma bolacha apenas, fazem mal aos dentes.

A Pequena Azul olhou inexpressiva para ele, não percebia o que ele queria dizer com dígitos e costumes. Haigh sentou-se na cadeira em frente. Inclinou-se para ela, cotovelos sobre a mesa, as mãos entrelaçadas. A menina era uma coisinha tão magricela, tão cansada, tão desconfiada, tão patética. Desta vez, havia ternura nos seus olhos quando disse:

– Fale-me de Bao Chu. Gostaria de a conhecer.

Os olhos da criança animaram-se.

– Gostava de conhecer Bao Chu?

– Bem, é a sua avó, não é? Quero saber tudo sobre si, Pequena Azul. Onde vive, como são as coisas em Xangai, na escola...

– As minhas duas coisas favoritas são a escola e a minha avó – respondeu ela, com ardor. – Adoro-as às duas.

– Hum, tinha bons professores nessa escola?

Ela acenou entusiasmada.

– Aprendi inglês lá.

Haigh ergueu uma sobrancelha céptica.

– Que tipo de inglês?

A Pequena Azul corou e deixou pender a cabeça.

– Aprendi *esse* inglês na rua com os outros.

– Bem me parecia. E tenho a certeza que Bao Chu não gostaria de a ouvir dizer essas palavras.

– Oh, não, nunca – retorquiu ela, chocada. – Nunca disse isso à avó.

Haigh sorriu.

– É melhor também não dizer isso em frente *desta* avó.

– Oh, não digo, não digo, prometo.

– Precisamos de ir às compras antes de as lojas fecharem.

Estava a pensar por onde andariam Franny e Jake quando Juliette deslizou pela cozinha adentro por entre uma algazarra de latidos.

– Terei ouvido a palavra compras? – Pousou um beijo no cabelo da Pequena Azul. – *Bonjour, mon petit chou* – cumprimentou, apertando-a numa abraço entusiástico. – E quando se trata de compras, sou a rapariga certa.

Haigh lançou-lhe um dos seus olhares penetrantes.

– Não propriamente uma rapariga, *madame*.

– A idade é um estado de espírito, Haigh, sabe isso muito bem. De qualquer maneira, sou mais nova do que você, não sou?

– Não me recordo, *madame* – respondeu Haigh com altivez. – E a menina Franny devia acompanhar-nos à vila, mas parece ter desaparecido.

– Está no lago, com Jake – disse a Pequena Azul e ambos a fitaram, surpreendidos.

– Ai está? – exclamou Haigh com secura.

– *Et alors* – bradou Juliette –, beba o leite, menina, e vamos embora. Precisa de um vestido bonito para a grande *soirée*.

ERAM SEIS DA TARDE e Rafaella ainda não saía do seu quarto para se reunir aos convidados. Estava sentada junto à janela aberta, na velha biblioteca do rés-do-chão que desde o advento da artrite se transformara no seu *boudoir*, rodeada pelas prateleiras de carvalho de livros encadernados a couro, que o seu bisavô comprara para impressionar a sua noiva, pelas fotografias emolduradas a prata de cães queridos ao longo dos anos e pelos retratos de tias e tios, da mãe e do pai. Recordações da sua longa vida encontravam-se espalhadas a toda a volta: um xaile de seda rosado de que gostava muito, comprado em Caxemira numa viagem à Índia, há muitos anos; um belo candeeiro de contas de muitas cores vindo de Marrocos; uma caixa de prata inglesa que continha os primeiros caracóis macios dos filhos. O presente de Lucas ainda se erguia no seu toucador, um espelho veneziano espiralado e florido que ainda usava.

Eram amantes há apenas alguns meses quando ele lhe comprara o espelho, um presente após uma longa ausência, a jogar pólo, presumira. Nunca tinha a certeza se seria tudo o que fazia, mas era demasiado orgulhosa para ir atrás dele e sabia que Lucas não era do tipo fiel.

Perdoara-lhe tudo quando lhe oferecera o belo espelho veneziano. Ele pousara-o à sua frente e mostrara-lhe o seu rosto reflectido, percorrendo-lhe as feições com o dedo. «Como é que te poderia esquecer», murmurara. A seguir beijara-a e o espelho reflectira aquele beijo. De facto, pouco havia, pensou Rafaella agora, que este espelho não tivesse visto.

O relógio do vestíbulo chiou, rangeu e bateu as seis, o som um pouco surdo, como acontecia há décadas. Mas esta noite era diferente e o solar já não se encontrava em silêncio. Conseguia ouvir água a gorgolejar nos velhos canos,

o que indicava que os seus convidados tomavam banho. Uma televisão trovejava as notícias: devia ser Juliette, sempre fora viciada em televisão. Os passos de uma criança soaram nos degraus e a sua voz aguda chamou excitada por Franny. Aqueles ruídos misturaram-se com o bater de saltos altos no parquê, o ladrar dos lulus da Pomerânia e a voz autoritária de Haigh a dar ordens aos empregados recrutados na vila porque todas as pessoas da aldeia eram convidadas. O grupo musical contratado para a noite testava os microfones no terraço. Ouvia-se o chocalhar de travessas e talheres à medida que as mesas iam sendo postas e o aroma de flores espalhava-se por todo o lado.

O silêncio da solidão desaparecera. Rafaella ergueu a cabeça. Inspirou uma grande golfada do ar doce, enchendo os pulmões, sorrindo, imaginando que o solar respirava com ela. Estava de novo cheio de vida e esta noite representaria um novo começo.

A PEQUENA AZUL tomava duche na sua própria casa de banho. Nunca tivera uma casa de banho, nem sequer um verdadeiro chuveiro antes e rodava sob os jactos quentes, abanando a cabeça como um cachorrinho sob o fluxo de aspersores de jardim. Divertira-se muito. Juliette descobrira o vestido mais lindo que ela já vira e escolhera também outras coisas, calções e *T-shirts*, vestidos sem mangas, fatos-de-banho, ténis giros e umas pequenas sandálias macias. Quando tinham regressado ao solar, Juliette atirara os cruéis sapatos pretos de fivela *Mary Jane* para o lixo. Depois beijara-a e dissera:

– Vai ter com Franny, *ma petite*. Ela ajuda-te a aprontares-te.

A Pequena Azul correra lá para cima, parando para uma pequena dança excitada no patamar, mas depois estacara para pensar. Havia algumas coisas que a intrigavam. Se o seu papá era na realidade o filho da *grandmère* Rafaella, então devia ser rico. Por isso, por que razão, pensou com tristeza, não tomara conta dela e de Bao Chu? Por que razão nunca a fora ver e não a trouxera para aqui para conhecer a *grandmère*? E porquê, oh, porquê, não a amara?

Voltara a correr ao andar inferior para fazer a Haigh esta pergunta importante, sabendo, instintivamente, que ele diria a verdade, mas Haigh

dissera-lhe apenas que era complicado. Dissera que Rafaella explicaria tudo mais tarde e que ela teria de ter paciência. Depois, falando com lentidão para ter a certeza que ela entendia, Haigh dissera: «A sua *grandmère* Rafaella ama-a. Pode acreditar em mim.» E, por uma vez na sua vida, a Pequena Azul acreditara.

Agora saiu do chuveiro e, enrolada numa toalha, dançou pelo seu quarto vermelho, examinando a antiga casa de bonecas e o seu mobiliário complicado, inspeccionando as mesas de altar onde parou para fazer uma reverência caso qualquer dos antepassados de que Bao Chu lhe falara andasse por ali. Rodopiou até à janela e subiu para o assento almofadado, debruçando-se e comparando a vista com a do pequeno apartamento em Xangai, da rua triste com o lixo a entupir as sarjetas, os edifícios inclinados escorados com postes de bambu e o clarão de halogéneo que transformava os rostos em máscaras estranhas. Desejava tanto que Bao Chu ali estivesse para partilhar com ela este solar encantador, para sentir esta maravilhosa liberdade, estes lugares verdes animados com flores, e estas pessoas que a amavam. A felicidade era uma emoção nova e saboreou-a como se fosse uma refeição excepcional e rara.

Gritou de surpresa quando reparou na pequena caixa azul atada com uma fita branca que descansava na sua almofada. *Um pequeno tesouro para ti, Pequena Azul, para te trazer felicidade na festa da tua grandmère esta noite. Um beijo, Tante Juliette*, lia-se no cartão.

Leu-o outra vez e depois agarrou na caixa, soergueu a toalha que escorregava e disparou para a porta ao lado para a mostrar a Franny, que estava sentada em frente do espelho a escovar o cabelo.

– Olha, olha. É um *presente* – exclamou a Pequena Azul, exibindo a caixa.

Franny sorriu e mostrou-lhe uma caixa idêntica no seu toucador.

– Tão simpático Juliette pensar em nós, Pequena Azul – disse, mesmo no momento em que Clare deslizava pela porta dentro numa nuvem de perfume e pouco mais.

Numa mão trazia o seu vestido pendurado num cabide e, na outra, uma caixa azul *Tiffany*.

– De Juliette – explicou, espantada. – Acreditas nisto? É tão maravilhosa

que quero ser como ela quando crescer.

A Pequena Azul não conseguia esperar. Foi a primeira a abrir a caixa e ficou a olhar para a pulseira de prata com o amuleto em forma de coração.

– É mesmo minha? – perguntou, olhando para Franny.

E, quando Franny lhe disse que claro que era e que devia usá-la naquela noite para dar sorte, um grande sorriso espalhou-se-lhe pelo rosto. A seguir, Franny e Clare abriram as suas caixas, soltando exclamações à vista dos seus presentes.

Franny lançou uma olhadela ansiosa ao relógio enquanto vestiam rapidamente a Pequena Azul com o seu novo vestido de algodão de um cor-de-rosa doce que atava nos ombros com laços de cetim. A Pequena Azul calçou as suas novas sandálias macias de camurça rosa, Clare pintou-lhe as unhas de um cor-de-rosa a condizer e Franny escovou-lhe o curto cabelo preto até brilhar. Deram um passo atrás, admirando-a enquanto ela empoleirava no cabelo a pequena tiara cintilante que Juliette descobrira no mercado de rua. «Serás uma princesa esta noite, *ma petite*», prometera Juliette e, contemplando-se espantada ao espelho, a Pequena Azul pensou que era mesmo verdade.

Clare deslizou à pressa para o vestido sem alças de tafetá branco que realçava a sua pele aveludada cor de azeitona; sapatos de salto alto de cetim preto; uma malinha de cetim preto; o cabelo preto puxado para trás num puxo; uma pincelada de batom vermelho. Mirou o efeito no espelho, puxou o *top* para cima e disse com um sorriso:

– A virgem está pronta para o sacrifício.

Depois virou-se e viu Franny com a sua saia amarela e azul florida e um *top* sem mangas amarelo e gemeu.

– Oh, não, não, não, não e NÃO! Devias ter-me dado ouvidos, Franny!

– Agora é demasiado tarde – retorquiu Franny, sabendo que a sua apresentação não era das melhores.

– Não estás suficientemente bem vestida para a grande *soirée* de Rafaella – disse Clare, arreliada. – Espera aqui. Vou ver o que posso fazer – e desapareceu, os saltos a baterem no chão de parquê, de volta ao seu quarto.

A Pequena Azul e Franny sentaram-se no assento da janela e esperaram.

Franny olhava inquieta para o relógio. Os minutos passavam. A Pequena Azul balouçava as pernas. Franny franziu o sobrolho. Não tinha qualquer estilo, esse fora sempre o seu problema e preocupava-a o que Rafaella pensaria dela. E então Jake? Estava horrível. Gemeu e a Pequena Azul deu-lhe uma palmadinha ansiosa na mão.

Então Clare entrou apressada com os braços carregados de roupa.

– Despe isso – comandou.

E espremeu Franny num *bustier* de seda e renda preto que lhe erguia os seios de forma atraente, embora Franny se queixasse que se viam de mais, e numa saia de seda de tom fúcsia que lhe ondulava à volta dos joelhos. Os sapatos de camurça vermelha de salto alto de Clare eram um número mais pequeno, mas era demasiado tarde para se preocuparem com tais detalhes menores. Desprendeu os pequeninos brincos de pérola de Franny e substituiu-os pelos que Juliette oferecera, os pendants de prata, depois puxou à pressa o cabelo de Franny para cima e prendeu-o com uma dúzia de ganchos, deixando-o cair um pouco num monte desordenado e sensual. Um batom mais escuro, um pouco de rosa nas faces e uma malinha de rede prateada com uma correia comprida completavam o traje.

Clare deu um passo atrás para verificar o seu trabalho.

– E a Cinderela vai ao baile.

Agarrou na mão de Franny para impedi-la de se olhar ao espelho e protestar que estava a mostrar demasiada pele e que não se parecia nada com ela. Empurrou a Pequena Azul pela porta à frente delas, mesmo no instante em que o relógio antigo chiava a hora mágica e, juntas, precipitaram-se pelas escadas abaixo.

NOS SEUS APOSENTOS por trás da cozinha, Haigh enfiava os braços no colete de brocado multicolorido e extravagante da *Dunhill*, presente de Juliette. Abotoou-o e ajustou-o no seu lugar. Pensou que Juliette não perdera o jeito, sempre soubera como agradar a um homem. Vestiu o *smoking* de veludo azul-escuro do bisavô Marten com as lapelas pontiagudas de cetim e admirou-se ao espelho. Ficava bem com o colete e a camisa branca engomada, laço de seda preta e calças pretas faziam com que todo o conjunto

parecesse adequadamente formal. Hum, pensou, nada mal, considerando.

Considerando o quê? Bem, considerando que estava entradote em anos, considerando que era a sua primeira festa há mais de uma década e considerando... bem, considerando que esta noite era um homem feliz. Havia até um sorriso no seu rosto quando saiu para o terraço, pronto para dar ordens ao pessoal contratado e a qualquer outra pessoa que se atravessasse no seu caminho.

JULIETTE, com um vestido justo de *lamé* prateado e uma data de diamantes tremeluziu pelas escadas abaixo em direcção ao quarto de Rafaella. Por uma vez na vida não estava atrasada porque precisava de confirmar se a amiga se encontrava bem. Os lulus da Pomerânia estavam fechados no seu quarto, com os pratos de comida a abarrotar de galinha. Mais tarde, quando a festa estivesse em pleno andamento e ninguém reparasse, deixá-los-ia sair porque não aguentava que eles perdessem todo o divertimento.

– Rafaella? – chamou, batendo à porta e depois entrando sem esperar.

Já vestida com o fato comprido azul-escuro de renda, Rafaella estava sentada em frente do espelho veneziano que o Amante lhe dera, a fitar, absorta, o seu reflexo. O rendilhado delicado disfarçava as clavículas pronunciadas e as mangas compridas de *chiffon* davam-lhe um ar muito gracioso. Prendera um par de enormes pulseiras de esmeraldas à volta de cada pulso e enrolara o cabelo num puxo simples, que realçava o pescoço comprido e os brincos pesados de esmeraldas e diamantes que oscilavam quase até aos ombros.

Juliette susteve a respiração. Havia qualquer coisa de quase bárbaro no aspecto de Rafaella esta noite e, por um instante, viu-a como o Amante a devia ter visto há todos esses anos atrás, uma mulher excitante e sensual que conseguia fazer parar o coração de qualquer homem com a sua beleza.

– Querida – disse, correndo a abraçá-la –, és na verdade a rainha do baile. *Chérie*, se vivermos ambas até aos cem anos, nunca perderás essa magia, ao passo que eu... – passou as mãos pela figura rechonchuda – ... bem, ficarei apenas cada vez mais gorda e mais ruidosa e terei de me fiar no meu encanto.

– Credo, não temos sorte? – comentou Rafaella. – Beleza e encanto. Nada

mal para duas velhas *femmes du monde*.

Juliette observou-a com um olhar penetrante.

– Sabes, nunca me chegaste a contar o que aconteceu entre ti e o Amante no fim.

Uma centelha de tristeza toldou os olhos de Rafaella, mas abanou apenas a cabeça.

– Um dia conto-te.

Depois, seguidas por *Mimi* e *Louis*, as duas velhas amigas dirigiram-se de braço dado para a grande sala onde os convidados esperavam.

QUANDO IAM A CHEGAR, Jake desceu a correr as escadas, bem-parecido no seu *smoking*, e Scott entrou apressado pela porta da frente vestindo um velho casaco de *smoking* e calças de ganga que disse ser o máximo que conseguira descobrir no seu magro guarda-roupa. Jake ofereceu o braço a Rafaella, Scott a Juliette e encaminharam-se para a grande sala onde a «família» esperava e onde Haigh, um pavão com a sua plumagem colorida de seda e veludo, já servia o resto do *Krug*.

Rafaella estacou à porta para olhar para a sua nova «família».

– Como são bonitas – segredou a Jake. – E olha só para a minha neta. Está transformada.

Mas os olhos atónitos de Jake estavam pousados em Franny, uma estranha com o cabelo numa desordem sensual e um decote *sexy*, toda ela pernas compridas e saltos altos. Seria a mesma mulher que beijara há apenas algumas horas? Franny ergueu a cabeça e viu-o. Fitaram-se os dois e, percebendo-o, Rafaella e Juliette trocaram olhares entendidos. O solar estava a exercer a sua velha magia, tal como fizera com elas.

A Pequena Azul correu para a avó e Rafaella pegou-lhe nas mãos e abriu-lhe os braços, admirando o vestido cor-de-rosa novo e a tiara cintilante.

– A tua avó Bao Chu orgulhar-se-ia de ti esta noite. E eu também.

Então todos se beijaram, cumprimentando-se, e havia um sorriso sob a expressão reservada de Haigh ao servir mais champanhe e ao pedir a um empregado de casaco branco para trazer os *hors-d'oeuvres* especiais, que, apesar das muitas interrupções na sua cozinha, ele próprio preparara. E depois Juliette presenteou Jake com a oferta da camisola de caxemira vermelha e Scott com a gravata de seda às riscas, encantando-os, e Franny

deu a Rafaella um presente, uma fotografia do pai e do avô, emoldurada a prata, que, mais uma vez, quase levou Rafaella às lágrimas, mas recompôs-se e pediu um brinde.

– Nada estragará esta noite – disse erguendo o copo e sorrindo. – Esta noite é para os jovens. E para o solar a que devolveram a vida.

E todos beberam a isso, rindo e tagarelando, todas as tensões desaparecidas, como se aquela primeira noite horrível nunca tivesse acontecido.

Scott aproximou-se de Clare e convidou-a para uma visita particular à casa vinícola e, namoriscando um pouco com ele, Clare respondeu que gostaria muito. Jake manteve-se ao lado de Franny, sem lhe tocar, embora tendo em conta a excitação que se gerava entre eles, bem que poderiam estar a tocar-se.

– Estás linda – afirmou. – Gosto do teu vestido.

– Então tens de agradecer a Clare. É dela.

– Mostra mais de ti do que o habitual.

Parecia um pouco aborrecido e ela sorriu maliciosa.

– Talvez te lembres, há mais.

– Bem, bem, parem de namoriscar vocês os dois e venham cumprimentar os convidados.

Juliette separou-os um do outro quando os primeiros carros circundavam os canteiros do jardim e os habitantes da aldeia, vestidos a rigor, saíam, espantados por verem que os seus automóveis eram levados por jovens de casacos vermelhos que os estacionavam.

Mademoiselle Dorit   chegou na sua *moto*, a saia subida   altura das ancas, algo que Haigh considerou uma visão infeliz. Usava um vestido comprido verde-escuro de seda, com um grande decote, que, graças a Deus, era disfarçado por uma gola de renda branca. Tinha uma flor amarela espetada no cabelo revoltado e encaracolado, embora a cabeleireira da vila lhe tivesse alisado os caracóis o melhor que conseguira, mas,   medida que a noite avançasse, o cabelo reverteria para as habituais espirais. Sorria radiante, apertando mãos e aceitando um copo de champanhe, tão à vontade como se fosse a este tipo de reuniões elegantes todas as semanas, pois, no final de contas, tal como os outros, toda a sua vida conhecera Rafaella e o solar.

–   como nos velhos tempos – exclamavam os habitantes da aldeia, sorrindo

satisfeitos e cumprimentando Rafaella com beijos.

Diziam-lhe que se sentiam muito honrados por conhecer a sua nova família e que ela tinha muita sorte por ter «filhas» tão bonitas. Claro que ninguém mencionava Alain, embora através dos boatos da aldeia, ou seja, as senhoras que tinham servido o jantar na noite anterior, toda a gente soubesse o que tinha sucedido. Mas não queriam que nada estragasse a *soirée* de Rafaella.

Jarré subiu aos solavancos o caminho no seu velho *Citroën* com o atrelado de madeira acoplado. Era o mesmo que o pai usara para ir aos mercados diários, nunca vira necessidade de o substituir, e ainda não o fizera. Vestia o seu melhor fato preto, enfeitado com um laço vermelho arrojado. Abotoando o casaco, subiu os degraus a passos largos, cumprimentando as pessoas que conhecia, que eram praticamente todas, excepto o jovem que, para sua surpresa, lhe estacionara o veículo. Rafaella cumprimentou-o com beijos afectuosos e apresentou-o à sua nova família. Inclinou-se, respeitoso, por cima das suas mãos, mas os olhos procuraram Clare. Elegante no seu vestido branco, era tão inacessível como uma mulher de outro planeta e afastou-se com rapidez. Mas ouviu a voz dela a chamá-lo:

– *Bonsoir*, Monsieur Jarré, famoso *chef* – disse quando ele se virou e depositou-lhe beijos rápidos em ambas as faces.

Jarré sentiu que corava, um vermelho quente. Retorquiu com um boa noite e que estava contente por ter vindo, depois afastou-se com cautela, aceitando um copo de champanhe do seu velho compincha, Haigh, que se encontrava mesmo atrás dele.

– Mulher bonita, não é? – comentou Haigh com aquele pequeno sorriso de entendido. Como de costume, não perdera pitada.

Os Allier chegaram com a filha de dez anos, que pegou de imediato na mão da Pequena Azul e a levou para o terraço para lhe mostrar onde vivia o sapo na fonte. Até os velhotes da praça se haviam aperaltado e tinham sido transportados para a festa num miniautocarro. Estavam sentados numa fila de cadeiras douradas, vestidos com fatos antigos, que eram agora demasiado grandes para eles, os queixos em geral cinzentos bem barbeados, rosados e cheirando a alguma loção com aroma de limão adquirida na loja de Mademoiselle Doritée, parecendo raparigas sem par num baile. Franny foi

apertar-lhes as mãos, dizendo-lhes que era a sobrinha de Rafaella. Eles sorriram e assentiram com a cabeça e alguns até lhe beijaram as mãos.

Bebeu-se uma grande quantidade de champanhe, bem como cerveja *Stella* e, no terraço, o grupo musical, composto por teclas, violino, um acordeão e uma guitarra, tocava uma rapsódia de temas que faziam Franny pensar em Paris e em Edith Piaf.

Haigh consultou o relógio, dirigiu-se a passos largos para a cozinha para ver se estava tudo pronto e depois de novo para o vestíbulo, onde fez soar o gongo de latão e anunciou que o jantar estava servido. Toda a gente se apressou a conferir o plano dos lugares à mesa para encontrar a sua cadeira.

A grande mesa corria a todo o comprimento do terraço, coberta de damasco branco engomado e muitas jarras a transbordar de rosas brancas, com ramos de folhas de louro entrelaçadas com salva, alecrim e alfavaca e cheirando como o céu deve sem dúvida cheirar. Havia lanternas coloridas penduradas nas árvores e luzes minúsculas enroladas à volta da glicínia e da balaustrada ao longo do terraço. Mal a noite caiu, as luzes da fachada do solar animaram-se, banhando a casa com um brilho dourado suave, ao mesmo tempo que, à frente, as fontes jorravam e cintilavam.

Contemplando toda a beleza em seu redor, Franny guardou tudo na memória. Era a noite mais encantadora da sua vida, aqui com a sua própria família na sua genuína casa de família.

Rafaella ocupou o seu lugar no centro da mesa comprida. No lugar de honra, à sua direita, colocara o presidente da junta de Marten-de-Provence, um agricultor que, além dos seus, lavrava os campos de lavoura de Rafaella. À sua esquerda sentava-se o seu velho amigo Jarré e, ao lado dele, Juliette. Franny estava mais longe, entre Monsieur Allier e Jake, ao passo que Clare se sentava na outra extremidade, entre Scott e o notário da vila, o advogado que tratava dos pequenos problemas de toda a gente. Os velhotes alinhavam-se em fila em frente de Rafaella e a Pequena Azul estava sentada ao lado da sua nova amiga, Mireille Allier, enquanto, mais ao fundo da mesa, Mademoiselle Doritée ajustara o guardanapo no seu farto peito e estava já a olhar em volta para ver o que iria ser servido.

Garrafas de água, bem como de vinho *Domaine Marten*, encontravam-se

aprumadas em bases de prata. Os pratos marcadores em cada lugar eram de um vidro rosa-pálido e datavam da década de 1920. O serviço era de prata dourada e os copos do melhor cristal e pé alto, tudo não utilizado há muitos anos. Até Haigh estava finalmente satisfeito. Não deixara Rafaella ficar mal, tudo estava perfeito. A elegante empresa de Avignon que confeccionara e servia o jantar efectuara um bom trabalho e acenou aprovador para a entrada, um saboroso ravioli de lagosta num molho amanteigado cor de coral embelezado com um único lagostim rosa pontiagudo.

A música derramava-se pelo terraço, o vinho era servido, as conversas brotavam com rapidez e os risos ressoavam. A Pequena Azul e Mireille Allier soltavam risinhos e davam as mãos, a barreira da língua não constituía problema para elas. Os pratos do ravioli foram ensopados com pedaços de *baguette* e depois substituídos por um novo prato, contendo requintados filetes de robalo envolvidos em folhas de alface e cozidos lentamente em lume brando. Seguiu-se um fricassé de frango num molho verde feito com azedas frescas, salsa e estragão, servido com uma flor de puré recheado com uma musse de cogumelos. Os convidados comentavam em murmúrios o seu prazer e atacavam a comida com satisfação enquanto Haigh percorria o terraço como um sargento de instrução militar, inspeccionando os pratos, certificando-se que tudo sabia tão bem como parecia. À medida que a noite avançava, os convidados serviam-se de mais vinho e a música ficou um pouco mais alta.

Clare lançou uma olhadela a Scott, sentado a seu lado. Não havia dúvida que era um homem atraente, além de possuir aquele encanto «sal da terra» que ela pretendia. Suspirou quando o empregado lhe colocou a salada à frente, uma mistura delicada de folhas minúsculas com um molho etereamente leve de limão.

– Será que consigo comer *mais*? – perguntou a Scott.

Ele sorriu e respondeu:

– É melhor. Haigh vem aí na sua ronda de inspecção.

– As pessoas na Provença comem assim todas as noites da semana?

– Eu sem dúvida que não. Para mim, à noite, é só uma sanduíche de queijo e fiambre. Às vezes, no entanto, almoço no Café des Colombes. Jarré é um

bom cozinheiro. Sabe o que faz. Muito despretensioso e, contudo, não tão simples.

– Hum – retorquiu Clare, pensativa. – Como o homem.

Scott lançou-lhe um olhar surpreendido.

– Conhece Jarré?

– Conhecemo-nos esta manhã. Contou-me a história da sua vida e eu contei-lhe parte da minha.

As sobrancelhas de Scott ergueram-se e ela acrescentou:

– A minha era um pouco mais complicada. Além disso, o meu francês não estava à altura, nem o inglês dele.

Scott encheu-lhe de novo o copo de vinho.

– Não a conheci em São Francisco – disse baixinho –, mas vi a sua fotografia.

Clare rodou o vinho tinto espesso no seu copo.

– E?

– Acho que é ainda mais bonita em pessoa.

Ela fitou-o nos olhos.

– E eu acho que é um homem muito simpático.

– Um homem que acabou de conhecer uma mulher muito simpática.

– Sempre uma situação interessante – concordou Clare com recato.

Ouviram a gargalhada de Juliette e, lançando uma olhadela para o outro lado da mesa, viram que o guitarrista lhe fazia uma serenata. A seguir Juliette ergueu-se e, de imediato, Jarré levantou-se e ela encontrou-se nos seus braços rodando numa valsa perfeita.

Haigh franziu o sobrolho. O jantar ainda não tinha terminado. Dançar deveria ser mais tarde, mas era uma causa perdida, porque por esta altura a maior parte dos convidados já se tinha levantado e o grupo musical aumentara as coisas outro decibel.

Allier valsava agarrando Mademoiselle Doritée, cujo ar beat  fico Haigh suspeitava ter tanto a ver com a quantidade de vinho que consumira como com o facto de estar a dançar com o seu vizinho. A seguir, Scott fez uma v  nia a Clare e ela deslizou-lhe para os braços com tanta facilidade como um floco de neve a derreter-se no seu vestido branco. Jake dançava com Franny,

não a apertando com tanta força como desejava porque não era o momento adequado.

– Preciso de estar sozinho contigo – sussurrou-lhe ao ouvido e ela assentiu.

Rafaella estendeu a mão.

– Vamos? – disse para Haigh e dançaram juntos, fitando-se nos olhos, a sorrir.

– Isto é maravilhoso – observou ela.

– Claro que é maravilhoso. Tenho andado a trabalhar para isso há semanas.

– Haigh riu-se. – E vai ser tudo maravilhoso para si a partir de agora, Rafaella.

Só lhe chamava Rafaella quando estava profundamente emocionado e ela estreitou-lhe a mão agradecida.

– Eu sei.

Os empregados tinham substituído as saladas por travessas de queijos e os dançarinos regressaram em massa às mesas. As cadeiras foram puxadas para trás e novos grupos se formaram, as mulheres de um dos lados da mesa, os homens do outro. As mulheres agruparam-se à volta de Rafaella elogiando-a pela belíssima refeição e pela beleza do solar iluminado. «É tal e qual como nos velhos tempos», diziam, os olhos a luzir de prazer. E gabaram-lhe a bonita neta e a veterinária inteligente e encantadora. E, claro, muitas delas recordavam-se de Juliette e afirmaram que era bom vê-la ali de novo e perguntaram-lhe pelos netos.

A seguir veio a sobremesa, uma tarte de massa doce repleta de morangos e framboesas silvestres com dois molhos, um de creme de baunilha e outro de chocolate amargo. Com a sobremesa, Haigh serviu um champanhe *rosé* muito especial, um *Piper-Heidsieck Rosé Sauvage*, em honra do Château des Roses Sauvages. Depois começaram os brindes, com toda a gente a cumprimentar Rafaella, a sua nova família e o solar, e Rafaella a cumprimentar a sua «família» e os convidados.

Nesta altura, a Pequena Azul escorregava de sono na sua cadeira e Franny sentia-se tão cheia que mal se conseguia mexer, mas Clare ainda se encontrava sentada muito direita, a perfeita senhora, nem um cabelo fora do seu lugar. Juliette estava alegre, mas o rímel azul esborratara. Rafaella sorria

ainda, bela, os compridos brinco de esmeralda a balouçarem quando dobrava a cabeça para agradecer as homenagens e os aplausos.

Então a música começou a sério e as pessoas levantaram-se para dançar outra vez. Haigh abriu o *Marc*, a aguardente boa encontrada no fundo da adega do bisavô Marten.

– Quando teremos outra oportunidade de o partilhar com tantos amigos? – disse, servindo com liberalidade.

Jarré não bebeu o *Marc*. Em vez disso, endireitou o seu laço, abotoou o casaco e alisou o cabelo para trás. Fortalecido pelo vinho, com o bigode a eriçar-se, dirigiu-se para Clare.

– Mademoiselle Clare, dá-me o prazer desta dança?

Clare respondeu que claro que sim, pediu licença a Scott e deslizou para os grandes braços de Jarré com um suspiro que soava muito a contentamento.

A Lua subiu mais alto por cima do solar, iluminando o céu para um azul-escuro leitoso que quase condizia com o vestido de Rafaella. A neta veio sentar-se nos seus joelhos e ela sentiu-se derreter de ternura. Olhou em redor para os seus amigos, verdadeiros amigos, todos eles, dançando e divertindo-se, para a sua adorável sobrinha e para Jake, que estava obviamente a apaixonar-se por ela. E para Scott, que tivera tanta sorte em encontrar e cujos olhos seguiam Clare com alguns ciúmes enquanto ela dançava com Jarré. Procurou Haigh com o olhar, sorrindo quando o viu. Tirara o *smoking* e estava sentado com um grupo de homens da região, que conhecia há tanto tempo quanto ela, a bebericar o bom *brandy* e a relembrar velhos tempos. E depois olhou para Juliette, a cintilar de diamantes e a queixar-se em voz alta que os pés estavam a dar cabo dela, até que tirou os sapatos e dançou descalça. Os lulus da Pomerânia libertos da sua luxuosa prisão, latiam e abocanhavam e *Mimi* e *Louis* observavam-nos com adoração, ao passo que *Criminal* examinava a cena com um ar de desdém e depois se afastava furtivo pelo caminho abaixo em negócios próprios.

Rafaella recordava-se de muitas noites como esta, quando o Amante ainda lá estava, mas empurrou essas memórias para o fundo da sua mente e abraçou mais a sua neta sonolenta. Esta noite viveria apenas para o momento.

Eram quase duas horas quando os últimos retardatários se foram pelo

caminho, depositando muitos beijos e assegurando a Rafaella que era a melhor festa das suas vidas.

E, um pouco mais tarde, à janela do seu quarto, Rafaella viu Franny e Jake descenderem a álea dos castanheiros. O braço de Jake rodeava os ombros de Franny e o corpo dela inclinava-se instintivamente para o dele. Rafaella suspirou. Não conseguia imaginar nada mais perfeito do que o jovem que amara como filho a apaixonar-se pela jovem que acabara de obter como sobrinha. Era o final perfeito para uma noite perfeita. Mesmo que, como Juliette, os pés estivessem a dar cabo dela e, apesar de *Mimi* e *Louis* estarem já a ressonar na sua cama, acompanhados por um par de lulus traidores, demasiado exaustos para esperar sequer que ela subisse para a cama, para o lado deles.

AS LUZES que iluminavam o solar diminuíram e depois apagaram-se. As lanternas e as fiadas de luzinhas decorativas extinguiram-se numa sequência de estrelas que se afastam, deixando apenas a Lua, baixa agora no céu azul muito escuro. Projectava uma luz suave e filtrada sobre o belveder cheio de latadas onde Franny se encontrava com Jake.

Os grilos gorjeavam, mais sossegados agora que era tão tarde, e os pássaros perturbados pelas luzes e pelo barulho tinham-se por fim retirado para os seus ninhos e acalmado. O solar era uma silhueta escura com o céu em pano de fundo. Toda a gente estava a dormir e eles eram as únicas duas pessoas no mundo. O ar nocturno rescendia aos perfumes do jardim e ao cheiro dos juncos verdes do lago. Aspirando-o, Franny pensou que era como o vinho *Marten*, sensual, enérgico, delicioso.

– Franny?

Jake segurava-lhe a mão entre as suas. Franny virou a palma da mão para cima, com confiança.

– O que é?

– Pode parecer ridículo, quero dizer, mal nos conhecemos um ao outro...

– Mas eu conheço-te, sei quem és. Naquela noite na minha casa, avisei-me a mim própria contra ti. Disse comigo mesma que já estava a ter problemas com outro homem. Pensei todas as coisas convenientes para me impedir de me apaixonar por ti. E depois não me telefonaste e percebi que era demasiado tarde. Já me apaixonara.

Jake estudou-lhe a palma da mão como se lesse aí o seu futuro.

– Tomei algumas decisões nestas últimas semanas – disse numa voz baixa e Franny inclinou a cabeça para ouvir as palavras. – Depois de Amanda falecer,

usei o meu trabalho como forma de parar de pensar no que tinha sucedido. Mantive a mente ocupada. Tinha de estar sempre alerta, sempre um passo à frente dos acontecimentos. Não tinha só de pensar por mim, tinha de me colocar também nas cabeças dos tipos maus, saber quais seriam os seus próximos movimentos. Por vezes, era uma dança com a morte, mas não me importava, viver ou morrer, era tudo o mesmo para mim. Até gostava dessa dança. Outras vezes, não suportava aquilo e então partia para a cabana, ia buscar o meu cão e o meu cavalo e hibernava por algumas semanas, não falando com ninguém, não pensando em nada excepto em comprar talvez um dia um verdadeiro rancho, possuir quilómetros de pastagens e matas entre mim e o ser humano mais próximo. Apreciava o meu isolamento. Não queria partilhá-lo com ninguém. E então conheci-te, Franny, e a minha vida mudou.

Ela pousou as mãos de cada lado do rosto magro e tisonado de Jake, sentindo-lhe a barba do princípio da manhã sob os dedos. Fitou-lhe os olhos cinzentos, pálidos ao luar, depois inclinou-se mais e, com lentidão, percorreu-lhe o desenho dos lábios com a língua. Descolou a boca apenas tempo suficiente para dizer:

– Eu sei. E amo-te.

E então beijou-o. Ele puxou-a para si.

– Caramba, oh, meu Deus – sussurrou –, pensei que ias dizer que não aguentavas a responsabilidade de um homem como eu, um homem com um passado difícil.

– Recordas-te ao jantar, na noite em que te conheci? Perguntaste-me quem via. E eu disse-te que via um *homem bom*. Era a verdade, Jake. Foi por isso que fiquei tão magoada quando não telefonaste. Naquela noite dormi com a cara na almofada que tinhas usado, como uma adolescente estúpida apaixonada pela primeira vez. E sabes que mais? Foi a primeira vez. Nada mais conta.

– Em relação a Amanda – começou ele, querendo que ela entendesse o que ele sentia pela mulher falecida, mas ela silenciou-o com um dedo levantado.

– Vais amar e recordar sempre Amanda e o bebé que nunca chegaste a ver. Tens de o fazer. E tens de aceitar o facto de que a vida continua.

Deitou-se para trás nas almofadas, abriu os braços e puxou-o para ela. O

corpo dele tremia sobre o dela.

– Franny – disse ele com aquele tremor de desejo na voz –, quero fazer amor contigo.

Os olhos compridos e estreitos dela abriram-se mais quando encontraram os dele.

– Eu sei – retorquiu quando ele lhe selou a boca com beijos e, por fim, nus como aqueles anteriores amantes no belveder, fizeram amor.

DEITADA NA CAMA, Rafaella pensou que o velho belveder era um belo sítio para fazer amor numa noite doce de final de Verão. Recordou a primeira vez que Lucas a beijara na ponte vermelha japonesa, como os joelhos se lhe tinham transformado em gelatina e nada mais no mundo tinha tido importância.

Era estranho como o destino funcionava, pensou. Se não se tivesse sentido subjugada pela solidão naquela tarde no solar silencioso com os seus quartos tristes e fechados com a mobília coberta com lençóis, nunca teria sonhado com a reunião de família, nunca teria entrado em contacto com Jake. Assim, ele não teria conhecido Franny e as suas vidas teriam seguido um rumo diferente. Pensou como o destino podia ser maravilhoso por vezes, quando nos beneficiava.

E pensou também em como, se não estivesse em Cap d'Antibes naquele maravilhoso fim de tarde de Verão, há mais anos do que desejaria recordar, nunca teria conhecido Lucas Bronson e a sua própria vida teria sido diferente.

Tinha quarenta e um anos e estava sozinha naquele dia no Hôtel du Cap quando reparou num homem bem-parecido junto à piscina deserta sobre o Mediterrâneo. Era um fim de tarde quente de Verão quando o mundo inteiro parecia tingido de azul; uma bruma azul pairava sobre o mar de um azul-índigo e o Sol escondera-se atrás de uma nuvem de um negro-azulado. Talvez devesse ter interpretado aquela nuvem escura como um presságio, mas claro que não o fez. Ouviu apenas o bater do coração, ali sentada a observá-lo.

Era o homem mais elegante que já vira, de pernas compridas, com um corpo duro e musculado. A pele era bronzeada, de um dourado-claro, e o cabelo preto demasiado comprido ainda estava molhado das braçadas e puxado para

trás das orelhas. Minúsculos fiozinhos de suor pingavam-lhe para os pêlos escuros e encaracolados do peito e claro que reparou – que mulher não repararia –, usava um daqueles calções de banho reduzidos que não deixavam muito à imaginação.

Estava casada há metade da sua vida com um homem mais velho que não queria saber dela. Outros homens tinham entrado e saído da sua vida, nada sério, apenas uma aventura rápida aqui e ali, mas naquele momento o seu coração teve um sobressalto desconhecido. Atrás dela, no bar, um homem tocava um piano de cauda branco e cantava, uma canção de amor terna «A kiss is just a kiss»... e ela percebeu que recordaria aquela melodia, «As time goes by» e aquela voz suave e rouca para o resto da sua vida.

O homem virou-se e lançou-lhe um longo olhar indolente por cima da espreguiçadeira. Ela alisou a saia vermelha com ar culpado e endireitou-se mais, oferecendo-lhe um olhar altaneiro que declarava que não tinha estado com certeza a olhar para ele.

– Sabia que estava alguém a fitar-me – disse ele.

– Tem razão – admitiu ela, corando. – Fui eu.

Ambos se riram. Ele aproximou-se da mesa dela.

– Chamo-me Lucas Bronson, prazer em conhecê-la. Sabia que os seus olhos condizem com o azul do dia?

Rafaella agradeceu-lhe o cumprimento, sentindo-se estranhamente tonta, como se, de algum modo, soubesse que o destino lhe batera à porta. A mão dele era firme, e ainda fresca do banho, quando apertou a dela e não a largou. Olhou para ela durante um longo momento, interiorizando-a. Estava tão próximo que lhe conseguia aspirar o cheiro do mar salgado na pele. Por fim, disse:

– Gosto de si, Rafaella Marten e gosto do seu vinho. O *Domaine Marten* é seu, não é?

Rafaella assentiu e ele continuou:

– Contaram-me tudo a seu respeito, alguém me disse que estaria aqui e que nos devíamos conhecer.

Largou-lhe a mão, regressou à sua cadeira, pegou na toalha e atirou-a à volta do pescoço.

– Até logo – disse, olhando para ela como nenhum homem olhara antes, um olhar escuro e penetrante, pleno de promessas sensuais que a transformou em gelatina.

Depois desceu descontraído o caminho para o hotel, deixando-a a sentir-se como se o próprio Zeus tivesse descido dos céus.

– *You must remember this...* – O homem no piano ainda cantava «As time goes by».

Depois daquilo, aparecera no bar todos os dias durante uma semana, na esperança de o ver de novo, saber dele – um telefonema convidando-a para almoçar em Antibes, para jantar em Cannes, para um encontro na Lua... Teria aceitado qualquer coisa. Mas nada sucedeu.

Devastada, voltou para casa, para o solar, dizendo consigo própria que era ridícula por se sentir abandonada por um homem que encontrara apenas uma vez e com quem trocara apenas algumas palavras. Mas sabia que essas palavras não tinham exprimido bem o que se passara entre os seus olhares cruzados. O que não sabia era que este era o *modus operandi* habitual de Lucas com mulheres. Claro que ouvira dizer que era um jogador de pólo famoso, mas agora descobria que era também famoso por causa das suas aventuras amorosas, em geral com mulheres ricas da sociedade.

Não importava. Desejava-o, por isso escreveu a convidá-lo para vir passar um fim-de-semana ao solar juntamente com meia dúzia de outros convidados. Depois passou o tempo, nervosa, à espera da resposta. Dois dias depois, ele telefonou.

– Como é que está, bela Rafaella da saia vermelha? – perguntou, ignorando completamente o facto de que, se ela não lhe tivesse enviado o convite, poderia nunca lhe ter ligado.

Rafaella recordou-se a si própria que tinha quarenta e um anos, que tinha por certo idade suficiente para saber o que estava a fazer, e idade suficiente para já ter aprendido. Lucas era perigoso, mas isso não a deteve. Ele disse que teria muito prazer em passar o fim-de-semana com ela... «sozinho» implicava a sua voz e, assim, claro, ela cancelou de imediato todos os outros hóspedes.

– Vista a saia vermelha para mim – pediu Lucas antes de desligar.

Uma amiga avisara-a que Lucas Bronson amava cavalos e mulheres, por essa ordem. Amava os cavalos pela sua beleza, pela sua força, pela sua inteligência e pela forma sensível como reagiam entre as suas pernas quando os montava. E amava as mulheres pela sua beleza, pela sua capacidade de o divertir e pela forma sensível como reagiam sob o seu corpo quando fazia amor com elas. A mesma «amiga» contara-lhe também que Lucas se vangloriava com orgulho de ter feito amor com muitas mulheres e que as amara a todas, algumas por umas poucas horas, outras por alguns dias, outras por alguns meses, o que, claro, a deixou a pensar em que categoria a colocaria.

Na tarde de sexta-feira em que era esperado no solar, Rafaella encontrava-se à janela a vê-lo chegar. Lucas baixara a capota do seu *Lagonda* cinzento-pérola e o aroma forte dos ciprestes pairava no ar. Saltou do carro sem sequer abrir a porta e Haigh, de pé na escadaria para o cumprimentar, lançou-lhe um olhar de soslaio, que implicava que um cavalheiro não se comportava daquela forma. E Lucas ofereceu-lhe um sorriso em resposta que dizia que claro que sabia disso e que se estava nas tintas.

Sem se fazer notada, Rafaella observou-o da porta da biblioteca enquanto ele olhava em volta. O vestíbulo estava banhado pela luz do Sol do final da tarde e cheirava de forma deliciosa, como sempre acontecia, a cera e a alfazema, e às mimosas cujos ramos enchiam as jarras de cristal nas consolas e se reflectiam uma centena de vezes nos espelhos altos.

Envergava a saia vermelha, como ele lhe pedira, com um *top* campesino de *chiffon* e atara o cabelo com as fiadas de rubis que possuía desde sempre. Pensava que devia parecer alguma cigana provençal de Arles, ali de pé a observá-lo. Então ele viu-a. Aproximou-se e pegou-lhe na mão. Beijou-lhe a palma e fechou-lhe os dedos com força à volta do beijo.

– Não imagina como estou contente por a ver – disse baixinho e, surpreendida, percebeu que estava a falar a sério.

Sentia o olhar céptico de Haigh pousado nela, mas ignorou-o e convidou Lucas a vir ter com ela ao terraço para tomarem uma bebida.

Relembrando agora a cena, Rafaella suspirou, perdida na emoção do passado, recordando como se ainda lá estivesse, ali de pé com Lucas sob o

caramanchão da glicínia. Os caules compridos das flores aromáticas cor de alfazema pendiam-lhe sobre a cabeça. A brisa fazia voar as pétalas, uma a uma, e os pequenos discos aveludados caíam como beijos sobre os seus braços despidos. E lá estava Lucas, magro e escuro, atraente, olhando para ela com tanta descontração que, de repente, sentiu receio de estar sozinha com ele. Precisava de outras pessoas em redor para não fazer alguma loucura, como saltar para a cama com ele logo ali. Em vez disso, decidiu que iriam jantar ao café da aldeia.

Tinha consciência dos olhares dos outros clientes, ali meio escondidos no seu canto iluminado com o candeeiro. Os habitantes locais sorriam e acenavam-lhe e os turistas e viajantes que tinham vindo para o festival de música no cimo do monte fitavam-nos curiosos, ela descalça, como sempre, com a sua saia vermelha de cigana e Lucas, um rosto atraente e famoso, que tinham a certeza conheciam dos jornais. Mas Lucas ignorava-os, descontraído, à vontade, narrando-lhe a vida exótica de um jogador de pólo internacional e como escolhia os pôneis no seu rancho na Argentina onde o filho vivia.

O filho! Rafaella acordou em sobressalto do mundo de sonho que ele acabara de invocar. Sentou-se muito direita pois caso contrário poderia ter caído com o choque. Não sabia que ele era casado.

Lucas olhou para ela e riu-se. Sabia que ela estava a pensar na mulher dele. Contou-lhe que era americana, que se tinham separado depois de o filho nascer e que, ao princípio, Jake vivera com ela no Connecticut. Tinha dois anos quando ela morrera e então fora viver com Lucas, ou pelo menos viver na *hacienda*.

– Sabe como é a vida de um jogador de pólo – explicara-lhe Lucas. – Tenho de estar onde está o jogo, seja lá onde for no mundo. No final de contas, é isso que os patrocinadores pagam.

O coração de Rafaella voltou a bater. Não existia mulher nenhuma, embora pensar no rapaz sozinho sem o pai a incomodasse.

– Os patrocinadores? – perguntou, porque não sabia nada sobre o mundo do pólo.

– Os multimilionários que pagam este jogo tão caro. Transportar quarenta

cavalos à volta do mundo não é barato, sabe. Eu só me posso dar ao luxo da minha pequena *hacienda*...

– Onde vive o seu filho.

– Onde Jake vive, sim.

Disse que pensava que o rapaz se devia sentir muito sozinho, mas Lucas encolheu apenas os ombros e retorquiu que Jake só queria era montar cavalos. Depois mudou de assunto, começando a falar dela, metendo-se com ela, fazendo-a rir-se.

Não ia em geral ao café sozinho com um homem, ia sempre com muitas pessoas. Atrás do balcão, estava ciente que o velho Monsieur Jarré tinha os olhos postos neles. Sabia que discutiria o assunto com a mulher mais tarde, depois de o café fechar e que, sem dúvida, Madame Jarré o discutiria com as suas vizinhas na mercearia na manhã seguinte e que as vizinhas o discutiriam na casa vinícola e que, pela hora do almoço, correria em toda a aldeia que Rafaella Marten estava apaixonada. Mas não se importava.

AGORA, UMA MULHER DE IDADE deitada sozinha na sua cama, recordando como fora feliz naquela noite, Rafaella suspirou. As suas recordações pareciam produzir sinais de nostalgia pela doçura da vida que costumava ter e a recordação seguinte era a mais doce de todas.

Tinham-se demorado até tarde com os seus copos de vinho e era quase meia-noite quando regressaram ao solar, onde foram dar um passeio até ao lago. O céu estava de um azul leitoso, a Lua escondida, e uma bruma branca subia da terra húmida. A relva, que os seus pés nus pisavam, cheirava a feno quente e havia magia no ar.

Lucas soltou uma exclamação, encantado, quando viu a ponte lacada vermelha e ela contou-lhe a história do bisavô que estivera apaixonado por uma gueixa. Explicou que claro que a relação não funcionara; nunca poderiam ter casado, tendo em conta a cultura dela... e a dele. Naqueles tempos não se podia tirar uma mulher daquela vida. Talvez fosse o mesmo agora, não sabia. Quando o caso terminara, o bisavô abatido construíra a ponte para se recordar da sua bela gueixa.

Lucas passou-lhe o braço pelos ombros. Ela ficou hirta, com receio de lhe

tocar até na mão quando atravessaram, juntos, aquela pequena ponte vermelha adorável.

– Rafaella – disse ele, virando-lhe o rosto para o dele. – Rafaella – repetiu.

Os lábios dele eram frescos e inesperadamente suaves sobre os dela, saboreando-a, apreciando-a como poderia saborear uma peça de fruta. Depois enterrou o rosto no seu pescoço e Rafaella atirou a cabeça para trás de forma que o cabelo comprido escuro oscilou atrás dela. Ele entrelaçou os dedos nas madeixas e percorreu-lhe com os lábios a linha do maxilar, plantou pequenos beijos ternos nas suas pálpebras fechadas, correu a mão pela curva alta das maçãs do rosto. Depois os lábios fixaram-se deliberados nela, saboreando-lhe a boca, a língua, o hálito doce de vinho *rosé* e de fruta.

Rafaella pôs-lhe os braços em redor do pescoço, puxando-o para mais perto, de modo que nem uma brisa conseguiria passar entre eles. A cabeça andava-lhe à roda. Sentiu outra vez aquela humidade *sexy* entre as pernas, sentiu os mamilos endurecer, sentiu um fluxo de excitação que nunca sentira antes na sua vida. Estava a cair desamparada num abismo.

Afastou-se dele.

– Vem comigo – segredou numa voz tão baixa e tão rouca que mal reconheceu como sua.

Pegando-lhe na mão, conduziu-o pela ilha relvada para o pequeno belveder branco, meio oculto pelas rosas e pelo jasmim. Lá dentro havia um par de sofás, uma mesa e cadeiras, um velho armário pintado com bebidas e copos.

Afundaram-se num sofá e Lucas fez-lhe deslizar a blusa de *chiffon* cigana pelos ombros abaixo até à cintura. Segurou-a afastada dele por um instante, um olhar de assombro no rosto.

– Nunca pensei que fosses tão bela, Rafaella – sussurrou.

E então a sua boca encontrou a dela e ela desejou-o com tanta intensidade que nada mais importava.

– Oh, meu Deus.

Rafaella gritou quando ele a penetrou, mas o que queria dizer era *Oh, Lucas*, porque isto era diferente da praia na Grécia com os seixos a espetarem-se-lhe nas costas e Henri a respirar pesadamente sobre ela. Isto, pensou desenfreada, quando um verdadeiro êxtase sexual a enlevou e transportou para lá do limite

para um caos de muitos prazeres, *era o que era amar um homem*.

Lucas viera para um fim-de-semana. Aquele fim-de-semana transformou-se num par de semanas, depois num mês. No final, à excepção das suas actividades de jogador de pólo, passaram-se mais de dois anos antes de Lucas Bronson abandonar o solar – e Rafaella – para sempre.

RECUANDO NA MEMÓRIA, Rafaella percebia que vivera esses dois anos numa nuvem de sensualidade. A sua pele estava mais sensível ao toque, o cabelo mais lustroso e sedoso, os seios mais rijos e o ventre pleno de desejo. Recordava as vezes que os olhos de Lucas se cruzavam com os dela à mesa de jantar, prendendo-os com aquele olhar escuro, penetrante e excitante que a fazia derreter-se toda. Deixavam os convidados ainda à mesa, a beber vinho, a conversar e a rir, e esgueiravam-se para o quarto dela e para a sua grande cama, onde deslizavam para os braços um do outro, sussurrando de prazer, incapazes de se fartarem um do outro.

Quando Lucas estava fora (o que, agora que pensava nisso, tinha sido a maior parte do tempo), ela conservava aquele brilho especial de uma mulher apaixonada e mantinha a casa cheia com os seus amigos e os amigos dos seus filhos. Embora os filhos estivessem crescidos – Felix tinha vinte e três anos e estava na universidade de gestão e Alain tinha dezanove e estudava na Sorbonne –, quando estavam em casa, dedicava-lhes o seu tempo como sempre fizera.

Fazia o possível para garantir que eram felizes, embora com Felix nunca soubesse o que o fazia feliz, se é que havia alguma coisa. Mas Alain fazia-lhe companhia e divertia-a. O filho estava sempre a rir-se, sempre divertido, tinha sempre uma ou duas raparigas à sua volta. Disse a Alain que ele era como a sua tia Marguerite, namorada e malandra ainda por cima. Ele sorriu e retorquiu:

– E então qual é o mal?

– Nenhum, nenhum – respondera Rafaella, rindo-se também.

Não compreendera que havia em Alain uma outra faceta e descobri-la-ia

mais tarde da forma mais dura.

Lucas vivia no solar há cerca de um ano quando voltou de um jogo de pólo na Argentina trazendo o filho com ele.

– Este é o Jake. Acabou de fazer dezasseis anos. Pensei que chegara a altura de aprender que há mais coisas na vida do que cobóis e gado e quinhentos hectares de pampas.

Ao olhar para Jake, Rafaella vira um jovem bem-parecido e tímido, alto como o pai e com os olhos cinzento-claros de Lucas. Vestia calças de ganga, umas botas velhas e gastas de cobói e uma camisa que estava a tornar-se demasiado pequena para os seus ombros largos. Ele retribuiu-lhe cautelosamente o olhar e ela sorrija, a pensar no que ele veria com aqueles olhos intensos, o que pensaria dela, no final de contas era a amante do pai.

– É muito bela – foram as primeiras palavras que Jake lhe dirigiu.

– *Et alors, vous êtes un homme du monde* – exclamara Rafaella, rindo-se. – É um homem que conhece o mundo. Já sabe como fazer cumprimentos.

E Jake corara e mordera o lábio não sabendo o que dizer.

– Vamos, Jake. – Rafaella dera-lhe o braço. – Deixa-me mostrar-te o solar. Vais viver aqui connosco, tens de escolher o teu quarto, qualquer um de que gostares. Mesmo que já lá estejam outros convidados, expulsamo-los, mudamo-los para outro sítio qualquer. Digo-lhes apenas, lamento, mas este agora é o quarto de Jake.

E Jake baixara a cabeça, avassalado de timidez. Caminhando pela grande casa, lançara olhares em redor, parando para admirar os candelabros antigos de prata na mesa de jantar de pau-rosa. Tocara-lhes, adorando-os com os olhos e as mãos.

– Nunca estive num sítio como este antes – disse. – Esta casa tem uma história. É maravilhosa. Sentimo-nos felizes aqui. Cheios de vida.

Rafaella assentiu.

– Foi sempre isso que senti em relação ao solar. Mais tarde, conto-te a sua história. Depois, mostro-te a casa vinícola e explico-te como fazemos vinho; e mostro-te os estábulos e temos de te arranjar um cavalo porque penso que talvez os que temos, excepto o do teu pai, não estejam à altura dos teus padrões. E depois vais conhecer os meus filhos.

Virara-se para olhar para ele e ele fitara-a nos olhos. Possuía aquele mesmo olhar intenso e perturbador que o pai tinha e ela percebeu que também ele um dia possuiria a capacidade de partir corações.

– Faz com que me sinta muito bem-vindo – observara ele de forma desajeitada.

Ela esticou-se – ele era um jovem alto – e deu-lhe um beijo na face.

– Serás sempre bem-vindo, Jake.

Claro que Rafaella sabia que Jake se apaixonara por ela. Como não perceber, quando os seus olhos a seguiam por todo o lado e ele parecia, de alguma maneira, estar sempre onde ela estava, visível, atirando a bola para os cães, escovando o cavalo, descansando no terraço? Rafaella achava-o tão adorável como um cãozinho.

Alain, em casa para os meses de férias, não escondeu o facto de Jake o irritar, mas também se melindrava com Felix. Rafaella entendeu, mas, como sempre, Alain vivia a sua própria vida. Por outro lado, Felix gostou de Jake. Fez o possível para que se sentisse em casa, apesar de não ser exactamente seu «amigo», porque Felix não tinha amigos e, além disso, considerava Jake apenas um miúdo. Mas não o tratava com condescendência, levou-o a visitar a casa vinícola e explicou-lhe como era feita a vindima. Até lhe permitiu que entrasse no seu quarto para ver a sua colecção de carrinhos de corridas. Jake e Felix tinham-se sempre respeitado um ao outro, apesar de não se compreenderem e Rafaella apreciara isso.

Jake nunca fizera perguntas a Rafaella sobre a sua relação com o pai. Nunca lhe perguntara se iam casar, mas Rafaella também nunca fizera essa pergunta. Pensou agora, ao adormecer, que talvez tivesse tido demasiado receio de descobrir a resposta.

E AGORA A VIDA VOLTARA ao ponto de partida. Jake estava outra vez em «casa» e o belveder branco em filigrana acolhia um novo par de amantes.

CLARE FOI A PRIMEIRA a levantar-se na manhã seguinte. Vestiu uma saia curta de ganga, uma camisa branca e ténis e saiu para o corredor. Tanto a porta de Franny como a da Pequena Azul se encontravam fechadas e ela decidiu que era melhor não as acordar.

Lá em baixo estava tudo em silêncio, embora suspeitasse que Haigh estava acordado, pois já passava das dez. Decidiu não o incomodar também, calculando que estaria de humor susceptível após a noite tardia e encaminhou-se lá para fora.

Desceu devagar o longo caminho direito, os pés calçados com os ténis a esmagar a gravilha, aspirando o aroma forte dos ciprestes que lhe recordava as matas de pinheiros na sua terra natal. Logo se achou na rua estreita que seguia o muro do perímetro dos terrenos do solar. Os taludes estavam cheios de flores silvestres cujos nomes não conhecia, azuis e púrpura e do amarelo do próprio sol e apanhou algumas, sentindo-se de novo uma miúda, quando apanhava flores nos campos, as punha num frasco de doce com água e as via murchar com rapidez. Os pássaros cantavam e o ar da manhã era límpido e embriagante, como o ar da cidade nunca era.

Disse consigo própria que seria uma mera coincidência ter acabado na praça da aldeia, acenando um bom dia a Monsieur Allier, que estava ocupado a colocar etiquetas escritas a giz nas suas curgetes e melões.

– *B'jour, mademoiselle* – bradou –, *ça va bien?*

Sorrindo, ela respondeu:

– *Bien, merci, Monsieur Allier, et vous?*

Dirigiu-se decidida pelas pedras da calçada para o Café des Colombes. Precisava de uma boa chávena de café forte e também, tinha esperança esta

manhã, de um par de *croissants*. Uma conversa amena com Laurent Jarré também seria interessante, ou constituiria ele a *verdadeira* razão de ali estar?

Empurrando esse pensamento desgarrado para o fundo da mente, Clare saltitou pelos degraus até à esplanada e entrou no café, já com um sorriso no rosto. Mas Jarré não estava. Deu a volta ao balcão, inspeccionou a máquina de café e tirou uma chávena. Serviu-se de açúcar que vinha embrulhado como minúsculas salsichas em papel de fantasia branco e cor-de-rosa e voltou à esplanada, apanhando de passagem um exemplar muito folheado do jornal francês do dia anterior. Instalada numa mesa à sombra por baixo do toldo, com os pés apoiados numa cadeira, beberricou o café, passando as páginas do incompreensível jornal, à espera.

Não teve de esperar muito. Jarré apareceu vindo da horta atrás do café transportando um cesto de palha cheio de legumes. Estacou abruptamente e os seus olhos escuros tornaram-se ainda mais escuros quando a viu. Clare inclinou-se para trás na cadeira, olhando para ele por cima do ombro, uma sobrancelha erguida.

– *Bonjour, Monsieur Jarré* – disse, mas com um revirar endiabrado dos lábios quando deu ênfase ao *monsieur*. – Quer dizer, se ainda posso chamar «monsieur» ao homem com quem dancei tantas vezes a noite passada.

Agitado, ele retorquiu com rapidez em francês:

– É a forma educada na nossa aldeia, *mademoiselle*.

Clare desenredou-se da cadeira.

– Bem, então teremos de mudar isso, não é? Que tal se lhe chamar Jarré? Gosto mais do que Laurent. E pode chamar-me Clare. Está bem?

Jarré assentiu, solene como nunca.

– Está bem – replicou com relutância.

– Como vê, servi-me de café.

– Vou fazer-lhe outro. – Apressou-se a entrar no bar.

– Jarré – chamou ela e ele espetou a cabeça para fora outra vez, olhando para ela com ar interrogador. – O que tenho de fazer para que sorria?

Jarré sorria quando regressou à máquina de café e preparou um *grand crème* para a mulher bela sentada à sua mesa. Preparou também um para si e depois levou-os e sentou-se diante dela.

- Dança muito bem... Clare – disse.
- E você também... Jarré – respondeu ela.
- Estava muito bela ontem à noite.
- E você muito atraente.
- Quanto tempo vai ficar por cá?
- Tinha pensado um par de semanas, mas agora... depende...
- Depende?
- *Depende.*

Ele assentiu, fitando-a como nenhum homem a fitara antes. Clare estava habituada a admiração, até a olhares libidinosos, mas os olhos de Jarré eram confiantes.

- Farei todo o possível para que a sua estadia seja feliz – afirmou ele.

A ideia surgiu-lhe de repente.

– Então já sei o que pode fazer. Pode dar-me aulas de culinária. – Abriu muito os braços, abanando a cabeça espantada com a sua ideia brilhante. – Jarré, nem sequer sei cozer um ovo, não consegui fazer puré de batata na disciplina de economia doméstica, sou um desastre na cozinha. Acha que me consegue modificar?

Ele encolheu os ombros.

- *Bien sûr* – retorquiu, parecendo um pouco duvidoso.

– Então está combinado – disse Clare, contente. – Apareço por aqui todas as manhãs, ajudo-o na cozinha e você ensina-me a cozinhar. – Estendeu a mão.

– Combinado?

Ele apertou-a.

- Combinado – respondeu e, desta vez, sorria.

A VISITA À CASA VINÍCOLA Domaine Marten devia começar às seis, seguida por um jantar no Moulin d'Argent em Saint-Sylvestre, a *village perché*.

Como de costume, Clare foi a primeira a ficar pronta, sentada no leão de pedra nos degraus da entrada, com as pernas a balouçar. A Pequena Azul e Franny apareceram a seguir, depressa seguidas pelos exuberantes lulus da Pomerânia e Juliette, muito bem arranjada num *caftan* florido, colares de contas e muitas pulseiras de ouro a tilintar. Jake subiu pelo caminho que vinha da aldeia, puxando *Criminal* atado com um pedaço de corda a fazer as vezes de trela, algo de que nunca precisara anteriormente.

– Passa mais tempo na aldeia do que em casa – disse Jake, voltando inconscientemente a chamar «casa» ao solar, como sempre pensara nele.

– É a atracção pelo desconhecido – bradou Juliette com alegria. – *Criminal* deve estar apaixonado por uma dessas cadelas *méchantes* que passam o dia todo ao pé da fonte. Acreditem, há por ali alguma pequena *mademoiselle* francesa a que não consegue resistir.

Clare não precisou de olhar para Franny, quase conseguia sentir a electricidade sexual que faiscava entre Jake e ela. Pensou preocupada em Jake Bronson; tinha um trabalho especial, e por vezes perigoso, e era um homem com segredos e provavelmente com um passado. Só esperava que Franny fizesse a escolha acertada desta vez.

– Um tipo sal da terra, Franny. Recordas-te? – lembrou-lhe, olhando para Jake com intenção.

– Oh... oh, *sem dúvida*.

Franny sorriu radiante e Clare fez figas com os dedos. Entretanto, pensou em qual seria a sua própria «escolha acertada».

Por fim, Rafaella e Haigh saíram de casa. A Pequena Azul, muito bonita num vestido leve de algodão amarelo correu a saudá-la.

– *Grandmère* Rafaella – gritou. – Estava a ter saudades suas.

Rafaella estacou e, naquele momento, conheceu a verdadeira felicidade. Sorrindo, beijou a neta.

– E eu também tive saudades tuas e quero que vás no *Bentley* comigo. Juliette também, creio. E Franny e Clare, vocês vão com Jake.

Sentada ao lado de Jake, subindo a estrada que serpenteava através de filas de vinhas, direitas como soldados, carregadas de cachos de uvas bem recheados, Franny ia a pensar se seria possível aquela vista ser ainda mais bonita. Mas depois Jake disse-lhe que deveria ver a beleza diferente das vinhas no Inverno, sem folhas e podadas em pequenos ramos como vassouras de bruxas.

– Às vezes chove muito – contou-lhes – e depois o vento mistral surge e derruba árvores e telhas dos telhados e põe toda a gente de mau humor. Por volta do Ano Novo, o frio instala-se, embora ainda seja possível almoçar cá fora num terraço abrigado e soalheiro. O ar nocturno corta os pulmões e é tão límpido que quase podemos bebê-lo; e trememos ao empilhar casacos e camisolas e vamos ao Jarré jantar a sua *soup au pistou* quente e o seu forte estufado de veado e talvez beber uma garrafa ou duas do vinho que vamos agora provar. – Suspirou, feliz. – Digo-vos, não há vida muito melhor do que esta.

– Mas como é que te lembras de tudo com tanta clareza se foi há tantos anos? – perguntou Franny espantada.

– Como é que poderia esquecer? – observou ele com simplicidade.

Na casa vinícola, Scott estava à espera deles. Os arcos de pedra atrás dele brilhavam da cor do mel ao sol do final da tarde e o velho sino do mosteiro em Saint-Sylvestre dobrava as horas.

– Mesmo à hora certa – exclamou, abrindo a porta do *Bentley*. – Bem-vindas, minhas senhoras – acrescentou com o seu sotaque australiano. Chegou ao carro de Jake a tempo de abrir a porta a Clare.

Com os joelhos recatadamente juntos, Clare rodou as pernas compridas para sair. Ergueu os olhos para Scott e o seu coração deu um salto. Caramba, era

amoroso, e *verdadeiramente* sal da terra... Era tudo o que procurava.

– Vieram mesmo no momento certo – explicou Scott a Rafaella. – A vindima na colina oeste começa amanhã. Toda a gente está preparada, os trabalhadores migrantes já cá estão, prontos para começar, bem como os locais, claro. Devemos conseguir iniciar o primeiro esmagamento amanhã à noite.

Rafaella sempre gostara da *vendange*. Era excitante ver as uvas rolar através das enormes máquinas que removiam os pés e depois observá-las a cair no esmagador gigante. Era inebriante cheirar o suco doce e, mais tarde, provar uma pequenina quantidade para avaliar a sua doçura. Demasiado doce? Demasiado ácido? Demasiado verde? Depois vê-lo cair em cascata nas enormes cubas de fermentação recém-limpas e desinfectadas de onde, várias semanas mais tarde, emergiria como o início de um novo vinho *Domaine Marten*. Era então que a mestria de Scott entraria em acção. Era o «nariz», a única pessoa a misturar os vinhos *Domaine*, usando os seus conhecimentos, experiência e instinto para adicionar ou subtrair, para aspirar e provar, para corrigir até ficar satisfeito com o novo ano de colheita.

Scott explicou-lhes o processo enquanto visitavam os grandes edifícios de pedra, inspeccionando as cubas de aço altas e as máquinas enormes. Depois levou-as lá baixo às *caves* frescas e obscuras do século XVI. As paredes de pedra formavam abóbadas e estavam ligadas por vigas antigas e o aroma do vinho entonteceu-as. Numa mesa de pedra, no centro da adega maior, esperava-as uma série de copos e meia dúzia de garrafas de vinho prontas para a prova.

Scott abriu a primeira e serviu uma pequena quantidade para vários copos.

– Este foi um grande ano do *Domaine Marten* – disse orgulhoso.

Demonstrou às novatas como rodar primeiro o copo para libertar os aromas, depois beber um golinho, deixá-lo deslizar na língua e descansar por um segundo no palato.

– A seguir cospe-se – declarou.

A Pequena Azul fitou-o, chocada. Claro que os camponeses chineses cuspiam, mas nunca esperara ver a sua elegante *grandmère* francesa fazer aquilo. Mesmo assim, todos cheiraram, rodaram e sorveram, obedientes,

embora Clare e Franny tivessem bebido o líquido em vez de cuspir.

– Demasiado bom para se estragar – declarou Clare a Scott com um sorriso.

Após a visita, seguiram de carro até à histórica *village perché*, passando por quintas antigas que se agarravam às encostas rochosas e pelos pequenos e estranhos edifícios cónicos de pedra chamados *bories*, que se acreditava serem antigas cabanas de pastores. As muralhas da *bastide* saíam da rocha e ruas empedradas serpenteavam pela pequena aldeia que conservava ainda o aspecto que tivera centenas de anos antes.

Jake dava a mão a Franny, Rafaella à Pequena Azul, Juliette segurava os lulus (desta vez de trela) e Scott acertou o passo pelo de Clare. Ela apercebeu-se de imediato dele, do seu corpo esguio, da sua passada fácil de homem que gosta da vida ao ar livre.

– Diga-me, dançámos juntos ontem à noite? – perguntou, fingindo não se recordar.

– Dançámos.

– Hum, se foi assim tão bom, sem dúvida que me devia lembrar?

Estava a namoriscar com ele e ele estava a gostar.

– Não se recorda que lhe disse que estava muito bonita?

Clare inclinou a cabeça, olhando para ele com um olhar atrevido.

– E ainda acha isso?

– Sim – declarou Scott, parecendo estar a proferir os seus votos de casamento e fazendo-a rir-se.

– Gosto de um tipo com quem me possa rir – afirmou, dando-lhe sociavelmente o braço enquanto caminhavam.

Chegaram ao café da praça que se alargava numa esplanada, onde jantaram frango assado e as melhores *pommes frites*, ao mesmo tempo que os primeiros sinais de um vento mistral agitavam os guarda-sóis e punham os cabelos e os guardanapos a voar. Dando a mão a Jake por baixo da mesa, Franny mal queria acreditar que estava aqui neste paraíso com um homem que amava. *Um homem que a amava. Um homem cuja cama iria partilhar esta noite.* A clínica veterinária em Santa Monica parecia de súbito muito distante.

O sino do mosteiro dobrava as onze quando voltaram pela estrada sinuosa

para o solar e, desta vez, Franny pensou também que era como voltar para casa.

N_AQUELA NOITE, a Pequena Azul não conseguia dormir, preocupada com Bao Chu. Pensava na tosse da avó, na forma como lhe sacudia o corpo todo, no suor que lhe escorria pelo rosto exausto. Aterrorizada, compreendeu que Bao Chu poderia morrer em breve e que fora por isso que insistira para que a Pequena Azul fosse para França sozinha.

Levantou-se muito cedo na manhã seguinte e foi sentar-se de pernas cruzadas à porta de Rafaella até ver Haigh aproximar-se com o tabuleiro do pequeno-almoço. Então pediu-lhe se perguntava, por favor, a Rafaella se ela podia falar com ela.

– Claro, entra, *ma petite* – chamou Rafaella.

E a Pequena Azul entrou deslizando no que era para ela o reino mágico da avó. Os seus olhos deambularam pelas estantes altas repletas de mais livros do que alguma vez sonhara existirem, mirando os muitos quadros, as mesas com as fotografias, o xaile de seda disposto sobre uma poltrona confortável junto à janela e a enorme cama de dossel, onde Rafaella se encontrava encostada a almofadas de renda a observá-la.

– Então? Gostas? – Rafaella sorriu ao ver a expressão atónita da criança.

– Devem aqui estar todos os livros do mundo – disse a pequena espantada.

Rafaella riu-se.

– Talvez não todos, mas milhares. Vem cá, *ma petite*, dá um beijo à tua *grandmère* e depois diz-me de que queres falar.

A Pequena Azul trepou para a grande cama, onde se enroscou involuntariamente ao lado da avó.

– Estou preocupada com Bao Chu – declarou numa pequena voz trémula.

Rafaella suspirou. Sabia por Jake que Bao Chu não estava nada bem,

embora pelo menos agora estivesse a receber o melhor tratamento médico possível.

– Não te posso dizer para não te preocupares, *ma petite*, porque a tua avó está doente há muito tempo – retorquiu com meiguice.

A Pequena Azul ergueu a cabeça, fixou os grandes olhos azuis em Rafaella e perguntou:

– *Grandmère*, como é que se morre?

Rafaella inspirou fundo. Não podia dizer à criança que a verdadeira resposta a essa pergunta só podia provir de experiência própria, embora por vezes pensasse se não se morria pouco a pouco com os golpes da vida. Reflectiu naquilo e disse por fim:

– Acreditamos que, quando se morre, se adormece. Às vezes é de repente, um acidente talvez. Às vezes, leva muito tempo, como no caso de Bao Chu. E por vezes a morte é serena, doce e suave e temos tempo para um longo adeus com um sorriso nos olhos. O meu pai morreu assim, como se estivesse por fim contente por partir.

– Bao Chu vai morrer assim?

– Espero que sim, querida.

– E a *grandmère* Rafaella também? Vai morrer com um sorriso nos olhos?

Rafaella pensou de novo na morte, como lhe sucedera muitas vezes nestes últimos anos.

– Agora sim, Pequena Azul – concordou.

– E depois vejo-a outra vez e a Bao Chu?

Rafaella meditou naquilo.

– Diz-se que, se acreditarmos, nos reencontraremos todos no céu.

A Pequena Azul soltou um suspiro de alívio e agradeceu. Depois, juntas, comeram o pequeno-almoço de Rafaella, ovos cozidos e torradas e, de momento, o assunto foi esquecido.

TODA A GENTE SE LEVANTARA CEDO, vestira calções e *T-shirts*, atara o cabelo, pronta para apanhar uvas, excepto Rafaella e Juliette, claro, embora tivessem prometido ir inspeccionar o trabalho à hora do almoço e levar alguns dos «comes-e-bebes» de Haigh.

Scott encontrou-se com elas no sopé da colina oeste, que já enxameava de vindimadores itinerantes, as grandes tesouras a faiscarem ao sol já quente, cortando os gordos cachos de uvas e depositando-os com cuidado em grandes cestos de palha.

Naquela manhã, Scott revelou-se muito profissional e mal dispensou um olhar a Clare. Levou-as até uma fila de vinhas, demonstrou como deviam cortar um cacho de uvas e mostrou-lhes o fruto perfeito, redondo, pronto a estourar que precisava de ser cortado e os outros cachos menores que não deviam cortar. Depois avisou-as para terem cuidado com as vespas que constituíam sempre um flagelo na *vendange*, desejou-lhes sorte e deixou-as iniciar o trabalho.

Clare olhou para Franny.

– De volta às minhas raízes – afirmou, atando o cabelo ao alto. – Mesmo onde a minha família começou, nos campos, só que na altura apanhava cebolas, não uvas. Não parece haver grande diferença, trabalho duro é trabalho duro.

E era. Passada uma hora, as costas de Franny doíam e Clare fora picada duas vezes. Duas horas depois até a Pequena Azul afrouxara. Três horas e transpiravam sob o sol escaldante, a rezar para que Haigh e os refrescos chegassem depressa. Paravam para engolir água quente do sol de garrafas de plástico, depois içavam os cestos até ao reboque, onde as uvas eram

inspeccionadas e levadas para o *chai*, prontas para se lhe tirarem os pés e se fazer a triagem. A seguir voltavam à colina quente para apanhar mais.

Franny sabia que nunca mais sentiria o mesmo em relação a uma garrafa de vinho. Limpou o suor do rosto e pensou com nostalgia em largar tudo e ir tomar um duche frio. Conseguia ver Jake mais à frente na colina, a labutar metodicamente na sua fila. Estava já muito mais adiantado do que ela e, suspirando, continuou a trabalhar.

Quando o automóvel do solar subiu por fim com lentidão o caminho sinuoso, Scott decretou o intervalo do almoço. Os trabalhadores espalharam-se à sombra para comerem as suas omeletas frias de batata e as suas sanduíches com um bom trago de tinto para as regar e o grupo do solar arrastou-se penosamente de volta ao pátio, onde tinham sido colocadas mesas desmontáveis, cobertas com um oleado aos quadrados vermelhos e brancos, sob os arcos de pedra. Mãos e caras lavadas, picadas de vespas tratadas, as novas trabalhadoras afundaram-se agradecidas nas suas cadeiras, observando esfaimadas Haigh a pousar as suas oferendas: uma estaladiça *salade niçoise*, a mesma omeleta fria de batata que os trabalhadores migrantes comiam, *baguettes* compridas e enormes travessas de fiambre e queijos.

– Então gosta do trabalho manual? – perguntou Scott a Clare.

Ela sorriu e deu uma dentada numa fatia da omeleta de batata.

– Gosto da recompensa. Isto é fantástico. Vou pedir a Jarré para me ensinar como se faz.

– Jarré? – Scott olhou para ela surpreendido.

– Vai dar-me lições de culinária. Começo amanhã. Talvez quando voltar para a Califórnia, arranje trabalho como *chef*.

– Então vai regressar?

A ideia de regressar entristeceu Clare.

– Não vamos falar disso agora.

– Está bem. Mas sabe que me estou a habituar a tê-la por aqui. Não quereria ter de passar isto para a categoria do «Tenho saudades suas».

– Não queria, era? – Estava de novo a namoriscar com os olhos.

– Ouça, a vindima e o esmagamento são a época em que estou mais ocupado. Nunca sei quando vou conseguir ter tempo livre, mas, quando isso

acontecer, janta comigo? Por favor?

– Quer dizer você e eu? Sozinhos? – Estava a rir-se para ele.

– Sozinhos – declarou ele com firmeza e ela assentiu e disse que sim.

Depois do almoço, voltaram à vindima. Franny achou duro voltar, mas a Pequena Azul, estimulada pela comida, encontrara novas energias. Jake ia na sua terceira fila e Franny ainda não terminara a primeira. Pensou que os braços se partiriam de puxar o cesto pesado que os trabalhadores itinerantes norte-africanos, que todos os anos percorriam o sul para a vindima, transportavam com tanta facilidade à cabeça. Encharcada em suor, as mãos manchadas de púrpura com o suco, o cabelo numa confusão peganhenta e emaranhada devido ao facto de o empurrar constantemente para trás para debaixo do chapéu, suja e cansada, ficou contente quando Scott disse que os trabalhadores do solar podiam dar o dia por terminado, embora o resto tivesse de continuar a trabalhar, até terminar a encosta.

De volta ao solar, um duche nunca fora tão desejado e a ideia de uma noite calma passada com o seu homem nunca fora mais convidativa. Franny queria apenas aninhar-se nos braços de Jake. Queria sentir a excitação do corpo dele, cheirar-lhe a pele e passar-lhe as mãos manchadas de púrpura por todo o lado. Queria dormir com ele, enrolada à volta do corpo dele, amando-o.

MAIS TARDE, após um jantar simples, Rafaella e Juliette instalaram-se para jogar Monopólio com a Pequena Azul e Haigh. Explicando que tinha de se levantar cedo porque ia ajudar Jarré a preparar o almoço especial do dia seguinte, Clare foi deitar-se, ao passo que Franny e Jake foram dar uma volta.

Ele abraçava-a pela cintura e caminharam até ao lago na meia-luz azul. *Criminal* farejava os caniços, latindo quando deslizou para a água e molhou as patas, assustando um bando de patos que levantaram voo a grasnar. Sentaram-se na relva para observar os patos que regressavam mergulhando as cabeças na água e agitando as engraçadas patas amarelas no ar, rebuscando à procura do que quer que fosse que os patos comiam. Um cisne patrulhava a margem mais distante, consciente do cão e de guarda à sua companheira e respectivos filhos. O mesmo vento que se levantara na noite anterior varreu de súbito as copas das árvores. Jake explicou que era o mistral a soprar da

Sibéria, através da Europa do Norte e depois abrindo caminho através das cadeias montanhosas para acabar na Provença.

– É melhor que Scott apanhe depressa as suas uvas – acrescentou – ou vai ter problemas.

Deitaram-se na erva macia, trocando beijos e conversando sobre tudo e nada. Depois, cansados, dirigiram-se para a casa tranquila. Ao cimo das escadas, Jake pegou na mão de Franny. Os seus olhos formularam uma pergunta e ela sorriu ao assentir e encaminhar-se com ele, através da casa agora silenciosa, até ao quarto dele. Aí, enroscada a seu lado, adormeceu quase antes de a cabeça tocar na almofada. Fora outro dos dias mais felizes da sua vida. Quantos mais poderia a vida oferecer-lhe?, pensou.

CLARE LEVANTOU-SE com o nascer do Sol e vestiu-se para trabalhar. Saltitou pela estrada abaixo até à aldeia e chegou ao café quando Jarré estava a abrir as portadas.

– *Bonjour*, Jarré – saudou.

Ele virou-se e olhou para ela, surpreendido.

– Estou aqui para começar a trabalhar. Não se lembra?

– Mas não pensei que estivesse a falar a sério – retorquiu ele, atónito.

– Bem aqui estou pronta para a acção, capitão – declarou, fazendo a continência.

Jarré olhou para ela, duvidoso, ainda não acreditando. Decidiu pô-la à prova, ver se ela estava apenas enfastiada e a brincar, talvez a armar-se para ele.

– Eh, *bien*, primeiro, os legumes precisam de ser lavados – disse, conduzindo-a à cozinha minúscula que mal tinha tamanho suficiente para lá caberem os dois ao mesmo tempo. – Depois é preciso preparar a salada, tomates, alfaces, pepinos. Os pimentos vermelhos têm de ser grelhados e escurecidos, arrefecidos, as peles retiradas e depois cortados em cubos pequenos. E os mexilhões precisam de ser esfregados e limpos.

Mostrou-lhe o seu posto de trabalho: uma bancada de corte de madeira ao lado de um lava-loiça fundo de porcelana, com uma pilha de taças de metal e um conjunto de facas letalmente afiadas.

– Tome cuidado com as facas – avisou com brusquidão e deixou-a sozinha.

Clare fitou-lhe, ansiosa, as costas. Isto não era propriamente o que esperara. Pensara que estaria ocupada com o fogão, a salpicar algum peixe delicioso com ervas finas, dispondo-o numa travessa bonita. Pegou numa faca e

inspeccionou-a com cautela. Pensou que se poderia com facilidade matar uma pessoa com aquela faca. A seguir procurou luvas de borracha, mas não havia nenhuma. Ao que parecia, Jarré não se preocupava demasiado com as suas mãos. De qualquer modo, depois da apanha das uvas, as suas estavam já cobertas de cortes, mais um par de ferroadas de vespas e algumas unhas partidas e não valia a pena preocupar-se com elas. Agarrou numa escova e começou a esfregar os minúsculos legumes. Sorriu, estava mesmo de volta às suas raízes de filha de rendeiro pobre.

Quando Jarré regressou meia hora depois, os legumes estavam limpos e em taças, as verduras lavadas e secas e os pimentos vermelhos a grelhar. Clare ergueu a cabeça da tábua de corte onde estava a cortar tomates. Ofereceu-lhe um sorriso, a faca escapou-lhe e fez um golpe limpo no dedo.

– Oh, raios – exclamou quando o sangue jorrou. – Agora dei cabo dos tomates.

Com um grito de alarme, Jarré saltou para junto dela, examinando o dedo, estancando o sangue. O rosto mostrava grande aflição enquanto fazia correr água fria sobre o ferimento. Clare sorriu. Pensou que não era assim tão grave, mas estava a gostar da atenção.

– A culpa é toda minha – gemeu Jarré. – Não devia tê-la deixado, uma amadora, usar aquelas facas. Devia ter percebido que poderia haver um acidente.

– Está tudo bem – disse Clare com suavidade, observando-lhe o rosto quando ele se dobrou sobre o seu dedo. – Não é assim tão grave e não me dói nada.

– Ah, mas está apenas a ser corajosa – retorquiu ele, encontrando-lhe o olhar.

Os seus rostos estavam tão próximos, apenas a centímetros um do outro e Clare não resistiu. Acercou-se mais três ou quatro centímetros e beijou-o nos lábios.

– Pronto, já tenho um beijo para ficar melhor – exclamou, lançando-lhe aquele olhar atrevido ao mesmo tempo que ele corava.

Era espantoso, pensou sorrindo, um homem que corava em vez de agarrar a rapariga quando ela o beijava. Estava mesmo no país das maravilhas. Pensou

se ele teria gostado tanto do beijo quanto ela. Gostara da forma como o bigode hirsuto dele lhe fizera cócegas no rosto e gostara da firmeza dos lábios dele, do aroma almiscarado do *aftershave* e do cheiro limpo da sua pele.

Perturbado, Jarré apressou-se a ir buscar um penso rápido. Enrolou-o à volta do dedo ferido. Depois sentaram-se juntos no bar, beberricando café quente em silêncio.

– Não devia ter feito aquilo – disse ele por fim.

– Feito o quê? – perguntou ela inocentemente.

– O... hum... o beijo – retorquiu, evitando-lhe o olhar e beberricando o seu café.

– Oh? E porque não?

Jarré suspirou.

– Creio que é uma mulher que faz sempre o que quer, não é?

– Sou – concordou Clare, mordiscando um pedaço de *baguette* com manteiga, visto Jarré não ter outra vez *croissants*.

Ele mostrou-se sério quando disse:

– Mas então como é que um homem lida consigo? Como é que pode saber o que fará a seguir?

– Não sabe – respondeu Clare. – O que é já metade da graça.

E desta vez Jarré riu-se, mostrando dentes fortes e brancos que a fizeram querer saber quem era o seu dentista. Mas as ajudantes de cozinha estavam a chegar para preparar o almoço e tinham de ir trabalhar de novo.

De volta à cozinha, Clare observou Jarré a preparar os molhos, para o peixe e para o peito de pato. Deixou-a provar o seu gelado de pêssego caseiro e explicou-lhe como era feito. Depois, pô-la a limpar os cestos de morangos silvestres, frescos do mercado da manhã, e juntos prepararam a grande mesa no terraço para a festa do solar. A seguir, Clare teve de correr de volta ao solar para trocar não só as roupas, mas a sua imagem, de ajudante de cozinha para convidada de honra.

Pontualmente, ao meio-dia e trinta, Haigh levou Rafaella e Juliette no *Bentley* até à aldeia, enquanto os jovens seguiam a pé. A Pequena Azul correu à frente nos seus ténis novos e confortáveis. Parou para fitar os cães deitados à sombra junto à fonte.

– Olhe, Jake – chamou, apontando. – Lá está *Criminal*.

Estava esparramado com os outros cães, a língua pendente, comportando-se como um genuíno cão de rua francês. Quando os viu, ergueu a cabeça, bateu a cauda, com languidez, e depois instalou-se outra vez, provocando-lhes o riso.

No café, a Pequena Azul sentou-se, como fazia sempre, ao lado da avó. Apoiou o cordeirinho lanoso, que nunca largava, atrás dela e bebeu a sua limonada de forma muito senhoril, tagarelando no que era agora uma mistura de francês, inglês e mandarim, que, de algum modo, toda a gente entendia.

Um Jarré com ar muito sério veio cumprimentar os seus convidados, servindo o vinho da sua própria vinha, esperando como sempre por um sinal de aprovação, apesar de Scott não se encontrar entre eles, ainda ocupado com a sua vindima. O vento amainara para uma brisa suave que trazia com ela o aroma fresco do *garrigue*, as encostas pedregosas salpicadas de alecrim e giestas.

Estavam a conversar, a rir-se e a comer o peixe-galo de Jarré, salteado apenas com um pouco de alho e estragão, quando o telemóvel de Jake tocou. Desculpou-se e atendeu a chamada lá fora. Rafaella seguiu-o com os olhos. Com o vento a despentear-lhe o cabelo escuro, pensou que parecia o rapaz que fora quando aparecera pela primeira vez no solar.

Terminou a chamada, fez outra e depois voltou à mesa.

– Peço desculpa, mas tenho de regressar a Nova Iorque por alguns dias.

Olhava para Franny e Rafaella percebeu que não a queria deixar, não agora quando era tudo tão novo, tão doce, e estavam juntos no sítio que mais amava no mundo.

– O avião vai buscar-me a Avignon ao princípio da noite. Voltarei logo que conseguir.

Demoraram-se a almoçar e Rafaella cruzou o seu olhar com o de Franny por cima da mesa. Sabia o que a jovem estava a pensar, que não sabia como aguentaria os próximos dias sem o seu amante. Sorriu compreensiva: era uma sensação que conhecia demasiado bem.

NESSA NOITE, MAIS TARDE, depois de Jake ter partido e os outros estarem já deitados, Franny encontrava-se sozinha com Rafaella na saleta. Estavam sentadas em frente uma da outra a uma pequena mesa de jogo marchetada, a jogar gamão. Como de costume, *Mimi* e *Louis* deitavam-se aos pés de Rafaella, ao passo que *Criminal*, estendido junto à porta, mantinha um olho aberto para detectar problemas, como sempre fazia.

– Já deve estar com saudades de Jake – disse Rafaella, estudando com cuidado a sua próxima jogada, porque gostava de ganhar.

Franny suspirou.

– Não acreditava ser possível sentir tanto a falta de alguém. Quero dizer, como é possível? Conheço-o há apenas pouco tempo.

– Pouco tempo é tempo suficiente para se apaixonar.

– Esteve apaixonada pelo pai de Jake, não esteve?

– Sim. De facto, confesso, apesar de tudo ainda o amo.

Rafaella movimentou a sua ficha e ganhou o jogo. Recostou-se para trás, satisfeita, e olhou para Franny, sentindo a empatia a instalar-se entre elas.

– Amava-o e perdi – disse, com um pequeno meio sorriso forçado. – Mas, apesar de tudo, ainda acredito no amor verdadeiro, no amor que dura. E porque sei que acredita também, Franny, vou falar-lhe dele.

O lume abrandava na lareira quando Rafaella foi colocar um CD e voltou a sentar-se na grande poltrona de orelhas de pele, escutando a velha canção familiar. E, para ela, era como se Lucas estivesse na sala enquanto contava a Franny a história do encontro entre os dois e da sua ligação amorosa, como Jake viera viver com eles e como Lucas o mandara embora. E, a partir daí, como tudo parecera correr mal.

Quando terminou, Rafaella ficou sentada por um instante, a pensar na desintegração gradual do amor, enquanto Franny a observava em silêncio.

– As coisas tornaram-se difíceis depois de Jake partir – disse por fim Rafaella. – Eu fiquei zangada com Lucas por mandar o filho embora e disse-lho. Como retaliação, ele atirou-se a novas conquistas. Conquistar uma mulher nova sempre fez com que Lucas se sentisse mais homem. Mas tenho a certeza que conheceu homens assim também, minha querida – acrescentou.

E, recordando Marcus, Franny assentiu.

– Eu não sabia o que fazer – continuou Rafaella. – Amava Lucas. Não conseguia deixá-lo. Até disse a Juliette que ele era o meu «destino». Mas Juliette respondeu: «Não sabes que não há futuro no *destino*? A vida tem tudo a ver com as tuas opções, *ma chérie*.» Uma noite, algumas semanas depois, estava na cama sozinha a pensar por onde andaria Lucas, o que estaria a fazer, com quem estaria, todas as coisas que as mulheres fazem quando estão loucas de amor por um homem. Claro que eu sabia onde ele estava, sabia sempre. Desta vez estava em Inglaterra, a jogar pólo com um príncipe e com um par de duques e, de repente, não aguentei estar separada dele nem mais um minuto. Fui ao guarda-roupa e atirei algumas coisas para uma mala. Quando desci, Haigh encontrava-se no vestíbulo com a sua antiquada camisa de dormir às riscas, com as pernas magricelas espetadas para fora como galhos no Inverno. «Vai atrás dele, não vai?», perguntou. «E se for?», respondi em tom de desafio. Haigh disse-me que estava a cometer um erro, mas eu estava de mãos atadas. «Não compreende que não consigo conter-me?» Pôs-me a mala na bagageira e perguntou-me se tinha o meu passaporte. Desistira da ideia de me impedir. «E dinheiro?», inquiriu e eu fiquei a olhar para ele. Claro que esquecera a questão do dinheiro. «Sabia que ia esquecer-se, tal como sabia o que estava a planear fazer quando a ouvi a bater com as coisas lá em cima.» Estendeu a mão para o bolso da camisa de dormir e tirou algumas notas dobradas. Ouvi-o dizer «*Bon voyage*», mas nem sequer lhe estava a prestar atenção. Só queria ir ter com Lucas. Guiei toda a noite até Paris, depois segui para Calais, onde apanhei o *ferry* para Dover e continuei a viagem para Londres. Estava exausta, sentia-me mal. Sabia que devia ter um aspecto ainda mais horrível e precisava de estar muito apresentável quando

me encontrasse outra vez com Lucas, por isso fui directa ao Ritz e pedi uma suíte. Depois de um longo banho de imersão, vesti roupas mais quentes.

Rafaella ergueu a cabeça, olhou para Franny e riu-se.

– Acredita que ainda hoje me consigo lembrar com exactidão do que enverguei, um casaco *Chanel* de *tweed* em tom pastel com uma saia a condizer e uma pequena camisola, porque estava muito mais frio do que na Provença, apesar de estarmos no Verão. Depois atravessei a rua e fui à Burlington Arcade, uma rua famosa pelas suas confecções para homem, onde comprei alguns presentes bonitos para Lucas. De repente, senti-me avassalada de medo pelo que estava prestes a fazer. Nunca fora atrás de Lucas antes, nunca me atrevera a aparecer sem me fazer anunciar... Voltei ao Ritz, sentei-me no Palm Court e pedi uma taça de champanhe para me acalmar. Olhei em volta para a sala ornamentada com os seus tectos altos, enormes lustres e caixotões dourados. Olhei também, com alguma inveja, para os outros hóspedes, tão alegremente anichados em sofás fofos, a bebericar chá servido em bules de prata e a comer sanduíches de pepino e *scones* com compota de morango e natas batidas. Todos eles, parecia, não tinham uma única preocupação no mundo. Ao contrário do que acontecia comigo. Digo-lhe, Franny, bebi aquele champanhe muito lentamente, adiando o momento em que teria de telefonar a Lucas para o seu hotel no campo. Os pacotes elegantes com os presentes estavam empilhados na cadeira ao meu lado e tentei imaginar a satisfação dele quando os abrisse. Em certos aspectos, Lucas era como uma criança. Sentia tanto prazer mesmo com o presente mais simples. Por fim, voltei à suíte e fiz a chamada para o hotel dele. O empregado da recepção disse-me que Lucas não atendia. «Não tem importância», repliquei. «Estarei aí dentro de uma hora mais ou menos.» E depois telefonei lá para baixo, pedi que trouxessem o meu carro e voltei a descer.

Rafaella fez uma curta pausa.

– O hotel de Lucas ficava num terreno arborizado sobre o rio Tamisa. Ainda o vejo, elegante, estilo casa senhorial com um pórtico branco quadrado e janelas altas com cortinados de pesado veludo dourado, sem dúvida para manter afastados esses agrestes ventos ingleses invernosos. Recordo-me

também do empregado da recepção. Tinha cerca de setenta anos, com ar de ex-homem do exército, um bigode espetado e óculos estreitos em meia-lua. Perscrutou-me com atenção por cima deles quando perguntei por Mister Bronson. «Ah, Mister Bronson. Estou a ver. Hum...» E estudou o livro dos registos durante muito tempo, como se estivesse escrito nalguma exótica língua estrangeira. «Está no quarto vinte e três», disse-lhe, pois sabia-o pelo telefonema que fizera. «Ah, sim... quarto vinte e três. Hum... Bem, lamento, *madame*, mas Mister Bronson parece não se encontrar no hotel neste momento.» Verifiquei os cacifos de madeira atrás dele, onde se guardavam as chaves dos quartos e vi que tinha razão. A chave do quarto vinte e três estava lá, por isso Lucas devia ter saído. Disse ao empregado que ia esperar e ele levou-me, de forma relutante achei, para uma grande sala de estar fria e foi pedir um chá. Contudo, eu nunca fora muito de esperar e, naquele momento, vi a minha oportunidade. Rápida como um raio, entrei na recepção e retirei a chave da sua caixa. Com os sacos a voar nos braços, corri pelas escadas forradas a carpete, vi o sinal que apontava para os quartos vinte e um a vinte e cinco. Sorria quando inseri a chave na fechadura, pensando que estaria nua na cama de Lucas quando ele regressasse. Mandaria vir champanhe em vez de chá ao velhote rabugento lá em baixo e aspergiria as almofadas com o meu perfume de mimosa para ser tal e qual como se estivéssemos em casa, no solar. Empurrei a porta e entrei numa obscuridade de cortinas fechadas. Senti calor e percebi, de repente, que não estava sozinha. Afinal, Lucas estava no quarto! Apalpei em silêncio o meu caminho por entre cadeiras e pequenas mesas até uma enorme cama de dossel. «Lucas?», sussurrei. E depois vi-os. Lucas ergueu a cabeça da almofada e, por um segundo, os nossos olhares cruzaram-se, depois virei-me e fugi, deixei cair no chão os sacos com os presentes dele e bati com força a porta do quarto vinte e três atrás de mim. Não queria saber quem era a mulher, não queria ouvir as suas explicações nem as suas afirmações de que ainda me amava. No fundo do coração sabia que não era a primeira vez que isto acontecia. Na longa viagem de volta à Provença, pensei no que Juliette dissera sobre o destino, que tinha tudo a ver com as nossas escolhas pessoais. Agora era a minha vez de fazer uma escolha e sabia que tinha de terminar com aquilo.

Rafaella permaneceu sentada, com os olhos baixos, a pensar, durante muito tempo. Depois disse a Franny:

– O único problema foi que nunca deixei de o amar.

– E nunca mais o viu? – perguntou Franny.

Rafaella hesitou antes de responder.

– Oh, sim – respondeu. Olhou para Franny. – Nunca contei a mais ninguém que o vi outra vez, nem sequer a Juliette e por certo não a Haigh. Era o meu segredo, mas agora, porque sei que acredita no amor verdadeiro, contar-lhe-ei esse segredo.

E depois contou a Franny uma história que esta nunca esqueceria.

NÓ FIM LUCAS VOLTARA para ela. Ninguém sabia, nem sequer Haigh, apenas Lucien e Janine, os *guardiens* da casa de praia, porque, claro, era lá que tinham estado, no sítio onde tinham começado, em Cap d'Antibes.

Haigh fora a Inglaterra tratar de alguns assuntos e Rafaella não estava habituada a estar sem ele no solar, por isso decidira ir para a casa de praia. Só ela e os cães.

Estava sentada na varanda ao crepúsculo, a olhar para o mar, que cintilava como uma opala de tonalidade azul, e a escutar o som dos pássaros a chilrear nos pinheiros e a prepararem-se para a noite, quando ouviu outro som. Passos no caminho do portão para a casa. Apesar de estar sozinha, não sentiu medo. Nunca tinha medo na casa de praia, mas ficou curiosa. Talvez fosse Lucien que regressara com um cesto de pêsegos apanhados no jardim, ou Janine que regressava por uma razão qualquer. Observou e esperou e depois ele apareceu, um homem alto de camisa branca. Tinha as mangas enroladas e os braços e rosto estavam tão tismados que se confundiam com a noite. Não conseguia distinguir-lhe as feições, mas conhecia aquele corpo, conhecia-o tão bem quanto o seu.

– Lucas – disse num sussurro, mas mesmo assim ele ouviu-a.

E ele ficou ali, a olhar para ela, ainda sentada na varanda de cima, incapaz de se levantar porque os joelhos se tinham transformado em gelatina, enquanto na sua cabeça ouvia aquela velha canção tocada no piano de cauda branco na noite em que se tinham conhecido.

– Voltei para casa, Rafaella.

A voz era áspera, mais rouca do que ela recordava, e percebeu de imediato que algo de muito errado se passava. Arranjou coragem e correu pelas

escadas abaixo, atravessou o vestíbulo e parou nos degraus da frente a fitar o que restava do Lucas que recordava.

Estava tão magro que era doloroso vê-lo simplesmente andar. O passo era hesitante, como se sentisse muitas dores. Observou-o, paralisada. Quando ele se aproximou, estava apenas a uns centímetros, ela fitou-lhe o rosto doentio e chupado e percebeu que ele estava a morrer. Os olhos, no entanto, eram os mesmos, cintilando com uma força de viver a que não estava disposto a renunciar.

– Descobri onde estavas e voltei para ti, Rafaella – declarou como se fosse assim tão simples.

Ela abriu os braços e recebeu-o, tal como fizera no princípio. Era óbvio que ele não tinha muito tempo e passaram esses últimos dias juntos, tão próximos como tinham estado, talvez ainda mais próximos. Nunca saíram da casa de praia. Ele dormia na cama dela e ela ficava acordada a vê-lo esforçar-se por respirar, recordando quando ele era jovem, forte e exsudava vida e virilidade. Nunca existira um homem como Lucas Bronson. Nunca.

Ela dava-lhe os pedacinhos de comida que ele conseguia comer, embora acreditasse que só os engolia para a alegrar. Na realidade, não os queria, não queria prolongar a sua agonia. Sentavam-se na varanda a ver o Mediterrâneo mudar de turquesa para safira até se fundir no céu, beberriavam vinho de mãos dadas e alcançaram um nível de contentamento que nunca tinham conseguido antes.

E Lucas disse-lhe:

– Amo-te, Rafaella. Sempre te amei. Nunca conheci ninguém que se comparasse. A falha foi minha, era arrogante e jogador e tinha um defeito fatal. As mulheres estavam ali para mim e conquistava-as. Não vale de nada dizer que desejava não o ter feito, porque agora acabou tudo. Mas voltei para te ver mais uma vez, porque és a minha recordação duradoura.

Passaram cinco dias juntos, depois uma manhã ela acordou e ele fora-se embora. Procurou-o por todo o lado e descobriu-o por fim numa clínica privada em Cannes. Aí morreu no dia seguinte.

Tinha sido um homem famoso e o seu obituário apareceu em todos os jornais. Fizera um novo testamento onde ignorava o filho, como acontecera

durante todos aqueles anos, e deixava tudo a uma instituição de caridade para cavalos. Mas pedira que as suas cinzas fossem espalhadas por entre as rosas silvestres no belveder do solar. «O sítio que me fazia lembrar sempre de ti, Rafaella», dissera.

Ela cumprira o seu último desejo.

AS LÁGRIMAS escorriam pelas faces de Franny ao escutar a história de Rafaella.

– É tão corajosa, tão boa – murmurou. – Só espero que o meu amor seja tão forte como o seu.

– Pode crer que é, querida. – Rafaella deu-lhe uma palmadinha na mão. – E agora tenho uma sugestão a fazer. Precisa de uma mudança de ares enquanto Jake está fora. Porque não vai até à casa de praia em Cap d’Antibes? Leve a Pequena Azul consigo. Quero que ambas vejam como a Côte d’Azur é bonita. Gostaria de ir com vocês, mas é demasiado longe para mim, a minha artrite não o permitiria.

Era o segundo grande convite da vida de Franny. A Côte d’Azur era um lugar de sonho que só entrevira na televisão, em documentários, e agora ia até lá. Rafaella não só lhe contara o segredo da história do seu amor, como também lhe dera algo com que se comprazer enquanto o seu próprio amor estava longe. Estendeu os braços e abraçou-a.

– Obrigada.

E Rafaella sabia que se referia a ter-lhe contado a sua história e de Lucas.

SCOTT HARRIS FOI APANHADO de surpresa, uma surpresa agradável, quando Clare apareceu no dia seguinte ao pôr do Sol com um cesto de piquenique. Entrou na secção do esmagamento quando as máquinas trabalhavam a toda a pressão.

– Olá – cumprimentou, de pé na soleira, espreitando para a obscuridade. – Trouxe o jantar. Calculei que todos os tipos têm de comer a dada altura, mesmo o enólogo super-homem.

Scott sorriu e empurrou o cabelo para trás com ar cansado.

– Suponho que tem razão. Era provável que acabasse com a mesma sanduíche de queijo e fiambre algures por volta da meia-noite.

– Se não o tivesse vindo salvar.

Clare pousou a cesta de verga na mesa instável de tampo de fórmica onde já se encontrava um computador e várias garrafas vazias de água mineral *Badoit*.

– Veja-me só a brandir a minha varinha mágica – exclamou, abrindo a tampa e acenando com um braço elegante para o seu conteúdo, como um artista de circo a fazer uma vénia depois de um número particularmente difícil.

– A varinha mágica também me transformará num príncipe? – perguntou Scott com ar esperançado e ela riu-se e abanou a cabeça.

– Isso é pedir um pouco de mais, mesmo para mim, mas prometo transformá-lo num homem feliz, nem que seja por breves momentos. Olhe, aqui está um frango assado mágico, directamente da loja de Allier, e... – mostrou-lhe a caixa – ... batatas assadas! – Deu uma dentada numa delas, gemendo de prazer. – Mmm, oh, meu Deus, é tão bom. Mais... – acenou-lhe

com uma *baguette* e tirou uma garrafa e dois copos – ... vinho barato da loja de Mademoiselle Doritée e um pedaço de queijo. Pergunto-lhe, que mais poderá um homem desejar?

– Você – respondeu ele e beijou-a.

Clare deu um passo atrás, surpreendida, mas não contrariada.

– Agradece sempre às pessoas com beijos?

– S   s bonitas.

Ela franziu o sobrolho, desconfiada.

– Não quereria que ficasse com a impressão errada.

– A minha única impressão   que   adorável e que também gosta de comer. Verdade?

– Verdade – admitiu com um suspiro. – Adoro comida. É por isso que estou a ter aulas de culinária. Um dia serei uma velhota gorda que ainda aprecia batatas assadas e frango assado aos oitenta anos.

– E com um copo de vinho, espero – retorquiu ele, examinando a garrafa de vinho branco que ela trouxera antes de a abrir. Serviu os copos. – Digo-lhe uma coisa. Está demasiado vento lá fora, porque não levamos o nosso piquenique para a *cave*? Podemos acender velas e fingir que   romântico.

– Mas não temos de fingir, é mesmo romântico – disse Clare, uns minutos depois, sentada à frente dele   mesa de pedra das provas,   luz das velas, com o piquenique espalhado em pratos de papel.

– O que está a fazer aqui, Clare? – perguntou ele, cortando-lhe um pedaço de frango com o seu canivete su o, uma vez que ela se esquecera de trazer uma faca.

Ela deu uma dentada no frango, mastigando em silêncio, a pensar. Encolheu os ombros.

– Como JFK e a sua famosa mulher, acompanhei a minha amiga a Paris. – Ergueu a cabeça e encontrou-lhe o olhar. – Na realidade, a verdade é que deixara o meu traiçoeiro marido e queria vingar-me da mulher com quem ele tivera uma aventura. Uma das muitas mulheres com quem ele tivera uma aventura. Pedi o divórcio antes de partir e explorei ao máximo os cartões de crédito dele.

– Uma mulher desprezada?

– Pode crer!

– E o que vai fazer agora?

Clare sabia que era uma pergunta armadilhada.

– Agora? Vou tornar-me *chef*, claro, arranjar um emprego de ajudante de cozinha nalgum restaurante elegante de Los Angeles, matar-me a trabalhar por dinheiro nenhum e comer de graça.

– Pelo menos não vai passar fome.

– Isso preocupá-lo-ia? – Mirou-o a sorrir.

– Sabe que não permitiria que isso acontecesse.

Clare fitou com recato afectado o seu prato de papel cheio de ossos de frango.

– É bom saber que se importa. Bem, agora que me certifiquei que comeu como deve ser esta noite, é melhor deixá-lo continuar com o esmagamento das uvas e voltar para casa.

– Casa? É assim que pensa no solar?

Ela hesitou.

– É mais do que apenas o solar. É a aldeia de Marten, é aqui, é Saint-Sylvestre, é... a Provença. – Encolheu os ombros. – Claro que não é a minha casa. Não tenho uma verdadeira casa, mas este lugar bate com certeza aquele onde comecei, nos campos de cebolas, a trabalhar ao lado do meu pai rendeiro. Caramba, nunca mais quero ver uma cebola *vidalia* à frente.

Ria, mas Scott percebeu que ainda a magoavam as recordações duras da infância. Ajudou-a a arrumar os restos do piquenique no cesto e subiram os degraus de pedra para a noite aromatizada com o cheiro das uvas. Clare inspirou fundo, junto ao carro, as chaves na mão.

– Podíamos embriagar-nos só com isto.

– Teríamos de esperar primeiro que se transformasse em vinho. E obrigado pelo piquenique, foi fantástico.

Deu um passo atrás, desajeitado, sem ter a certeza se a deveria beijar outra vez, mas então ela fê-lo por ele, um rápido roçar dos lábios pelos dele e encontrava-se já dentro do carro com as chaves na ignição, virando o volante e dirigindo-se pelo pátio para a saída em arco.

Inclinou a cabeça para fora da janela, olhando para ele ainda ali de pé a

observá-la.

– És amoroso, Scott Harris, sabes isso? – gritou.

E ele ouviu-a rir-se quando se afastou a guiar, demasiado depressa, passando o arco e descendo a colina de regresso ao solar.

CLARE NÃO TINHA A CERTEZA do que gostava mais, cozinhar com Jarré ou provar vinhos com Scott. De facto, as «lições de culinária» constavam sobretudo do trabalho que Jarré dizia que lhe seria atribuído como *commis*, o aprendiz de cozinha mais inferior na hierarquia de um restaurante.

Clare estava a divertir-se. Gostava do *frisson* delicado entre Scott e ela. Scott andava atrás dela, quer dizer, sempre que conseguia, porque afinal era a altura do ano mais atarefada para um vinhateiro. Enviara-lhe flores, telefonara-lhe, convidara-a para partilhar a sua sanduíche, mostrara-lhe a sua casa, uma encantadora casa antiga de pedra com um caramanchão fronteiriço de buganvília e figueira, cujo interior era uma salganhada masculina de mobília antiga, pilhas de livros e revistas de cavalos, com uma bela sela inglesa antiga num suporte de madeira em lugar de destaque no vestíbulo. Mostrara-lhe o seu estábulo e, claro, o seu cavalo e, apesar de ela não saber montar, levava-a a dar uma volta numa pequena égua mansa, subindo e descendo as colinas rochosas até o traseiro dela não aguentar mais. E gostara de tudo, embora não o tivesse beijado outra vez.

Mas todas as manhãs, quando caminhava entusiasmada para a aldeia, sentia que desejava estar com Jarré, que se encontrava à espera atrás do bar para a cumprimentar, os olhos pretos inocentes a contemplá-la como se fosse a mulher mais bonita do mundo, espantado por ela ali estar, a trabalhar na sua cozinha. Aguardava-a com o seu *grand café crème*, além de que agora tinha sempre *croissants* acabados de fazer. Clare sentia a sua presença física quando esbarravam um no outro na cozinha demasiado pequena e conversava com ele no seu francês abastardado, recém-adquirido, com um perfeito sotaque provençal, tal como o dele.

A questão era que gostava de ambos os homens, poderia apaixonar-se a sério por qualquer deles. Mas nenhum deles era do seu mundo e sabia que nenhum deles entenderia na realidade de onde ela vinha. Tinha de falar do seu problema com Franny, que se estava a preparar para a viagem à Côte d'Azur. Mas primeiro chegara a altura de Franny conhecer a sua verdadeira história, por isso Clare decidiu falar-lhe de si. Não podia existir falsidade entre amigas. Ou amantes. Ganhar ou perder, chegara o momento da verdade.

Criminal saltou a rosna quando ouviu Clare entrar no quarto de Franny, mas depois acalmou, deitando-se outra vez a abanar a cauda.

– Olá, *Criminal*, olá, Fran.

– Olá. – Franny empurrou a última *T-shirt* para dentro da mala. – Tens a certeza que não queres vir connosco? Vai ser tão divertido e além disso como é que consegues aguentar não conhecer a Côte d'Azur?

Mal ela disse aquilo, Clare percebeu porque não podia ir. Foi como uma revelação, mas não podia ainda contá-la a Franny. Tinha vindo ter com ela por uma razão e era melhor tratar logo do assunto. Deixou-se cair na grande cama de Franny, coberta de seda verde e branca, e fitou-a com ar infeliz.

Franny olhou preocupada para ela. Nunca vira Clare tão solene, nem sequer no restaurante italiano na noite em que lhe falara de Marcus. Mesmo nessa altura, mostrara-se alegre, sarcástica e divertida.

– Franny, tenho uma confissão a fazer.

Clare parecia tão séria que Franny parou o que estava a fazer e foi sentar-se ao lado dela.

– Uma confissão?

– Não te contei exactamente a verdade sobre... sobre quem era. *Sou* – corrigiu-se. – Conte-te que fui Miss Georgia... Bem, não fui. Quer dizer, *fui*, mas noutro sentido. – Os ombros vergaram-se e as mãos ficaram penduradas entre os joelhos enquanto pensava na forma de dizer o que precisava de dizer.

– Oh, bem – exclamou por fim, com um encolher de ombros resignado –, imagino que a única maneira é começar pelo início. – Lançou uma olhadela a Franny, sentada a seu lado com aquela expressão de preocupação afectuosa nos olhos e, de súbito, apeteceu-lhe chorar. – Isto é a coisa mais difícil que já fiz na vida – murmurou com tristeza, acrescentando –, bem, não por certo a

mais difícil, como já vais perceber daqui a um minuto.

Franny pegou-lhe na mão e Clare inspirou fundo.

– Conte-te que fui uma miúda pobre. Nunca tive uma casa a sério, sabes, apenas aquele tipo de vida itinerante, sempre a mudar para novos sítios, novas escolas, novas amigas. A maior parte das pessoas pensa que esse tipo de pobreza rural já não existe porque nunca teve contacto com essa situação. Pensa que é uma coisa do passado, mas, acredita – afirmou com amargura – ainda está bem presente. De qualquer modo, a versão curta da história é que me esforcei para sair dela. – O seu olhar cruzou-se de novo com o de Franny. – Tal como tu fizeste, só que tu fizeste a coisa da forma mais difícil, estudando, trabalhando à noite e isso tudo. Eu segui a versão mais fácil. Pelo menos, era o que pensava que ia ser.

Mordeu o lábio, fitando o chão em silêncio e Franny, compreensiva como sempre, disse:

– Não faz mal, Clare. Não precisas de me contar. Entendo, verdade que sim.

– Não, não entendes – retorquiu Clare com uma voz inexpressiva. – A não ser que tenhas passado pelo mesmo, não consegues entender. Bem, quando tinha dezasseis anos fugi para Nova Iorque. Claro que estava falida, quer dizer, falida nem sequer é bem o termo. Mas era uma miúda bonita. Menti em relação à minha idade e acabei a dançar num clube, um desses sórdidos onde todas as raparigas eram como eu, umas falhadas, que tinham abandonado a sua vida e que, no fundo, desesperavam por encontrar alguém que as abraçasse e lhes dissesse que as amava.

– Oh, meu Deus – exclamou Franny e Clare ergueu um ombro com resignação.

– Hei, não havia problema. Eu gostei de me vestir com lantejoulas. Gostei de as tirar e ter homens que admirassem o meu corpo. Nunca percebera antes que era bonita. Chamavam-lhe «um clube de cavalheiros» e, acredita, era o sítio mais triste que já viste na vida. Adoptei o nome de Miss Georgia e dançava à volta de um varão, despindo as lantejoulas até ficar nua, fingindo que gostava do que estava a fazer, que estava interessada naqueles tipos para eles me atirarem dinheiro. Depois, quando terminava, tinha de andar nua pelo chão a apanhar todos aqueles dólares enquanto os tipos se riam e aplaudiam.

Olhou para Franny.

– Já alguma vez viste uma dançarina de *lap dance*, Franny? Não, claro que não. Bem, é sempre a mesma coisa, fingir sexo escaldante enquanto um tipo qualquer se diverte à brava e, por uma taxa extra, vais com ele para uma sala nas traseiras e... – encolheu outra vez os ombros – ... fazes o que ele quiser fazer. Não gostava daquilo, não gostava daqueles tipos a apalpar-me. De facto, detestava aquilo, no entanto continuava a fazê-lo. Não sabia fazer outra coisa. Porém, por fim, larguei tudo. As outras raparigas olharam para mim como se eu fosse louca. «Estás a recusar bom dinheiro, querida», disseram e eu olhei para aqueles rostos, os seus *verdadeiros* rostos, os rostos tristes, crus, sem maquilhagem que nunca mostravam aos clientes e vi a minha própria realidade por trás daqueles rostos com a beleza pintada, o *glamour* cintilante, as perucas e as pestanas falsas, e senti-me doente. Algumas destas mulheres tinham filhos, outras, o vício da droga. Não tinham liberdade para fazer uma opção, como eu.

Inspirou fundo.

– E assim fiz a minha opção. E fiquei falida outra vez. Tudo aquilo e afinal não tinha nada. Disse comigo mesma que bem podia ter ficado em casa a trabalhar nos campos de cebolas. Bem, endireitei-me, atirei fora as calcinhas ornamentadas, enverguei um vestido preto e arranjei trabalho num restaurante como recepcionista. De vez em quando também cuidava do bar, sabes, tudo o que temos de fazer para ganhar a vida. Trabalhava, saía, curtia, ia vivendo... e então apareceu Marcus. Marcus fez-me sentir bem, fez-me sentir que gostava de mim, que eu era alguém. Penso que me pediu em casamento por acaso. Aconteceu por acidente e, de repente, lá estávamos nós em frente do padre numa capela de casamentos de Las Vegas. Que tola fui, ainda nem consigo acreditar. Depois, claro, veio a grande desilusão. Oh, acredita, Franny, Marcus usou-me muito mais do que a ti, todas essas mulheres, todas essas vidas que afectou e arruinou. Mas então conheci-te, viemos para aqui, para a Provença, conheci todas estas pessoas a sério e percebi, de súbito, que recuperei a minha vida e estou livre do meu passado. – Olhou com humildade para Franny, os olhos plenos de súplica. – Assim, aqui tens – concluiu, com uma voz pouco firme. – E, se já não quiseres ser minha amiga,

compreenderei.

Franny abriu os braços e puxou-a para si.

– Serás sempre minha amiga. Como é que pudeste sequer pensar que isso teria importância? Gostei logo de ti, naquela primeira noite, quando vieste contar-me a respeito de Marcus. Não devia ter gostado de ti, mas gostei. Porque tu és tu.

As lágrimas rolaram pelas faces de Clare abaixo.

– Adoro-te, Franny – disse com um nó na garganta.

– Eu sei. – Franny afagou-lhe o cabelo, empurrando-o para trás. – E eu também te adoro.

Clare fungou.

– Por falar de amor... Aconteceu. Quero dizer, estou mesmo apaixonada.

– Clare, isso é maravilhoso.

– A questão é... quero dizer, ele já poderá suspeitar, mas vou ter de lhe contar a verdade. Sabes, sobre o meu passado... É justo.

Estremeceu e Franny fez figas, esperando que Scott fosse homem suficiente para encarar as coisas com calma.

– Ele é um bom tipo – afirmou. – Vai correr tudo bem. – Sorriu, de forma encorajadora. – Sal da terra, certo?

– Certo!

Bateram nas palmas uma da outra, Clare secou as suas lágrimas e declarou que já estava bem. Faria o que tinha de fazer e esperaria que as coisas corressem pelo melhor.

NA MANHÃ SEGUINTE, Franny e a Pequena Azul partiram para Cap d'Antibes, mas a criança sentada no banco de trás do *Fiat* vermelho era muito diferente da que se sentara silenciosa e paralisada no comboio para Avignon. Com uns calções azuis amorosos e uma *T-shirt* curta, com um chapéu de palha empoleirado no cabelo brilhante, um par de óculos de sol escarlates no nariz e um sorriso no rosto, era uma miúda normal e entusiasmada por ir de férias, ansiosa por aprender a nadar no Mediterrâneo e brincar na areia.

– Quanto tempo é que ainda falta? – perguntava de quinze em quinze minutos ou algo parecido, como fazem todas as crianças numa viagem de carro.

Criminal ia pacientemente sentado no assento da frente, com a língua pendente a mirar o tráfego com a sua expressão céptica habitual. De vez em quando, Franny parava num café de *autoroute* para deixar o cão correr e comprar uma *Fanta* e uma sanduíche para a Pequena Azul, pois esta desenvolvera um apetite que parecia incontrolável.

Por fim, embalada pela monotonia da *Autoroute du Soleil*, a Pequena Azul adormeceu e Franny ficou sozinha com os seus pensamentos que se concentravam sobretudo em Clare.

A confissão de Clare apanhara-a de surpresa. Clare era sempre tão senhoril, tão bem arranjada, tão senhora de si, tão bela. Mas Franny entendia também as suas raízes de miúda pobre e a sua ânsia desesperada de escapar. Não censurava Clare, desejava apenas que a sua amiga não tivesse tido de seguir aquele caminho. Mas agora a vida de Clare estava a mudar de rumo: o passado ficara para trás e podia aspirar a um futuro com o tipo de homem que cuidaria dela, um homem que se risse com ela e a amasse como nascera para

ser amada. E não existia por certo nenhum homem mais sal da terra do que Scott Harris. Ele até trabalhava com essa terra, ganhava a vida com ela, e até tinha sucesso.

À espera atrás de uma comitiva de grandes *Mercedes* noutra portagem da auto-estrada, Franny tentou imaginar Jake em Nova Iorque, mas não conseguiu concebê-lo no seu *loft* urbano ou nos escritórios elegantes que lhe descrevera. De maneira estranha, apesar de nunca lá ter estado, conseguia imaginar de forma exacta qual seria o aspecto da cabana de troncos e como seria lá estar, porque Jake lhe falara dela com tanto amor naquela primeira noite quando tinham jantado juntos. Dissera-lhe que era o único sítio onde a solidão não constituía problema, onde a solidão era bem-vinda e ela entendera isso.

Saiu por fim da auto-estrada, entrando numa estrada secundária que conduzia ao mar. Com os seus pinheiros de copas plenas de sombra e *villas* secretas escondidas em jardins verdejantes e perfumados, a Côte d'Azur era completamente diferente da grande extensão de costa acidentada da Califórnia e das suas praias largas com a rebentação forte. Guiando devagar pela orla da tranquila baía de um verde-azulado, Franny via os poucos tufos de nuvens reflectidos na água tão perfeitamente como em qualquer espelho. Acordou a Pequena Azul para ela apreciar e a menina e o cão espetaram as cabeças pela janela, aspirando os cheiros excitantes do mar, vendo os pescadores em barcos chatos de madeira, como pessoas num quadro de Monet.

Seguindo as indicações de Rafaella, guiou por uma rua estreita orlada de árvores até chegar a uma clareira e a um par de grandes portões de madeira fixados entre pilares de pedra onde fora gravado o nome VILLA MARTEN.

A Pequena Azul saiu para tocar à campainha, saltitando impaciente de um pé para o outro até que os portões se abriram de par em par. Deu um salto para trás de surpresa quando viu um homem de idade, minúsculo, com um rosto tisonado enrugado e um sorriso sem dentes de orelha a orelha.

– *Bienvenue, bienvenue, les nouveaux Marten. Je suis le gardien, Lucien. Eh, bien, c'est un beau jour... Venez, mesdemoiselles, venez, welcome.*

O velhote acenou-lhe para seguirem por um caminho de areia ladeado de

pinheiros até uma casa pintada de creme, com dois pisos. Uma varanda de madeira verde, onde se derramava uma buganvília roxa, corria ao longo do andar superior e, por baixo, havia um pátio com colunas com uma fonte com golfinhos esculpidos em pedra. As janelas de portadas verdes estavam abertas para deixar entrar o ar do mar e, nos degraus da frente, aguardava-as uma mulher de idade, de vestido azul e avental branco.

O sorriso de Janine condizia com o do marido, pois estava casada com Lucien há quase sessenta anos e conheciam Rafaella desde sempre. Estava contente por cumprimentar a família de Rafaella, contente por ver a velha casa aberta de novo, contente por ver uma criança e até um cão a correr por ali.

O velho casal já não vivia na casa do *gardien* na propriedade, possuía um apartamento mais conveniente na vila de Antibes propriamente dita. Mas Janine disse a Franny que viriam todas as manhãs e que, se Franny quisesse, faria as compras e prepararia uma refeição para a noite, que deixaria pronta para elas, embora calculasse que comeriam nos cafés a maior parte das vezes.

Criminal estava já a investigar tudo, farejando pelo vestíbulo de ladrilhos até à cozinha nas traseiras. Alguns segundos depois, apareceu, a cauda a abanar, com uma perna de carneiro presa nas mandíbulas. Janine gritou e Lucien veio a correr tão depressa quanto conseguiu nas suas velhas pernas arqueadas, mas *Criminal* deu-lhes a volta. Serpenteando por entre os seus braços estendidos, correu para os arbustos onde, escondido e em segurança, tratou de demolir o jantar delas.

– Lamento, Janine – disse Franny, tentando não se rir porque, afinal, *Criminal* estava só a fazer jus à sua reputação. – *Il est un chien méchant*.

Ainda um pouco aborrecida, Janine mostrou-lhes a casa. Era inesperadamente simples; no piso de baixo, havia salas grandes e frescas que conduziam ao terraço e aos jardins, que desciam até ao mar e um pequeno pontão, de onde Franny avistou de relance a estreita praia La Garoupe.

Janine exibiu orgulhosa a sua cozinha imensa com um tecto de vigas e um fogão antigo. Só de olhar para os seus contornos de aço e bicos oscilantes, Franny desejou sinceramente nunca ter de tentar cozinhar ali o jantar.

Havia sofás confortáveis forrados a tecidos provençais, tapetes macios e a

televisão mais pequena que Franny já vira. A enorme mesa de sala de jantar dava com facilidade para vinte pessoas e outra mesa de madeira rústica no pátio cheio de sombras dava para mais vinte. Existia também uma casa de hóspedes no jardim, mas estava fechada há muitos anos.

Louca de excitação, a Pequena Azul correu ao andar de cima para escolher o seu quarto, decidindo-se por fim pelo grande, de esquina, com vista para a baía e Franny ficou com o outro ao lado. Desfizeram as malas e vestiram os fatos-de-banho, despediram-se de Lucien e Janine e partiram a pé para a praia La Garoupe. *Criminal* puxava pela trela, querendo estacar a cada dois minutos para farejar, mas elas tinham fome e não o deixaram. Pararam na praia chamada Plage Keller, onde havia pessoas sentadas debaixo de guarda-sóis amarelos a apreciar o seu almoço no Café Cézar. Garrafas de vinho refrescavam em baldes prateados gelados e cheirava a lagosta e massa, *pommes frites* e azeite.

Franny pediu uma *salade niçoise* para si e *calamars frits* para a Pequena Azul. *Criminal* dormia à sombra. Enquanto esperavam para ser servidas, a Pequena Azul correu a observar as outras crianças que saltavam do pontão de madeira que entrava pela água dentro e Franny recostou-se para trás na sua cadeira, deixando o sol aquecer-lhe os ombros nus. Uma deliciosa letargia tomou conta dela. Pensou na sua cama branca e macia no quarto fresco de portadas fechadas, na *villa*, e percebeu por que razão os franceses do Sul faziam sesta. Com os olhos meio fechados, ouvia o bater suave das ondas à distância e os gritos das gaivotas e das crianças. Estava a sonhar em fazer uma sesta com Jake.

De uma mesa perto, Alain observava-a. Encontrava-se sozinho, embora várias mulheres o mirassem com interesse. Vestia uma camisa pólo branca e calções e usava uns grandes óculos de sol. O cabelo estava outra vez louro, estava bronzeado, com aspecto saudável e quase irreconhecível em relação ao homem de cabelo escuro e fato elegante que interrompera a reunião familiar há pouco tempo. Pediu outro copo de *Ricard* e saboreou-o com lentidão, de olhos postos em Franny.

A Pequena Azul veio a correr e Franny endireitou-se, rindo-se com a história da criança. Divertindo-se, pensou Alain com cinismo, ouvindo o

ressoar do riso da Pequena Azul. Mandou vir outro *Ricard* e recostou-se para as observar.

Depois do almoço, as duas levantaram-se e encaminharam-se para a praia, onde Franny alugara espreguiçadeiras e um chapéu. A criança correu para a beira de água e Franny, a perfeita rapariga da Califórnia num reduzido biquíni turquesa, seguiu-a com lentidão.

Alain mirou-a de alto a baixo como o *connoisseur* de mulheres que afirmava ser. Nada mal, pensou com um sorriso satisfeito. Por vezes, a vida oferecia-nos as oportunidades certas. Desta vez, oferecera-lhe as duas únicas pessoas que se interpunham entre ele e a sua herança legítima.

QUANDO ALAIN ABANDONARA o solar, sabia que não lhe restava outra opção. Uma palavra de Jake à polícia e ele seria, se não um homem morto, pelo menos um homem condenado a passar o resto da vida na prisão. Drogas, armas, metera-se em tudo, mas era um criminoso insignificante, não um grande mestre e esse facto enraivecia-o. Passados todos estes anos, deveria ser mais rico do que Felix, mais rico do que a mãe e mais rico do que Jake. O destino conspirara contra ele e fora por isso que, quando por fim fora ter com Felix para lhe pedir dinheiro e Felix recusara, agredira com o corta-papel de prata Felix na têmpora quase sem pensar. Rira-se da expressão chocada nos olhos de Felix ao morrer.

Cobrira o corpo ensanguentado de Felix com um saco de plástico da lavandaria que encontrara no armário, para não haver vestígios de sangue, depois transportara-o para o elevador de transporte. Sabia que as pessoas que caíam de alturas elevadas em geral aterravam de cabeça e, sorte para ele, assim acontecera com Felix, obliterando qualquer sinal do ataque com o corta-papel.

Percebera por instinto o que fazer a seguir. Como irmãos, Felix e ele eram suficientemente parecidos em constituição e altura para tornar possível o engano. Vestira um dos fatos elegantes de Felix e um par dos seus sapatos ingleses feitos à medida; ficavam-lhe um pouco grandes, mas serviam. Pegara na pasta do irmão e metera lá dentro as suas roupas. Depois, com as chaves de Felix, fora até ao cofre e retirara os cinquenta mil dólares, mais coisa menos coisa, que lá encontrara. Conhecendo Felix, apostava que ninguém saberia do dinheiro guardado e, portanto, ninguém daria pela sua falta, mas decidiu deixar os relógios e as jóias para não parecer roubo. A seguir, apanhou o elevador para o vestíbulo e, com a cabeça baixa, apressou-

se a passar pelo porteiro. Em segundos, estava na rua, um homem livre.

Depois do confronto no solar, quando fora escoltado até ao avião de Jake por um guarda entroncado, ardera de raiva por o seu inimigo gozar de tal luxo, ao passo que ele, apesar dos seus muitos esquemas e empreendimentos arriscados, ainda tinha de batalhar com unhas e dentes. Tinham-no levado para Ho Chi Minh, sem sequer lhe oferecerem uma bebida ou uma sanduíche durante o longo voo. O brutamontes do guarda-costas mantivera os olhos postos nele durante toda a viagem enquanto Alain espumava de fúria. Vingarse-ia de Jake por causa disto, disse consigo próprio. Vingarse-ia deles todos.

Tinham-no largado do avião sem sequer um adeus e ele apanhara de imediato o primeiro voo comercial de volta à Europa. Acabara em Genebra, onde alugara um carro e guiara até ao Sul de França.

A casa de praia fora sempre um dos seus lugares preferidos. Costumava levar para lá miúdas quando era novo, homens também. Alain gostava bastante de orgias. Dava-lhe um sentimento de poder sobre as mulheres e gostava disso.

Sabia que agora nunca ia ninguém à casa de praia e que poderia aí esconder-se, mas primeiro tratou de perceber quando é que Lucien vinha fazer a sua ronda à propriedade: apenas uma visita rápida aos sábados de manhã.

Alain fora até à casa de hóspedes, retirara o tabique de uma janela nas traseiras, forçara o ferrolho antiquado e entrara. Escondera a *Vespa* num maciço de bambus ali perto e guardara o pequeno *Renault* alugado num parque de estacionamento fechado em Antibes. Voltara a descolorar o cabelo para louro, comprara algumas roupas novas com o dinheiro do irmão assassinado e sentia-se como dantes, imune à realidade e pronto para a vingança. O seu único problema fora como executá-la e, agora, graças ao destino, isso fora solucionado.

O SOL JÁ SE PUNHA quando Franny e a Pequena Azul regressaram. Debaixo do chuveiro, Franny perguntou-se por que razão seria que, após um dia na praia, o duche parecia sempre o melhor, tão fresco, suave e limpo na pele quente do sol. Enrolou o cabelo molhado numa toalha, envolveu-se num *pareo* e foi verificar o que se passava com a Pequena Azul, que estava esparramada indolentemente na cama.

– Que tal omeletas para o jantar? – sugeriu Franny, esperando conseguir pôr a funcionar o grande fogão a gás sem as fazer explodir às duas, mas a Pequena Azul disse que estava demasiado cansada para comer, por isso Franny deixou-a a dormir e foi lá abaixo à cozinha.

Encontrou leite, sumo, vinho e um bloco de manteiga dourada no frigorífico. Na bancada estava uma forma de pão estaladiça, um cesto de vime de ovos sarapintados e uma taça azul-escura cheia de fruta. Pegou num alperce, cheirou-o apreciativa e depois comeu-o com os sucos a escorrer-lhe pelo queixo abaixo. Numa tábua de ardósia na despensa descobriu um conjunto de queijos fortes. Levou-os para a bancada, cortou uma fatia do pão estaladiço, barrou-a com a manteiga dourada e acrescentou um par de fatias de queijo. Um copo de vinho frio e ficou contente.

Sentou-se na bancada a apreciar a sua refeição. *Criminal* deixou-se cair no chão junto dela, observando-a esperançado. Incapaz de resistir àqueles olhos suplicantes, ela atirou-lhe um pedaço de queijo. Ele devorou-o, sem sequer saborear, tinha a certeza, o que achou uma pena porque era mesmo bom.

O crepúsculo filtrava-se através das janelas da cozinha e a cortina de contas na porta tremia com a brisa do princípio da noite. Franny tentou imaginar como seria a casa de praia no seu apogeu, cheia de gente jovem feliz, crianças

e animais de estimação. Tal como o solar, a Villa Marten precisava de ganhar vida nova, mas sabia que Rafaella nunca aqui regressaria.

Levantou-se e foi até ao jardim. Os únicos sons eram o chilrar de pássaros sonolentos nos pinheiros e o ranger suave do caminho de areia sob os seus pés descalços. Ainda estava quente e as plantas tinham começado a libertar os seus aromas nocturnos, o jasmim, as rosas, os cravos da beira-mar e as frutas e sentiu-se contente por Lucas ter voltado para este paraíso, para junto de Rafaella.

Por fim, voltou para dentro, trancando a grande porta de entrada atrás dela. *Criminal* descobrira um sítio fresco no chão da cozinha, onde se deitara de costas, as quatro patas no ar, a dormir. E, lá em cima, a Pequena Azul dormia também de costas, braços e pernas afastados, a ressonar docemente.

Com a porta para a varanda aberta, para sentir a brisa, Franny deitou-se nua na cama. Fechou os olhos e, embalada pelos sons da noite e pela brisa quente, adormeceu feliz, sabendo que o dia seguinte seria outro dia maravilhoso e que faltava pouco para tornar a ver Jake.

Foi um sono tão pesado que não ouviu os passos leves na varanda, não viu o homem junto às portas francesas abertas, a olhar para ela que dormia nua. Não lhe viu o sorriso no rosto. De facto, Franny não sentiu mais nada até ser acordada pelo som de pratos a bater e pelo cheiro do café que vinha da cozinha, Janine a preparar o pequeno-almoço.

TINHAM ACABADO DE regressar de outro dia cheio de sol na praia, ansiosas por fazer uma sesta, quando o telefone tocou. Franny agarrou-o ao terceiro toque.

– Estava com saudades tuas – disse Jake e ela derreteu-se com o mero som da sua voz.

– Eu também – retorquiu com meiguice. Sentiu-se como se estivesse sozinha com Jake. – Adoro isto aqui, mas gostaria muito mais se estivesses aqui comigo.

E depois falou-lhe do dia na praia e disse-lhe que o amava e que o queria ali para poderem fazer uma sesta juntos. E ele respondeu que mal terminasse as coisas em Nova Iorque, voaria até Nice e que fariam todas as suas sestas juntos.

– Mas há outro sítio onde te quero levar – explicou. – Uma pequena hospedaria engraçada perto de Saint-Tropez chamada Hotel Riviera. Os donos, Lola e Jack Farrar, são um casal muito simpático. Tenho a certeza que vais gostar deles. Aliás, porque não levas a Pequena Azul e experimentas a magia do lugar, só por uma noite? Acredita em mim, vais apaixonar-te pelo sítio.

– Já estou apaixonada – retorquiu ela baixinho quando ele desligou.

No dia seguinte foram até Saint-Tropez. Franny seguiu a estrada Ramatuelle até chegar a um letreiro florido que dizia BEM-VINDO AO HOTEL RIVIERA.

Continuou por um caminho estreito através das árvores, passando por uma minúscula ponta de terra que entrava pelo mar adentro até chegar a uma *villa* cor-de-rosa cujo terraço dava para o Mediterrâneo. Jardins luxuriantes conduziam a uma praia de areia salpicada de guarda-sóis azul-escuros e

espreguiçadeiras amarelas, onde algumas pessoas de pele dourada apreciavam calmamente o sol. Um pequeno escaler estava atado ao pontão de madeira e, a alguns metros, na baía, uma velha chalupa preta balouçava presa a uma âncora.

Uma mulher bonita, mais ou menos da idade de Franny, com uma cabeleira farta cor de caramelo, encontrava-se ao cimo da escada a sorrir-lhes.

– Olá, ou deveria dizer *bonjour*? Chamo-me Lola Farrar. Vêm à procura de um quarto?

Franny respondeu que sim e depois apresentou-se e disse-lhe que Jake a recomendara.

– De facto, disse que não poderíamos deixar de aqui vir – acrescentou.

– Ah, Jake Bronson, o atraente homem mistério – retorquiu Lola com um sorriso. – Vence o meu marido ao gamão todas as noites... e jogam a dinheiro, cinco euros por jogo. Juro que Jake nunca teve de pagar a conta no final da estadia. – Lançou a Franny um olhar perspicaz. – Conhece-o bem?

Quando Franny admitiu que sim, Lola continuou:

– Foi o que pensei pelo brilho que irradia.

Entraram, Lola mostrou-lhe a casa e verificou quais os quartos que tinha disponíveis.

– Tenho dois – disse, examinando o livro. – O Colette e o Bardot. Dei a todos os quartos nomes de artistas e escritores franceses, não que haja muitos, quartos quer dizer. Apenas oito, para ser mais precisa, mas são todos diferentes.

A Pequena Azul entrou de rompante com *Criminal* a puxar pela trela e Lola Farrar afirmou que claro que aceitava cães, em especial se era o de Jake.

– É provável que se dê bem com o nosso. Chama-se *Bad Dog*, por razões óbvias, e creio que possuem ambos a mesma estirpe de cães de rua. Bem, acho que o Colette será o quarto melhor para si. É ligeiramente maior e tem duas camas. Vamos, vou mostrá-lo.

O quarto, cor de alperce com as suas camas de latão com dossel de musselina branca, os seus lençóis imaculados, chão de tijoleira e tapetes macios, era perfeito. A Pequena Azul empurrou para trás com estrondo as portadas de ferro.

– Olha, oh, olha, há figos a crescer ali fora e consigo ver crianças na praia... Oh, vamos, Franny, vamos lá.

Lola disse-lhes para irem andando que daria de comer a *Criminal* e descobriria um lugar fresco para ele na cozinha. Assim, vestiram os fatos-de-banho e correram lá para baixo, pelo jardim com canteiros a transbordar de plantas floridas e sombreado pelos maravilhosos pinheiros mansos do Sul de França, pelas pequenas escadas de madeira e por cima das rochas até à praia de areia macia.

Franny deixou a Pequena Azul a chapinhar em segurança nas ondinhas minúsculas com um par de outros miúdos e nadou, apreciando a forma como a água deslizava, fresca e sedosa, por cima do seu corpo. Suspirou de prazer, virando-se para flutuar de costas, fitando o mais azul dos céus, a pensar em Jake e em como viriam aqui um dia juntos. Passado um bocado, nadou até à chalupa preta. Riu-se quando viu o nome do barco: *Bad Dog*. Recorrendo à sua velha bitola, percebeu que Jack Farrar devia ser um bom tipo.

Nessa noite, a Pequena Azul e ela jantaram no terraço do hotel com vista para o mar e as luzes de Saint-Tropez a cintilarem como um colar de cristal à volta da baía. Feliz, e sentindo-se muito longe da sua clínica veterinária, Franny beberricou o vinho *rosé* gelado *Paul Signac* que Lola recomendara, contando-lhe que Signac fora um artista famoso que vivera em Saint-Tropez nos primeiros tempos. Comeram *crevettes* grelhados, os camarões grandes que Lola lhes disse chamarem-se *bouquets*, um *carré* de borrego do sopé das colinas Alpilles e *crème brûlée* que afirmaram ser uma delícia. Logo a seguir ao jantar, a Pequena Azul mergulhou na cama mais perto da janela e adormeceu em poucos minutos.

Franny juntou-se a Lola no terraço, onde foi apresentada ao atraente marido Jack Farrar que lhe pediu:

– Diga a Jake que o venço de certeza ao gamão da próxima vez que aqui estiver e isto é um aviso.

Uma vez que naquele momento ele estava a ser vencido por uma hóspede alta e encantadora de cabelo ruivo chamada «Red» Shoup, Franny não considerou que o aviso fosse muito ameaçador.

Conversou com Mrs. Nightingale, uma inglesa que era a cara chapada da

rainha Isabel II, sobre, não poderia ser mais surpreendente, detectives da Scotland Yard. Acontecia que Mrs. N, como era conhecida, fora casada com um deles. Mrs. N contou-lhe também a história de como Lola quase perdera o hotel para um bilionário pouco escrupuloso há um par de anos.

Com a cabeça a andar à roda, de vinho e histórias, Franny dormiu como uma pedra nessa noite e sentiu-se triste quando partiram outra vez para Cap d'Antibes na manhã seguinte, com abraços, beijos e promessas de regressar com Jake.

ALAIN VIRA-AS colocar as malas no carro e praguejara alto quando elas partiram para Saint-Tropez, receoso que se fossem embora antes de poder pôr o seu plano em prática. Em pânico, subira à varanda do andar superior para verificar o quarto de Franny. Suspirara de alívio quando vira que as coisas dela ainda lá estavam. A seguir descera até à cozinha para inspeccionar o fogão. Examinou os bicos, viu que eram alimentados por gás natural e não gás propano, depois saiu e trancou a porta da cozinha atrás de si. Foi buscar a *Vespa* ao maciço de bambus, guiou até Antibes, retirou o carro do estacionamento público e conduziu a toda a velocidade em direcção a Cannes, ao casino e aos clubes. «Patrão fora, dia santo na loja», disse consigo próprio, sorrindo ao pensar no velho ditado. Bem podia divertir-se enquanto elas estavam fora para aproveitar o tempo.

CLARE SABIA QUE ERA AGORA ou nunca. O seu futuro seria decidido hoje. Tomou duche e vestiu a coisa mais simples que tinha, um vestido branco de algodão, subido no pescoço e decotado atrás, com uma saia macia que lhe ondulava, de forma feminina, em redor dos joelhos. Calçou um par de alpercatas de cunha, escovou o cabelo escuro num rabo-de-cavalo e atou-o com a fita cor de laranja que vinha na embalagem da pas-telaria, onde embrulhavam até um par de bolachas num papel elegante com fita. Olhou-se demoradamente ao espelho. «É agora, rapariga», disse consigo própria.

Sem maquilhagem e com o seu vestido virginal, parecia-se um pouco com uma versão mais escura da inocente Franny. Pendurou argolas de ouro nas orelhas, mas depois decidiu que era melhor não. Aplicou um pouco do perfume de alfazema que comprara na loja de Mademoiselle Doritée, que era fabricado na região e se destinava aos turistas. Custava apenas alguns euros e nunca num milhar de anos o teria usado nos Estados Unidos, mas aqui, no campo, era perfeito.

Experimentou um chapéu de palha, decidiu que não e, em vez disso, atou um lenço azul na cabeça,    moda de Jackie Onassis.

Pegou no dicionário de inglês/francês que andara a estudar, mais no livrinho de notas onde anotara algumas expressões úteis e apropriadas e meteu-os no bolso.

Ainda hesitava. Pois. Muito bem. Agora estava pronta. Se continuasse ali mais tempo, poderia mudar de ideias. Agarrou nas chaves do carro e desceu as escadas a correr, parou no vestíbulo para ver quem l   estava e soltou um suspiro de alívio por não estar lá ninguém para lhe perguntar onde ia.

Não viu Haigh a espreitar da casa de jantar, mesmo a tempo de a ver ligar o

motor do carro e sair disparada pelo caminho abaixo. Perguntou-se onde iria, mas calculou que já sabia. Haigh sabia sempre o que se passava no solar.

Passava pouco das duas da tarde e, como de costume em França, estava tudo fechado. A praça da aldeia encontrava-se deserta, tal como o Café des Colombes. Até os velhotes tinham desaparecido dos bancos e os cães tinham-se retirado para o fresco das ruelas.

Clare estacionou debaixo das árvores, saiu do carro, alisou a saia branca de algodão, inspirou fundo e marchou determinada pelas pedras da calçada para o café.

Jarré limpava o balcão quando a campainha da porta retiniu. O bigode eriçou-se e os olhos abriram-se muito quando detectou a visão vestida de branco. Pousou o pano e saiu detrás do bar, enxugando as mãos ao avental apertado à volta das ancas.

– Clare – disse, permitindo que os seus olhos escuros de cigano exprimissem a sua admiração. – O almoço já terminou, mas talvez possa arranjar alguma coisa se estiver com fome.

Por esta altura, o ouvido de Clare estava perfeitamente sintonizado para o sotaque provençal de Jarré.

– Não tenho fome, obrigada.

– *Eh bien*, uma bebida talvez? Um copo de vinho? *Ricard*? Champanhe? – Abriria o seu melhor champanhe para ela, dar-lhe-ia tudo o que quisesse.

Clare pensou que abrir o champanhe seria talvez prematuro e abanou a cabeça.

– *Non, merci*. Jarré, preciso de falar consigo.

Ele lançou-lhe um olhar com aqueles grandes olhos castanhos compreensivos que a fez contrair-se por dentro.

– *Bien sûr*, Madame Clare.

– Clare – retorquiu ela com firmeza.

Ele assentiu:

– Clare.

Ela empoleirou-se num banquinho de vinil verde, apoiou um cotovelo no balcão do bar, a pensar como iria começar. Jarré veio sentar-se ao lado dela, um homem grande, um homem afectuoso, um homem com coração... *um*

homem do tipo sal da terra.

Percebendo que, neste momento, os gestos eram mais importantes do que as palavras, ela estendeu o braço para a mão dele. Segurou-a entre as suas duas e inclinou-se mais para ele.

– Beija-me, Jarré – disse, sorrindo com a expressão de surpresa nos seus olhos bonitos.

Para um homem tão grande, os lábios dele eram suaves sobre os dela, doces e inquiridores, como se estivesse a provar um grande vinho.

– Clare – murmurou e depois abraçou-a e beijou-a outra vez.

Ela deslizou do banquinho, ele apanhou-a e segurou-a contra si.

– Ah, Clare – murmurou de novo, continuando a beijá-la.

O lenço azul escorregou-lhe para uma das orelhas e Clare puxou-o e abanou o cabelo, soltando-o. Jarré levou a mão ao cabelo dela, deixando as madeixas macias deslizar-lhe por entre os dedos, ainda a fitar-lhe os olhos. Clare desejou morrer de felicidade, mas não podia ser já, porque, afinal, essa felicidade podia não lhe pertencer.

– Amei-te desde o primeiro momento em que te vi – disse Jarré em francês, mas Clare entendeu-o lá no íntimo.

– E eu amo-te.

Para sua surpresa, ele franziu o sobrolho.

– Clare, és uma mulher rica que vive em grandes cidades na América – proferiu com melancolia. – Eu sou apenas o proprietário de um café de aldeia. Nem sequer fui nunca a Paris. Como é que posso pedir a uma mulher como tu para casar comigo? Além disso – acrescentou com tristeza –, sei que já és casada.

– Não por muito mais tempo – declarou Clare com firmeza. – E de certeza que não sou uma mulher rica. E claro que me podes pedir para casar contigo, mas, antes de o fazeres, quero contar-te uma coisa.

Afastou-se dele, os braços hirtos junto ao corpo, o queixo no ar, mantendo a sua dignidade.

– Olha para mim, Jarré. Porque quero que compreendas que o que vês não é exactamente o que poderás receber.

Fez uma pausa, tirou o livrinho de notas do bolso e procurou as expressões

francesas de que precisava.

– Jarré – disse, um pouco sem fôlego porque estava muito nervosa –, quando eu era muito nova era muito pobre, tão pobre como os trabalhadores emigrantes aqui, e trabalhava nos campos tal como eles. Não aguentava aquilo, sentia que precisava de escapar, sabia que existia outro mundo, um mundo belo e alegre que me estava destinado. Mas para escapar precisava de dinheiro. – Parou e olhou para ele. – E só havia uma maneira de uma rapariga bonita e inculta como eu arranjar dinheiro.

Fitou-o nos olhos e declarou:

– Por isso aceitei-a.

Jarré não disse nada, devolveu-lhe apenas o olhar, solene.

Clare continuou, meio em inglês, meio em francês hesitante, contando a história tal como a contara a Franny. Não omitiu nada. Quando acabou, inspirou fundo e ficou ali, de olhos fechados, à espera que ele dissesse alguma coisa, apesar de ter a certeza que seria apenas uma palavra: adeus. Mas Jarré continuava a não dizer nada e então ela percebeu que terminara tudo. Com os lábios muito contraídos para não chorar, virou-se e dirigiu-se para a porta.

Sentiu-o atrás dela, sentiu-lhe a mão agarrar-lhe o ombro, mas libertou-se dele, atrapalhando-se para pôr os óculos escuros de forma que ele não lhe visse as lágrimas que escorriam apesar de tudo. Jarré fê-la virar-se, olhou para ela, tirou-lhe os óculos e limpou-lhe as lágrimas com suavidade com um grande dedo que cheirava vagamente ao alho que cortara para a *frittata* especial dessa manhã.

– Nunca conheci uma mulher como tu – disse numa voz muito calma.

E Clare fitou emudecida nas suas alpercatas. Claro que não. «Mulheres como ela» não apareciam com frequência em aldeias pequenas da Provença.

– Clare, já não és uma menina pobre. Agora já não danças nua em bares. Fizeste o que precisavas de fazer na altura para ganhares a vida. És uma mulher bonita, uma mulher com coragem. És quem és *agora*.

Um vislumbre de esperança despontou-lhe nos olhos lacrimosos quando se cruzaram com os dele.

– Amo-te, Clare, mas sou um simples dono de café de aldeia. Trato dos

meus legumes e cozinho para as nossas famílias locais e para os turistas. É uma vida simples e será sempre assim. Não posso pedir-te para partilhares essa vida comigo. – Encolheu os ombros com tristeza. – Não tenho nada para oferecer a uma mulher como tu.

O coração de Clare desanimou. Lá estava, dissera-o outra vez. *Uma mulher como ela*. Afastou-se dele.

– Adeus, Jarré – disse, mas ele fê-la parar.

– Não posso mudar – continuou, o rosto a centímetros do dela. – Esta é a minha vida, o meu *mundo*. Quererias partilhá-lo comigo?

Clare fitou-o, os olhos arregalados, mal acreditando.

– Num ápice – respondeu, passando-lhe os braços à volta do pescoço.

Jarré, se calhar, não entendeu o que ela dissera, mas percebeu a expressão do olhar. E quando ele pediu «Então casas comigo, minha querida Clare?» ela disse que sim.

JAKE FEZ O QUE raramente fizera antes: delegou trabalho num colega. Não era que não quisesse saber do que acontecia aos seus clientes, mas as suas prioridades tinham mudado e isso acarretava, sabia, uma mudança de estilo de vida. Não telefonou a Franny a dizer que ia a caminho porque queria divisar a surpresa nos seus grandes olhos azuis quando ela o visse, queria ouvir-lhe o pequeno grito de prazer, queria ver aquele sorriso de menina iluminar-lhe o rosto. Queria todas as pequenas partes boas de Franny Marten para poder guardá-las no seu banco de memórias como um diário não escrito das suas vidas.

Antes de partir, no entanto, foi à Tiffany e comprou um anel de noivado. Pensou que Franny era uma verdadeira romântica, uma rapariga de «Breakfast at Tiffany's», e escolheu um diamante com talhe à moda antiga engastado em platina. Tencionava dar-lho na casa de praia. Levá-la-ia até ao jardim à noite. O mar murmuraria em pano de fundo e a brisa agitaria as árvores e talvez os grilos estivessem silenciosos por um instante. Riu-se, estava a tornar-se um verdadeiro romântico. Já encomendara o champanhe de comemoração e pedira a Janine para se assegurar que estava gelado. Conseguira também que mandassem entregar um enorme ramo de lírios de Casablanca.

Encontrava-se agora no seu *Gulfstream IV*, algures por cima do Sul de França. Johnny Lang, seu piloto e amigo de há muitos anos, pilotava sempre o avião quando Jake ia a bordo. Havia também um assistente de bordo e um *chef*. O avião era a sua pequena bolha de vácuo auto-sustentável deslocando-se a grande velocidade pelos céus de regresso a França.

Verificou o relógio, depois confirmou com o piloto onde estavam. Bebeu

outra chávena de café e, não conseguindo dormir, deambulou de um lado para o outro agitado, mirando de vez em quando a caixa azul da Tiffany, atada com fita branca, que repousava sobre a mesa. Só de vê-la sorria. Esperava que *Criminal* estivesse a tomar conta da sua rapariga. Ia arranjar problemas se não estivesse.

NA CASA DE HÓSPEDES na *villa*, Alain ouviu o carro regressar e as portas bater. O cão ladrou e as vozes alegres cumprimentaram Janine. Deixou-se ficar deitado de costas na sua cama, mãos atrás da cabeça, um sorriso no rosto. Traçara os seus planos. Dali a algumas horas pô-los-ia em prática. Só tinha de esperar.

O SÍTIO FAVORITO DE *CRIMINAL* para dormir a sua soneca era na varanda do piso de cima, embora, sendo um cão de rua, mantivesse sempre um olho aberto para verificar o que se passava enquanto desfrutava da sua sesta. Assim, com um latido satisfeito, estirou-se com as patas de trás horizontais, a cabeça apoiada nas patas da frente esticadas. Depois, com um olho fechado, dormitou.

Lá em baixo, Franny pegou no telefone, com intenção de ligar a Clare e contar-lhe o que estava a perder. Levou o auscultador ao ouvido e depois afastou-o, intrigada. A linha estava muda. Encolheu os ombros. Teria de telefonar no dia seguinte.

Subiu para ler uma história à Pequena Azul antes de adormecer. Ouvindo-as, *Criminal* entrou e esticou-se ao lado delas. Dentro de pouco tempo, tanto o cão como a Pequena Azul estavam a dormir.

Franny tomou um duche, vestiu um roupão fino de algodão e foi debruçar-se na balaustrada da varanda a olhar para o céu estrelado e para as luzes a tremeluzir ao longo da costa. A noite estava inesperadamente húmida e, desta vez, os grilos mantinham-se calados, mas, por cima do mar, o fogo-de-artifício explodia numa cascata reluzente de cores, baforadas estreladas de dourado, azul e encarnado. Contemplou-o até o espectáculo acabar, depois subiu para a cama e desligou a luz. O dia seguinte seria o último dia que passavam na *villa*, depois voltariam para «casa», para o solar. E para Jake.

JAKE RECEBEU O TELEFONEMA do seu contacto em Nice antes de iniciarem a descida. Disse-lhe que Alain Marten fora visto no casino em Monte Carlo, onde ganhara uma bela maquia, trinta mil euros. Fora isso que chamara a atenção para ele. Tinha outra vez o cabelo louro, mas de certeza que era ele. Conduzia um *Renault Laguna* branco, mas o agente não sabia onde vivia.

O coração de Jake começou a bater muito depressa ao pensar em Franny e na Pequena Azul. Para que outro sítio iria Alain senão para a casa de praia? Marcou o número de telefone da *villa*, mas a linha estava muda. Os pêlos do pescoço formigaram. Sabia que se defrontava com problemas sérios. Telefonou ao seu contacto na polícia de Cannes, disse-lhes quem era e o que sabia sobre Alain e que duas pessoas corriam perigo. Depois ligou a uma empresa de aluguer de helicópteros e pediu que tivessem um *Sikorsky* à sua espera na pista. Pilotá-lo-ia ele próprio.

* * *

Alain esperou num banco de pedra no jardim até todas as luzes se apagarem. Tivera o cuidado de deixar a casa de hóspedes em perfeita ordem. Repusera até o tabique na janela do quarto por onde entrara. Tinha a certeza de que não havia indícios da sua presença. Num saco de plástico tinha um pedaço de bife. Levantou-se e caminhou com rapidez por baixo da varanda, rezando para que o maldito cão não o ouvisse, e atirou o pedaço de carne por cima da balaustrada, voltando a afastar-se para as sombras. Ouviu as garras do cão a arranhar o chão quando correu pela varanda, ouviu-o a farejar, ouviu o latido satisfeito quando lambeu a carne.

Sentou-se na mesa comprida onde, quando rapaz, comera tantas refeições boas, rodeado pelos amigos da mãe. «Tempos felizes», chamara-lhes ela, mas Alain soubera sempre que era diferente. Por vezes, pensava que era como se vivesse fora do seu próprio corpo, afastado e espiando os outros, troçando deles na sua mente, libertando-se implacavelmente deles um a um na sua cabeça até ficar sozinho e senhor de tudo o que observava. E era isso que tencionava fazer agora.

Tinha de ser muito esperto, assegurar-se que parecia um acidente, embora ninguém pudesse suspeitar que fosse qualquer outra coisa. Excepto Jake,

claro. Ele saberia e Rafaella também, mas nessa altura ele já se encontraria longe e, de qualquer modo, tal como no caso de Felix, nunca conseguiriam prová-lo.

Ouviu o cão começar a sufocar e depois um baque surdo quando se afundou na varanda de madeira por cima da sua cabeça. Encaminhou-se para as traseiras da casa e entrou pela porta da cozinha, usando a chave que possuía desde criança. Foi directo ao velho fogão a gás e apagou a chama piloto. Abriu as portas do forno e ligou o gás. Ligou todos os bicos, enrugando o nariz com o cheiro, e depois voltou a sair, trancou a porta da cozinha, subiu ao banco de pedra, içou-se para o corrimão e rodou para a varanda superior.

Os pés calçados com ténis não fizeram qualquer ruído quando deu a volta descontraindo para a parte da frente onde ficavam os quartos de Franny e da Pequena Azul. Parou e olhou para o cão. Estava deitado de borco, as mandíbulas abertas e pendentes, os olhos revirados. Deu-lhe um pequeno toque com o pé. Estava morto.

Espreitou pela porta aberta do quarto de Franny. Dormia como uma criança com os braços por cima da cabeça, em paz com o mundo. Fechou a porta, trancou-a e levou a chave. Depois passou ao quarto da Pequena Azul.

A miúda estava enrolada numa bola, o cabelo curto preto espetado como uma auréola. Pensou que em breve se juntaria aos anjos e sorriu. A seguir trancou também a porta e embolsou a chave.

Desceu, farejando os vapores que já deslizavam da cozinha, encaminhou-se com celeridade para a sala de estar e acendeu as velas sobre a prateleira da lareira. Dentro de pouco tempo, os vapores e as chamas encontrar-se-iam e a Villa Marten e as suas convidadas deixariam de existir.

Saiu de casa de volta à sua *Vespa* e seguia para Antibes quando ouviu o barulho de um helicóptero lá em cima e o gemido das sirenes da polícia. Pensou que não poderiam andar já à sua procura, mas, sempre cauteloso, saiu da estrada principal e rumou ao interior. Conhecia todas as estradas secundárias, todos os atalhos, todas as ruelas desta zona.

AS SIRENES DESPERTARAM a Pequena Azul. Durante um minuto, pensou que estava outra vez em Xangai, sentou-se e procurou Bao Chu com o olhar, mas

claro que Bao Chu não estava ali. Nem *Criminal*, que dormia sempre por perto. E havia um cheiro esquisito no ar. *Conhecia aquele cheiro dos bicos a gás do apartamento.*

– Franny, Franny – gritou, correndo para a porta ao lado. – Acorda, acorda, está a acontecer qualquer coisa má.

Franny ouviu o pânico na voz dela até antes de cheirar o gás e ouvir as sirenes. Saltou da cama, agarrou a mão da Pequena Azul e sacudiu a maçaneta, tentando sair para a varanda. *Sabia que a deixara aberta, por isso como é que podia estar trancada?* O medo trepou-lhe, gelado, pela espinha acima. *A não ser que alguém estivesse a tentar matá-las.*

Durante um segundo ficou ali paralisada de medo, depois agarrou num sapato e bateu com ele no vidro mais próximo da fechadura. Rachou, mas não partiu e, desesperada, esmurrou-o com um soco, atravessando-o, ouvindo a Pequena Azul exclamar quando o sangue lhe brotou de súbito do pulso. Mas abriu a porta, saíram para a varanda e tropeçaram em *Criminal*. Pararam, fitaram-no espantadas... até a Pequena Azul reconhecia a morte e começou a gritar cada vez mais alto e Franny também. E depois o mundo inteiro desapareceu numa explosiva deflagração cor de laranja.

O HELICÓPTERO FLUTUOU por cima do parque de estacionamento vazio perto da praia e estava a pousar com suavidade quando a explosão sugou por momentos o ar todo, abanando-o. Passados segundos, Jake estava cá fora e corria.

Era o mesmo pesadelo outra vez, a explosão, ele a correr, o corpo despedaçado da mulher que amava.

Correu até chegar ao que costumava ser a Villa Marten. Atrás dele ouviu o uivar das sirenes, o guinchar de pneus, vozes a gritar. À frente viu um inferno. Correu para ele.

As vozes gritaram-lhe que se afastasse. Havia o matraquear das mangueiras dos bombeiros, bombeiros a correr, agarrando-o, puxando-o dali para fora. A varanda do piso superior desaparecera e as chamas lambiam o que restava das portas que conduziavam aos quartos onde sabia que Franny e a Pequena Azul deviam ter estado a dormir. Conseguiu libertar-se e avançou vacilante, chamando-as. Diante dele viu uma pilha retorcida de corpos, uma amálgama de pernas e braços ensanguentados. Deixou-se cair de joelhos junto a elas. Os paramédicos estavam mesmo atrás dele. Franny jazia por cima da Pequena Azul e ouviu a criança gemer. Tocou-lhe na mão com suavidade e disse:

– Está tudo bem, Pequena Azul. É o Jake. Estou aqui. Vais ficar bem agora, prometo.

Mas ainda não conseguia olhar para Franny. *Era como se fosse Amanda outra vez.*

– É gás natural... uma fuga. É melhor tirar toda a gente daqui até repararmos isto – gritou alguém, mas Jake não se mexeu.

Observou os paramédicos a trabalharem.

– Estão vivas – declarou um deles e o coração de Jake voltou a bater.
– Se estivessem lá dentro teriam morrido – disse outro. – A explosão atirou-as daquela varanda. O cão, também, só que não teve tanta sorte... se é que se pode chamar a isto sorte.

Jake virou a cabeça. Fitou a confusão cinzenta ensanguentada que era o seu fiel amigo e companheiro. Desviou o olhar.

Tinham posto uma tala no pescoço de Franny. Estava de costas agora e os médicos trabalhavam nela. A Pequena Azul encontrava-se numa maca. Estava inconsciente, mas as mãos pequenas retorciam-se como se lutasse com alguém, alguma coisa.

Não queria... não aguentava ver aquilo outra vez, não tudo outra vez. Forçou-se a olhar para Franny e a sua mente recuou no tempo. *Estava a olhar para Amanda e ela jazia na berma da estrada, o rosto desfeito pela explosão. Estava morta e o bebé deles morrera.* Bloqueara esta recordação na sua cabeça, mas agora estava tudo a acontecer de novo, só que desta vez era Franny... Franny. Tinha os lábios azuis, azuis como os olhos, pensou com espanto, mas o rosto permanecia ileso. Parecia em paz, como se estivesse apenas adormecida. Tinham-lhe posto uma máscara de oxigénio no rosto, o pescoço encontrava-se imobilizado e havia tanto sangue. Haviám-lhe colocado um torniquete no pulso, outro numa perna. Envolveram-na numa manta isotérmica, depois passaram-na com muito cuidado para uma maca e dirigiram-se para a ambulância.

Jake foi buscar o seu cão. Caminhou atrás deles com *Criminal* nos braços. Tentaram impedi-lo de entrar na ambulância, mas virou-se a eles com tanta ferocidade que, intimidados, permitiram que os acompanhasse, ainda a segurar o cão sobre os joelhos.

Meia hora mais tarde, encontrava-se sentado na sala de espera do hospital, a fitar o relógio na parede enquanto este rodava minutos interminavelmente lentos. Minutos que poderiam ser os últimos para a Pequena Azul e para Franny. De vez em quando, algum funcionário vinha dizer-lhe que não podia ter ali o cão, mas ele ignorava-os e, por fim, iam-se embora.

Passou uma hora, depois duas. O seu piloto apareceu com a tripulação do avião. Tinham sabido pela empresa do helicóptero o que sucedera.

Trouxeram-lhe café que ele não bebeu, ofereceram-lhe palavras de conforto a que ele não reagiu, disseram que talvez devessem tratar de *Criminal* por ele. Jake não disse nada, estava ainda paralisado num tempo emocional – revivendo o inferno da morte da sua primeira mulher e a tortura de perder talvez o seu novo amor. Horas depois, o cirurgião veio falar com ele.

– Estamos com sorte, Mister Bronson – disse, exibindo um sorriso cansado.
– Não ficaram queimadas. Quando a explosão deflagrou, foram atiradas da varanda. A criança tem um traumatismo craniano grave e temos de vigiá-la caso surjam sinais de lesões neurológicas, embora pelas tomografias não seja provável. Tem uma perna partida e muitos cortes e contusões, mas vai ficar bem.

Jake sentiu um pequeno baque no coração e percebeu que pelo menos ainda batia pela Pequena Azul.

– Mademoiselle Marten sofreu o maior impacto da explosão e ainda está inconsciente. Tem uma fractura da quarta vértebra, o que significa que tem o pescoço partido. Além disso, perdeu muito sangue de uma artéria seccionada. Fizemos o que podíamos. As próximas vinte e quatro horas serão decisivas.

O cirurgião mostrou de novo o seu sorriso cansado e estendeu a mão, mas Jake nem sequer reparou.

– Está viva? – proferiu, como se não tivesse conseguido interiorizar o que acabara de ser dito. – *Está viva* – repetiu, com tal tom de alívio que os outros sorriram. Depois enterrou a cabeça no pêlo áspero do cão morto e chorou.

DEITADO NA CAMA do seu hotel barato em Cannes, Alain via o noticiário da televisão. Não estava contente. A casa fora destruída, mas não as planeadas vítimas Marten.

No entanto, fizera bem as coisas. Não havia forma de relacionar a fuga de gás com os bicos sem chama no fogão porque ficara tudo desfeito. A casa não era usada há muito tempo e presumira-se que fora uma fuga de gás, apenas um desses acidentes infelizes.

Permaneceu deitado durante muito tempo a pensar no que fazer a seguir. Por fim, levantou-se, tomou um longo duche para clarear as ideias e foi buscar o seu carro. Guiou até Le Suquet, a antiga zona portuária de Cannes, e sentou-se num bar que dava para a marina com os seus iates enormes e o cortejo de navios cruzeiros vistosos, a beber *Ricard* e a sentir pena de si próprio. Perdera o dinheiro que ganhara no casino e estava falido. Não tinha sequer acesso ao dinheiro de Felix, porque a Pequena Azul herdara toda a sua fortuna. Perguntou-se porque raio teria Felix feito aquilo. Nem sequer reconhecera nunca a miúda em vida. Claro que o fizera porque nunca quisera descobrir de verdade quem era o pai, receando que fosse Alain.

Ao longo dos anos, Alain não perdera Felix de vista. Sabia sempre onde ele estava. E não só, usara também o nome dele de forma fraudulenta várias vezes, embora Felix nunca o tivesse processado. Demasiado orgulhoso do velho nome de família, pensou Alain com um sorriso sinistro.

Porém, vingara-se de Felix há anos. Descobrira o bar onde trabalhava a mulher com quem Felix andava. Ela precisava de trabalhar porque Felix recusara um compromisso e ela não tinha dinheiro. Mas Alain achava que era sua obrigação saber tudo sobre as mulheres com quem Felix andava. Vigiará-

a. Soubera até antes de Felix que ela estava grávida porque fizera amizade com uma das amigas dela que lhe contou. Na altura, rira-se. Pensou que era divertido, a velha história que se repetia – a rapariga grávida, Felix e ele – quem era o pai?

Telefonara a Felix e exigira um encontro. Nunca esquecer a expressão grotesca no rosto de Felix quando, fazendo *bluff*, lhe contara que a mulher estava grávida e que a criança não era dele, que ele, Alain, era o pai. Ao princípio não acreditando, depois talvez acreditando um pouco... depois, *não, não pode ser*.

– Ela não está grávida – afirmou Felix com uma voz apagada, sem força. Como é que podia ser verdade? Era sempre tão cuidadoso quando faziam sexo.

– Pergunta-lhe – retorquiu Alain cheio de confiança –, pergunta-lhe se está grávida. Depois pergunta a ti mesmo como é que eu saberia, Felix, se não fosse o pai.

Felix nunca mais viu a mulher. Dera dinheiro a Alain para se calar e, depois de a mulher morrer, enviava todos os meses uma pequena quantia de dinheiro para aliviar a sua consciência e a criança vivera na pobreza com a sua avó enferma. E era tudo.

Ou seja, até Jake Bronson ter aparecido com o convite de Rafaella para a grande reunião da família Marten, mesmo na altura em que Alain fora obrigado a pedir de novo ajuda financeira a Felix. Quando este recusara, num acesso de cólera, matara Felix.

Tivera sorte nessa noite, mas desta vez a sorte não estivera do seu lado. Uma grande explosão como aquela devia ter matado toda a gente ao seu alcance, contudo isso não sucedera.

Alain pediu outro *Ricard* e os seus pensamentos viraram-se para a mãe. Se ao menos Rafaella lhe tivesse dado o que ele queria, lhe tivesse dado a vinha e o solar que eram seus por direito, teria dinheiro suficiente para usufruir do estilo de vida de que gostava e nada disto teria acontecido. Rafaella encontrava-se no âmago de todos os seus problemas.

Emborcou a bebida e pediu outra. Comprou um *Nice-Matin* e ao ler a notícia sobre o fogo na Villa Marten, a raiva explodiu com mais força no seu

peito. Ficou sentado no bar durante muito tempo a beber *Ricard* e a pensar na sua vida e no que fazer, até que não conseguiu aguentar mais. A decisão estava tomada. Ia voltar outra vez para casa. E, desta vez, Rafaella não o iria expulsar.

FRANNY JAZIA perfeitamente imóvel, mas tinha a sensação de voar a grande velocidade por um túnel comprido abaixo. Não tinha peso, o ar na sua face era doce e sentia um aroma de lírios.

As pálpebras oscilaram e olhou à sua volta. A luz era branca, cortante, ofuscante. Tentou sentar-se, mas não se conseguia mexer. Um pânico súbito fê-la tremer e pensou se estaria presa. Mas não podia ser porque estava num jardim, conseguia sentir o aroma dos lírios.

Abriu mais os olhos, viu uma perna engessada suspensa no ar. A sua perna. Mexeu os olhos para a direita, viu uma janela aberta, sentiu a brisa a chocalhar as persianas... a mesma brisa que sentira na face quando se precipitava através daquele túnel de sonho. Desviou os olhos para a esquerda. Uma grande jarra de lírios erguia-se sobre uma mesa. Lírios de Casablanca. Pensou que os sonhara também, mas eram verdadeiros. Estendeu uma mão para lhes tocar e a dor, aguda como um raio, disparou-lhe pelas costas. Deixou a mão cair sobre o lençol, detectou o brilho de qualquer coisa. Ergueu lentamente a mão, fitando o belo diamante no seu terceiro dedo. E então começou a rir-se.

Foi a primeira coisa que Jake ouviu ao descer o corredor do hospital. Franny estava a rir-se. *Estava de volta. A sua pequena estava ali com ele outra vez.*

Os seus olhares cruzaram-se no frio quarto de hospital.

– Podias ter-me perguntado primeiro – disse Franny num sussurro, rouco porque tivera tubos enfiados na garganta e já não falava há algum tempo.

Ele sorriu.

– Eu perguntei, mas não respondeste. Mas lá onde estavas, queria que soubesses que me pertencias e que nunca mais te vou largar da minha vista.

– Está bem. Então porque não vens aqui dar-me um beijo?

E foi isso mesmo que ele fez. Com suavidade, com ternura e com amor.

MAL TINHA SABIDO do «acidente», Clare partira de imediato para Cannes. Durante todos aqueles longos dias e noites em que Franny estivera em coma, mantivera-se estoicamente à sua cabeceira e, agora, estava mesmo furiosa por ter perdido «o despertar». Mas quando viu Franny consciente e a sorrir outra vez, foi-se abaixo.

– Oh, meu Deus, quase te perdi – gemeu, soluçando para um lenço de papel.

– E raios, Franny, tinha acabado de te conhecer.

– Não te preocupes. Não vou a lugar nenhum – respondeu Franny.

Usava ainda o grande colar de plástico que impedia que movesse o pescoço e que Jake dizia que a fazia parecer o pastor-alemão.

– Tenho uma surpresa – continuou e mostrou o anel a Clare.

– Tu e Jake foram feitos um para o outro. Aquele convite foi o destino, aproximou-vos. E a propósito – acrescentou com ar descontraído –, também estou noiva, embora não tenha ainda um anel para o provar.

– Scott! – Os olhos de Franny semicerraram-se num sorriso de satisfação. – É perfeito para ti.

– Hum, na realidade não, não é Scott – disse Clare, com um ar tão reservado quanto era possível para ela.

– Não me digas que vais voltar para Marcus! – Franny parecia chocada.

– *Claro* que não vou voltar para Marcus. Vou divorciar-me daquele sacana o mais depressa que conseguir para poder casar outra vez. Com Jarré – acrescentou, sorrindo face ao olhar de espanto de Franny.

– E eu a pensar que estavas apenas a receber aulas de culinária! – exclamou Franny a rir-se.

– Estava... e estou. Vou ajudar Jarré no café. Vou ser o *commis*, o *sous chef*,

o empregado de mesa, o lavador de pratos... o que o meu homem precisar, serei. Incluindo sua amante. – Clare olhou hesitante para ela. – A verdade, Franny, é que ainda não fizemos amor. – De olhos baixos, Clare inspeccionou as mãos não arranjadas, adornadas com vários cortes das facas do restaurante. – Eu... bem, quis guardar isso para quando estivermos casados. Quero ser a «noiva virgem» para ele. Nunca fui isso antes e... bem, tens de perceber como ele é bom homem, como é terno, como se preocupa comigo, como é...

– *Sal da terra.*

Franny concluiu a frase e, olhando uma para a outra, desataram a rir-se.

JAKE NÃO ESQUECERA o que vira naquela noite. E não esquecera *Criminal*. Sabia no íntimo que não tinha sido um acidente. Alain tentara matá-las. Mandou fazer uma autópsia ao cão e descobriram vestígios de veneno de ratos no estômago. Morrera antes da explosão. Era óbvio que Alain se livrara primeiro do cão para que não ladrasse e desse o alarme.

Jake mandou cremar o seu querido amigo. Mais tarde levaria as cinzas para a cabana. Na montanha, devolveria *Criminal* aos elementos, esperando que o vento nas copas agitadas das árvores o apanhasse e que ele encontrasse a liberdade final no sítio que amava.

Entretanto, Alain estava vivo. Era mau. Era perigoso. Tentaria de novo. Com Alain ainda vivo, ninguém se encontrava em segurança. *Especialmente Rafaella*.

A ideia surgiu com tanta clareza na cabeça de Jake que o fez estacar de repente, como se o próprio Alain lhe tivesse transmitido. Alain culpava Rafaella por tudo que lhe corra mal na vida. Rafaella seria o próximo alvo de Alain.

Jake sabia que Alain não poderia ter ido longe e os seus contactos nos serviços de informação ao longo da costa sul – de Marselha a Menton e na Provença – estavam alerta, tal como a polícia. Como Felix, Alain era muito alto, magro e esguio. Mesmo que mudasse a cor e o corte do cabelo, usasse óculos, deixasse crescer a barba, teria características muito distintas. Tinha a ver com o seu andar muito emproado, o seu porte arrogante. Alain era um homem que sentia que era melhor do que todos os outros e Jake sabia que o ego de Alain seria a sua ruína.

NÃO SE PASSOU MUITO TEMPO até receber a notícia de que Alain fora avistado perto de Avignon. Guiava um *Renault Laguna* branco e estava escondido num motel de auto-estrada nos arredores da cidade. Duas horas depois, Jake estava em Avignon, mas o pássaro já fugira. A seguir, o *Renault* branco foi avistado a serpentear por uma estrada de ravina que conduzia, por um desvio, a Saint-Sylvestre e depois a Marten-de-Provence.

Jake tinha um helicóptero no ar dentro de alguns minutos, pilotando-o ele mesmo. Voou sobre a ravina, tão próximo da face da rocha que os arbustos e as ervas se espalmavam debaixo do aparelho, afugentando coelhos e criaturas selvagens aterrorizados. Por fim, detectou o *Renault*, fazendo as curvas como um carro de corridas. A janela ia aberta e viu Alain olhar para o helicóptero. Percebendo, como era óbvio, que estava a ser observado, largou a toda a velocidade, lançado em curvas com um precipício de muitos metros de um lado e uma parede de rocha do outro, serpenteando até ao fim da ravina onde começava a estrada principal.

ALAIN ESTAVA EXCITADÍSSIMO com a perseguição. A adrenalina fluía-lhe pelo corpo. Encontrava-se agora em terreno plano, em estradas direitas bordejadas de choupos. De um dos lados corria o talude da linha-férrea, do outro, um canal calmo salpicado de embarcações de veraneantes. Um helicóptero da polícia juntara-se à perseguição e estrepitava, voando baixo, criando redemoinhos gigantes na água calma do canal, fazendo com que crianças fascinadas corressem cá para fora para lhe acenar com as mãos.

Alain virou para uma estrada florestal secundária e abandonou o *Renault* nas árvores. Subiu o talude para a linha-férrea. Um túnel desenhava-se à sua frente.

Correu para ele, espalmando-se contra a curva da parede. Ouviu os helicópteros mesmo por cima da sua cabeça, depois subiram no ar a toda a velocidade. Sorriu ao começar a descer o túnel escuro. Despistara-os outra vez. Conhecia o caminho. Ainda conseguiria chegar ao solar, ainda apanharia a mãe.

Jake falou via rádio para o helicóptero da polícia.

– Não pode ter ido longe, está provavelmente escondido nos bosques.

Voltou a descer para as copas das árvores. O comboio que se aproximava fez soar o apito, furioso com ele, ao entrar no túnel e, de súbito, Jake percebeu onde Alain se encontrava. E percebeu que jogara a sua última cartada no jogo da vida.

A PEQUENA AZUL JÁ REGRESSARA ao solar há algumas semanas quando Franny recebeu por fim permissão para sair do hospital e voar para «casa» com Jake.

– Não creio que me pudesse habituar a isto – disse-lhe, admirada com o luxo do *Gulfstream*.

– Ainda bem – retorquiu ele – porque não o vou ter durante muito mais tempo. – Ela fitou-o, baralhada. – Vou vender a empresa, estou a pensar comprar um rancho. Que tal seres veterinária no campo?

– Hum. – Afastou o olhar com altivez, apreciando o jogo de o manter em *suspense*. – O quê, acaba-se o apartamento chique no SoHo? Acaba-se o avião particular? Acabam-se os anéis da Tiffany e as viagens pelo mundo?

– Acaba-se. Bem, talvez um anel ou dois.

– Ohhh... bem. – Fingiu pensar naquilo. – Talvez pudesse aguentar. No final de contas, talvez gostasse de ser veterinária no campo.

– Oh, graças a Deus – murmurou ele, abraçando-a com muito cuidado e fazendo-a rir-se.

Haigh estava à espera deles com o velho *Bentley* confortável, cumprimentou Franny com lágrimas nos olhos, um grande abraço e três beijos. Ao passarem pela aldeia, Franny debruçou-se na janela e, reconhecendo-a, as pessoas que passavam acenaram. Depois o carro virou para o caminho familiar e ela espreitou, ansiosa por aquele primeiro vislumbre do Château des Roses Sauvages.

E lá estava ele, a brilhar dourado à luz do final da tarde, tocando-lhe fundo no coração como uma melodia conhecida de há muito tempo. Rafaella esperava nos degraus com *Mimi* e *Louis*. Juliette lá estava com os seus lulus e

a Pequena Azul precipitou-se para eles, seguida por um par de cachorrinhos turbulentos de pêlo hirsuto.

E, agarrando com força a mão de Jake, Franny percebeu que, onde quer que estivesse no mundo, este velho solar na Provença seria sempre a sua «casa».

PARTE IV

Epílogo



*Ô saisons, ô châteaux,
Quelle âme est sans défauts?
Ô saisons, ô châteaux,
J'ai fait la magique étude
Du Bonheur, que nul n'élude.*

RIMBAUD, 1874

*Ó estações, Ó castelos,
Que alma não tem defeitos?
Ó estações, Ó castelos,
Fiz o estudo mágico
Da Felicidade, de que ninguém se esquivava.*

UM ANO SE PASSARA. Rafaella encontrava-se no vestíbulo a contemplar a vista mágica que a extasiara toda a vida. Uma mancha de luz do Sol da tarde aquecia o parquê desbotado sob os seus pés descalços e a saia vermelha batia-lhe nos tornozelos estreitos ao encaminhar-se para a porta, seguida por *Mimi*, *Louis* e um cachorro de pêlo hirsuto e malhado que apresentava uma semelhança mais do que passageira com *Criminal*.

Reparou no cordeirinho lanoso da Pequena Azul, embrulhado num cobertor e sentado numa cadeira, e também no seu *skate* largado nos degraus, pronto sem dúvida para alguém tropeçar nele, além da camisola lançada descuidadamente ao lado. A Pequena Azul aprendera a ser uma menina, mas não sem mágoas.

Franny e Jake tinham-na acompanhado a Xangai. Durante dois dias tinham-se sentado à cabeceira de Bao Chu e Shao Lan contara à sua avó doente histórias felizes sobre a sua nova vida na Provença.

Shao Lan não queria que a avó morresse. Doía-lhe o coração só de olhar para ela, tão pequena e frágil, tão cansada da vida. Dera a Bao Chu o cordeirinho para a reconfortar. Recordando o que Rafaella lhe contara sobre a morte, procurara aquele sorriso final nos olhos de Bao Chu. Quando o viu, percebeu que a avó estava feliz e, apesar de ter chorado por ela, ficou também feliz por ela.

Rafaella consolou a neta quando esta regressou a casa, passando muitas horas com ela, mas Shao Lan demorara algum tempo a voltar a ser a «Pequena Azul».

Da cozinha, Rafaella ouvia o tom altivo da voz de Haigh e o som argentino da voz da criança, depois uma gargalhada deliciada quando um segundo cachorro malhado saiu a correr da cozinha com um grande pedaço de carne preso nas mandíbulas. Passou a correr por Rafaella, desceu os degraus e desapareceu nos arbustos altos. Parecia-se mesmo com o pai, o velho

Criminal.

Haigh apareceu com um cutelo na mão, o rosto vermelho como um tomate de frustração.

– Aquele maldito cão – resmungou. – Passa-me sempre a perna.

– Espero que não esteja a planear usar esse cutelo no cachorro – retorquiu Rafaella com serenidade e Haigh enfatizou-se e disse que bem lhe apetecia, mas que não. Desta vez.

– Já é mais do que altura de Mister Bronson ensinar boas maneiras àquele cão – bufou com amargura. – Ou serão omeletas todas as noites ao jantar.

– Não se preocupe – exclamou Rafaella quando ele virou costas para voltar à cozinha. – Vamos ao café jantar. De qualquer modo, apetecia-me visitar Clare.

O casamento de Clare fora uns meses antes na igreja da aldeia. Pedira a Haigh para a conduzir ao altar e, nesse dia, ele era um homem orgulhoso, resplandecente, de chapéu alto, calças cinzentas às riscas e fraque, com o vistoso colete de seda oferecido por Juliette por baixo. E Clare ia deslumbrante num vestido coleante simples, de cetim, com flores silvestres entrelaçadas no lustroso cabelo escuro.

Franny foi a dama de honor, delicada como uma campainha naquela tonalidade particular de *chiffon* azul-alfazema que lhe realçava a cor dos olhos. A Pequena Azul era a menina das alianças vestida de algodão amarelo-pálido ornamentado com flores.

Rafaella vira como os olhos escuros de cigano de Jarré adoravam Clare quando esta caminhara pela curta nave na sua direcção e ficara contente com aquela inesperada felicidade ao vê-los proferir os votos com vozes trémulas. Sem dúvida que se amavam muito.

Rafaella oferecera-se para fazer a boda no solar, mas Clare dissera que não, o café era a sua casa e começariam como deveriam continuar, fazendo eles o trabalho todo.

Os convidados, aperaltados para o casamento, tinham-se derramado da pequena esplanada do café para a praça, onde as mesas desmontáveis estavam carregadas de cestos de flores e garrafas de vinho. As bandeirolas festivas achavam-se de novo no ar e luzinhas decorativas cintilavam nos

plátanos escuros. Os cães da fonte, incluindo a namorada de *Criminal*, que dera à luz as duas cópias miniatura de *Criminal*, tinham sido banidos naquela noite visto representarem um potencial perigo para o borrego que grelhava no enorme churrasco. Toda a gente se servia no bufete sumptuoso que nunca mais acabava e houve baile ao som da banda local que continuou até às primeiras horas da manhã.

Scott Harris foi um dos primeiros a felicitar Clare.

– Venceu o melhor homem – declarou pesaroso.

Clare beijou-o e disse-lhe que não havia nenhum homem melhor, fora apenas uma questão de para que lado pendia o seu coração.

Juliette assistira, claro, reluzente num *caftan* dourado com colares e pulseiras de ouro merecedores de um cofre-forte de banco. Os lulus da Pomerânia usavam fitas douradas a condizer e até *Mimi* levava um laçarote cor-de-rosa na sua cabeça preta lanuda, ao passo que *Louis* amuava, sabendo que parecia ridículo com um laço ao pescoço a condizer. Desta vez, todos os cães se portaram muito bem, embora se observasse que tinham gostado do bufete mais do que da cerimónia.

Rafaella vinha deslumbrante, de vermelho, naturalmente, um *Valentino vintage* de seda, muito cintado, que se orgulhava de ainda lhe servir na perfeição. O decote em barco com virola realçava o pescoço alto e esguio, as fiadas de rubis e os brincos de rubi brilhavam, tal como o seu sorriso feliz.

Clare e Jarré ficaram até que os últimos convidados partiram e quando Rafaella lhes deu por fim um beijo de boas-noites e disse «Espero que pelo menos não vá lavar os pratos», Clare rira-se e respondera: «Jarré vai dar-me folga esta noite.» Depois com um beijo final a Franny e à Pequena Azul, Madame Jarré entrara na sua nova casa pelo braço do seu novo marido.

A seguir ao casamento, Juliette regressou a Nova Iorque, mas afirmou que regressaria, com os lulus, para o iminente casamento de Franny e, desta vez, estava a planear ficar mais tempo. Rafaella apreciaria a companhia, porque em breve Franny e Jake iam levar a Pequena Azul. Jake vendera a empresa e estavam a viver uma vida simples e feliz no seu novo rancho, criando os cavalos que ele adorava.

Sentiria saudades da neta, mas eles tinham prometido regressar ao solar

todos os verões e, no íntimo, sabia que era mais aconselhável a criança ser criada por jovens que podiam, de forma mais conveniente, ser «os seus pais».

O casamento de Franny seria no mês seguinte, no belveder do lago. Quisera uma festa simples. «Apenas a família», e Rafaella sorria, pensando que nada no mundo soava tão bem como aquelas palavras.

Teria sido apenas há um ano que se encontrara ali na casa vazia com os quartos fechados, a mobília coberta com os lençóis e só o ruído do silêncio a troar-lhe surdo aos ouvidos?

O relógio de caixa alta atrás dela fez ranger, com valentia, as suas engrenagens e bateu as suas notas monótonas. Seis horas. Todas as janelas estavam abertas e conseguia ouvir os pássaros a cantar e o som de panelas a chocalhar na cozinha. A água gorgolejava nos canos e gritos alegres ecoavam na piscina. E, sem dúvida, alguém pusera a tocar um velho disco de «As time goes by». Ou seria apenas na sua cabeça?

«Ah, Lucas», pensou, «um dia destes encontramo-nos outra vez. Mas esta história já não é minha nem tua, pertence aos jovens. É sobre Franny e Jake, Clare e Jarré, e sobre o futuro da minha neta. O amor, tal como a família, invadiu o Château des Roses Sauvages. E sou de novo uma mulher feliz.»

Agradecimentos

OS MEUS AGRADECIMENTOS, como sempre, à minha agente e amiga, Anne Sibbald, e à equipa da Janklow & Nesbit que me trata tão bem. À minha editora, Jen Enderlin, que é simplesmente a melhor. A Richard, o meu marido, por um sem-número de razões. A Victor e Carmen Bacigalupe; Francesca Bowyer; Warren e Betty Forman; Bill e Sandi Phillips; e Ross e Barbara Salamone, amigos cujo amor e apoio muito estimo.